21. Elixir Vital

adam faz estremecer as vigas / o álbum que não ousa pronunciar o seu nome / suzy doyle sonha com walkie-talkies / abba versus beegees / lição de filosofia do professor eno

Na Factory, em Dublin, há um pequeno aposento com um sofá, uma escrivaninha e um refrigerador em um corredor entre o grande salão onde o U2 ensaia e a sala de descanso onde eles relaxam, fazem reuniões e checam as correspondências. Hoje o aposento estremece com as ondas vibratórias vindas do amplificador do baixo de Adam Clayton, que devido a alguns truques da acústica daqui, retumba mais alto do que normalmente soa na sala de ensaios onde Adam costuma tocar.

Suzanne Doyle, a impressionante jovem que coordena o transporte do U2 nas turnês, monta um escritório temporário e tenta fazer malabarismo com a agenda, telefones e faxs enquanto as grandes notas do baixo chacoalham os seus nervos e agita o seu cérebro.

"Sua cabeça está flutuando?" Suzanne me pergunta sobre o barulho enquanto eu entro e tiro meu sobretudo.

"Sim!"

"Bem, você ainda não viu nada!"

Alguém tinha recortado uma manchete de jornal e pregado na parede: POR QUE VOCÊ ESTÁ SEMPRE SE SENTINDO TÃO CANSADO? O subtítulo contêm um erro de escrita na palavra *sun [sol]*: "Tem tudo a ver com o período do ano e a falta de *pecados [sin]*".

Suzanne volta para seu trabalho apenas para encontrar uma nota musical particularmente forte que estremece a parede e a sua cadeira. "Eu provavelmente nunca terei filhos", ela suspira. Suzanne ainda era uma adolescente em Dublin quando começou a trabalhar com Anne-Louise Kelly, do Principle, durante a turnê do Joshua Tree em 1987. Ela aparentava ser uma linda garota loira de algum conto de fadas irlandês, mas rapidamente se mostrou ser bem rápida e competente e acabou nas turnês junto com a banda, como assistente de Dennis Sheehan, diretor da turnê. Ela deixou a organização do U2 depois da turnê Love Town, em 1989, morando na Austrália por um ano. Ela finalmente retornou à Irlanda para ir para a faculdade. Quando a turnê da ZooTv começou, o U2 a convenceu para que retornasse, agora com uma maior autoridade.

Estar na estrada com o U2 é sempre muito divertido, ver a reação dos policiais e dos agentes de segurança de diferentes países quando Suzanne desce do ônibus da turnê, com o seu walkie-talkie e começa a dar ordens para que sejam abertos aqueles portões do aeroporto ou para que essa fila de carros seja retirada. Para alguns é um grande choque cultural dar-se conta que essa pequena garota está na realidade no comando de toda essa grande operação, e que ela sabe exatamente o que está fazendo e espera que as pessoas com quem ela trabalha correspondam às suas expectativas. Ao ver Suzanne lidar com policiais de fronteira ou agentes da polícia federal, algumas vezes você vê complacência que acaba se tornando em confusão e se transformar de forma surpreendente em respeito, com uma velocidade impressionante. Você também vê portões dos aeroportos sendo abertos e filas de carros se movendo.

Não que exercer toda essa autoridade não tenha seu preço. Quando Suzanne retornou do México para a Irlanda no final da primeira metade da turnê, ela ficou com a sua mãe por uns dias. Na primeira noite, a Sra. Doyle ficou aterrorizada ao encontrar a sua filha sonâmbula andando pela casa, com a sua mão direita no rosto, resmungando ordens em um walkie-talkie imaginário.

As paredes da Suzanne param de vibrar e um minuto depois Adam entra pela porta. Ele se dirige à geladeira e pega uma pequena garrafa de uma bebida natural saudável chamada Elixir Vitae de Purdey. Adam reclama que tem gosto de raiz e casca, mas é melhor do que beber Coca-Cola todo dia. Edge acha que eles deveriam chamar o próximo álbum do U2 de *Elixir Vitae*. Adam vai para a sala de descanso onde há outro sistema de amplificação de baixo montado e começa a fazer barulho de novo, dessa vez um pouco mais baixo, enquanto ele tenta compor um trecho. Ele começa a tocar devagar e desajeitadamente, mas continua fazendo mudanças até que cai em uma hipnótica pulsação, como uma escalonada batida de coração.

A guitarra de Edge atravessa a parede do outro lado. Ele não pode escutar o Adam; ele está tocando na sala de controle que possui uma vista panorâmica do grande salão de ensaios. O Edge está dedilhando *trance music*, tentando conseguir alguns efeitos eletrônicos. No aposento entre as duas salas onde Adam e Edge estão tocando, os dois sons começam a se encaixar. Eles estão no mesmo tom, praticamente no mesmo tempo. Ao escutar o pesado baixo do Adam encaixando com a cintilante guitarra de Edge, eu percebo que mesmo quando esses dois músicos não podem se escutar, a combinação das suas inclinações musicais produz o som do U2.

Bem antes do esperado, Edge e Adam encontram o que eles estavam procurando. Bono chega ao aposento e o U2 está pronto para começar a trabalhar. Eles mandam alguém buscar o Larry, que tem vagado por ai. Alguns minutos depois, Larry chega com um humor arrogante, perguntando: "O que pode ser tão importante que vocês tenham que interromper uma boa e perfeita cagada?"

"Nós precisamos de você tocando bateria", responde Bono.

Larry diz: "Ligue para meu empresário".

"Nós enviamos uma carta ao Sr. Paul MacGuiness", Edge diz, "requisitando os seus serviços esta semana para que toque um pouco de bateria".

"É a música que estávamos tocando ontem à noite", diz Bono. "Aparentemente você fez um grande trabalho, mas, o restante de nós..."

Adam diz: "Surpreendentemente, você estava bem".

"Nós nos defrontamos com um problema que nós já enfrentamos no passado", Bono explica. "A música não tem refrão".

"Aha!" diz Larry.

"Então", continua Bono, "temos que entrar agora e inventar um".

Os quatro membros do U2 vão para o grande salão, pegam seus instrumentos e começam a tocar. O produtor Brian Eno fica próximo deles bebendo Elixir Vitae. A música em que estão

trabalhando é chamada (pelo menos por hoje) de “Big City, Bright Lights”. Enquanto eles vão tocando, Bono inventa letras sobre manchas de café, fantasmas e ruas.

Na mesa de mixagem da sala de controle, uma pequena luz vermelha se acende na cabeça de um homem chamado Flood, outro produtor desse projeto. “Streets” (Ruas) é uma das palavras da lista de clichês proibidos em musicas de rock do Flood, junto com, por exemplo, noite, magia e segredo. Flood imagina que ideias novas começam com pequenas coisas. Enquanto Eno, Bono e Edge debatem indefinidamente sobre ideias musicais e letras, Flood marca seus pontos pelo cansasso. Ele se senta em silêncio enquanto os outros conversam entre eles e então ele faz o que ele planejava fazer o tempo todo e espera para ver se eles notam.

Bono interrompe a música e sugere uma mudança de acorde para o Edge. O U2 começa a tocar de novo. Bono tenta levar sua voz duas oitavas acima, o que torna a performance mais ousada. Ele improvisa a letra: “Think about forever...think about the rain...desperate sea. Jacob’s ladder rescue me”*[“Pense sobre a eternidade...pense sobre a chuva...no mar desesperado. Escada de Jacó, resgate-me”*].

Há uma grande especulação em andamento no mundo lá fora sobre o que o U2 está fazendo aqui. O que deveria ser uma pausa de quatro meses entre a turnê de 92 e a turnê de 93 se transformou em uma maratona de sessões de gravação. Havia uma conversa vaga sobre a criação de um EP[1], quatro ou cinco músicas para serem lançadas na turnê de verão na Europa. Mas todo mundo está trabalhando duro demais para isso. Tem havido um monte de especulações de que eles estão gravando uma trilha sonora, embora não haja nenhum filme real. Ninguém quer dizer em voz alta que o U2 pode estar fazendo seu próximo álbum aqui, porque há muito pouco tempo e ninguém quer colocar mais pressão sobre a banda. Pergunte ao Edge por que ninguém dirá a palavra "A" e ele vai dar a você um monte de explicações sobre as sutis distinções entre álbuns e trilhas sonoras e projetos, entre músicas, faixas e “vibes[2]”. Pergunte ao Adam e ele será mais direto: “Eu não sei se o que estamos fazendo aqui é o próximo álbum do U2 ou um punhado de esboços preliminares que em dois anos se transformarão em demos para o próximo álbum do U2”.

A ideia de trabalhar durante suas férias pareceu tomar força quando Edge ficou ansioso ao voltar para casa e ter que enfrentar uma casa vazia e a realidade do final de seu casamento. Ele precisava de alguma coisa para fazer e manter a energia que ele tinha desenvolvido fazendo o Achtung Baby e por ter se envolvido na turnê por um ano - e para manter sua mente desligada de sua perda pessoal. Bono estava enlouquecendo, vagando em sua casa enquanto ainda estava completamente ligado à turnê. Como ele sabia que o U2 ainda tinha um ano todo pela frente na estrada com a turnê, ele ainda não estava preparado para psicologicamente reduzir a velocidade que normalmente lhe permite relaxar e voltar à vida doméstica.

---

[1] *Extended play* (EP) é uma gravação em disco de vinil, formato digital ou CD que é longa demais para ser considerada um *single* e muito curta para ser classificada como um álbum musical. Normalmente, possui de 4 a 6 faixas, posicionando-se como um intermediário entre um single (daí o termo “extended”, indicando que o EP é um single estendido, com mais faixas) e um álbum (que, em geral, possui de 10 a 12 faixas).

[2] Vibe é a diminuição de *vibration*, que antes das músicas eletrônicas, eram utilizadas por pessoas que gostavam de reggae, onde grupos jamaicanos criaram um tipo de música com uma mistura de reggae, ska, salsa e merengue, e as pessoas acabavam contagiadas pela música, dançando e resultando em “vibrações positivas" ou "vibe positiva".

Então, quando Edge quis ir para o estúdio e fazer algumas gravações, Bono foi rápido em assinar embaixo. Eno e Flood concordaram em se juntar e ver o que o U2 poderia realizar dessa vez. A banda está de volta com seu método original de composição - os quatro dentro de uma sala, tocando juntos até que uma música surja. Eno ou Edge, então, analisam as fitas, encontrando partes que eles gostam e as editando adequadamente para formar uma música. Então a banda ouve, sugere alterações e tenta criar letras e melodias para serem colocadas sobre a faixa já editada. Bono ou Edge irão então cantar essas ideias de letras e melodias em um walkman enquanto a trilha é tocada. Quando a música toma forma dessa maneira, o U2 escuta a fita, volta para o estúdio e tenta tocá-la.

Eno, com organização acadêmica, monta um quadro branco em um tripé, no estúdio. Nele está escrito, junto com os símbolos musicais para sustenidos e bemóis:

CICLO

SEGURA
PARA
MUDA
VOLTA

A B C D E F G

Às vezes, Eno gosta de ficar em frente a esse quadro branco com um pincel na mão, enquanto o U2 toca, os direcionando quando ele quer que eles mudem para uma próxima seção ou mudem para um acorde diferente. Isso é, na verdade, um sistema cômodo para trabalhar, mas vendo o magro e careca Eno usar seu quadro e o pincel para dirigir uma banda de rock é hilário, é como o Ichabod Crane[1] dirigindo os Rolling Stones. Me faz lembrar do velho episódio dos Três Patetas, no qual Curly é confundido com um professor em um colégio de mulheres. Ele coloca um daqueles chapéus quadrados de escola, um avental preto, pega um pincel e ensina os alunos a cantar "B - I - bi, B – O - bo", enquanto ele dança pela sala de aula. Eu fico esperando que Eno deixe de lado seu comportamento pedagógico e grite: "Agita isso aí!"

O U2 começa outra música. Sam O'Sullivan, o técnico de bateria de Larry, entra na sala de controle para perguntar à Flood qual é o nome dessa música. "If God Will Sent His Angels", diz Flood. Sam rapidamente folheia uma pilha de papéis e diz: "Nós não temos o compasso para ela!"

"Ela costumava ser chamada de 'Wake Up, Dead Man'", diz Flood calmamente. "Um vinte e oito ficará bom. Um vinte e oito ou um vinte e sete". Cada música do U2 tem seu ritmo marcado por um temporizador eletrônico, uma faixa sonora com um click contínuo, que não só mantém o ritmo estável, mas permite ao grupo retomar e editar seções de diferentes partes da música ou ainda de diferentes tomadas. Quando eles executam as músicas no palco, Larry tem a opção de usar esses clicks para encontrar seu lugar ou ainda definir o compasso. Ele decidiu anos atrás que ele odiava ter um tick tick tick passando pelos seus fones de ouvido no palco e então, ao invés disso, ele tem o som de um chocalho metrônomo ou uma maracá, que é alimentado

---

[1] Ichabod Crane é um personagem fictício e protagonista do conto de Washington Irving, "The Legend of Sleepy Hollow", publicado pela primeira vez em 1820. Na cultura popular, essa história às vezes é renomeada como "O Cavaleiro Sem Cabeça". Crane é invariavelmente retratado, no trabalho original e na maioria das adaptações, como um indivíduo alto e esguio com um efeito de espantalho.

suavemente através de seu monitor. Isso soa mais musical, é discreto, e se um pouquinho desse som é captado pelo microfone, ele na verdade acrescenta um pouco de cor ao som. No estúdio, no entanto, ele tem que usar os fones de ouvido e a trilha com o click - o que depois de oito ou nove horas o deixa com uma tremenda dor de cabeça.

A banda não tem certeza se o compasso que Flood pediu é a melhor velocidade para "If God Will Sent His Angels". Eles tentam tocá-la mais devagar, eles tentam mais rápido, eles tentam bem mais rápido. "If God Sent His Angels" vai do ritmo imponente de "Walk to the Water", do U2, até a energética marcha de "In a Gada Da Vida", de Iron Butterfly, e dali até tropeçar na estrondosa marcação de "Break on Through" do Doors. Isso não é progresso.

Edge adapta sua guitarra tocando para cada diferente compasso, encontrando algumas inspiradoras alternativas ao longo do caminho, desde o baixo do funky wah-wah ao alto Phase-Shifiting[1] de Ernie Isley, para algo como o zunido de um mosquito soando alto chegando ao volume de uma serra elétrica. Finalmente ele aterrisa de volta aos tons do sonho que uma geração de jovens guitarristas chamam de "The Edge".

Eno está pressionando os botões de um sintetizador, procurando pelos arquivos. Bono se comunica com a cabine através de seu microfone: "Nós estamos procurando pelos sons de 'Dead Man' de Brian no teclado".

Enquanto eles estão procurando, Larry começa a tocar outra música. Bono entra nessa e se junta a ele. Todo esse método Improvisa/Grava/Edita encoraja os músicos a manter suas veias criativas fluirem - assim que eles ficam entediados com uma música, eles mudam para outra. A seleção das músicas será feita mais tarde. Edge aparece com uma guitarra psicodélica. Bono começa a cantar sobre escalar a mais alta colina, e então ele repete uma frase de uma de suas inspirações literárias, Charles Bukowski: "These days run away like horses over a Hill" [*"Esses dias correm como cavalos sobre uma colina"*].

"Dirty Day" surge como o título dessa música, embora Bono também tente algumas das palavras que ele está usando em outra faixa, "Some Days Are Better Than Others". As letras dessas duas músicas podem soar abstratas (uma maneira cínica de dizer: sem sentido) fora dessa sala, mas considerando o atual estado de espírito de Bono, elas fazem todo o sentido: "Some days you wake up with her complaining", "Some days you wake up in the army", "Some days you fell like a bit of a baby", "Some days you can't stand the sight of a puppy".[*"Alguns dias você acorda com ela reclamando", "Alguns dias você acorda no exército", "Alguns dias você se sente um pouco como um bebê", "Alguns dias você não aguenta ver um filhotinho"*].

Isso é uma justa espreitada no atual estado mental de Bono enquanto ele anda pela sua casa, tentando não tropeçar em seus filhos, com seu cérebro ainda cheio com a fumaça e os espelhos da turnê Zoo TV. Ele está na estranha vizinhança mental onde a vida na estrada parece vibrante e natural, e a vida em casa, a vida real, parece claustrofóbica e chata.

---

[1] Wah-wah e Phase-Shifting *[Deslocador de fase]* são efeitos sonoros aplicados à guitarra através de filtros e distorcedores, entre outros. *Wah-wah* é um pedal de efeito utilizado em conjunto com guitarras e eventualmente em baixos. Este efeito não muda a nota tocada, e sim atenua algumas frequências. Seu nome é uma onomatopeia que faz referência ao som do instrumento, que varia entre grave e agudo. *Deslocadores de fase* fornecem um deslocamento de fase ou atraso de tempo continuamente variável.

Bono está desde o início divagando, tentando nessas gravações, capturar a sensação que você sente quando está deitado na cama de manhã, tentando dormir e a música dos desenhos animados de seus filhos atravessa a parede. Sem ver os desenhos, Bono disse que as trilhas sonoras são incríveis. Elas são desarticuladas, recortadas para acompanharem a ação de tal maneira que desafia as regras da música, e você nunca sabe quando os violinos e trompetes serão aumentados com um repentino grito, um trem de cargas ou a explosão de um tiro.

Seu dividido estado mental está afetando as composições do Bono. Uma música chamada "Daddy´s Gonna Pay For Your Crashed Car" começa com "You´re a precious stone/ You´re out on your own/ You know everyone in the world but you fell alone" *["Você é uma pedra preciosa/ Você está por sua conta própria/ Você conhece todo mundo, mas se sente sozinho"*]. Para mim, soa como uma boa descrição do U2 em turnê pela América. Bono tenta me mostrar uma frase sobre a música como uma metáfora religiosa ("Papai pode ser Deus", ele diz, "mas ele também pode ser o diabo".) e eu digo: "Ah, qual é, Bono. Papai é Paul McGuinness. Papai é a organização que fornece a você todos esses carros, aviões e refeições extravagantes e que paga a conta depois que você vai embora, paga à instituição, caso você quebre alguma coisa".

Bono diz que sim, isso é verdade – mas ele provavelmente teria respondido isso mesmo se essa ideia nunca tivesse passado pela sua cabeça antes. Ele pode muito bem ter em mente metáforas maiores e significados muito mais profundos para essas músicas do que uma vida como uma estrela de rock, mas o fato dele estar tão envolvido na mentalidade da turnê enquanto escreve, significa que ele está completamente informado por essa estranha perspectiva.

As novas letras estão cheias dessa incapacidade do U2 de se livrar dessas armadilhas mentais e voltar ao que supostamente é a vida normal. E eu ouço tanto a apreensão quanto a excitação diante dessa possibilidade. O *Achtung Baby* era sobre ser tentado a se livrar dos compromissos convencionais pela excitação da vida noturna, mas o personagem do Achtung Baby sempre soube onde ficava seu lar – ele estava testanto o quão longe ele poderia ir e depois ainda voltar. O personagem dessas novas músicas perdeu seu rumo. Ele mal consegue lembrar como costumava pensar ou quem ele costumava ser.

A música, no entanto, possui uma leve sensação de embriaguez. Eno e Flood estão conseguindo sons parecidos com músicas submersas no pop convencional. Isso evoca o fato de que, quando você está em um país estranho e ligeiramente bêbado, a pior disco music ou música pop pode soar estranhamente atraente. Não é que você não saiba que ela é estúpida – é apenas que você não se importa. Pode ter alguma coisa a ver com o fato de você ser, naquele momento e pelos padrões do lugar, um pouco estúpido. (Durante o jantar ontem a noite, Bono fez um relato do brilhantismo do Bee Gees: "Igual ao Abba, talvez ainda mais superior. 'Tragedy' é genial").

"Crashed Car" começa com uma batida semelhante à uma bigorna – dura, barulhenta, cansativa – e a medida que a música decola, ela é substituída por um som semelhante à um bumbo ouvido do fundo de uma piscina. Leva pouco tempo para que eu me lembre o que aquela mudança de tom me lembra: é como dirigir um carro com as janelas abertas, preso em um engarrafamento em meio a uma barulhenta multidão, e então você levanta a janela do carro, deixando fora de sua luxuosa redoma de vidro todo o pânico de toda aquela adrenalina e sente esse som baixo e abafado.

Estruturalmente, as músicas do *Achtung Baby* eram convencionais – "One" ou "Who´s Gonna Ride

Your Wild Horses" poderiam caber no *The Joshua Tree*. O que foi radical foi a produção – submergindo o vocal de Bono com distorções em "Zoo Station", por exemplo. No novo material, no entanto, as estruturas das músicas explodem nas mais bizarras direções. Cabe ao Bono e aos outros aparecer com letras e melodias que imponham algum senso de ordem nessas faixas errantes. Em Achtung Baby, o U2 pegou faixas convencionais e as radicalizou; nesse material, o U2 está pegando faixas radicais e as está cobrindo com uma capa convencional.

O U2 volta a trabalhar em "If God Will Send His Angels". É otimista, um pouco trivial, mas claramente ainda na tradição de grandes músicas do U2, o que pode dificultar a adaptação às novas músicas mais desarticuladas. Essa música também precisa de um refrão, e Bono tem um plano de como conseguir um. Ele quer que a banda pare em um certo ponto e repita uma frase várias vezes enquanto ele canta a linha do título em cima dela. Bono pede ao Larry para tocar seu chocalho de tal forma que afete essa grande mudança dinâmica. Edge e Adam estão tentando descobrir o que eles devem tocar para reproduzir esse gesto dramático que Bono quer enquanto ainda fornece a energia necessária para que o refrão alcance os ouvintes – e não o deixe cair através de um súbito alçapão sonoro.

"Não precisa ser uma grande coisa", diz o Eno. "Você poderia sustentar o *E* por mais duas horas".

"Larry", Bono diz, "tente uma das suas viradas no final dessa sequência". Bono gesticula a batida que ele quer *rat-ta-tat-ta-tat* e então canta, "OO-OOH, GO-OOOOOH".

Eles tentam isso algumas vezes. Flood diz que funciona. Eles tocam de novo. Flood diz que eles o estão perdendo – o refrão agora está em declínio: "Não é a inspiração que eu imagino que você queira".

Bono sugere que eles entrem na sala de controle e escutem as diferentes versões. Sentados no sofá durante a audição, a banda concorda que a música não está funcionando. Bono diz que uma progressão circular como essa precisa de uma grande parte de guitarra para elevar os acordes, enquanto eles dão voltas ao redor. (Em outras palavras, deixe o Edge resolver o problema). Eno diz que o problema pode ser o Bono. Ele está exigindo além de seu limite. Ele tem que subir muito alto para o refrão, "Gritando". Eno observa que a música está em *E*, um tom difícil para o Bono.

"Sim", diz Bono, "*E* é um tom difícil, mas guitarristas e baixistas amam essa nota e, infelizmente, o U2 sempre começa com a música. É uma discussão que nós temos frequentemente". Bono diz que é bom em *G*, *A* e *B*, mas Edge e Adam não gostam de tocar nesses tons. Edge é impassível. Ele não deixa que o Bono mude de assunto e escape da questão de seu problema vocal.

Depois de ouvirem diversas versões da música, Eno e Bono concordam que uma das primeiras tomadas é melhor que as últimas, porque nessas todos sabiam exatamente onde eles queriam chegar e as mudanças entre os versos e o refrão estavam definidos de forma bem clara. Enquanto a versão mais antiga toca, Eno a elogia, dizendo: "Veja, ela é tensa sem ser agressiva. A maneira como você a está cantando agora é tosca, sem graça".

Estou impressionado com o uso da semântica de Eno para influenciar o julgamento musical. Um produtor diferente ouviria a mesma versão e diria: "Veja, ela é nervosa sem ser ousada. A maneira como você a está cantando agora tem fibra".

Com a trilha de fundo selecionada, Eno começa a exigir que Bono descubra como ele vai solucionar seu problema com o tom, e encontrar "um personagem vocal real" para a música. Bono evita o assunto, o que dá a Eno uma abertura para sua própria pauta. Enquanto fazia alguns experimentos hoje mais cedo no estúdio, Eno reuniu diversos efeitos e obteve "um som vocal novo e grandioso – fino e forte". Ele acha que isso é exatamente o que Bono precisa para "If God Will Send His Angels". O cínico em mim suspeita que, com a descoberta de hoje, Eno acharia o som perfeito para "What's New, Pussycat", "Nights In White Satin", ou qualquer outra música que Bono cantasse essa noite.

Bono pergunta, desconfiado, se esse novo som de Eno tem algo a ver com o Vocoder (um aparelho para alterar vocais eletronicamente). Eno assegura-lhe que não. Bono tenta desviar do assunto sugerindo que ele cante o refrão, "If God Will Send His Angels", como um daqueles evangelistas da TV americana ou como o Mirrorball Man, "em vez de como eu estou fazendo agora, como um cantor de rock ruim". Bono experimenta a ideia, soando como Foghorn Leghorn[1]. É uma tentativa escorregadia de usar uma caricatura para evitar sua responsabilidade de verdadeiramente chegar ao tom necessário para a música.

Eno, sentindo a fraqueza de seu oponente, lança mais um golpe semântico: "Esse novo vocal que eu encontrei é parecido com um... um..." ele finge procurar por uma descrição exata, mas ele sabe muito bem o que vai dizer: "um evangelista psicótico!"

Os olhos de Bono se iluminam. "Isso é o que eu quero!" Primeiro round para Brian Eno.

Enquanto Eno está montando seu som, Bono diz a Edge que a guitarra deveria parar completamente durante esse novo refrão pausado e estridente. "Não importa se você estiver tocando acordes diferentes", Bono diz, "se você tocá-los da mesma forma".

"Os acordes são o contorno da música", diz Edge, com sua postura zen. "Que forma você quer dar para esse contorno?"

Enquanto Larry anda sem rumo até a piscina e Adam vai para casa, eu me sento no sofá entre Bono e Edge, maravilhado com a complexa função altamente racional do U2, os dois hemisférios do cérebro da banda – Edge à esquerda, Bono à direita – sentados elevados e orgulhosos sobre a longa espinha dorsal do baixo e da bateria. Eno ocupa ambos os lados como se fosse um superego. (Tim Booth do grupo britânico James, que Eno também produziu, destacou que o nome de Brian Eno é um anagrama para "One Brain" [Cérebro Único]. Forte.) É um privilégio assistir a cada um desses três gênios e articulados tentando explicar seus pontos de vista, trazendo diferentes formas de retórica para o que são, na verdade, apenas questões de gosto.

Eno entra em cena falando como um professor de filosofia, usando uma aparente lógica para ganhar seu caso. Contudo, sob rigoroso escrutínio, os silogismos de Eno são um pouco instáveis. Ele não parte dos fatos para chegar a uma conclusão. Em vez disso, ele primeiro expõe a conclusão (baseado em sua preferência, instinto ou conveniência pessoal) e depois, manipula alguns fatos fazendo com que eles sustentem aquela conclusão. Então, quando Bono menciona que quer cantar como um pregador de TV, Eno diz a ele que seu novo som vocal lembra um

---

[1] Foghorn J. Leghorn é um personagem de desenho animado dos anos 50 que falava com uma voz estridente.

“evangelista psicótico”. Aposto que se Bono tivesse dito que queria cantar como King Kong, Eno teria descrito seu novo som vocal como “uma evocação de macacos gigantes”. Bono, igualmente inteligente, tenta ganhar argumentos utilizando termos morais. Mesmo com o novo efeito de Eno, Bono faz um trabalho ruim com sua voz de evangelista louco. Ele quer deixar isso de lado e fazer outra coisa qualquer. Eno continua insistindo que ele o refaça, até que Bono, acuado em um canto, declara: “Na verdade eu estou envergonhado deste vocal. Ele me constrange”. Ele faz uma pausa para causar algum efeito antes de desferir um gancho de esquerda: “E talvez esteja certo que eu me sinta envergonhado nesse momento. Talvez a vergonha seja o que essa letra exige!”

Aqui está um tipo de retórica que qualquer estudante atrasado com seu ensaio final apreciaria! Bono constrói uma exigência moral a partir de seu desejo de evitar voltar a cantar a música, e sugere que, como ele está sendo corajoso o bastante por se submeter à metralhadora de humilhações do público por sua arte, o mínimo que Eno poderia fazer é fornecer cobertura.

Edge costuma escutar em silêncio, examinando minuciosamente os argumentos entre o professor Eno e o mártir Bono, para depois estourar seus balões com sua própria lógica talmúdica. Edge analisa as conflitantes propostas como um rabino e aguarda sua oportunidade antes de concentrar sua atenção no ponto fraco onde os rodeios de Eno e o manifesto de Bono possam ser destruídos.

Flood ouve tudo sem dizer nada. Quando todos os outros estiverem sem argumentos, exaustos, em casa na cama, ele ainda estará aqui, fazendo com que a música soe do jeito que ele quer.

“Muitas das vezes eu pareço um sócio minoritário”, diz Flood quando os outros já foram embora. “É praticamente como se você andasse com a vassoura atrás deles”.

---

22. Fazendo Salsichas

composição por acidente / o crítico de cinema / um da coluna b / uma turnê com a câmera pela nudez de adam / o serviço sujo de gavin / o ano do francês

Enquanto o U2 está explorando a sua alma e a adrenalina para passar por essas sessões de gravação, a histeria da preparação da turnê já se espalhou ao redor deles. Há centenas de decisões a serem tomadas, e todo mundo quer a atenção do U2. Na sala de estar da Factory, havia vários desenhos para os gorros de lã do Edge dispostos para sua aprovação. Há uma marca de conferência ao lado de um desenho de uma cobra mordendo o seu próprio rabo, junto com uma citação de um texto mitológico: "Ouroboros: um nome gnóstico para a grande serpente do mundo". Fintan Fitzgerald, o capitão do vestuário, está tão desesperado em conseguir que a banda fique quieta tempo suficiente para poder medir as suas cinturas, que ele convenceu Suzanne a pegar algumas calças jeans deles e mandar para o a alfaiate em Londres para que ele pudesse cortar as suas roupas. O alfaiate terá que basear o seu trabalho nessas calças surradas.

Há pilhas de faxes com mensagens escritas à mão, coisas como "Precisa da resposta hoje!", a Suzanne dizendo para os membros da banda que eles têm que concordar com os apelidos que vão usar para suas reservas no hotel. Eles decidem usar o nome de famosas modelos irlandesas. "Eu quero ser o Sr. Doody!", diz o Bono. "Você não pode", explica Suzanne, "O Edge já pegou esse nome". O Edge diz que ele será o "Sr. Rocca" em homenagem à ex-Miss Irlanda, que agora está saindo com Van Morrison. O Bono então pode ser o Doddy.

O U2 quer focar a sua atenção em coisas grandiosas. Eles querem que a turnê Zooropa, os shows em estádios europeus, sejam diferentes do que eles fizeram na América. Bono tem certeza que eles podem ampliar ainda mais os limites da experimentação na Europa mais do que nos Estados Unidos. Eles se reúnem na sala de estar para assistir um vídeo com cenas que serão exibidas nos enormes telões da Zoo TV durante os shows. Os homens responsáveis pela montagem dessas imagens são Ned O'Hanlon e Maurice Linnane, e Resencrantz e Guildenstern, da poderosa empresa U2. Ned e Maurice dirigem a Dreamchaser, uma companhia de vídeo de Dublin que, embora dependa do U2 para grande parte de sua receita, não é, na verdade, uma subsidiária do U2. Em outras palavras, apesar do U2 ser um dos maiores clientes de Ned e Maurice, e apesar do Ned e do Maurice estarem muito próximos do centro de ações da turnê Zoo TV, o Ned e o Maurice não são funcionários do U2. (Apesar de que a esposa do Ned é Anne-Louise Kelly, a diretora do Principle Management em Dublin). Essa independência se manifesta em pequenos detalhes, como por exemplo, o Ned e o Maurice não tendo que assinar um contrato de confidencialidade, enquanto que os funcionários do Principle precisam, e no meio desta confusa conduta, os dois homens são capazes de lidar com a tradução e execução das ideias intermináveis do U2 sobre as imagens dos vídeos.

Enquanto Ned e Maurice trabalham com uma grande televisão e preparam sua mais recente apresentação em vídeo, Adam está em uma cadeira arrumando o cabelo para a iminente turnê. A sua cabeça está com uma toalha enrolada e o seu cabelo está arrepiado com alguma horrível gosma roxa. O Adam olha por baixo de seu turbante e pergunta ao Maurice se ele viajou durante as suas últimas férias.

"Sim, fui para uma ilha grega".

“Aquela para gays?”

“Não”.

O Bono entra na sala dizendo: “O Larry foi lá uma vez. Ele não podia acreditar no que via. O pesadelo da sua vida. Tudo o que já tinha acontecido com ele desde que tinha doze anos de idade, multiplicado por mil”.

Edge e Larry entram. Ned e Maurice colocam a montagem do filme que abrirá o show. Há um cantor de ópera que é cortado para um dançarino dos anos 50 que é cortado para um membro de uma tribo africana que é cortado para o Bono com seus óculos de mosca falando em uma confusão de diversos idiomas europeus.

Bono manda parar o vídeo. Ele não quer aparecer dentro dele. “Isso ainda não está bom, não tem conteúdo”. Ele se opõe à ideia engraçada da própria imagem. Ned e Maurice não deixarão isso passar.

“Isso vem do homem que subiu no palco e disse: ‘Curve-se, São Francisco!’?” pergunta Maurice.

“O homem que disse: ‘Seig heil, Berlim!’?” pergunta Ned.

O Bono não arreda o pé. Ele também quer que coloquem os membros da tribo africana em outro lugar – na forma como o filme está editado agora, eles aparecem logo depois de uma série de imagens ridículas. Bono acha que vai parecer que o U2 está zombando deles.

Ned e Maurine suspiram e anotam as mudanças. O próximo é o vídeo que aparecerá nas telas enquanto o U2 toca “With or Without You”, uma longa e lenta atmosfera de luzes através das montanhas e vales do corpo nu de Adam Clayton. “Uh-oh”, Adam diz enquanto desenrola sua cabeça para revelar um cabelo loiro fosforescente. “Talvez eu devesse assistir esse vídeo sozinho primeiro”.

“Isso será visto por milhares, Adam”. Bono ri. “Não é hora para modéstia”.

O filme continua. Na tela, um Adam nu, em posição de sentido, coberto em profundas sombras e luzes vermelhas enquanto a câmera lentamente o filma por completo. A cinematografia é artística, o foco é difuso. É de um bom gosto que chega a ser até demais. “Não existe narcisismo nisso”, Bono me explica enquanto assistimos o vídeo. “A ideia é erotizar o corpo masculino ao invés do feminino. A princípio você não tem certeza que tipo de corpo é”.

O filme foi uma reação à objeção levantada por Catherine Owens, uma artista amiga da banda, pintora dos Trabants, e membro da equipe da Zoo TV, que insistia que a turnê precisava de um *eros* masculino para contrabalançar a dançarina do ventre e a garota-escolhida-da-audiência-para-dançar-com-Bono. E como sempre, Adam “Corpo Duplo” Clayton foi escolhido para as tomadas.

Quando a banda acaba de assistir o vídeo, Bono comenta que não há nenhuma nudez frontal completa.

“Nós podemos arranjar uma aparição particular”, Adam oferece.

A decisão mais sensível que o U2 tomou foi ir para a Europa com cenas de propaganda nazista do

filme *O Triunfo da Vontade e Olympia*, da cineasta alemã Lent Riefenstalh. Em parte, é um comentário sobre os rumores do ressurgimento do fascismo na Europa atual, em parte um comentário sobre o ambiente de shows de rock em estádios gigantes, e em parte apenas para fritar o cérebro das pessoas. Bono acha que no momento em que o U2 projetar *O Triunfo da Vontade* nos telões no Estádio Olímpico de Berlim, a tensão cultural poderá ser rompida. A Europa está em uma fase de mudanças. A ordem da Guerra Fria com a qual crescemos desapareceu. Os europeus continuarão no caminho da unificação econômica e cultural ou irão se fragmentar em tribalismos étnicos onde o fascismo impera. O U2 quer golpear a cabeça do seu público europeu com a ideia de quão extremas são essas escolhas.

A TV emite um som que parece uma batida tribal africana e a tela se enche com uma cena do *Olympia*, onde um garotinho alemão, vestido no que poderia ser um uniforme da Juventude Hitlerista, bate furiosamente em um tambor de marcha militar. Essa imagem de dissolve em Joseph Stalin, em Margaret Thatcher e no ditador romeno Nicolae Ceausescu.

"É muita coisa!" Bono protesta. "A única música que pode acompanhar isso é 'The End of the World'. Não dá para ir disso à 'Zoo Station'. É um corte muito difícil. Se eu estivesse num estádio e visse isso e depois uma banda de rock aparecesse, eu me revoltaria!"

E assim vai. Ned e Maurice têm trabalhado dia e noite para deixar essas imagens prontas e agora eles sofrem com os milhares de cortes enquanto Bono faz suas objeções e ordena mudanças. Em anos trabalhando com o U2, Ned e Maurice memorizaram uma longa lista de tabus. Nenhuma cena do Edge sem o seu gorro. Evitar mostrar os pés de Bono – ele acha que eles são muito pequenos ("Eu não tenho pés – as minhas pernas simplesmente acabam!"). Se você conseguir pegar uma tomada de Adam no palco sem o seu queixo no ar, saboreie isso.

Certa vez a banda deu o aval para um comercial de TV do U2 que Ned e Maurice haviam feito. Uma semana depois que ele foi ao ar, Larry decidiu que tinha uma cena dele que ele não tinha gostado. O que fez com que o Adam dissesse que se eles fossem reeditá-lo de alguma forma, havia também uma tomada dele que ele gostaria de mudar. A discussão aumentou, até que Bono anunciou sobre o clipe comercial: "Na verdade, eu detesto aquilo".

"Mas na semana passada você disse que adorou", Ned protestou.

Eles juram que a réplica do Bono foi: "Quando eu disse que tinha adorado, na realidade o que eu queria dizer era, que eu tinha odiado". Ned e Maurice estão acostumados a serem mandados de volta à prancheta.

Agora, o U2 tem que voltar para a mesa de mixagem. Os membros da banda se reúnem na cabine de controle juntamente com Eno, Flood e o engenheiro Robbie Adams. Eles têm blocos de papel e lápis. É hora de ouvir diversas sessões de gravações editadas e atribuir-lhes notas. Talvez dessa forma eles possam descobrir quais as malditas músicas eles têm de finalizar antes de preparar as malas e ir embora. A primeira faixa é reproduzida. Bono (que uma vez o Eno descreveu como "a Madre Teresa das músicas abandonadas") acha que isso tem muito potencial. Os outros desistem.

"Eu dou à essa um ou dois de cinco", diz o Flood.

"Quatro de dez", diz Eno.

“Mas a atmosfera é tão incomum”, Bono protesta. “Essa é no mínimo cinco de dez!”

Eles ouvem outra faixa. Eno diz que é uma ótima gravação, mas a guitarra fazendo *cha-chaaang* na terceira batida a torna muito reggae. Ele quer alterar o baixo e acelerar a bateria em uma batida para compensar – mantendo o baixo alinhado em um ao invés de dois. Adam sorri e diz: “E eu que trabalhei tão duro para não tocar em um”. Todos lembram que a última música reggae que o U2 decidiu tentar tocar se transformou em “I Still Haven’t Found What I’m Looking For”, um de seus maiores sucessos. Eno diz que a banda deve marcar o horário de 7 às 9 para improvisar mais durante esta noite.

Robbie protesta que a essa altura do campeonato mais improvisações parece ser uma perda de tempo. Eno diz: “Na verdade esse tempo será eficiente”. Edge, Adam e Larry podem seguir improvisando, criando coisas novas – enquanto Eno e Flood fazem a mixagem dos melhores improvisos e Bono finaliza as composições e as melodias.

Bono chama isso de “composição por acidente” e diz a Robbie que o que eles precisam decidir no momento é se o álbum será um disco de músicas (como o *The Joshua Tree*) ou um disco de vibes[1] (como o *The Unforgettable Fire*). E como o U2 pode tomar essa decisão? Já para o quadro negro!

Logo a banda e seus produtores estão estudando um catálogo de suas opções que parece um cardápio chinês:

Músicas:	Vibes:	Trilha sonora:
Babyface	Numb	Piano: Poem
Wandering	If God Will	Landscape
Sinatra	Crashed Car	Lemon
Zooropa	Jesus Drove Me	Sinatra
Wake Up, Dead Man	Cry Baby	
First Time	Indian Jam	
Kiss Me, Kill Me	Sponge	
Velvet Dress	Lose Control	
Wandering I.	Nose Job	

Bono se pergunta em voz alta se eles devem editar pequenos trechos de várias faixas diferentes, criando uma montagem. Ele elogia o último álbum dos Beastie Boys. Ele odiou os raps, mas amou a forma como as músicas entravam e saíam umas das outras. Flood diz que isso ocorreu porque eles não conseguiam tocar seus instrumentos com precisão suficiente para manter o mesmo ritmo

[1] Vibe é a diminuição de *vibration*, que antes das músicas eletrônicas, eram utilizadas por pessoas que gostavam de reggae, onde grupos jamaicanos criaram um tipo de música com uma mistura de reggae, ska, salsa e merengue, e as pessoas acabavam contagiadas pela música, dançando e resultando em “vibrações positivas" ou "vibe positiva".

durante uma música inteira. Mas Bono diz que isso não importa. “Isso está trazendo uma mentalidade DJ para o rock & roll. E já era tempo”.

Ele diz que os rappers gravam álbuns numa velocidade super rápida. “De La Soul fez um álbum em uma semana! Todos põem as mãos na massa e fazem de tudo, inclusive as composições. Esses caras não são graduados em eletrônica, mas sabem quanto custa o tempo de permanência no estúdio. Nós precisamos de um pouco disso”.

Quando banda começa a improvisar novamente, Bono me pede desculpas pelo tédio: “Fazer discos é como preparar salsichas”, ele diz. “Você provavelmente vai apreciá-los mais se não ver como são feitos”.

O U2 mergulha no improviso partindo de uma linha de baixo similar à de “*This Is Radio Clash*”. Edge toca um único acorde, pressionando seus pedais para experimentar diferentes tons enquanto Eno, no sintetizador, goteja pequenos acentos eletrônicos que flutuam ao redor de um ritmo agradável como satélites musicais. Quando eles terminam de tocar Eno diz que gostou de verdade dessa improvisação.

“Sim”, diz Edge, “você gosta porque ninguém nunca muda sua parte!”

“Nada muda”, diz Eno. “Meu sonho! Eu ouvi vinte e quatro faixas virgens hoje. Foi um êxtase. Aumentem o volume dos assobios”. Todos riem.

Na hora do jantar, o Adam precisa ir embora; ele vai aparecer no show de premiação na TV da Irish Recorded Music Industry para apresentar um prêmio para o R.E.M. Edge e eu entramos no restaurante da Factory para pegar um pouco de comida indiana para viagem. Ele volta sua atenção para um assunto que tem deixado todos os membros do U2 melancólicos: todos eles analisaram suas expectativas financeiras para o próximo ano. O custo monumental de manutenção da turnê Zoo TV na estrada durante a primavera e o verão na Europa e no outono na Austrália e no Japão consumirá quase todos os lucros, isso se a turnê for um sucesso e se os ingressos se esgotarem na maioria das datas. Se a Europa tiver um verão chuvoso o U2 poderá perder milhões. Um ano atrás, quando a banda estava aqui mesmo, sonhando com o show de rock mais extravagante de todos os tempos, o dinheiro parecia ter sido feito para ser queimado. Mas depois de doze meses, de um total de vinte e quatro meses na estrada, a emoção de abrir novos caminhos não parece ser tão valiosa.

“Nós nos colocamos em um beco sem saída”, diz Edge. “Eu não entendo como podemos trabalhar por um ano sem recebermos nada”. Eu pergunto se isso é literalmente a realidade. “É bem próximo”, Edge responde. “O orçamento é tão apertado que se alguma coisa grande der errado, lá se vão os lucros.”

Na TV, Adam está entregando uma premiação à Mike Mills do R.E.M (e do Automatic Baby).

Bono está na outra sala suportando uma entrevista ruim. Um jornalista de uma revista francesa havia chegado. Ele é esperto e cheio de perguntas perspicazes. Mas infelizmente ele não está conseguindo fazê-las porque o editor da revista (ou algum chefe equivalente – o U2 não sabe exatamente quem exatamente ele é) o acompanhou e está dominando a conversa com assuntos muito desagradáveis, falando no que parece ser uma paródia da rudeza gaulesa.

“Rock een roll!” ele diz para Bono. “É tudo uma grande besteira, não?” Então ele dá um ronco através de seu longo nariz e zurra como um burro emitindo um *haw haw haw*. Toda vez que Bono tenta falar sobre as intenções do U2, esse francês pançudo faz uma careta e o interrompe, geralmente para dizer algo como: “Pare aí mesmo, seu fedelho!” e depois cai na gargalhada. Ocorre a Bono a ideia de que essa deve ser uma técnica – uma rotina tipo policial bom/ruim para fazê-lo baixar a guarda durante a entrevista. Ou talvez esse cara seja apenas um idiota. “Eu gosto de você”, diz o boca grande. “Eu não estou dizendo nada contra você, mas rock & roll é uma grande besteira, *haw haw haw*”. Ele faz com que Bono saiba que o U2 é bastante influenciado por sua educação católica, alheio ao fato de que Bono, Edge e Adam foram criados como protestantes. Bono tem uma tática para escapar de situações como essa, e seu nome é Gavin Friday. Gavin supostamente está vindo jantar com Bono, Eno e o escritor. Gavin percebe a situação e intervém tirando os jornalistas das mãos de Bono. Gavin está acostumado com essa rotina que já se repetiu centenas de vezes. Essa é mais uma que Bono deve a ele.

De pé na sala de estar, esperando a hora de sair, o gaulês descarado diz a Gavin que ele não quer “ir a nenhum desses lugares da moda! Vamos a um autêntico pub irlandês!”

Gavin diz a ele que conhece o lugar exato. O francês pergunta: “Haverá porcos pelo chão?”

Gavin se surpreende, mas tenta manter uma expressão séria. “Não, não haverá porcos lá. Os dublinenses não são fazendeiros. Dublin é outra coisa”.

O francês diz a Gavin o quanto a Irlanda é pobre. “Não tem prédios altos!”

“Existem duas razões para isso”, Gavin explica. “Primeiro, os britânicos levaram todo o nosso dinheiro e não devolveram nenhum. Segundo, a religião. A Igreja queria que as torres e as cruzes fossem os pontos mais altos”.

Eles saem para jantar com o francês vomitando insultos e idiotices (ele está empolgado por estar na terra do grande escritor irlandês Dylan Thomas) até Gavin estar pronto para sufocá-lo. Eles caminham por toda Dublin, o francês ofegante suplicando por um táxi enquanto Gavin diz: “Não, não, nós, pobres camponeses irlandeses, andamos a pé por toda a parte”.

Finalmente Gavin conduz seus dois convidados do continente até um clube privado que ele conhece, um bar britânico monarquista com quadros da rainha pelas paredes e Orangemen[1] brindando ao Império. “Isso”, Gavin diz ironicamente ao parisiense, “é um verdadeiro pub de Dublin!”

---

[1] A **Loyal Orange Institution**, mais comumente conhecida como a **Ordem Laranja**, é uma ordem fraternal protestante baseada principalmente na Irlanda do Norte. A Ordem Laranja foi fundada no Condado de Armagh em 1795, durante um período de conflito sectário protestante-católico, como uma fraternidade de estilo maçônico que jurou manter a Ascendência Protestante. Seu nome é uma homenagem ao rei protestante holandês William de Orange, que derrotou o exército do rei católico Jaime II na Guerra Guilherme - Jacobita (1688–1691). Seus membros usam faixas laranja e são referidos como **Orangemen**. A Ordem se vê como defensora das liberdades civis e religiosas protestantes, enquanto os críticos acusam a Ordem de ser sectária, triunfalista e supremacista. Como uma sociedade protestante rigorosa, ela não aceita não-protestantes como membros, a menos que eles se convertam e adiram aos princípios do Laranjismo, nem aceita protestantes casados com católicos. Embora a maioria das marchas de Orange não tenham incidentes, as marchas por bairros nacionalistas predominantemente católicos e irlandeses são controversos e muitas vezes levaram à violência.

23. A Sangue Frio

adam reagrupa a caravana / uma lição de estudos sociais sérvios / bono recita seu mais recente poema / o tio do autor tem uma audiência com a mãe abençoada / esperando pelo fim do mundo

Estou fazendo minhas compras em uma loja na Baggot Street numa manhã, sem prestar atenção à conversa fiada das donas de casa de Dublin e um pouco mais no rádio tocando baixinho na prateleira do homem atrás do balcão. A notícia continua, dizendo algo sobre voluntários irlandeses que trabalham em associação com a Anistia Internacional que estão tentando conduzir uma caravana de suprimentos, com comida e medicamentos através das linhas militares sérvias que sitiam enclaves muçulmanos e croatas na Bósnia, no que costumava ser a Iugoslávia. Cara, na minha opinião, esses voluntários devem ser santos! E como santos, eles serão martirizados. Os nacionalistas que tomaram o controle da Sérvia querem sangue. Eles estão cortando o caminho através dos territórios croatas, muçulmanos e multiétnicos desde o momento em que o comunismo desapareceu da Europa Oriental. Os sérvios têm os restos da máquina militar iugoslava (os croatas reclamam que os sérvios são simplesmente os comunistas tentando assegurar seu poder levantando a bandeira do antigo nacionalismo; os sérvios respondem, "Ah é? Bem, seu pai foi um nazista!") e o Ocidente se recusou a se envolver, exceto por aprovar resoluções nas Nações Unidas (ONU) que recusam a permitir o fornecimento de armas para ambos os lados. Como os sérvios já estão fortemente armados, isso teve o efeito de deixar os croatas (que no mínimo eram parte da ordem estabelecida no país que desapareceu) em desvantagem e os muçulmanos (uma minoria religiosa dentro de uma nação oficialmente formada sem Deus) indefesos.

Este é um exemplo horrível da prática errada da diplomacia, mas a atitude não declarada do Ocidente é: "Você não faz um omelete sem quebrar alguns ovos. Temos visto revoluções pacíficas simultâneas em uma escala nunca vista quando as ditaduras na Polônia, Checoslováquia, nos Bálticos, Alemanha Oriental e - quem poderia imaginar - na própria União Soviética, foram varridas. Mudanças políticas que poderiam ter custado tanto sangue quanto a Segunda Guerra Mundial, aconteceram de forma pacífica e rapidamente. Agora, se as pessoas, digamos, da Romênia, querem arrastar um ditador e sua esposa para diante de uma corte ilegal e atirar neles, isso é horrível - mas é, de longe, menos horrível do que teria sido uma Terceira Guerra Mundial. Então, claro, haverá demonstrações de força e disputas étnicas acontecendo aqui e ali enquanto novas nações se assentam. É triste, mas é inevitável, e tudo o que podemos fazer é negar a eles mais armamentos para que isso não se arraste por muito tempo".

Talvez ninguém no Ocidente esperasse que os croatas fossem contra-atacar. Mais provavelmente, ninguém esperava que os sérvios-bósnios fossem tão sanguinários. Eles não querem conquistar os croatas e os muçulmanos, eles querem destruí-los. Eles também viram a execução dos ditadores da Romênia e a lição que eles aprenderam foi exterminar seus rivais antes que eles exterminem você. Os irlandeses têm liderado os esforços para arrecadar dinheiro para o alívio das cidades sitiadas e para as "áreas seguras" do que era a Iugoslávia. Os ingleses e franceses têm se escondido embaixo de suas mesas, na esperança que tudo isso passe; os EUA têm sido indiferentes - a maioria dos americanos não conseguiu achar a Bósnia em um mapa. Muito em breve, isso não será um problema, porque do jeito que as coisas estão indo, ela não estará mais no mapa. Mas o que fez com que eu deixasse cair minhas compras no chão do mercado é quando ouço na rádio o que parece ser uma conversa sobre o U2 liderar esses esforços humanitários para romper o bloqueio sérvio. Eu não poderia ter ouvido direito, poderia? Como eu só tenho o U2 na minha cabeça, certamente o locutor disse "UN" [Nações Unidas], não "U2".

Eu me apoio no balcão, tentando captar as notícias com todo o barulho da loja e, sim, é o Adam Clayton falando sobre a necessidade de assumir o risco de levar esses suprimentos para além das armas sérvias: “É inaceitável que no mundo em que vivemos, essas coisas ainda possam acontecer sem que sejam desafiadas!” Eu não posso acreditar nisso. Caminho de volta à Factory desnorteado. Estamos mesmo indo para a Bósnia? Estamos realmente indo para a guerra? O U2 acha que os seus ascensoristas de palco irão conduzi-los em segurança através da artilharia Sérvia?

Enquanto as atrocidades sérvias cresciam nessa primavera, houve um momento quando o presidente Clinton estava pressionando a OTAN [Organização do Tratado do Atlântico Norte] para enviar suas tropas, mas naquele momento, os croatas, de repente, se voltaram e começaram a atacar a população muçulmana também, como se dissessem aos sérvios conquistadores: “Esqueçam de nós, vamos tripudiar o novato!” Quando isso aconteceu, a confusão lá fora atingiu o seu auge sobre de qual lado eram as vítimas, e Clinton era incapaz de reunir apoio para uma intervenção do ocidente.

Tem se especulado (não só da parte de grupos muçulmanos, mas também, por exemplo, de Richard Nixon) que o Ocidente não está disposto a defender os muçulmanos do genocídio como defenderia os cristãos e os judeus.

O Adam já está no estúdio quando eu chego. “Eu ouvi você no rádio agora a pouco”, digo a ele na sala de estar. “Diga-me que não estamos indo para a Bósnia”.

“Não, não”, diz Adam. “Nós não podemos, temos essa turnê! Estamos envolvidos no financiamento dessa caravana de mantimentos que está entrando, mas nós mesmos não iremos. Eles me pediram pra ir lá e falar hoje de manhã, pra ajudá-los a conseguir publicidade para isso tudo. É só isso”.

“Isso é um alívio”, eu digo. “Eu chequei o meu seguro de viajem aéreo. Ele não possui validade em uma zona de guerra”.

Adam diz muito seriamente: "Eu acho que, se não estivéssemos em turnê, eu também iria. Todos nós sentamos e assistimos essas coisas na televisão e dizemos: ‘Por que alguém não faz alguma coisa?’ Eu acho que se você tiver a chance de fazer algo, você deve fazê-lo”.

Quando você lê isso em um livro, pode soar como palavras vãs, mas quando o Adam diz isso para mim em uma sala em Dublin, não tem nada de vão, é completamente sincero. Se ele estivesse livre das suas obrigações com os outros, eu acredito que o Adam estaria disposto a arriscar sua vida, não pelo tipo de paixão religiosa do Bono, mas por um velho senso britânico de que essa é simplesmente a coisa certa a se fazer. Há algo contraditório no Adam, que, como Bono diz, ele acha que está na meia-idade desde que tinha vinte anos, mas que também parece um jovem rapaz determinado a mostrar que ele não tem medo, que não irá isentar-se de nada, que ele fará o que for preciso e que não fará alarde sobre isso. Quando você encontra o U2 pela primeira vez, você pensa que o Adam possui a personalidade mais compreensível que qualquer um deles, mas eventualmente você percebe que ele é o mais complicado. Ele registra tudo; Eu acho que ele sente tudo. Mas não demonstra praticamente nada.

Ao contrário de Bono, que mostra tudo o que ele está sentindo no seu rosto, o que está pensando nas suas palavras, e o que comeu no café-da-manhã na sua camisa. O Bono não disfarça as suas complexidades. Eu vou para a sala de controle e Bono está martelando no seu computador pessoal, que se tornou a sua salvação depois de uma vida inteira perdendo as suas letras.

“É tão difícil assistir as notícias vindas da Bósnia”, diz Bono. “Era difícil não sentir-se acusado. Um trabalhador voluntário olhou para mim, e para cada um de nós, dizendo: ‘Vocês são uns *idiotas* por não fazerem nada’. Isso tornou muito difícil minha decisão sobre continuar trabalhando nisso” – ele fez um gesto apontando para o estúdio ao seu redor – “importante”.

Bono leu para mim o que ele estava escrevendo:

Uma vez eu li um livro chamado "A Sangue Frio"
Sobre um assassinato no bairro
As páginas com os fatos não me fizeram nenhum bem
Eu li isso, como um homem cego, com o sangue frio
Então a história de uma criança de três anos de idade
Estuprada por soldados embora ela já estivesse morta
Fez a mãe assistir ela ser estuprada na lama
Eu estou lendo a história agora com o sangue frio
Agora há mais coisas surgindo
Cidade cercada, a pira funerária
A vida é mais barata do que falar sobre isso
As pessoas se engasgam com o vômito dos seus políticos
Na TV à cabo eu vi uma mulher chorar
Ao vivo, via satélite, de uma rua inundada
Garoto confundido com um caixote de lixo
Corpo em que uma criança costumava viver
Eu vi explosivos plásticos e um relógio despertador
Homens errados sentados no banco dos réus
Karma é uma palavra que eu nunca entendi
Como Deus pode levar uma criança de quatro anos de idade a sangue frio?
Eu vivo perto de uma praia, mas parece Nova York
Ouço falarem sobre dez assassinatos antes de chegar ao trabalho
O que vai ser, Senhor, fogo ou dilúvio?
Um ato de misericórdia ou à sangue frio?

“Estou pensando em recitar isso no álbum, apenas com a bateria”, diz Bono. "Trazendo uma nota da brutal realidade. Você acha que isso é demais?"

Eu sugiro que descrever soldados violentando uma criança vai marcar tudo o que vier depois – isso vai interferir no álbum de uma maneira que não se conseguirá recuperá-lo depois.

Bono diz que talvez ele deva fazer isso no palco – uma explosão da crua verdade por todo o campo, pós-modernismo e ironia. Ele vai para outra sala para uma entrevista com Joe Jackson, da revista irlandesa sobre música *Hot Press*, e ele continua falando sobre a Bósnia e em quão pequenos parecem os problemas do U2 quando são comparados com isso.

Ele lê “*A Sangue Frio*” para o Jackson e então diz: “Algumas vezes, no meio de toda a cafonice, você tem que arriscar tudo. Mas essa letra, também, é sobre a sobrecarga e eu quero usá-la ao vivo, mesmo achando que ela possa ser apenas amostras ou linhas, eu gosto. Mas isso não é tanto sobre o sangue frio envolvido nos vários atos que eu descrevo. É sobre a maneira como nós respondemos à essas coisas”.

O símbolo do terror no que era a Iugoslava é o contínuo cerco à Sarajevo, um grande centro cultural, bastante ocidental à sua maneira, e agora cercada pelas armas sérvias. Sarajevo representa o que está em jogo nessa guerra, porque ela não é um enclave étnico, é uma cidade moderna. Os muçulmanos não são fundamentalistas, eles são tão seculares quanto os cristãos britânicos ou os judeus americanos. Sarajevo é uma cidade – assim como Nova York ou Londres – onde a origem étnica não é um grande assunto entre os cidadãos. É importante entender que os sérvios nacionalistas, que estão lançando morteiros contra Sarajevo, não estão apenas atirando em muçulmanos, eles também estão atirando em croatas e sérvios. Os muçulmanos, croatas, judeus e sérvios da cidade estão se juntando, tentando descobrir por que esses fanáticos retrógrados estão tentando matá-los e por que o resto do mundo não está se importando. Imagine a sua própria cidade sendo atacada por grupos de fanáticos fundamentalistas cristãos e você terá uma ideia do que eles estão passando. De fato, é essa mistura de diferentes tribos, a ausência de barreiras étnicas, que os reacionários *Chetniks* [nacionalistas fanáticos] do exército sérvio querem punir e destruir.

Eu suspeito que a relutância do Ocidente em defender Sarajevo tenha raízes tão profundas que nem Sigmund Freud ou Big Bad John poderiam escavá-las. Sarajevo, afinal, é o ponto exato onde o século XX saiu dos trilhos. Foi em Sarajevo, em 1914, que o nacionalista bósnio, Gavrilo Princip, foi capaz, apesar de sua incompetência chaplinesca, assassinar o arquiduque Ferdinand na terceira tentativa, dando início à Primeira Guerra Mundial, que por sua vez, como um efeito dominó, fez estourar a Revolução Russa e a disseminação do comunismo, o nascimento do nazismo na Alemanha, a Segunda Guerra Mundial e o desenvolvimento e a utilização da bomba nuclear, dos quais descenderam todo o terror e mais do que algumas maravilhas do nosso século. Todo estadista que toma decisões agora, aprendeu quando criança nas aulas de história que o mundo seguiu pelo caminho errado por causa dessas *alianças embaraçosas* – porque todos os países da Europa eram malucos o suficiente para permitir que fossem arrastados para uma disputa na longínqua Sarajevo.

Hoje, parece que toda essa sequência de eventos durante esse século foi uma grande aberração histórica e que, à medida que os anos 1900 vão chegando ao fim, todos esses erros estão sendo desemaranhados para que o próximo século possa começar normalmente. Os últimos anos têm sido como uma gravação do século XX exibida ao contrário, de trás para frente, desfazendo todos os desvios das décadas transcorridas desde que o arquiduque morreu: *zap*, lá vai o liberalismo, *zoom*, lá vai a revolução sexual, Santo Deus!, o muro de Berlim acaba de ser derrubado, a Europa Oriental está livre, oh, há esses nazistas podres, o comunismo evapora, uau, lá se vai a própria União Soviética, a subclasse dickensiana[1] retorna, e aqui estamos nós, de volta à guerra nos Bálcãs e todo o mundo tentando evitar ser sugado para dentro da confusão em Sarajevo. *Caramba*, diz o maltratado século XX, *foi aqui que eu peguei o caminho errado!* O "amplo giroscópio" que Yeats[2] descreveu em "A Segunda Vinda" acaba de ter um botão de retrocesso.

---

[1] Dickensiano: adjetivo que teve sua origem no nome de Charles Dickens (1812-1870), escritor inglês. É usado para descrever algo grotesco, espirituoso, ridículo, socialmente marginalizado e até mesmo como uma referência para todo o século XIX.

[2] William Butler Yeats, muitas vezes apenas designado por W.B. Yeats (Dublin, 13 de junho de 1865 — Menton, França, 28 de janeirode 1939), foi um poeta, dramaturgo e místico irlandês. Atuou ativamente no Renascimento Literário Irlandês e foi co-fundador do Abbey Theatre. "A Segunda Vinda" é um poema de sua autoria escrito em 1919. O poema usa imagens cristãs sobre o Apocalipse e a Segunda Vinda, alegoricamente, para descrever a atmosfera da Europa do pós-guerra. É considerado um grande trabalho da poesia modernista

Ainda mais, por trás de toda essa bagagem histórica e política, eu acho que há outra razão pela qual o Ocidente tenha tanto medo em meter o seu nariz coletivo na Bósnia. Superstição. Qualquer um que tenha alguma lembrança infantil do livro de Apocalipse tem pequenas contorções de pavor ao pensar sobre a iminente aproximação do ano 2000. Certamente, Ronald Reagan não fez segredo sobre sua crença na proximidade de um confronto apocalíptico entre as forças da justiça divina e o império do mal satânico. Ele falava alegremente sobre isso até que seus conselheiros o advertiram para calar a boca, *ele estava assustando os cavalos.* Bill Clinton afirma também professar essa antiga religião americana Batista. Assim como Jimmy Carter fez. Apesar do que pensam os sofisticados pseudo-intelectuais da mídia em geral, essa coisa não é apenas a ocupação de ignorantes e marqueteiros. Deus ou seus impostores se escondem atrás da mente de todos, desde Washington a Teerã, desde Waco a Jonestown, e sempre que um século termina Ele começa a cantarolar alto e a limpar a garganta. Quando termina um milênio? Até mesmo Fidel Castro checa a sua Água Benta.

Existem apenas dois lugares onde Deus (vivo ou morto) não é considerado um fator nos eventos humanos – Inglaterra e no mundo acadêmico. Em qualquer outro lugar, Ele figura na maioria das equações ao lado do dinheiro, sexo, propriedade e poder. No ocidente, durante esse século, o principal mito do Fim do Mundo tem sido a lenda do Terceiro Segredo de Fátima. Segundo a história popular (que simplifica ou ignora uma série de ambiguidades do relato verdadeiro), a Santíssima Mãe apareceu para três crianças camponesas portuguesas durante a I Guerra Mundial e previu que (I) a guerra em andamento iria terminar em breve, mas uma guerra ainda maior viria em sequência e (II) a menos que a Rússia fosse convertida, o mundo mergulharia no Armagedom na segunda metade do século.

Uma terceira previsão foi selada e supostamente seria tornada pública em 1960. Isso nunca aconteceu - uma história apócrifa dizia que o Papa João XXIII a abriu, leu e caiu morto. (Talvez isso fosse uma piada metafísica prática, talvez tenha sido dito: "o Papa João morrerá quando ele ler isso"). Tem havido todo tipo de especulações sobre o que é o Terceiro Segredo de Fátima. O mais comum é o rumor que ele dá a data do fim do mundo, e a Igreja teme que, se eles disserem ao público, as pessoas desesperadas acabarão se perdendo em orgias e abandono. O que na realidade não faz sentido algum, porque qualquer um que acreditasse em uma previsão do fim do mundo dada pela Virgem Maria ao Papa seria obviamente alguém que passaria todo o seu tempo restante em confissões e pagando indulgências planárias[1] - e não festejando como se fosse 1999. Pela reação da Igreja, parece mais provável que a terceira carta de Fátima previsse a ordenação de mulheres ou o fim dos benefícios fiscais ao clero ou qualquer outra coisa que realmente aterrorizasse a cúria.

Assim como as aparições de Fátima seguiram de perto a primeira crise de Sarajevo, a crise atual foi acompanhada por relatos de visões de Maria em Medugorje, uma aldeia iugoslava nas montanhas, cerca de cento e cinquenta quilômetros de Sarajevo. Diz-se que a Santíssima Mãe teria começado a aparecer para crianças nesse local em 1981. A notícia se espalhou rapidamente e os fiéis começaram a inundar a Iugoslávia em trens, aviões e automóveis.

Eu tenho toda a informação sobre Medugorje do meu tio Gus, que viajou para lá em um avião carregado de peregrinos americanos. Quando ele voltou, perguntei ao Gus o quão sagrada foi sua hégira[2]. Ele disse que foi difícil deixar para lá a atitude arrogante dos seus companheiros de fé. "Quando chegamos lá, um

---

[1] Indulgência plenária: remissão completa, concedida pela Igreja Católica, de todas as penas temporais merecidas pelo pecado.

[2] Hégira: A fuga de Maomé de Meca, sua cidade natal, para Medina, no ano 622 da era cristã. Em sentido figurado significa Êxodo; qualquer tipo de fuga, de saída de um lugar para outro.

cara começou a amaldiçoar todos os cidadãos locais que não falavam inglês. Ele gritava: 'Esse lugar está cheio de estrangeiros!' Então, entramos na sala onde as crianças estavam ajoelhadas. Nós ficamos ali observando por um tempo. Todas, de repente, começaram a sorrir. Seus olhares se moveram em uníssono para um lado da sala. 'A Santíssima Mãe está aqui', disse o nosso tradutor. As crianças falavam, conversando com alguém que não conseguíamos ver. Então eles perguntaram se qualquer um de nós, visitantes americanos, tínhamos qualquer dúvida que gostaríamos de perguntar à Virgem Maria".

"Caramba, Gus", eu disse, "essa foi uma tremenda oportunidade. Espero que você não a tenha desperdiçado perguntando sobre corridas de cães".

"Não, a princípio ninguém sabia o que perguntar a ela. Então, uma senhora levantou a mão e disse: 'Existem gatos no céu?' O tradutor nos explicou que, na verdade, as crianças não iriam querer incomodar a Mãe de Deus com esse tipo de pergunta e se nós tínhamos algo realmente importante para perguntar. Então, em seguida, um homem levantou a mão e perguntou: 'Existem pessoas negras no céu?'"

O tradutor se deu por vencido e, então, Gus considerou que talvez grande parte da humanidade tenha boas razões para se preocupar em ser lançada no inferno. Eu acho que a Madona Negra da Czestochowa não fazia parte do itinerário desse grupo.

Apesar de o país em torno do santuário ter sido destruído pela guerra, peregrinos continuam chegando em Medugorje, e as crianças que dizem ter visto Maria haviam recebido uma missão secreta a ser cumprida. Para se preparar para o que, ninguém sabe - talvez eles estejam recolhendo mantimentos para a próxima Última Ceia.

Não pense que essa busca por sinais do fim é apenas propriedade dos católicos romanos! Protestantes fundamentalistas começaram a se ajoelhar como jesuítas após o acidente de Chernobyl, a usina nuclear ucraniana, em abril de 1986. O desastre de Chernobyl foi, em muitos aspectos, a primeira evidência pública do iminente colapso do império soviético. Os níveis de radiação atingiram lugares tão distantes como a Noruega, onde as renas receberam a radiação. Os leitores da Bíblia enlouqueceram ao saber pelas notícias, que Chernobyl traduzido para o inglês (*Wormwood*) significa "absinto". O livro de Apocalipse prediz que um dos sinais do fim do mundo será a poluição de rios e nascentes por uma grande estrela flamejante: "O nome da estrela era Absinto; e um terço da água transformou-se em absinto, e um grande número de homens morreu porque as águas estavam envenenadas".

Na próxima segunda-feira, a esposa do Bono, Ali, irá à Chernobyl passar três semanas com um grupo do Greenpeace para fazer um documentário sobre os efeitos da radiação por lá. Ela ignorou as preocupações de Bono sobre o perigo, dizendo que ele está mais exposto à radiação estando toda noite no centro de todos os campos elétricos do palco da Zoo TV, do que ela estará em Chernobyl.

Eno tenta acalmar a ansiedade de Bono dizendo a ele que, de acordo com uma teoria, o desastre de Chernobyl foi exagerado pelos ucranianos a fim de constranger as autoridades soviéticas e acelerar a separação da Ucrânia da URSS. É uma boa teoria, mas não explica por que Rudolph (a Rena do Nariz Vermelho) já não é mais a única rena que brilha.

Desde a queda do comunismo, tem havido todo tipo de mau agouro no ar. Enquanto o U2 está lutando para capturar em vídeo os contraditórios sentimentos de alívio e apreensão, as nações da Europa Ocidental estão abrindo suas fronteiras e debatendo sobre a fusão das sua respectivas moedas. Todo o

empreendimento da Zoo TV está acontecendo enquanto o túnel do Canal da Mancha, que ligará a Inglaterra à França, está sendo escavado. Cabos estão sendo passados, satélites estão subindo, paredes estão vindo abaixo. É sem dúvida o fim de um mundo. O burburinho de ansiedade que atravessa a cultura é sobre o que virá depois disso.

Ocorre-me que poderíamos aprender algo se descobríssemos quando esses eventos chegaram ao seu ápice. Vamos ver, 1914 a 1994 é um agradável arrumado período de oitenta anos. Corte-o ao meio e isso significa que o ponto culminante deste século cacofônico ocorreu em ... 1954. Bem, é evidente que sim! Você sabe e eu sei qual foi a única coisa importante que aconteceu em 1954, não é mesmo? Foi o ano em que o caminhoneiro Elvis Presley entrou no Sun Studios pela primeira vez e misturou música country com rhythm-and-blues[1]. Esse ano foi o começo do rock & roll! O marco, no meio do caminho, entre Sarajevo de 14 e Sarajevo de 94 é "Milk Cow Blues Boogie". *Woo hoo*, como dizem os estudiosos, *é isso ai*.

---

[1] Um estilo de música desenvolvido pelos afro-americanos que combina Blues e Jazz.

24. Não entre quando a luz vermelha estiver piscando

uma música para squidgy / o sal na ceia de nero / uma bolsa de dinheiro no banco de trás de um táxi / adam vivencia uma oscilação de humor / the edge em seu ambiente

O U2 está improvisando de novo, criando músicas o suficiente para lançar coletâneas e boxes por anos depois que seu avião cair. Observando-os trabalhar dessa maneira, é realmente impressionante quantas músicas frequentemente creditadas somente ao Edge dependem exclusivamente de Adam e Larry. Adam costuma tocar com um som de base vibrante e cheio, como o de um baixista jamaicano, que preenche o grande espaço sonoro com o menor número de notas. Larry, que aprendeu a tocar bateria por conta própria e, consequentemente, aprendeu algumas coisas tecnicamente erradas, toca com uma rigidez marcial, mas usa sua bateria de uma maneira que um baterista devidamente treinado nunca faria. Ele tem tom-toms em cada um de seus lados, caindo no hábito de sair da caixa (snare drum) para os tom-toms, que é contrário a como muitos percussionistas usariam esses tambores. Não estamos falando sobre grandes inovações técnicas aqui; estamos falando sobre hábitos peculiares pessoais de mais de quinze anos que se solidificaram, fazendo com que grande parte do que o U2 faz sempre soe como o U2, não importa o estilo musical que eles estejam tocando. É também por isso que bandas que imitam o U2 nunca conseguem acertar, e o porquê guitarristas que tentam tocar como Edge acabam soando pouco convincentes; sua sessão rítmica nunca soa como Adam e Larry.

A grande piada é que o modo como Adam e Larry tocam reflete perfeitamente suas personalidades. Larry está ditando o ritmo, um pouco adiantado – como seria de esperar de um homem tão ordenado e pontual em sua vida. Adam toca um pouco atrás do ritmo, esperando até o último momento para entrar, o que combina com a personalidade casual e despreocupada de Adam. O grande baixista e compositor Charles Mingus disse que os músicos não devem pensar no ritmo como um ponto que se deve pousar precisamente, mas como um círculo no qual se pode pousar em qualquer lugar. Adam e Larry, que aprenderam a tocar seus instrumentos juntos desde que eram estudantes, estão trabalhando em exemplos do ponto de vista de Mingus. Eles tocam juntos por tanto tempo que parece que o ritmo se propaga entre eles. E eles criam uma camada no qual repousam os acordes de Edge.

Flood diz: "Larry e Adam estão constantemente empurrando e puxando, mas eles se conhecem tão bem que sabem onde cada um deles pode chegar e trabalhar dentro disso. E você tem essa estranha tensão no ritmo das faixas. É uma espinha dorsal tão forte que permite ao Edge uma certa liberdade para mover-se em primeiro plano".

A banda termina de tocar uma caótica jam [improvisação] e depois se encontra com os produtores na sala de controle para que eles a ouçam. Edge pega um marcador de texto para adicionar a música à lista no quadro branco. "Como vamos chamá-la?" Edge pergunta. "Slidey", Bono sugere.

Edge começa a escrever e Eno, sorrindo, diz: "Squidgy"[1]. Todos começam a rir. "Sim!" Bono diz. "Squidgy!" Edge escreve. Squidgy é o nome carinhoso pelo qual a princesa Diana é chamada por seu suposto amante em uma suposta gravação de uma de suas supostas conversas telefônicas que os tablóides britânicos (e de fato jornais por todo suposto mundo) conseguiram e publicaram. Bono quer saber: "Podemos obter as fitas?"

---

[1] Eno faz um jogo de palavras com Slidey e Squidgy, que basicamente têm o mesmo significado: Escorregadia.

Edge diz que os atores representando a princesa e seu amante leram as transcrições na TV na semana passada. "Ótimo!" diz Bono. "Vamos consegui-las!" Rapidamente surge a ideia para que o diálogo entre Di e seu namorado seja a letra dessa faixa. O U2 e seus parceiros estão dando cambalhotas em êxtase com o brilho malévolo da ideia. "Nosso *je t'aime* para a família real!" Bono diz.

Edge diz que concordou com o príncipe Charles pela primeira vez quando ele disse à sua amante, em outro telefonema gravado, que ele desejava poder reencarnar como um par de calças femininas. Bono anuncia que esta faixa 'Squidgy' deve ser vista como uma declaração de apoio a Charles. As pessoas reviram os olhos e tossem alto depois dessa.

Finalmente o integrante geneticamente inglês do U2 começa a falar. "Você percebe", diz Adam, "que se formos em frente com isso minha mãe nunca vai me perdoar? Pop star ou não pop star você não entra nesta casa!" "Ela é monarquista?" Edge pergunta. "Sim. Ela está além da lógica". "De quem ela gosta?"

"Charles. Ela acha que Diana se perdeu. 'É óbvio, ela perderá as crianças…'"

"Anne se tornou a mais popular agora", diz Edge. "Ela é o Bruce Springsteen da realeza. 'Temos que dar crédito a ela, ela está se expondo!' Considerando que Charles é agora o *Sting*".

"Eu acho", Larry diz, "que isso faz da Fergie a Madonna".

É hora de tentar tocar a música novamente. Eno intima Larry e Adam para voltarem para seus instrumentos, exclamando: "Envie aos encanadores!" Adam – cometendo um terrível erro – pergunta em alto e bom som de onde vem a palavra *encanador*. Isso faz com que Eno comece um tutorial de uma hora de duração sobre a origem da palavra encanador que deriva da mesma raiz latina de chumbo, que o leva a histórias entrelaçadas de encanamentos e envenenamento por chumbo, de volta à Roma antiga. Eno teoriza que a queda do Império Romano pode ser atribuída ao envenenamento por chumbo (Larry e Adam largam seus instrumentos e pegam o telefone para pedir comida indiana) causado por um encanamento ruim afetando a sanidade dos antigos italianos.

Logo depois nós estávamos no salão do bar abrindo pacotes de tandoori[1] enquanto Eno continua sua exegese e Edge lança uma pergunta de vez em quando. Enquanto come, Eno explica que um historiador moderno recriou uma refeição servida a Nero a partir de uma receita encontrada em um recipiente encontrado em uma escavação e descobriu que a comida resultante era tão cheia de sal que era literalmente intragável. "Agora", Eno diz, levantando o seu dedo indicador, tão triunfante como uma bandeira de batalha, "qual doença tem como um de seus sintomas a perda da capacidade de sentir o salgado?" Um silêncio recai sobre a mesa. "Envenenamento por chumbo!"

Depois dessa conversa todos deixaram de lado o saleiro que estava na mesa do U2 essa noite! Quando terminamos de comer, Bono olha em volta do refeitório e diz: "Isso parece com o lugar onde nós fizemos as nossas primeiras apresentações, mas aqueles lugares eram ainda menores".

Larry pergunta se os outros lembram onde foi o lugar que Bono teve que cantar em cima de uma mesa de sinuca. Ele diz que outro dia estava se lembrando quando eles viajaram para um show em algum lugar no sul, com o carro do Paul McGuinness... Bono se mete na conversa: "Você ficava chutando as

[1]Tandoori é um prato preparado com frango assado marinado em iogurte e especiarias em um tandoor, um forno de barro cilíndrico. O prato é originário do subcontinente indiano e é popular em muitas outras partes do mundo.

costas dele com o seu joelho na parte de trás do banco – e ele pensava que você estava fazendo isso de propósito!"

Larry ri às gargalhadas: "Ele achou que eu não gostava dele! Existe um grande livro a ser escrito sobre o início da carreira do U2!"

Edge olha pra mim e diz: "Oh, não, não existe".

Bono conta a história de quando Barry Mead, o primeiro agente de turnês do U2, foi pela primeira vez aos Estados Unidos. Ele estava nervoso porque carregava U$ 10.000 de lucros no banco de trás de um táxi em Nova York preso no tráfego, quando um ladrão que fugia de um assalto de U$ 70, pulou para dentro do táxi, colocou a arma na cabeça do motorista, e gritou: "Se manda!"

"Não podemos nos mandar!" o motorista disse. "Estamos presos no trânsito!" Antes que a discussão pudesse continuar, os policiais correram e detiveram o rendido ladrão. Eles então arrastaram o abalado agente da turnê à delegacia para explicar a sacola de papel cheia de dinheiro.

A banda volta ao trabalho. Bono ainda está tentando encontrar uma abordagem vocal para "If God Will Send His Angels" e não consegue chegar a lugar algum. Ele está experimentando diferentes melodias, cantando um artigo de jornal sobre um escândalo envolvendo uma estrela do cinema, procurando por uma letra à medida que avança. De repente, Bono dá um salto, sua comida tandoori demanda evacuação. "Eu já volto!" ele uiva. "Um indiano está atrás de mim!"

Enquanto ele está fora, Larry, que ouvia silenciosamente enquanto Bono improvisava, diz que tem uma ideia para uma melodia. Ele canta e Eno, Edge e Flood acham que está boa. Quando Bono retorna, Larry canta novamente para ele, e então Bono começa a tentar trabalhar com isso. Ele está distraído. Bono tinha prometido passar algum tempo em casa com Ali antes dela viajar pra Chernobyl e até agora ele se mostrou ser um grande mentiroso. Logo ele irá embora. Eno levanta acampamento com o engenheiro Robbie Adams e vão para o estúdio do Windmill Lane, logo dobrando a esquina, onde eles montaram uma segunda oficina para manter o bom funcionamento da linha de montagem do disco.

Enquanto o Edge trabalha com mais algumas fitas, Adam e eu vamos à sala de estar pra conversar. Pergunto ao Adam se ele também estava tão abalado quanto Bono por causa da reação negativa ao *Rattle and Hum* e ao beco sem saída a que ele os levou.

"Todo mundo entendeu o que tinha acontecido com o filme", diz Adam. "Eu não acho que no fundo realmente machucou tanto ao Larry, a mim mesmo, ou ao Edge. Acho que nós sentimos: 'Ok, é bastante justo'. Mas a banda fez um grande esforço para compor novas músicas para a trilha sonora do álbum e trabalhou muito duro para fazer com que soasse bem no filme e no próprio álbum. O Edge estava fazendo todo tipo de diferentes mixagens: tinha uma para o filme em estéreo, uma para o vídeo cassete em mono, uma terceira para o álbum, e ainda por cima, produzindo algumas novas faixas maravilhosas, um trabalho de ótima qualidade. Todo mundo ficou bem irritado por ter sido criticado após todo esse esforço para fazer algo de que todos nós estávamos orgulhosos e era de grande valor para os nossos fãs".

Então, a banda estava para baixo e sentindo-se sob intensa pressão por estar indo para a Alemanha começar o *Achtung Baby*. Eu lembro a Adam sobre a insistência de Larry para que os quatro cruzassem os seus braços antes de terminar o álbum no primeiro processo que nasceu em Dublin.

“Mais do que terminar o álbum”, diz Adam, “isso tinha que ver com sermos capazes de estar juntos na estrada pelos próximos dois anos. Certamente, o espírito com o qual nós saímos para a estrada [depois de gravar o disco em Hansa] era muito mais saudável”.

“Em Berlim, éramos dependentes da companhia uns dos outros e tínhamos que decidir o quanto gostávamos um do outro. Não estou dizendo que isso foi facilmente resolvido. Provavelmente levou todo o período de gravação do álbum para que todas as questões fossem resolvidas. Acabo de me lembrar que todo mundo se apoiava em todos os outros para resolver os seus problemas. O que quer que saísse de errado era sempre culpa da outra pessoa”.

“Os problemas surgiram porque a visão não estava clara. Dan, como produtor, estava enraizado na maneira antiga daquilo que fizemos, adicionando atmosferas e texturas ao que tocávamos. Isso era muito frustrante para Bono porque não estava lhe dando a inspiração que ele precisava. Então, ele estava tipo que lutando em todas as frentes. Bono estava tentando invadir Leningrado e proteger a Europa ao mesmo tempo”.

“Havia um problema geral de comunicação entre todos. Houve um mal-entendido sobre a quantidade de esforço e coesão que eram necessários para se ver além desse projeto. Considerando que com esse projeto provavelmente há menos músicas do que existiam ao iniciar o *Achtung Baby*, a comunicação é bem clara e nós não temos muito tempo. No *Achtung Baby* tínhamos tempo e aquilo foi uma espada de dois gumes. Possibilitou-nos não fazer face ao problema, apenas para continuar com a frustração. Quando em dúvida, o Edge faria outro overdub de guitarra. Ele faria qualquer coisa para manter a sensação de momento constante. Fazer overdubs de guitarra por uma semana lhe daria essa sensação.

“Quando Edge consegue um bom desempenho, ele de fato entra em um ciclo. Ele está sempre feliz por continuar. Eu acho que seu processo de *sempre continuar*, mesmo que seja prejudicial numa forma pessoal, permitiu que ele fizesse grandes progressos, e isso tem sido a coisa certa para a sua carreira. Ele fez um tremendo progresso, ele é um ótimo guitarrista”.

Você achou que nos últimos dias em Berlim a banda poderia ter acabado?

“É difícil falar depois do acontecido, mas eu me sentia otimista. Sentia que essa ideia estava lá apenas se pudéssemos deixar isso acontecer. Eu não sentia que estávamos muito distantes disso como o Bono achava. Faltavam apenas algumas decisões corajosas tomadas de forma que todos contribuíssem para o consenso. E o Bono, através da sua própria frustração, raiva e alienação com todos, chegou a um ponto onde ele não estava preparado para ouvir o ponto de vista de mais ninguém. Talvez ele estivesse sobre uma pressão tão grande que o seu próprio ponto de vista tenha se desgastado, e ele precisou exagerar isso para conseguir seguir em frente”.

O novo U2 que emergiu de toda essa tensão é amplo o bastante para conter muitas contradições. Apesar de toda confusão sobre o que eles estavam tentando extrair com o *Achtung Baby*, em retrospecto, o álbum provavelmente salvou a carreira do U2. Embora ninguém tenha previsto isso naquela época, todos os contemporâneos do U2 da década de 80 que recentemente lançaram álbuns mantendo seus estilos usuais – Springsteen, Dire Straits, INXS, Gabriel, Petty – sofreram grandes quedas nas vendas. Verificou-se que estava havendo uma mudança cultural na música pop que poderia ter afundado um *Joshua Tree 2*, do mesmo modo como atingiu esses outros artistas. Toda uma safra nova de bandas que iam de Pearl Jam à Smashing Pumpkins tinha dominado as rádios, a MTV e as vendas de discos. Ao

adiantar apenas um minuto à frente dessa nova cultura, o U2 se estabeleceu como o primeiro desses novos grupos, e não como o último dos antigos.

"Tivemos a sorte de ter sido uma banda jovem", Adam me lembra. "Eu sou o mais velho e tenho trinta e dois anos. Muitos de nossos contemporâneos ainda estavam lutando nessa idade. Quando chegam a seus quarenta anos talvez seja um pouco tarde demais para que eles possam voltar a estaca zero". Os erros que cometemos no começo – não entender o que era ser legal, não entender a atitude, roupas e cortes de cabelos – eram porque tínhamos dezessete e dezoito anos e os nossos ídolos, como o The Clash, The Jam e The Police, que tinham toda essa merda, estavam gravando os seus primeiros álbuns aos vinte e sete ou vinte e oito anos. Estávamos gravando o nosso primeiro disco quando tínhamos vinte anos! Então, sim, eles tinham sua imagem de grupo. Levamos quinze anos para conseguir montar a nossa imagem de grupo, ou de fato, para perceber que a imagem é importante". Adam sorri. "E não importante".

Finalmente Edge chega com uma fita cassete dentro de um aparelho de som, de uma sessão do U2, senta-se no piano e começa a tocar acordes no piano juntamente com a música. O Adam se levanta e volta para a sala de controle. Já se passaram das 11 da noite e Flood é o último da equipe que ainda permanece no estúdio. Adam e Flood conversam sobre as sessões. Um dos aspectos mais estranhos desse método de trabalho é que quando os 4 membros do U2 ensaiam juntos eles surgem com músicas que soam como se fossem de qualquer era da banda – do *Boy* ao *The Joshua Tree*. Mas as regras do novo U2 exigem que tais sons familiares sejam descartados ou contestados. Para Adam, às vezes isso é um exercício de intelectualização que não necessariamente produz a melhor música possível.

Ele diz a Flood que não virá amanhã – ele vai ao casamento de um velho amigo e que está realmente precisando de uma folga. Adam diz que se lembra do "buraco negro" em que o U2 entrou depois do *The Joshua Tree*. "Gravar o *The Joshua Tree* foi descontraído, muito divertido", diz Adam. "Depois tudo explodiu. Aquela turnê foi uma merda. *Rattle and Hum* foi uma merda. Fazer o *Achtung Baby* foi uma merda". Adam, obviamente, está falando sobre a atmosfera do trabalho e não sobre o trabalho propriamente dito.

Flood se solidariza: "Eu me lembro de uma reunião feita para agendar uma reunião para decidir sobre tomar uma decisão".

"Foi somente na Zoo Tv que as coisas se acertaram de novo", Adam diz com tristeza. "E agora aqui estamos, de volta ao estúdio, fazendo tudo novamente por nós mesmos".

"Mas vocês cumpriram o que propuseram fazer", diz Flood. "Quando uma banda está se reinventando, como o U2 está, deve haver muita teorização. Daqui para frente vocês terão que carregar esse fardo extra".

Não é difícil entender a frustração de Adam com o método socrático para a gravação de um álbum. Quando há um desentendimento sobre qual caminho seguir com uma música, o argumento que mais tem probabilidade de ganhar é o feito por aquele que marca mais pontos no debate sobre qual música soa melhor. É lógico que se todos concordam que uma determinada música soa melhor, não haverá debate.

Adam diz que fazer os três primeiros álbuns do U2 foi divertido. Eles foram feitos em semanas. "*October* foi nosso suor e sangue, esperando pelas letras. Para o *War* nós tínhamos todas as músicas e foi fácil.

Unforgettable Fire foi difícil. Os mesmos buracos negros, esperando pelas letras. Nós tínhamos seis músicas, então Brian surgiu com 'Elvis Presley and America' e '4th of July' e nos deu algo para amarrar o álbum". Ele senta tristonho, melancólico, refletindo sobre o peso da bagagem que foi atrelada a uma banda que costumava apenas entrar em uma sala e tocar.

A cabeça de Edge aparece na porta. "Telefone para você Adam. Acho que é Naomi".

Adam vai para o aposento adjacente atender a ligação e Edge entra para tocar para Flood o trecho do piano que ele acabou de gravar no aparelho de som. Flood ama o trecho. "Vamos encontrar uma faixa de apoio sem acordes", diz Edge, "e colocá-la no papel. Vamos tocar para o Bono algo que ele nunca ouviu e então damos a ele um microfone".

Adam retorna com um grande sorriso no rosto. "Adivinhem quem eu terei como hóspedes em minha casa nesse fim de semana", ele anuncia. "Naomi Campbell e Christy Turlington! Elas acabaram de decidir! Estão indo direto para o aeroporto".

As duas supermodelos estão presas em Paris, chegaram tarde demais para embarcarem em um avião, então Adam se oferece para alugar um jatinho e enviá-lo para trazê-las até o seu castelo.

Flood olha para Adam, cujo humor negro da banda o havia transformado, e diz: "Vida dura".

Adam sai para preparar seu apartamento de solteirão para as visitas. Esta é a hora da noite em que Edge e Flood vão para o trabalho como elfos sapateiros, indo até altas horas da madrugada, de modo que, quando os outros retornam na manhã seguinte, ficam impressionados com as criações expostas diante deles.

O técnico de guitarras de Edge, Dallas, aponta para seu chefe e sorri: "Esse cara nunca vai pra casa". Dallas já trabalhou para vários cachorros grandes do negócio da música, desde Eagles até Prince, mas o U2, ele diz, é diferente. Dallas afirma que eles geralmente entram no estúdio sem uma música, improvisam juntos e você pensa que nada está acontecendo, e de repente – bum – uma música aparece. E eles mudam qualquer coisa. A maioria das bandas se restringe a tocar uma música de uma mesma maneira. O U2 irá trabalhar e trabalhar em alguma coisa, quase terminar, e então um dos caras de repente mudará a parte que estava tocando e os outros o seguirão para uma direção completamente diferente, Bono começará a cantar uma melodia diferente e você pensa: "O que eles estão fazendo? Estava quase pronta! Terminem logo!" Mas geralmente, diz Dallas, essa nova parte os levará a algo melhor do que o que eles tinham antes.

Parece-me que o U2 tem mais fé na força de uma música em si do que muitas outras bandas. Vários artistas tratam suas músicas como objetos frágeis que podem ser facilmente destruídos. O U2 sabe que, quando um experimento falha, o original ainda estará lá e é possível retornar à ele.

Edge coloca sua nova demo para tocar e a ouve. Ele pergunta se Larry ainda está no prédio. "Não", responde Flood, "O Larry foi para casa". Edge se levanta e vai para a sala grande, se senta em frente a bateria do Larry e começa a golpeá-la numa batida sem ritmo enquanto toca sua demo. Ele intercepta

um roadie[1] que está arrumando uma mala de viagem e pede para ele vir até a bateria e continuar tocando. O roadie faz o que ele pede, e Edge vai para o teclado, adicionando um outro trecho.

Flood grava tudo e, em seguida, Edge volta a ouvi-la. Ele acha que dá para formar uma música, mas gostaria de escutá-la com uma estrutura diferente – é só usar esse trecho como introdução, repetir o verso duas vezes, repetir a introdução até entrar no refrão final. Ele pensa sobre isso por um tempo e então pergunta a Flood se seria possível pegar uma amostra de cada seção da música e introduzí-la no teclado, de modo que quando uma tecla fosse pressionada tocasse apenas o refrão, outra tecla apenas a introdução, outra tecla, o verso. Flood assegura que sim. Ele extrai um sampler[2] e começa a fazer isso.

Quarenta e cinco minutos depois, Edge está no Paraíso do Edge, sentado no sofá do estúdio diante de um teclado, cobrindo as teclas com fitas adesivas, etiquetando as diferentes partes de sua música. Ele pode tocar uma dúzia de variações da faixa com apenas um dedo. Flood grava tudo capturando as diferentes versões, enquanto Edge experimenta um refrão no início, usando a introdução como encerramento da música, e todos os outros rearranjos estruturais que ele possa imaginar. Ele não está pensando em prazos, lançamentos de álbuns, ensaios para turnês ou problemas familiares agora. Edge está perdido em sua música, e ele permanecerá feliz, por estar ali durante toda a noite.

---

[1] Roadie é um técnico responsável que acompanha uma banda para todos os espetáculos. Apoia os músicos nas montagens e desmontagens dos shows, garantindo que fique tudo tecnicamente bem ligado e como os músicos gostam. Entre outras coisas, o **roadie** é responsável por: descarregar e carregar os carrinhos com o material, montagem de todos os equipamentos no palco, apoiar as montagens, afinações e programação da iluminação do show, apoiar as montagens de cenografia, coordenar as ligações de vídeos, afinar instrumentos. Durante o show, também está disponível para qualquer eventualidade ou problema em cima de palco. Estará sempre em contato com os técnicos de som de frente, som de palco, iluminação e vídeo para que possa resolver de imediato possíveis problemas. Para ser roadie é necessário um conhecimento transversal dos meios técnicos e de música.

[2] Teoricamente a técnica da sampleagem é extrair de uma gravação algum trecho da construção musical e utilizá-la para a construção de uma nova música. Em parte ou em seu todo. "Sample", em inglês, significa "amostra". Um sample de bateria, por exemplo, é uma amostra de som "tirado" desse instrumento, via gravação digital, por exemplo. Quando alguém "sampleia" um som, este alguém (ou algo) está gravando amostras de áudio para uso posterior ou não. Exemplos: 1) Baixo do "Under Pressure" do Queen, virando base para a música "Ice Ice Baby" do Vanilla Ice. 2) Sample da versão da Andrew Oldham Orchestra para a música dos Rolling Stones, "The Last Time" virou "Bittersweet Symphony" do Verve.

25. Stay

assistindo bono escrever uma canção / crítica típica do baterista / a grande decisão de ir em frente com um álbum / a perspectiva de flood / bono, a babá / o grande debate sobre *wanderer*

Bono e Edge estão em frente ao quadro, estudando sua longa lista de músicas e montando possíveis sequências para o álbum. Existem pontos de diferentes cores ao lado de cada título, significando o quão distante do final cada faixa está. Um ponto vermelho significa que a música está quase lá, um ponto verde, que a melodia está terminada, um ponto azul, que a letra está pronta. Um X significa "mixar a danada". Eles estão discutindo com Larry uma faixa que estão ouvindo e que se chama "Sinatra". Como esse título sugere, a música foi escrita pelo Edge, em uma tentativa de imitar as estruturas clássicas de canções do estilo pop de Tin Pan Alley[1]. Num certo momento, Bono estava até cantando versos de "the wee small hours"[2] em cima da melodia. Bono está tentando encontrar novas palavras e Larry dando os seus palpites. Larry diz que há palavras improvisadas em demasia, linhas cheias de inúteis "*ands*" [es] e "*thes*" [os/as]. Bono deveria encurtar essas linhas. Larry também acha que há alguma coisa fora do ritmo.

"Percussão?" pergunta Edge.

"Não", diz Larry, "o baixo". Todos eles riem. Adam tinha saído com Naomi e é bom ele ficar atento se quiser que suas batidas permaneçam quando ele estiver de volta. Na verdade, Larry diz que ama a parte do Adam, mas detesta o efeito fantasmagórico que os produtores colocaram, utilizando eco, que altera a linha do baixo.

"Então, basicamente", diz Edge, "a sua crítica é: muito baixo, muitas palavras, pouca bateria". Todos se racham de rir com a crítica típica do baterista. Bono diz que o que Larry realmente deseja é ser o cantor, Bono quer ser o guitarrista, e Edge é um baterista frustrado. "Adam só quer tocar o baixo".

Edge e Larry saem para tomar algumas decisões sobre a turnê e o Bono volta sua atenção para a faixa em progresso. Um monitor de TV foi trazido para dentro da sala e ele coloca uma sequência do filme que o Wim Wenders está fazendo, uma continuação de "Asas do Desejo", que será chamada "Far Away, So Close" [Tão Longe, Tão Perto]. A cena mostra um anjo no alto, sobre Berlim, olhando para baixo contemplando a terra. O anjo salta de sua plataforma, trocando a divindade por mortalidade. Enquanto assistimos, Flood coloca "Sinatra", uma melancólica faixa instrumental. Bono começa a cantar junto: "Green light, 7-Eleven[3]/ You stop in for a pack of cigarettes/ You don't smoke, don't even want 'em/ Check your change". [Farol verde, 7-Eleven/ Você para e compra um maço de cigarros/ Você não fuma, nem mesmo os deseja/ confira seu troco].

---

[1] Tin Pan Alley é o nome dado ao grupo de produtores musicais e compositores, baseados em Nova York, que dominou a música popular dos Estados Unidos no final do século 19 e começo do século 20.

[2] In the Wee Small Hours of the Morning: canção gravada por Frank Sinatra, em 17 de Fevereiro de 1955, e publicada em 1955 como o faixa principal do álbum In a Wee Small Hours.

[3] 7-Eleven é uma marca internacional, licenciada, e operadora de lojas de franquia, a maior cadeia de lojas em todas as categorias. Suas lojas são encontradas em 18 países.

Isso está assombroso, solto e leve. Bono pergunta o que eu penso e digo a ele que está muito bom. Ele tenta mais alguns versos. Ele canta: "And if you hit me, I don't mind/ 'Cause when you hurt me I feel alive". [E se você me bater, eu não me importo/ Porque quando você me machuca eu me sinto vivo]. Então ele diz que seria melhor se ele mudasse a perspectiva para: "And if he hits you, you don't mind". [E se ele te machuca, você não se importa].

Sim, eu digo, isso é muito mais concreto. Numa linguagem mais informal, o *you* [*você*] na primeira versão soa como *one [um]*. Alterar para *he* hits *you* [*ele te machuca*] torna-a mais vívida. Juntamente com um verso que diz que a vítima está "dressed like a car crash" [vestida como um acidente de carro] você está criando um personagem real. Eu digo a Bono que isso me faz pensar em um garoto gay de uma cidade pequena. Ele diz que está imaginando uma mulher, não um homossexual, mas é ótimo que se possa interpretar de maneiras diferentes. Ele se senta em um sofá na sala de controle e canta com um microfone de mão, inclinando-se para frente para colocar toda a sua emoção, apertando seus olhos fechados, levantando o seu braço nos versos principais. Bono cantando no sofá do estúdio não se comporta muito diferentemente do Bono cantando em um estádio de futebol. Ele tenta gravar duas vezes, em duas versões diferentes, sobre a faixa base, uma lenta e taciturna, outra mais rápida e mais forte.

Cantando sobre a faixa base mais forte, ele decide que a música não é mais sobre o anjo de Wenders, então ele deveria mudar uma linha do refrão, que é agora: "Stay – as the angel hits the ground". [Fique – como um anjo que atinge o chão]. Qual é a frase melhor? Ele pede sugestões, parando em "Stay and the night will be enough" [Fique e a noite será suficiente]. Ele diz que a música agora é forte o suficiente para ir em frente. Ele canta o refrão com essa frase, tentando diferentes pontos, desde a primeira linha do refrão até a última. Quando ele a canta como conclusão, ele realmente faz uma grande declaração, levantando a mão direita no ar e clamando: "Stayyy – and the night will be *enough*". [Fique – e a noite será suficiente].

Flood é cauteloso em realação ao melodrama; está ficando um pouco romântica demais para o seu gosto. Quando Bono tenta cantar: "Stay – with your secrets sleep in grough" [Fique – com os seus segredos dormindo aborrecida]. Flood bate o pé. *Secrets* [*Segredo*] é uma das palavras que faz o seu detector de anticlímax vibrar. Conforme a música vai ganhando uma personalidade grandiosa, Bono faz pequenos ajustes em outras partes. Para entrar no contexto de Wenders ele tem o verso: "Farway, so close, up with the static and the radio waves" [Tão longe, tão perto, junto com os ruídos e as ondas de rádio]. Ele havia dito "radio waves" [ondas de rádio], a fim de ser deliberadamente não-romântico, mas agora que a música está tomando outro rumo, ele vai tirar a palavra *waves* e cantará mais ao estilo Van Morrison, "Up with the static and the radio".

Bono deveria estar onde Ali está, onde Adam está, no casamento de um amigo. Ele disse à sua esposa para ir na frente, ele iria encontrá-la lá, depois de uma rápida parada no estúdio. Isso foi há horas atrás. Quando Flood diz: "Que tal outro take?" Bono diz: "Que tal um divórcio?".

Edge chega para ouvir o que o Bono tinha feito com "Sinatra". Ele ouve, aprova, e eles brincam com um efeito de *fade-out*[1], *ba*ba*ba*... indo para o final da melodia. Eu digo que isso soa como "My Cherrie Amour" e Bono me garante, com um olhar ameaçador, que ele não está familiarizado com essa música, mas que ele, com certeza vai comprar uma cópia amanhã e verificar.

---

[1] Efeito de gravação em que a música vai terminando com a diminuição do volume enquanto os músicos continuam tocando e cantando.

“Ela está ficando bem californiana”, diz Flood.

“Sim”, diz Bono. “Parece ser como... quem é aquele compositor que vive na praia em Malibu e escreve todas as músicas que soam parecidas com esta?”

Edge: “Sting?”

Burt Bacharach é o nome que Bono está procurando.

Edge vai embora e Bono continua trabalhando nas faixas, mudando a letra ligeiramente a cada vez. Ele diz a Flood para alterar o título da música listada como “Sinatra” para “Stay”. Embora, ele considera, que ele deveria tentar obter alguma referência ao filme de Wim. Ele decide chamá-la de “Stay (Faraway, So Close!)”. Falando sobre Sinatra, Bono diz que ele ouviu que Frank vai gravar seu primeiro novo álbum em quase dez anos. Sinatra disse a Quincy Jones: “É hora de agitar os cidadãos”. Bono ainda está sonhando em enviar ao Chefe uma cópia de “Two Shots of Happy”.

Ele não quer repetir o erro que cometeu com “Slow Dancing” para Willie Nelson. Ele estava tão animado com a música que, um dia depois que a escreveu, ele disse a um entrevistador de TV que ele tinha acabado de escrever uma música para Willie Nelson. Antes de ter feito qualquer contato com Nelson. A MTV pegou a declaração e a divulgou.

“Você pode imaginar?” diz Bono. “Willie Nelson, um dos maiores compositores vivos, me ouvindo na TV dizendo que eu escrevi uma música para ele. Sem ele ter pedido por isso! Ele provavelmente deve ter pensado: ‘Bem, foda-se’”. Bono estremece só de pensar. Então, ele diz: “Johnny Cash disse que provavelmente Willie nunca viu essa gravação”. Ele disse: “Bem, Bono, o Willie já tem um monte de problemas”.

Sim, eu digo, algum representante do IRS[1] provavelmente está curtindo a sua música agora mesmo. Bono dedilha seu violão e eu peço que ele cante “Slow Dancing”. Eu não a ouço desde o meu aniversário na festa em Kitty O’Shea’s, há mais de um ano. Ele canta a música lindamente. Apesar de sua simplicidade regional, “Slow Dancing” aborda todos os mesmos conflitos das músicas do Achtung Baby:

And I don’t know why a man search for himself in his lover’s eye. And I don’t know why a man sees the truth hut needs the lie.

[E eu não sei por que um homem procura por si mesmo nos olhos de sua amada. E eu não sei por que um homem vê que a morada da verdade precisa da mentira].

Quando Bono termina, eu digo: “Isto não soaria grandioso depois de passar por todas essas vibrações e estruturas distorcidas do Eno?”

“Essa é uma ótima ideia”, diz Bono, e então ele se dirige ao Flood: “Você quer gravar isso?”

---

[1] O Internal Revenue Service (IRS) é um serviço de receita do Governo Federal dos Estados Unidos. A agência faz parte do Departamento do Tesouro, sob a direção imediata do Commissioner of Internal Revenue. A IRS é responsável pela coleta de impostos e pela aplicação e interpretação Internal Revenue Code, o órgão do direito tributário nos Estados Unidos.

Flood responde: “Você acha que eu não ia querer?”. Ele aponta para o microfone que está na frente de Bono e depois para o equipamento de gravação. Bono canta mais uma vez, o violão em seu colo e seus lábios tocando levemente o microfone. E então ele diz que precisa ir se encontrar com sua esposa.

Do lado de fora da Factory ele percebe que deixou o carro da Ali destrancado. Ele procura o telefone que estava no carro para fazer uma ligação, mas não o encontra. Ele está em apuros novamente. Duas garotas inglesas que voaram para Dublin na esperança de encontrá-lo aparecem com blocos para autógrafos, enquanto Bono se esforça para lembrar se havia deixado o telefone em algum lugar – ou será que ele havia sido roubado?

Ele insiste em me levar para casa, como faz todas as noites. É muito gentil da parte dele, mas como Bono sempre se distrai e esquece onde está indo, uma carona dele torna a viagem duas vezes mais longa do que se ela fosse feita a pé. Enquanto fazemos um cruzeiro por Dublin fugindo de sinais vermelhos e entrando na contramão em ruas de mão única, Bono diz: “Adam está andando por aí com duas supermodelos no braço! Naomi e Christy Turlington, a garota que está comigo na capa da Vogue. Adam está tendo um bom fim de semana”.

“Sim”, eu digo. “Você realmente fez um favor a ele quando sequestrou Naomi para a festa da Ellen”.

“Eles estão saindo juntos agora!” Bono diz, com os olhos arregalados. “Eles estão apaixonados!”

“Ele está te devendo essa”.

“É o que eu acho”.

“Bono! Aquela era a minha rua!”

No dia seguinte, sábado, todos deveriam estar de folga, exceto Flood, que assumiu a tarefa de fim de semana de reunir todas as músicas prontas em uma ordem lógica para provar que há um álbum em meio a todos aqueles experimentos. Ele fala sobre a evolução de “Sinatra” para “Stay”.

“Eu acho que Bono seria o primeiro a admitir que compor uma música não é algo que flui facilmente”, diz Flood, “porque isso tem muito a ver com o quanto ele despe a sua alma. Não importa se é para um ou para cinquenta mil. Quando ele está escrevendo uma letra, ele pode ter três ou quatro ideias em ebulição. Esta música foi particularmente difícil porque ele tentou três ou quatro vezes. A primeira coisa e a mais importante é que ele precisa entender de onde a música está vindo. Ele vai continuar procurando até que ele tenha algo concreto. Essa é a primeira coisa com a qual se deve lidar. Você veio na noite passada, você ouviu e seu ponto de vista foi diferente do modo como nós a estávamos ouvindo. Aquilo o estimulou. Então ele vai um estágio adiante e corta um pedaço aqui, corta um pedaço lá, até que ele esteja noventa por cento satisfeito. Então, ok, há um par de versos que não estão legais, ele pode ir embora e eu vou deixá-los fora. Ele pode deixar aquilo até o dia seguinte. E obviamente muitas vezes Bono se preocupa com sua performance tanto quanto com a sua composição”.

Pergunto como esse pequeno projeto de gravação durante o intervalo da turnê se transformou em uma situação de tanta pressão.

“Edge conversou comigo algumas vezes durante a turnê no ano passado sobre ir ao estúdio e fazer um álbum de forma rápida”, diz Flood. “Havia a suposição de que iríamos para o estúdio, eles teriam as

músicas prontas e nós simplesmente gravaríamos, sem adicionar sons ao material original. De qualquer forma, eles vieram aqui não para fazer um álbum *descartável*, e sim um álbum rápido. E devido à sua natureza, agora eles estão achando difícil fazer algo que é, em última análise, um álbum dispensável. O que é bom, eu acho que é bom que eles estejam se esforçando".

"Digamos que o *Joshua Tree* foi o auge número um. Houve uma pequena queda com o *Rattle and Hum*. Tudo bem, você aprende com seus erros. Então, uma decisão positiva é tomada: 'Temos que fazer algo diferente'. O resultado final disso é: 'Nós nos reinventamos'. Então, agora eles estão em uma situação onde eu acho que deve ser difícil desafiar a si mesmos. Eles foram grandes, eles declinaram, eles retornaram ao topo com algo diferente e agora – eles têm que fazer tudo de novo?"

Eu não sei ao certo se eles têm, eu respondo. Eu acho que uma vez que eles tenham se reinventado com sucesso na primeira vez, eles têm passe livre de agora em diante. Nenhuma banda jamais teve uma imagem tão sólida para desfazer quanto os Beatles, quando eles decidiram enterrar os quatro penteados mop-tops com o *Sgt*. Pepper. Mas depois que eles fizeram isso, depois que todos eles deixaram os bigodes crescerem, vestiram uniformes psicodélicos e cantaram sobre LSD, eles ficaram livres para fazer o quisessem. Eu acho que o U2 está no mesmo barco agora.

"Uma das coisas que me agrada no U2 é o fato de que eles nunca descansam sobre suas glórias", diz Flood. "É brilhante que uma banda desse patamar esteja preparada para tentar qualquer coisa, mas, por outro lado, eu acho que agora as pessoas ficarão esperando por mudanças. O limite do tédio das pessoas está ficando cada vez menor. São tempos muito estranhos. Então eu posso ver o quão difícil será se eles não conseguirem fazer um álbum que poderá se tornar apenas um desperdício".

Bem, eu digo, uma coisa é certa – o grande risco de reinventar a eles mesmos com o Achtung Baby acabou sendo sua salvação comercial. Foi muito bom o U2 mudar, fazendo isso na hora certa.

"Definitivamente", diz Flood. "Além disso, o Achtung Baby brotou das almas deles. A alma decidiu ser diferente".

Sobre a decisão de fazer ou não um álbum a partir deste projeto, Flood acha que o U2 já ultrapassou o ponto do retorno. "Se você não tem um ponto definido para focar, então o que você vai fazer? Você está essencialmente fazendo uma seleção de demos ou está ensaiando para experimentar algumas ideias. Um single/EP não é uma área muito desafiadora. Então por que não dizer: 'Vamos fazer um álbum?' Você só precisa dizer, bem, se você não fizer isso, não vai ser o fim do mundo. Mas nós poderíamos conseguir um álbum! Ontem uma decisão foi tomada; definitivamente nós estamos caminhando para um álbum".

Quem mais poderia aparecer vagando pelo estúdio senão Bono, o homem que não consegue ficar em casa. Em um consenso com a domesticidade, ele está acompanhado por sua pequena filha Jordan. Eu fico imaginando se ele contou a Ali que eles estavam indo ao parque. "Ali não precisa de mim", diz Bono. "Ela está arrumando as malas, ela está muito feliz. Ela é completamente auto-suficiente. Isso é muito desanimador". Pelo menos ele achou o telefone do carro dela. Ele tinha deixado embaixo do banco. Ele canta "Stay" mais algumas vezes, lendo linhas diferentes de um bloco amarelo. Seu amigo Guggi aparece e senta, ouvindo silenciosamente. Finalmente Ali chega para recolher Jordan.

"Você vai para Chernobyl segunda-feira?" Guggi pergunta a ela. "Sim". Ali sorri. "Vou sair para tomar alguns raios".

Bono trabalha até tarde no sábado a noite. No domingo ele consegue ficar em casa, deixando Flood trabalhar na sequência do álbum.

Segunda-feira pela manhã Suzzane Doyle é, como de costume, a primeira a chegar. Ela está colocando flores frescas por todo o estúdio ("Eu sou como as senhoras da Sociedade do Altar do Rosário"[1]) enquanto os membros da banda e os produtores chegam e sentam-se na sala da Factory para escutar pela primeira vez a versão do seu novo álbum. Eles sorriem, eles franzem a testa, rabiscam anotações. No final do Lado Um, os experimentos sonoros dão lugar a um violão. A versão de Bono de "Slow Dancing" surge nos alto-falantes, surpreendendo Eno, Edge, Larry e a Adam, que não sabiam que ele havia gravado aquilo. "O que vocês acham?", Bono pergunta.

"Eu gosto", Eno diz, "mas receio que ela se torne um grande sucesso. Nós temos de mexê-la de alguma maneira, para de alguma forma prevenir isso".

Bono continua, à procura de aprovação: "Vocês não se importam que ela mude todo o humor do álbum?"

"Nah", Adam diz. "Não há nada de errado com um pouco de 'obla-diobla-da'". Edge e Larry riem e resmungam sobre o comentário. "Obla-di" é a famosa e mais fácil canção de McCartney que algumas pessoas pulam quando toca esse lado do Álbum Branco dos Beatles. "Slow Dancing" pode não conseguir fazer esse corte.

Nem Flood nem Eno têm alguma coisa para dizer sobre isso, será a versão de uma música chamada "The Wanderer" que Bono quer usar. Flood colocou nesta fita a sua versão preferida, com Bono cantando sua música sobre um homem que dá as costas para sua família e sai à procura de Deus em meio ao mundo secular e pecaminoso. A versão de Bono para a música é, os produtores sentem, a peça central do álbum, uma nova direção para o U2 ainda está enraizada em seu passado.

O problema é que Bono quer usar uma versão da música cantada por Johnny Cash, gravada aqui, quando o Homem de Preto passou por Dublin duas semanas atrás. Desde então tem havido discussões. Eno e Flood sentem que, apesar dos méritos da música, a presença e personalidade de Johnny Cash são tão fortes e cheias de associações tão vívidas para os ouvintes que podem tirar todo o equilíbrio do álbum. Assim que surge o barítono, todo o ambiente e a ambiguidade que o U2 havia conquistado, vão embora pela janela. A versão de Bono para a música, em contraste, une todos os outros temas.

Bono defende fortemente o outro argumento; que escutar o Johnny Cash cantando sobre uma faixa alucinante e distorcida sobre vagabundear em uma terra perdida 'sob um céu atômico' é o mais bizarro que se pode fazer, e muito mais apropriada para essa música, que é sobre um tipo de personagem de *Sangue Sábio*[2], um peregrino que revela a si mesmo, durante o curso da letra, como alguém extremamente fora de si.

---

[1] A principal missão católica da Sociedade do Altar do Rosário é difundir a devoção a Maria através da recitação do Rosário e obras de caridade. No Natal e na Páscoa, os membros ajudam nos arranjos florais e na decoração da Igreja.

[2] Romance de Flannery O´Connor, de 1952. O roteiro diz respeito a um veterano da Segunda Guerra Mundial que, assombrado por uma crise de fé ao longo da vida, resolve formar um ministério anti-religioso de forma excêntrica,

Há muito mérito em ambos os argumentos, mas eu suspeito que nenhum dos dois contam a história real. Eu acho que a verdadeira razão pela qual Bono não quer cantar "The Wanderer" (o título é um tiro consciente ao macho arrogante da canção "The Wanderer" de Dion) é porque quando Bono a canta, a música surge como se fosse sua culpa por todo brilho e fachada que o U2 vem criando nos últimos dois anos. Quando o Bono canta "The Wanderer" parece ser uma confissão pública que sob a sombra da mosca [the fly], ele ainda tem esperança de encontrar Deus, o procurando através do brilho e do lixo.

O personagem da música usa a exortação de Jesus para deixar sua esposa e filhos e seguí-lo como uma desculpa para não cumprir com suas responsabilidades. Ele está brincando com a antiga heresia antinomiana que você pode pecar durante o caminho para a salvação ("I went out there in search of experience/ To taste and to touch and to feel as mush as a man can before he repentes") [Eu fui embora à procura de experiências/ Para provar e para tocar e para sentir o máximo que um homem pode antes dele arrepender-se]. Ao ter Johnny Cash cantando a música, Bono erige outra face falsa. A parte do público que compartilha do seu lado espiritual (assim como a parte que entende o quão séria é a figura do Johnny Cash) vai entender a mensagem mais profunda, e aqueles que querem pensar que isso é ridículo, vão se amarrar vendo o U2 moldando Johnny Cash como Hazel Motes, o personagem de *Sangue Sábio*.

Então Flood e Eno podem discutir o dia todo sobre como é perturbador ter o *The Boy Named Sue* fechando de forma grandiosa o mais polêmico, mais vanguardista e mais sistematicamente desordenado álbum do U2. Eles não vão ganhar essa. Bono tem outro plano.

---

26. Macphisto

larry injeta sangue de touro / eno propõe um sistema de arquivo / fintan vai comprar sapatos / as músicas são remendadas / bono pinta seu rosto / começa a turnê zooropa / esperança para os homens ricos entrar no paraíso

Bono pega um sanduíche do pub do estúdio e escapa para a sala de descanso para devorá-lo. Um minuto depois, se escuta um uivo do outro lado da porta. Bono aparece com as mãos no rosto. Ontem ele foi ao dentista por causa de um abcesso no dente e pensava que estava tudo sob controle, mas o abcesso acaba de reaparecer. Ele está cambaleando de tanta dor. Suzanne pega alguns analgésicos e ele os engole. Nesse momento, Bono entra em contato com o seu dentista por telefone, as pílulas estão diminuindo o desconforto, e então ele decide continuar com o trabalho. Ele vai fazer os vocais hoje com dor de dente. Semana passada ele estava trabalhando com uma perna machucada, ferida enquanto ele corria pela praia perto da sua casa. Fazer esse tipo de coisa pode deixar suas sequelas.

Bono não quer que Larry saiba que ele está machucado, se ele souber vai acabar lhe dando um sermão e uma receita. Larry se interessa muito pelos problemas médicos das pessoas. Ele é conhecido por carregar sacolas de vitaminas, energéticos e pílulas – uma cura portátil para qualquer doença. Larry toma muito cuidado com a sua saúde, mas mesmo assim ainda tem tido vários problemas – problemas com os tendões da sua mão têm ameaçado a sua carreira de bateirista. Além disso, ele foi amaldiçoado com uma hérnia de disco que arruinou as suas costas terrivelmente. Bono diz que Larry tentou diferentes médicos sem sucesso até que ele foi em um alemão que lhe trouxe a cura holística que começou a dar injeções de sangue de touro no Larry. Esse foi o truque! O médico irlandes de Larry se recusa a fazer isso – e quando olha para o raio-x da coluna encurvada de Larry, diz que é impossível que esteja recuperado, mas Larry se sente bem. Ele viaja regularmente para a Alemanha para receber as injeções de sangue de touro.

De sua mesa, Suzanne pergunta: "O Larry está cheio de sangue de touro?". "Isso explica muita coisa".

Mais tarde, quando pergunto ao Larry sobre essa cura milagrosa, ele dá menos ênfase nas injeções do que nas séries de exercícios que ele faz para fortalecer a musculatura em volta dos discos lesionados. Os músculos, estando mais fortes aliviam a pressão sobre a coluna. Tipicamente, Larry diz que seu problema foi resolvido através de disciplina, enquanto Bono prefere uma explicação sobrenatural.

De volta à sala de controle, está tendo uma discussão sobre segurança. Cada um dos quatro membros da banda está levando para casa fitas-cassete com as sequências do Flood, e tanto Edge quanto Robbie Adams estão preocupados com os bootlegs. Fitas dos ensaios e sessões de composição do *Achtung Baby* estavam nas lojas antes dos álbuns serem lançados, e isso trouxe muitos problemas para o U2. Edge diz que tem de haver uma penalidade tão severa que nenhum membro da banda ousaria perder sua fita. "Todos deveriam assinar alguma coisa dizendo que quem perder a sua fita, perderá a sua casa. Ou um dedo!"

Eno sugere instituir um sistema de arquivamento, onde "um dos seus homens de confiança" guarda todas as fitas e qualquer membro da banda que queira uma delas, deve assinar que pegou emprestado. Essa sugestão é muito ridicularizada.

A proximidade da data limite imposta para o início da turnê europeia está dando uma forte sacudida na criatividade do U2. Bono tem sido incapaz de terminar a letra para uma música chamada “Lemon”, sua tentativa de escrever uma música ao estilo Prince. Diante de tal bloqueio, Eno e Edge trazem à tona e cantam uma nova melodia e uma nova letra (“A man makes a picture/ a moving picture/ throught light projected he can see himself up close”) [Um homem faz um quadro/ uma imagem em movimento/ através da luz projetada ele pode se ver tão perto"], que foi rejeitada por ser muito parecida com os Talking Heads. Essa segunda letra é sobre a produção de filmes e cita o diretor John Boorman, que uma vez deu emprego ao jovem Paul McGuinness como diretor de produção e que costuma dizer que ele ganhava a vida “transformando dinheiro em luz”. Edge e Eno colocam a música do filme junto com o tributo de Bono ao Prince e o resultado não soa nada parecido nem com Prince, Talking Heads ou U2.

O mesmo tipo de justaposição acaba por ser a salvação de “Numb”, uma faixa no estilo Kraftwerk que o Edge mantém viva desde as sessões do *Achtung Baby* em Berlim. Bono tinha tentado encontrar uma saída para “Numb” cantando com uma voz alta de Eartha Kitt, que ele usava para fazer os backing vocals de “The Fly”, mas isso não o levou à lugar algum, ninguém conseguia chegar a uma nova melodia forte o suficiente para carregar a música, e “Numb” quase foi posta de lado novamente. E então Edge sugeriu que talvez ela não precisasse de uma melodia tanto quanto precisava de um ritmo. Talvez as palavras da música pudessem ser usadas como percussão, como uma conga. Então ele veio com uma lista de ordens ("Don't grab. Don't clutch. Don't hope for too much. Don't breathe. Don't achieve. Don't grieve without leave.") [Não agarre. Não trave. Não espere demais. Não respire. Não consiga. Não se aflija sem licença] e emitia-as em um tom monótono, enquanto Bono pontuava ao fundo com a voz de uma cantora negra e essas duas abordagens contrárias, juntas, criaram algo estranho e interessante. Larry veio com uma melodia para “I feel numb” [Eu me sinto entorpecido] (o verso de gancho) e cantou-a como uma marcação. “Numb” é a primeira música do U2 com três diferentes membros da banda cantando diferentes partes. Avaliação de Bono: “Não consigo acreditar que isso funcione”.

“The First Time” é uma música gospel que o U2 faz rapidamente e a deixa de lado por considerá-la inapropriada. Eno os surpreendeu dizendo: “Eu amo essa canção; ela deve entrar no álbum”. Bono destaca que a música - sobre um filho pródigo que vagueia em uma vida de pecados e então retorna para o perdão de seu pai - parece algo mais para *Rattle and Hum* do que para este projeto. Mas a banda confia no instinto de Eno, então eles tentam tocá-la de uma forma desconexa que descaracteriza sua forma gospel. Bono canta sobre uma amante que o ensina a cantar, um irmão com o qual sempre pode contar, e então sobre um pai que “me deu as chaves do seu reino, me deu um cálice de ouro. Ele disse que eu tenho muitas mansões, e há muitos quartos para ver ...” De repente, Bono não consegue, ele mesmo, cantar as linhas que escreveu sobre retornar à casa de seu pai. Em vez disso, ele termina o verso: “I left by the back door and I threw away the key” [Eu saí pela porta dos fundos e joguei a chave fora].

As questões levantadas em *Achtung Baby* ainda não haviam sido resolvidas. Bono não está pronto para prometer que ele retornará desta jornada em Nighttown em que ele está apenas na metade do caminho. Eu pergunto a ele se ele está familiarizado com a heresia sobre estar pecando no caminho da salvação. “Sim”, diz Bono. “Encontrando Deus através da indulgência da carne”. Ele então diz que quando Jesus disse que era mais difícil para um homem rico entrar no reino do céu do que um camelo passar pelo buraco de uma agulha (eye of needle), ele não estava - como a maioria das pessoas supõe - dizendo que isso era impossível. Ele estava se referindo ao estreito portão em Jerusalém chamado Needle's Eye. “Para passar por ele”, diz Bono, “você tem que se curvar”.

Eles estão chegando nos últimos dias antes dos shows europeus. Os ensaios para a turnê estão acontecendo simultaneamente com as sessões de gravação. O U2 percebe, com certo desconforto, que eles não estão aptos a apresentar ao vivo qualquer uma dessas novas canções em performances no palco quando o novo o álbum for lançado. Com alguma esperança, eles terão a chance de praticá-las nas passagens de som e adicioná-las a medida que a turnê avança, mas a turnê Zooropa começará sem nenhuma música do novo álbum que eles decidiram chamar de *Zooropa*.

Os aspectos extramusicais do show serão bem diferentes dos da turnê do ano anterior. Assim como Ned e Maurice atualizaram os vídeos dos telões para refletir a confusa situação atual da Europa, Bono está construindo um novo personagem para representar no palco durante os encores [bis]. O Mirrorball Man que fechava os shows de 1992 era um evangelizador de TV americano/vendedor de carros usados/apresentador de um concurso, com um chapéu de cowboy que jogava dólares para o alto. Não faz sentido usar esse personagem na Europa. Então Bono começa a tentar criar um equivalente europeu e começa a cantar "Desire" com uma voz que soa como um velho britânico apresentador de auditório ou um decadente ator shakespeariano que se apresenta percorrendo as províncias.

Fintan Fitzgerald tem procurado o figurino certo para este velhote e um dia ele aparece com um hilário par de botas plataforma, anos 70, dourado reluzente, pintadas com spray. Bono começa a fazer livres associações. Talvez esse velho sujeito seja o último rock star, arrastando-se por mais alguns anos no futuro, recriando as joias da genial música do século 20 para outras pessoas da terceira idade. Mas é claro, isso não é tudo que ele é. Bono se lembra de como ficou impressionado com a performance de Steven Burkoff em *Salomé*, de Oscar Wild, no qual o ator diminuía o ritmo de todas as falas à metade da velocidade. Bono tentava falar como Quentin Crisp ficando quase sem bateria e isso cria uma estranha angústia. "Oooh. Euuu commpreeeiii esstesss nooovosss sapaaatosss. Vocêêê gooostooouuu deeelesss?" Parece como um velho tentando manter-se só consigo mesmo.

Mas é Gavin Friday que contribui e fornece a metáfora unificadora. Ele exige saber - sem alegorias - quem esse personagem realmente está representando? Quem realmente deveria ser o Mirrorball Man? Bono diz: "Bem, o diabo".

"Então", diz Gavin, "ele deveria usar chifres".

Bono acha isso ridículo, que isso é muito óbvio. Mas Fintan segura alguns chifres vermelhos e quando Bono os experimenta com a cara branca, batom, sapatos plataforma e a voz do velho britânico, ele gosta do que vê:

Mr. Macphisto - o diabo como a última estrela de rock.

Bono puxa todos os tipos de sinais orbitais para finalizar a criação do personagem Macphisto. Ele pega de um mágico que viu em Madrid os movimentos abruptos, quase cômicos - como um senil especialista em karatê, tentando alguns velhos golpes. Ele tira do personagem do diabo de "O Cavaleiro Negro" [The Black Rider] o comportamento de um mestre de cerimônias e o duro caminhar de alguém escondendo um casco fendido. Ele usa a personagem de Joel Grey em Cabaret, como uma pedra de toque para representar a decadência da qual o fascismo europeu floresceu. Macphisto é Satã como o cruzamento de Elvis, Sinatra e uma estrela de cabaré de Berlim dos anos trinta. Ele também é, é claro, o Mefistófeles de Goethe, aquele símbolo proto-europeu da grande arte e tentação. Assim como Bloom em Nighttown (ou como Eva no jardim), o Fausto de Goethe arriscou sua alma imortal em troca de conhecimento. Essa é uma negociação que fascina o U2.

A estreia pública de Macphisto é no primeiro show da turnê europeia, em Rotterdam. Nos bastidores Bono procura por entre os diversos trajes que Fintan trouxe para ele e escolhe um dourado, para combinar com seus sapatos. Ele pinta seu rosto, passa o batom e vai até o camarim da banda para ver a reação de Adam, Edge e Larry. Eles ficam paralisados. É muito mais assustador do que ele esperavam.

Macphisto surge no bis para cantar "Desire" e então se apresenta para a plateia, clamando: "Vejam o que vocês fizeram comigo!" A multidão grita e aplaude este satânico Bono. "Vocês me fizeram bastante famoso". Eles riem. "E eu agradeço por isso. Eu sei que vocês gostam que seus pop stars sejam excitantes, então, eu comprei isso". Ele levanta uma perna e exibe seu sapato plataforma. Grandes clouse-ups dos sapatos nas telas da Zoo TV. O público ama tudo isso. Durante o restante do bis (o que na verdade é o quarto set, depois do set *Achtung/Fly*, o set acústico no palco B, e do set de grandes sucessos do U2) Macphisto perde seus chifres ("Fora com os chifres, segue com o show!"), mas não sua *persona* diabólica. No entanto, na hora que ele executa "Love is Blindness" na beirada do palco B com a maquiagem branca escorrendo de seu rosto, a linha entre Macphisto e Bono se torna indistinta. Ele finaliza cantando "I Can't Help Falling in Love With You" sozinho, depois que cada um dos membros do U2 sai do palco. Então, a versão original de Elvis Presley da música sai dos alto-falantes, misturando a última estrela de rock com a primeira, e Macphisto caminha lentamente pela longa rampa através da plateia, voltando ao palco principal, e desaparece.

"Desde a introdução de Macphisto, tudo isso é um cabaret", diz Bono. "Macphisto é The Fly no final da carreira. Quando ele canta em falsete em 'Can't Help Falling in Love', é o jovem garoto dentro do homem corrupto se libertando por um momento. Assim como naquele horrível vídeo do Elvis gordo balbuciando essa canção, há um momento em que ele canta um pequeno trecho corretamente, e você ouve o espírito do Elvis se libertando. Isso é o que eu estou tentando atingir".

"Sentimos realmente uma sensação bizarra e um pouco assustadora vê-lo ali", Edge diz. "Era tudo o que nós tínhamos discutido. Foi muito perturbador, muito irracional, e não tinha nada a ver com entretenimento. Era uma coisa muito mais pesada. Eu achava que a ideia dos chifres era muito exagerada, mas de fato ela funcionou".

O U2 não tem muita chance de apreciar o quão bem lhes caiu Macphisto. Eles ainda estão viajando no seu avião particular da Zoo Tour de volta para Dublin para terminar o álbum. Flood e Eno estão trabalhando fora, mixando e editando para que o trabalho da banda fosse minimizado quando eles voltassem para o estúdio. Eles finalmente tomam uma decisão que confere uma inesperada unidade em todo o projeto: eles descartaram todas as músicas de rock, todas as faixas baseadas na guitarra como "Wake Up, Dead Man" e "If God Will Send His Angels" e fazem do *Zooropa* um álbum inteiramente desarticulado, um pop experimental. Agora toda a operação é de apenas uma peça. Sonoramente, ironicamente, o álbum finalizado está muito mais parecido com o trabalho que Eno e Bowie fizeram no Hansa em Berlim no final dos anos setenta, do que com o *Achtung Baby* se tornou.

"Dar-se conta de que, 'Oh, esse não é um álbum de rock', isso é um grande alívio", Bono diz. "O mundo está cansado de machão, cansado de grunge. Precisamos dar uma perspectiva feminina".

Edge compartilha os créditos de produção com Eno e Flood, não só porque ele merece isso por todo o trabalho que ele colocou nisso, mas porque, Bono racionaliza, com a evidente falta de guitarras de rock, eles iriam se questionar onde o Edge tinha entrado.

Quando as mixagens finais estão completas e os cassetes estão sendo produzidos, Des Broadbery, o técnico de teclados, está encantado em ouvir algumas das ideias que ele tinha sugerido – uma pequena sequencia cantada em "Babyface", alguns samples em "Numb" – que tinham sido adotadas no álbum finalizado. Larry Mullen tem um certo orgulho sutil no fato que a parte do baixo que ele sugeriu numa noite, quando Edge estava trabalhando em ideias para a guitarra, tinha permanecido na música-título: Larry é o baixista na introdução de "Zooropa".

Eu sugiro que *Zooropa* evoca a loucura e desorientação de estar em uma turnê de uma forma que causa um impacto especial nos músicos. "Eu acho que isso é verdade", Adam diz com um sorriso meio escondido. "Parece que há muitas músicas com as quais os músicos se identificam. Mas eu odiaria pensar que nós fizemos uma versão dos anos noventa para *Running on Empty"*[1].

10 de maio é o 33º aniversário de Bono. Ele agora é tão velho quanto era Cristo quando morreu, tão velho – de acordo com a tradição da igreja – quanto todos os nossos corpos ressucitados serão depois do final do mundo. Bono entra em seu quarto no dia do seu aniversário e encontra um presente que Gavin Friday tinha deixado sobre a sua cama: debaixo da inscrição, "Saudações Bono, Rei dos Zoológicos", está uma cruz de três metros, pintada de azul, e grande o suficiente para Bono carregar.

---

[1] Running on Empty, lançado em 1977, é o quinto álbum do cantor e compositor americano Jackson Browne. Apresentando músicas com tema de vida na estrada, o álbum inteiro foi gravado em turnê, ao vivo no palco ou em locais associados a turnês, como nos bastidores, em ônibus de turismo ou em quartos de hotel.

27. Semana de Negócios

o fim da indústria fonográfica e outras boas notícias / como o u2 acabou ganhando tudo apenas por serem caras legais / a realidade virtual de ossie kilkenny / o novo contrato do u2 / mcguiness para a performing rights society*: tire suas mãos do meu bolso*

Terminar o álbum *Zooropa* tem um benefício secundário para o U2. Terminadas as obrigações contratuais da banda com a Island Records (e com a Polygram, a multinacional que agora é dona da Island), Paul McGuiness e a Island vêm trabalhando em um novo contrato, mas ter em suas mãos um álbum inesperado para colocar sobre a mesa, coloca McGuiness em uma posição ainda mais poderosa do que a que ele já estava. Aqui está o chamariz – um novo álbum da sua maior banda para negociar um melhor contrato, dois anos antes do esperado. Aqui está o passaporte – agora o U2 está livre para ir aonde quiser.

Não que alguém esteja pensando que isso vai acontecer. O chefe da Polygram, Alain Levy, conversou com McGuiness sobre as intenções do U2 antes da Polygram comprar a Island, e McGuiness disse a ele que o U2 e a Island eram grandes amigos e a Polygram não tinha motivos para temer que o U2 fosse embora tão cedo.

Chris Blackwell, o dono da Island, sempre tratou o U2 muito bem. Como crianças ingênuas, o U2 presumiu que era assim que todas as gravadoras se comportavam com artistas bem-intencionados, mas à medida que ficavam mais velhos, eles compreenderam o quanto a decência de Blackwell era rara. A Island nunca tentou forçar o U2 a fazer concessões artísticas. Eles até mesmo deram ao U2 o controle completo sobre a arte final do álbum. As únicas duas vezes em que a Island discutiu sobre uma decisão da banda foram: (1) quando o U2 disse que queria que o Brian Eno fosse o produtor e (2) quando a gravadora enviou um infeliz emissário até Dublin para sugerir ao grupo que a foto que eles tinham escolhido para a capa de seu segundo álbum, *October*, não era muito boa. O U2 e McGuiness estraçalharam o pobre rapaz. Como se atreve ele, um mero empresário, a interferir em uma decisão tomada por artistas! O representante da Island foi enviado de volta e Blackwell permitiu o U2 lançar sua capa. O que, a banda concorda atualmente, foi uma capa horrível. A Island estava absolutamente certa.

Em agosto de 1986 o U2 estava terminando o *The Joshua Tree*, o álbum que, eles sabiam, tinha grande chance de fazer deles superstars, quando McGuiness e Ossie Kilkenny, o contador do U2, comunicaram que a Island estava com grandes problemas. A gravadora estava à beira da falência. Eles nem mesmo podiam pagar ao U2 o dinheiro que já lhes devia – que eram cinco milhões de dólares.

McGuiness e Kilkenny ficaram atônitos. Eles se sentaram em uma sala e se amaldiçoaram por terem perdido todo o dinheiro do U2 sendo idiotas o suficiente para pensar que a gravadora era como um banco – você poderia deixar a grana lá parada e aparecer para pegá-la a qualquer momento. Desconsiderando toda essa perda, se a Island falisse agora, o que aconteceria com o *The Joshua Tree*? O álbum com o qual o U2 estava contando para subir ao topo seria vítima de uma má distribuição e da falta de promoção? As lojas conseguiriam pelo menos encomendá-lo?

Aqui está a pior parte de todas: se a Island falisse, alguma grande companhia poderia aparecer

para comprá-la, junto com o contrato do U2. E se a banda acabasse trabalhando para alguém que eles odiavam?

Graças a Deus, o U2 havia recuperado da Island, em uma renegociação no ano anterior, o direito sobre a publicação de suas músicas, que a Island tinha obtido no primeiro contrato do U2, quando a banda não estava em posição de discutir (e – francamente – não sabiam o que estavam oferecendo). Antes disso, qualquer pessoa que comprasse a Island poderia vender "I Will Follow" para um comercial da Toyota ou "Sunday Bloody Sunday" como o tema de publicidade para o Band Aid, e o U2 não teria meios para impedi-los. Eles sabiam que Chris Blackwell nunca faria algo assim, mas agora o U2 entendeu que Chris Blackwell nem sempre era o homem que tomava à frente nas decisões.

Eles queriam mantê-lo lá por quanto tempo pudessem, então, depois de um dia de pânico e recriminações, o U2 concordou em socorrer a Island, entregando o *The Joshua Tree*, desistindo de cobrar o dinheiro que pertencia à banda, e até mesmo emprestando à Island mais dinheiro para ajudá-la a sair do buraco. Isso foi muito generoso e típico da abordagem de negociação do U2 – que valoriza as relações pessoais e as obrigações acima de dólares e centavos. Assim que as coisas se ajeitaram, Chris Blackwell respondeu à altura com duas negociações diferentes: (a primeira durante a crise da Island em agosto de 1986, e a segunda seis meses depois) o U2 conseguiu duas coisas que significavam muito mais do que o dinheiro que lhes era devido.

A primeira foi a eventual reaquisição de todas as cópias originais das gravações de seus álbuns para o U2. Isso significava que agora a Island estava apenas *arrendando* os direitos de lançar os álbuns do U2 por um número determinado de anos, mas se algum dia o U2 deixasse a gravadora, seus álbuns iriam com eles. Este é o tipo de contrato que os Rolling Stones têm desde 1971, e esta é a razão pela qual a cada sete ou oito anos o catálogo pós-1971 dos Stones é reeditado por outra gravadora. É também por isso que os Stones ainda são capazes de conseguir um progresso gigantesco em sua velhice; quando uma gravadora contrata os Rolling Stones, ela não fica apenas com os álbuns que a banda fará nos próximos anos; ela fica com "*Brown Sugar*", "*Exile on Main Street*", e com mais vinte anos de hits também. O U2 nunca mais ficaria na posição de se preocupar que o trabalho de uma vida inteira pudesse ser vendido sem a autorização deles.

A outra provisão que eles conseguiram por salvar a Island, no entanto, foi a verdadeira razão pela qual McGuiness não teria desencorajado a Polygram a pagar uma fortuna pela gravadora: O U2 conseguiu uma considerável participação do capital da Island. A quantia normalmente informada era de 10 %, embora provavelmente fosse um pouco mais. Ossie Kilkenny diz que a décima parte era o que Blackwell pensava que devia ao U2, os cinco milhões que pertenciam à banda, pois Blackwell achava que a companhia valia 50 milhões de dólares. Ossie e Paul achavam que a Island valia algo próximo de 34 milhões de dólares (o que daria ao U2 o direito sobre uma sétima parte da empresa). Seja qual for a imagem que eles pintaram em 1987, tornou-se a barganha do século quando, menos de dois anos depois, a Polygram comprou a Island por mais de 300 milhões de dólares. Essa foi mais uma vez (assim como quando eles escolheram o Eno para produzir o *The Unforgettable Fire*) em que o U2 decidiu fazer algo financeiramente arriscado e suspeito por razões pessoais, e terminaram quebrando a banca em todo caso.

Então, quando McGuiness põe o *Zooropa* sobre a mesa de centro da Island/Polygram, ele surge de uma posição de poder supremo. Não há dúvida de que a Polygram irá desembolsar uma fortuna para manter a joia de sua coroa. O único debate é sobre *quanto*. McGuiness entreteve um pouco o

seu velho amigo Jimmy Iovine sobre a possibilidade de contratar o U2 para a bem sucedida Interscope, sua nova gravadora nos EUA, mas ele nunca considerou fazer isso seriamente. Essa discussão pode ter sido simplesmente uma cortesia a um dos aliados mais próximos do U2 nos negócios, o homem que produziu o *Rattle and Hum*, mas eu aposto que McGuiness queria fazer a Polygram suar um pouco fazendo parecer que o U2 estava comparando preços.

Como foi o caso na renegociação com a Island sete anos atrás, os termos deste acordo podem significar mais do que só dinheiro para o U2. Porque, embora praticamente ninguém do mundo da música compreenda isso na primavera de 1993, as rápidas mudanças que estão acontecendo na tecnologia irão, na próxima década, redefinir completamente a forma como a música é entregue ao público e o que as gravadoras irão fazer.

O fim do velho mundo é tão evidente na indústria do entretenimento quanto no mapa da Europa. A tecnologia para a distribuição da música - e também televisão, filmes, informação de computador, correspondência e serviços de telefonia - estão todos se fundindo em um único sistema de distribuição em domicílio que revolucionará a indústria da informação e talvez uma grande parte da economia internacional, juntamente com eles.

Artigos que estão sendo escritos em revistas populares sobre a chegada da "super via da informação"enfocam como será, do ponto de vista do consumidor, ter todos os tipos de opções de entretenimento doméstico na ponta de seus dedos. Mas ninguém está falando sobre como essa revolução irá abalar as empresas que estão agora no negócio da distribuição de informação e entretenimento usando os métodos tradicionais. As gravadoras temem que o efeito sobre elas dos novos métodos de distribuição em domicílio tenha o mesmo efeito que o crescimento dos automóveis teve sobre o negócio das charretes.

Lojas de discos podem se tornar obsoletas com a música sendo distribuída por transmissões via cabo, fios telefônicos, ou via satélite, diretamente nas residências dos consumidores. Isso cria imensas possibilidades. Uma delas é que, no próximo século, as melhores bandas, como o U2, não precisarão mais de gravadoras; eles poderão gravar seus próprios discos e vendê-los diretamente a seu público por transmissão direta. Tanto a BellCore (empresa de pesquisas e desenvolvimento da Bell Telephone em Linvingston, Nova Jersey) quanto a Philips (a empresa que é dona da Polygram, gravadora do U2) criaram protótipos de sistemas de distribuição de música em domicílio, conectando gravadores de CDs a linhas telefônicas de fibra ótica. Imagine um futuro onde o U2 termina de fazer um álbum no estúdio, e então simplesmente vai até o computador, coloca-o on-line, e espera pelos fãs digitarem os números dos cartões de crédito e baixarem as músicas para suas casas. Sem lojas de discos, sem gravadora, sem ninguém para tomar aqueles 80% de lucro.

Este é o motivo pela qual está havendo uma súbita onda de fusões entre empresas de entretenimento e empresas de sistemas de distribuição (como telefone, TV a cabo e satélite). Assim como na Bósnia, ninguém está seguro sobre quem finalmente terá controle sobre aquele território, de modo que todos estão tomando tantas propriedades quanto puderem. A menos que os governos decidam intervir e limitar o acesso aos sistemas de cabo, telefone e satélite (o que poderia colocar todo o poder nas mãos dos fabricantes de hardware) parece provável que, como Bono diz, este novo contrato será o último contrato de gravação que o U2 fará da forma tradicional.

Há uma competição de território intelectual tão real quanto qualquer corrida do ouro no passado. O U2 sabe que essa corrida será vencida pelo hardware que executar o software[1] que os consumidores mais desejam. E o U2 é, neste jogo, um precioso software.

"Nós achamos que", diz McGuinness sobre as negociações do novo contrato do U2, "estamos preparados para um futuro no qual o meio que transporta o som desaparecerá".

Quão perto está essa revolução? Dizem os rumores que Pete Townshend está negociando um novo acordo - com a companhia britânica de telefonia. Prince anunciou que ele não fará mais discos – a partir de agora todo seu trabalho será audiovisual (é claro que o Prince faz anúncios apocalípticos regularmente e raramente os mantém). O U2 tocou com a ideia de fazer do *Zooropa* uma apresentação audiovisual interativa, descartando o CD e as fitas cassete completamente, mas o prazo limite imposto pela turnê fez com que eles abandonassem esta ambição e o lançasse como um álbum do jeito tradicional.

Kilkenny vê o futuro do entretenimento como um ambiente audiovisual, onde a música é menos provável que seja uma obra completa em si mesma, já que ela corresponde à metade de uma apresentação de som-e-imagem ou mesmo como um componente de menor importância, como o fundo para um jogo de vídeo game ou para uma apresentação de realidade virtual. De qualquer forma, se um aparelho em sua sala de estar pode tocar tanto música como imagem, ou música sem imagem, quantas pessoas iriam escolher "sem"? Assim, em seu novo contrato, o U2 está oferecendo à gravadora o direito de vender o som que eles fazem, mas reservando a si mesmos o direito de vender qualquer imagem que os acompanham. Isso, a banda imagina, dará a eles o controle absoluto sobre qualquer evolução do seu trabalho em mídias futuras – bem como uma grande quantia de dinheiro que qualquer futura mídia (passiva ou interativa) possa gerar.

O que Kilkenny pensa que dificilmente será ganho nessas negociações é uma concessão da gravadora que limitaria os direitos da Polygram de vender os álbuns do U2 somente em cópias físicas (CDs, cassetes, discos, mini-discos) - deixando o U2 livre para vender sua música por meio de transmissões via cabo e via satélite. Kilkenny diz que não há uma grande gravadora no mundo que concordaria em assinar com o U2 por nada menos do que o direito total de vender o produto musical através de qualquer meio disponível - porque se limitar a cópias físicas em face a essa vindoura revolução seria conspirar para sua própria extinção.

Eu digo a Killenny que se eu fosse ele, negociando pelo U2, eu ofereceria às gravadoras o direito de fabricar CDs, fitas e outras cópias físicas da música do U2 - mas reservaria para a banda o direito de transmitir e comercializar a mesma música por meio de distribuição eletrônica. Ele revida: "Se eu estivesse no negócio discográfico eu diria: 'Não vou negociar com você! Porque eu estou no negócio de áudio e eu acredito que sempre estarei no negócio de áudio'. Você não pode negar às pessoas na indústria fonográfica o direito de promover aquilo para o qual elas têm direitos sobre qualquer nova mídia de áudio. Então, você teria duas operações de mercado concorrentes comercializando o mesmo produto! Não teria qualquer sentido. E essas empresas - Polygrams, Sonys, Virgins, Warners – são as que estarão nesse negócio. Elas estarão na exploração dos direitos de áudio, em qualquer formato possível".

---

[1] O conceito de recursos de hardware engloba todos os dispositivos físicos e equipamentos utilizados no processo de informações. O software é a parte lógica, o conjunto de instruções e dados processados pelos circuitos eletrônicos do hardware.

“Se você quer ser profissional”, continua Kilkenny, “você não pode negar a uma pessoa o direito de comercializar seus discos. Se discos estão em formato de áudio, então você deve dar a essa pessoa o direito do uso do áudio em qualquer forma em que esse uso esteja disponível. Nós estamos acostumados com formatos - sejam discos ou fitas – que são físicos. A grande incerteza que existe lá fora é: quais são as novas tecnologias? Será a cabo? Satélite? Seu telefone? Nós não sabemos se isso será cobrado por transação ou pagar-para-ouvir. Então, com essa incerteza, tudo o que você pode dizer para a pessoa é: ‘Ok, nós lhe concedemos o direito sobre o áudio, então você tem o direito de vender discos ou seus substitutos de formato de áudio. O que nós não sabemos é: pelo que devemos ser pagos?”.

O que o U2 fez neste novo acordo com a Island/Polygram foi deixar a divisão de lucros de futuros sistemas de transmissão flexível, para dizer com efeito, aqui está a parte do U2 em um CD, mas nós concordamos em deixar a parte do U2 sendo transmitido via satélite sem resolver até que isso ocorra, de forma que ambas as partes possam avaliar um justo valor de mercado neste sistema de distribuição.

Ao adiar a divisão do dinheiro recebido por sistemas que ainda não existem, o U2 espera evitar o tipo de soco nos dentes que eles e todos os outros artistas levaram quando o CD substituiu o vinil, e as bandas descobriram que aquela cláusula “nova tecnologia”, padrão em contratos de gravação, dava aos artistas apenas metade dos direitos em novos formatos “experimentais”. Por alguns anos, na década de 1980, as gravadoras realmente ganharam muito, cobrando dos consumidores o dobro por um CD em relação aos discos de vinil, enquanto pagavam aos artistas apenas a metade. Todos os artitas e empresários do mundo gritaram: “Nunca mais!”.

Enquanto toda essa negociação sobre o novo álbum e especulação tecnológica estão acontecendo, McGuinness também está tentando preparar o terreno para o que vem por aí travando uma guerra contra os direitos de apresentação das organizações europeias, uma velha e arcaica rede de agências encarregadas de coletar royalties[1] de apresentações de músicas tocadas na TV, rádio e em shows, e distribuir o dinheiro para os compositores.

Ou seja, toda vez que alguém toca uma música por dinheiro – seja o U2 em um estádio de futebol ou um disco de sucesso tocado na rádio ou um cantor sussurrando “Tie a Yellow Ribbon” em um bar – o promotor ou o dono do bar ou a estação de rádio deve pagar uma pequena quantia para o autor da música. As sociedades de direitos autorais cobram taxas das estações, clubes e casas de shows e então pagam o valor apropriado para os editores da música, que pagam para os compositores. Ninguém pretende que o sistema seja preciso, mas pelo menos nos Estados Unidos o fato de que há uma competição entre duas agências privadas de arrecadação faz com que elas de alguma forma se tornem responsáveis. ASCAP e BMI colocam todo o dinheiro que arrecadam dentro de um chapéu e, usando uma fórmula baseada nas vendas dos álbuns, reproduções nas rádios, e verificações in loco em estabelecimentos, calculam uma aproximação de quantas vezes as músicas dos diferentes compositores são tocadas e os pagam de acordo.

---

[1] Royalties consiste em uma quantia que é paga por alguém ao proprietário pelo direito de usar, explorar ou comercializar um produto, obra, terreno, etc. No mundo da música, os *royalties* são um valor pago ao autor ou compositor de uma determinada música, para ter o direito de usar ou reproduzir a música em questão.

Na Europa, por outro lado, uma rede de sociedades nacionais de arrecadação tem um monopólio funcional. E McGuinness afirma que, embora isso possa ter sido uma triste necessidade no velho mundo, nesse novo pós-Guerra Fria, pós-Tratado de Roma, pós-Maastricht de economias europeias unificadas, o U2 deveria ter o direito de arrecadar o seu próprio dinheiro por suas próprias apresentações, de suas próprias músicas. Em fevereiro, McGuinness e o U2 deram entrada em um processo na Suprema Corte de Londres, declarando que as regras da Sociedade Britânica de Direitos de Execução [British Performing Rights Society] não podem ser aplicadas sob as leis da União Europeia.

"Existe um espantoso sistema de arrecadação através das organizações como a Performing Rights Society e seus equivalente nacionais em cada país europeu", diz McGuinness. "Essas organizações, algumas vezes comerciais, algumas vezes regulamentárias, arrecadam em benefício dos detentores dos direitos, produtores, artistas e compositores, da televisão, rádio, promotores de shows e assim por diante. Todo o sistema é incrivelmente aleatório e inconsistente em cada país, e a comunidade europeia não está fazendo nenhum esforço sério para resolver o problema. Nós estamos no meio de um processo contra a Performing Rights Society na Grã-Bretanha, onde basicamente nós estamos dizendo a eles: 'Vocês alegam que poderiam arrecadar dinheiro em nosso nome. Agora, parece que vocês são absolutamente incapazes de arrecadá-lo, mas também não admitem isso'. Nós esperamos fazer muito dinheiro com a Performing Rights Society [PRS] por causa disso".

"Basicamente esse caso é também uma atitude britânica em que a PRS exerce algum tipo de função benevolente coletando e distribuindo uma grande quantidade de dinheiro para compositores que de outra forma não receberiam nenhum dinheiro. Agora, infelizmente, se você tiver escrito uma música e ninguém a está tocando ou ouvindo, você não *tem direito* a nenhum dinheiro. E em nome dos meus clientes, não estou preparado para aceitar uma situação onde a PRS parece arrecadar em nosso nome de forma ineficiente e depois distribuir nosso dinheiro para um monte de perdedores e sem-esperança! Se eles precisam de dinheiro, eles deveriam estar recebendo isso de uma sociedade genuinamente benevolente ou do estado ou de algum outro lugar. Eu não vejo razão porque eles deveriam estar tirando dinheiro dos nossos bolsos".

McGuinness pode estar perseguindo a PRS através dos tribunais europeus durante muito tempo, mas no final ele provavelmente ajudará a romper esse ultrapassado sistema – e abrir o caminho para o U2 seguir sua trilha e arrecadar seu próprio dinheiro (ou entregar esse trabalho para a sua gravadora – que terá que fazer *alguma coisa* caso ela não o produza fisicamente e distribua os álbuns). Os intermediários estão vendo suas bases de poder desaparecendo no novo mundo. Deve ter sido assim que se sentiram cem anos atrás, quando ninguém tinha certeza sobre se o futuro seria com o motor de combustão interna, motores elétricos ou a vapor – mas já estava claro que os cavalos estavam em apuros.

Enquanto o U2 inicia sua turnê europeia, McGuinness, Keryn Kaplan, chefe do escritório da Principle em Nova York, e Anne-Louise Kelly, chefe do escritório em Dublin, viajam para a conferência do diretor da Polygram em Miami, Florida, para informar à assembleia de executivos da gravadora que eles têm dois anúncios felizes para eles: o U2 rescindiu o seu contrato com a Island/Polygram, para um contrato de longo prazo, de seis álbuns, e o U2 acaba de entregar um novo álbum de estúdio, *Zooropa*, que a gravadora poderia lançar imediatamente.

Os executivos da Polygram pularam de alegria com a notícia, o que provavelmente significa que suas sacolas estariam cheias com o bônus de Natal. Publicações comerciais no negócio da música no mundo todo começam a anunciar a história aos quatro ventos. O *New York Post* estima que esse acordo vale 200 milhões de dólares para o U2.

A *Newsweek* publica uma foto de Bono no palco como Macphisto e escreve:

"Há ainda outro mega-negócio no mundo da música, desta vez entre os roqueiros irlandeses do U2 e a Island Records. No que pode ser o aperto de mão mais caro desde Michael Jackson com a Sony em 1991, o U2 garante 10 milhões de dólares por álbum e uma elevadíssima taxa de 25% dos royalties. 'O U2 vendeu mais de 50 milhões de discos pra nós', diz um porta-voz da companhia. 'Eu acho que isso fala por si só'. De fato, mas isso vai abafar as vozes de bandas menores? *Achtung, baby"*.

McGuinness não confirmará o valor, sob a alegação de que não é bom para pessoas que têm muito dinheiro ficar se gabando sobre isso em um mundo onde tantas pessoas não têm nada. A coisa a ter em mente, porém, é que todas as grandes cifras que as gravadoras adoram jogar fora quando assinam com superstars são conversa fiada, porque todas as ofertas são baseadas em apresentações e a maioria dos avanços são recuperáveis. É um grande exagero dizer que a Virgin pagou 50 milhões de dólares por Janet Jackson ou a Elektra pagou 25 milhões pelo Motley Crue (ninguém é tão estúpido assim, não é?), mas isso não quer dizer que esses artistas alguma vez vão reter esse dinheiro. O auge de tamanha tolice foi quando Michael Jackson rescindiu com a Sony há alguns anos e o chefe da Sony Music, Tommy Mottola, disse que o contrato poderia ter rendido *bilhões de dólares*, e a imprensa correu e divulgou isso! Eles esqueceram a palavra-chave: *poderia*. Isso seria como eu dizendo que consegui um contrato de bilhões de dólares por esse livro. Eu teria... se ele vendesse 500 milhões de cópias.

---

28. O Dadaísmo é um Conforto

o estado de alerta dos seguranças do u2 / neo-nazistas poluem a alemanha / larry desce ao submundo / macphisto assusta o empregado do hotel / uma monografia teológica por cyndi lauper

Bono está sentado a uma mesa no salão privativo do andar reservado de um hotel em Colônia quando Larry aparece e vê os ovos, torradas e batatas que Sheila Roche, do Principle, havia pedido mas teve que abandonar quando o dever a chamou pelo walkie-talkie. "Ótimo!" diz Larry, puxando uma cadeira. "Eu só estava me perguntando como eu iria conseguir tomar o café da manhã!" Larry, mal tinha levado o primeiro garfo à boca quando entra um garçom com a conta de todos cafés da manhã consumidos naquela mesa enquanto Larry estava dormindo. Bono faz um sinal pedindo que o garçom entregue a conta ao Larry, que olha para a quantia, levanta uma sobrancelha e assina. Então eu peço uma garrafa de Evian e começo a assinar por ela. Bono diz: "Não, Bill, não, não!" Isso é demais para Larry. "Deixe-o pagar a *água*, Bono! Eu paguei pelo desjejum de todos vocês!" Eu assino e Larry diz: "Tenho certeza de que um adiantamento vai cobrir isso".

Adam entra, suando depois de malhar no ginásio do hotel, e puxa uma cadeira. McGuiness aparece um pouco depois e pergunta ao Adam se ele e Naomi realmente vão se casar em 15 de setembro. "Bobagem", Adam responde. "Pura bobagem". "Mas eu estou lendo isso em *todos os lugares*", diz o empresário. "Provavelmente é você que está contando isso a eles", Adam replica.

Bono sai para se vestir e retorna alguns minutos depois com roupas pretas, o cabelo penteado para trás, e óculos olhos-de-inseto do The Fly. Todo o seu comportamento muda quando ele está vestido assim. Ele se levanta e caminha com as costas retas e ombros rígidos de um coronel inspecionando suas tropas.

Quando todos estão reunidos, nós descemos de elevador até o saguão de entrada, e Edge e Bono praticam seu ritual de dar autógrafos para as crianças que os estavam esperando do lado de fora do hotel, enquanto Larry e Adam praticam o ritual de esperar por Bono e Edge. Finalmente, a procissão de carros pretos se arranca. Larry está pilotando sua moto para o show hoje, o que aumenta a sensação de que estamos em um comboio de veículo diplomáticos. McGuiness observa pela janela do carro, estudando a estranha mistura arquitetônica de Colônia, uma cidade com algumas magníficas estruturas antigas cercadas por prédios modernos – o resultado da maior parte da cidade antiga ter sido destruída pelos bombardeiros Aliados. O pai de Paul foi um piloto da RAF [Força Aérea Real] que bombardeou Colônia.

No estádio de Mugersdorfer, o U2 se acomoda em seu camarim e Edge tenta tocar "11 O'Clock Tick Tock", uma música da época inicial do U2 e que eles não tocavam há dez anos. Adam pergunta em que nota ele está e Edge subitamente se lamenta: "Não consigo me lembrar do solo".

Bono diz: "Isso até pode ser bom". Bono diz que, embora nunca se soube disso, "11 O'Clock Tick Tock" foi concebida como o tipo de música de cabaré cantada nos últimos dias da República de Weimar, mas Martin Hannet, o primeiro produtor do U2, não conseguia aceitar a música daquele jeito, e por isso foi dada a ela a roupagem rock & roll do U2 daqueles dias. Agora Bono está interessado em ressuscitar a versão embrionária. Em Macphisto, ele finalmente encontrou um

personagem de cabaré para cantá-la. (Edge, por outro lado, diz que essa história é pura balela e que, para provar isso, ele tem a primeira demo da música no estilo rock & roll de "11 O'Clock Tick Tock". Bem, eu sugiro, talvez na cabeça de Bono ela era ao estilo Weimar.)

Na passagem de som, sob uma chuva leve, o U2 toca "I Will Follow" pela primeira vez na turnê, e decide incluí-la no setlist de hoje à noite. Assim que eles terminam a checagem de som, a multidão começa a lotar o estádio e o primeiro número de abertura se inicia. Entre os artistas de abertura, o U2 convidou um grupo teatral chamado Macnas ("loucura", no irlandês) para animar o público. Eles vestiam cabeças gigantes dos membros do U2, fazendo uma paródia em mímica dos 4 membros da banda; como se o U2 tivesse se juntado ao Mickey e Donald na Euro-Disney. A cabeça gigante do Edge é especialmente grotesca – parece com o Mercador de Veneza. O sujeito que interpreta o Larry imita a postura reta e máscula dele; o que faz o papel do Adam imita uma postura altiva com seus ares de nobreza, e o ator representando o Bono fala e se emociona como um ordinário Hamlet que se pendura no balcão de um teatro. Há uma sensação real de bobos da corte zombando dos reis. O público ama isso. Uma coisa engraçada no público alemão, no entanto, é que eles vibram em voz *baixa*, criando um som amistoso, mas que de algum modo soa meio ameaçador.

Os guarda-costas do U2 estão nos bastidores, falando através de seus walkie-talkies, compartilhando sinais. Adam passa por dois dos seguranças a caminho da barraca do serviço de bufê e eles transmitem para seu agente no andar inferior: "Número três descendo!"

Adam se junta a Larry no bufê para fazer uma entrevista para a TV. Edge e Bono ainda estão lá em cima no camarim. Do lado de fora da barraca, um dos membros da equipe se aproxima de Willie Williams e pergunta se a banda está por perto. "Os cabelos extravagantes estão aqui embaixo, os boinas estão lá em cima".

"Como está o humor de Bono?"

"Bom, mas não 100%. Mas está melhorando desde ontem".

Caramba, eu digo, parece que vocês estão emitindo um boletim metereológico:

Número um parcialmente nublado, melhora esperada para mais tarde. Número três nublado.

"Acredite em mim", diz o membro da equipe. "Vale a pena saber".

Outro *roadie*[1] está importunando um dos seguranças, segurando um walkie-talkie imaginário e dizendo: "O número um está indo ao banheiro! O número um está fazendo o número dois!"

---

[1] Roadie é um técnico responsável que acompanha uma banda para todos os espetáculos. Apoia os músicos nas montagens e desmontagens dos shows, garantindo que fique tudo tecnicamente bem ligado e como os músicos gostam. Entre outras coisas, o roadie é responsável por: descarregar e carregar os carrinhos com o material, montagem de todos os equipamentos no palco, apoiar as montagens, afinações e programação da iluminação do show, apoiar as montagens de cenografia, coordenar as ligações de vídeos, afinar instrumentos. Durante o show, também está disponível para qualquer eventualidade ou problema em cima de palco.

Adam e a maior parte da equipe que não está trabalhando se juntam para assistir ao show de abertura dos Stereo MC's, cuja música, "Connected", parece estar tocando em todas as discotecas, lojas e cafés na Europa. Todos na turnê amam os Stereo MC's – o que não aconteceu com a banda de abertura que o U2 despediu na semana passada. Einsguzende Neubauten, uma banda industrial alemã que "toca" ferramentas e bate-estacas, foi expulsa da turnê depois que um deles jogou uma barra de aço em espectadores holandeses que estavam atirando neles alguns vegetais. A barra atingiu uma garota que teve que ir para o hospital. Willie Williams observou: "Apresentações artísticas de alemães furiosos não combina com estádios de futebol no meio da tarde".

Nesta temporada, os alemães que demonstram muita agressividade estão particularmente suscetíveis de serem atingidos por críticas de europeus hipersensíveis. Os vizinhos estão irritados, pois a velha pátria está recuperando seu status de superpotência. No período de um ano e meio desde a reunificação, a Alemanha tem lutado para fazer enormes ajustes sociais. Um milhão e meio de imigrantes entraram no país desde o colapso do comunismo, e na semana passada o parlamento decidiu impor alguns limites. A Alemanha Ocidental tinha uma política de asilo amplamente aberta desde a Segunda Guerra Mundial, uma reparação exigida pelos países que haviam absorvido ondas de refugiados do Nazismo. Obviamente, nos anos que seguiram à Segunda Guerra Mundial, não havia um desejo generalizado das pessoas de migrarem para a Alemanha. Agora, a Alemanha é a terra prometida para imigrantes dos países comunistas em colapso e do Terceiro Mundo. Fechando os portões agora, o governo alemão pode estar simplesmente tentando proteger a sua economia, já tensa, por ter que absorver toda a falida Alemanha Oriental de uma única vez. Mas o efeito é para aparentemente ratificar uma crescente xenofobia alemã.

Pode ser injusto que outros países enxerguem o espectro do fascismo por trás de cada demonstração de nacionalismo alemão, mas tem sido dada grande atenção na recente onda de violência contra pessoas não-arianas na Alemanha, particularmente contra a população turca. Neo-nazistas estão nas manchetes desta semana em Solingen por queimar a casa de uma família turca e pintar suásticas nela. Duas mulheres turcas e três garotas foram mortas durante esse ataque. Em novembro passado, uma avó e duas garotas foram assassinadas em Mollnem num ataque similar. Em resposta aos assassinatos da última semana, os turcos viraram carros e quebraram vitrines por toda Alemanha. O que é difícil para pessoas de outros países compreenderem é que a cidadania alemã não é concedida pelo nascimento, mas sim pela etinia. Assim, uma pessoa de descendência turca, nascida na Alemanha, não é considerada um cidadão alemão, embora para uma pessoa descendente de alemães nascida em outro país lhe seja facilmente concedida a cidadania alemã. O chanceler Helmut Kohl foi amplamente acusado de apaziguar, em vez de resistir aos intolerantes. Ele não compareceu a nenhum dos funerais das vítimas de assassinato turcas, e declarou que "a Alemanha não é um país para imigrantes".

No palco hoje à noite, Bono apresenta "One" dizendo em alemão: "Essa música é para os imigrantes na Alemanha". Ele recebe sólidos aplausos, mas não muito intensos. "Until The End of the World" despeja uma carga política nesta atmosfera, que é duplicada pela inserção de "New Year´s Day" logo em seguida, uma música pelo menos parcialmente inspirada e associada à ascenção do Movimento Solidariedade na Polônia dez anos atrás. Durante o set acústico no palco B, Bono canta "Redemption Song", música de Bob Marley, como introdução para uma versão inesperada – e apaixonada - de "Sunday Bloody Sunday", uma música sobre os problemas na Irlanda do Norte. O clima dela permanece pairando no ar enquanto a banda volta para o palco principal para "Bullet the Blue Sky", a

sua evocação explosiva das guerras na América Central. Hoje a noite, o U2 é tão político quanto o Clash. O clímax disso tudo chega quando Bono, como Macphisto, pega o telefone para fazer sua ligação noturna à alguma celebridade.

"Mais ou menos nessa hora eu costumo fazer uma ligação telefônica", ele diz na voz cadenciada de um cafetão promíscuo. "Geralmente é para o presidente dos Estados Unidos, mas não hoje à noite. Hoje eu ligarei para o chanceler, Mr. Kohl". A multidão aplaude enquanto Bono aperta os números e explica: "Quando você fica muito famoso, as pessoas lhe dão o seu número de telefone". Uma secretária atende e Bono diz: "Olá, eu gostaria de falar com o chanceler, Mr. Kohl, por favor". Ela lhe pergunta seu nome. "Aqui é Mr. Macphisto". Então, brincando com a plateia, os telões se iluminam com seu rosto diabólico, e ele diz ao telefone: "Ele é um velho amigo meu, um amigo próximo!"

"Você sabe que horas são?" a voz pergunta.

"Eu sei muitas coisas", Macphisto resmunga, brincando com o seu lado satânico da sua persona com chifres. "Eu poderia então deixar uma mensagem pra ele?"

"Diga!"

"Você poderia apenas agradecer ao chanceler por *me deixar entrar novamente no país?*" A multidão solta um suspiro, espantada, e o diabo continua, tagarelando: "Eu estou de voooooolta! Estou de *voooolta*!"

O U2 está cumprindo a sua promessa de desafiar os limites na Europa. Se você lhes der uma chance, Bono e Edge esquentarão sua orelha falando sobre os dadaístas, o movimento artístico sem-noção que surgiu na Europa após a Primeira Guerra Mundial. A inspiração do U2 nos dadaístas provém da tentativa deles de conter a aparição de movimentos fascistas através da zombaria, e isso faziam recusando-se a aceitar o vocabulário que estava sendo usado para subordiná-los, erguendo uma defesa moral sob o pretexto de tolice anárquica. O U2 vê a Zoo TV em geral e Mr. Macphisto em particular como devedores e seguidores do dadaísmo. Que os nazistas se puseram a limpar do mapa os dadaístas é visto por Bono como uma prova da sua potência. (Embora o fato de que os nazistas tenham conseguido derrubá-los, pode sugerir também um bom argumento para sua impotência a longo prazo. Lembre-se da observação de Woody Allen que indica que contra os nazistas a sátira mordaz é mais inútil do que bater com tacos de baseball).

Nem todas as tolices que acontecem durante o show possuem um tom tão sério. Enquanto Bono faz seu solo na introdução de "One" hoje à noite, Larry desliza para o vasto mundo sob o palco para esticar as suas pernas. Um dos membros da equipe tira seu fone de operador e o entrega a Larry, que o coloca e ouve os diretores de vídeo conversando entre si, pedindo tomadas, ordenando close-ups, e em geral, certificando-se que as telas de TV gigantes estejam funcionando. Larry liga para Monica Caston, a diretora de vídeo ao vivo, e fala com um sotaque arrastado americano, como se fosse da equipe de segurança: "Monica, eu não gosto dessa tomada de Bono".

Com voz agitada ela responde: "O que você quer dizer com não gosta disso? O que está errado?"

"Ah, não sei, apenas não gosto. Por que você não muda isso?"

“Vai se lixar!”

“Monica”, Larry diz, voltando para a sua própria e típica voz séria: “aqui é o Larry”. O grito dela quase estorou alguns fones. Rindo, Larry volta para trás da sua bateria.

No hotel, após o show, todos se reúnem na suíte de Bono, na esperança de encontrar algo para comer. O serviço de quarto parece ter desaparecido. A equipe está, como um deles descreve, se arrastando por aí, em busca de comida, parecendo um rebanho de gado migratório. Por volta de 3 da manhã todos estão segurando suas barrigas e queixando-se. Sheila Roche, Suzanne Doyle e a publicitária Regine Moylett sentam em um sofá perto do telefone e ligam para a cozinha a cada meia hora ou menos. Toda vez elas recebem a mesma resposta: “Em dez minutos”.

Finalmente, Bono decide intervir. Ele grandiloquentemente pega o telefone e murmura: “Olá! Aqui é Mr. Macphisto. Eu pedi batatas fritas e sanduíches há uma hora e meia, e se eu não os receber imediatamente eu irei...” e aqui ele se degenera em uma sequência de murmúrios incompreensíveis que devem soar ainda mais ameaçadores na imaginação tradutora do serviço de quarto alemão do que em seu próprio palavreado nativo. De qualquer forma, isso funcionou. Em poucos minutos, bandeja após bandeja de batatas fritas é trazida pelos funcionários com caras assustadas e a equipe da turnê cai nelas famintos. Eu sussurro para o Bono enquanto ele enfia uma batata na boca: “Eles provavelmente cuspiram nelas”.

De algum jeito que eu não sei, a nossa festa foi agraciada com a presença da cantora pop Cyndi Lauper, que também está hospedada nesse hotel, além de um par de garotas de sua banda. Cyndi começa a discursar para Bono e Larry, em seu amplo sotaque do Queens sobre as desvantagens da religião deles (e, na verdade, de todos os outros também). Cyndi dá uma lição de moral no Bono dizendo que todas as principais religiões são “*patrilineares*”[1]. “Ela adora essa palavra, e a repete mais de uma vez. Ela diz que ela mesma era uma Hare Krishna quando criança, até perceber que *eles esperavam para se sentar em suas bundas gordas enquanto as mulheres faziam todo o trabalho, e as mulheres deveriam esperar até que os homens acabassem de comer e só então se permitia a elas comer na cozinha como se fossem cachorros!* Aí está uma palavra, Cyndi diz, para esse tipo de comportamento: “Patrilinear!”

Sheila Roche senta-se calmamente no sofá e diz para Suzanne e Regine: “*Alguém* está lendo Camille Paglia...”

Vou para a cama antes do amanhecer, mas eu não consigo achar um botão que desligue a música ambiente que invade o meu quarto. Eu não estou brincando – é “Girls Just Want to Have Fun”.

---

[1] O que Cyndi Lauper quer dizer é que, segundo ela, as religiões são usadas como artifício para os homens se aproveitarem das mulheres, por isso o uso deste termo, derivado de patriarcal, um sistema social em que homens adultos mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controle das propriedades. No domínio da família, o pai (ou figura paterna) mantém a autoridade sobre as mulheres e as crianças.

29. Inocentes no Exterior

o u2 penetra na alemanha /o empresário encontra sua manjedoura / voe em céus amigáveis / uma filmagem de vídeo é planejada / bono vai ao ton ton / um editor convidado por johnny rotten

PAUL MCGUINESS decide não voar para Berlim no avião da Zoo. A rodovia apresenta a ele uma rara oportunidade de tirar seu Jaguar da garagem, e ele tem a intenção de aproveitá-la. Há um motivo secundário para a intenção do empresário de se separar da equipe da turnê na Alemanha: ele quer encontrar o lugar onde nasceu. Sim, o segredo será revelado. Assim como o Coronel Tom Parker, aquele suposto cavalheiro sulista que acabou por ser um imigrante ilegal, Paul McGuiness nasceu na Renânia. Diferente do Coronel Tom, não havia nada oculto sobre o nascimento de Paul – seu pai estava na Alemanha com as forças de ocupação em seu posto quando o futuro magnata fez sua grande estreia em 16 de junho de 1951. Paul segue suas instruções até a cidade de Rintein, onde para em um posto de gasolina e pergunta a outro cliente se ele pode lhe mostrar como chegar ao Hospital Militar Britânico. O outro cliente sabe exatamente onde fica o hospital; ele é obstetra. O médico indica o caminho para o hospital e, então, nota a placa do Jaguar de Paul. Com certo constrangimento, o médico diz a Paul que ele terá que denunciá-lo, já que aquela era uma placa irlandesa e, bem, o IRA tinha feito alguns estragos naquela instalação militar. Paul entrega ao médico seu cartão e diz: "Aqui está meu nome e número, faça o que tem que fazer".

O restante da equipe da turnê está voando na luxúria do avião da Zoo, um 727 com um grande "Z" pintado na cauda. Todos os assentos do avião são do tamanho dos de primeira classe e dispostos em fileiras de dois, de frente um para o outro, com corredores largos o suficiente para uma corrida de cavalos. Das caixas acústicas sai Prince, Guns N' Roses e Luka Bloom. Os jornais de domingo estão organizados, os comissários de bordo preparam a comida e as bebidas são servidas em taças de cristal e cálices. Viajar assim faz com que você perceba o pouco que tem a ver a tensão usual de uma viagem aérea com o ato de voar em si. Se você tirar o tráfego, a checagem das bagagens, os atrasos dos vôos, os terminais lotados e as condições de bordo apertadas, a parte de você estar no ar se torna algo divertido. Deve valer à pena estar *pilotando* o avião da Zoo até Berlim.

Ao entrar na cidade, o clima muda consideravelmente. A caravana de carros do U2 passa perto de um parque repleto de cruzes brancas de madeira, um improvisado memorial em homenagem às vítimas da AIDS. Treze mil especialistas se reúnem aqui essa semana para a Nona Conferência Internacional sobre a AIDS, e sua visão é pessimista. Quanto mais eles aprendem sobre essa nova praga, mais longe da cura eles parecem estar.

Assim como os parisienses e os nova-iorquinos, os berlinenses têm uma rispidez superficial que pode ser intimidadora quando você está acostumado à cordialidade das áreas remotas. Neste momento, Berlim está passando por uma crise de identidade e as ruas crepitam com o sentimento de uma psique coletiva que está à beira de um colapso nervoso. Provavelmente, a cidade teve que suportar mais peso simbólico na última metade do século do que qualquer lugar poderia suportar, e as rachaduras são visíveis. Depois de Hitler, depois da destruição, da invasão e da conquista, Berlim acordou e se viu dividida como o símbolo do confronto entre o capitalismo e o comunismo. Berlim Oriental foi subjugada pelo estado totalitário, patrocinado pelos soviéticos. Berlim Ocidental foi

colonizada de forma menos brutal, mas nem por isso menos totalitária. Os países da OTAN encaravam o dilema de como evitar que os berlinenses ocidentais abandonassem a cidade diante de uma iminente invasão soviética e das milhares de inconveniências por estarem isolados do resto do mundo livre. Muitas famílias não puderam ser convencidas a permanecer sob nenhuma circunstância – os pais queriam que seus filhos estivessem seguros e não que elas se tornassem símbolos. Para segurar o resto da população, Berlim ofereceu apartamentos subsidiados pelo governo e outros benefícios oficiais. Os jovens que escolhessem viver em Berlim eram dispensados do serviço militar. Isso atraiu os jovens e os solteiros, artistas e espíritos independentes, que por sua vez, transformaram Berlim em um baluarte de excitação, entretenimento e estímulos vinte e quatro horas por dia. Berlim Ocidental tornou-se a cidade mais progressistaa da Europa, um lembrete constante para o domínio cinzento no leste sobre quanta diversão eles estavam perdendo.

A Berlim Ocidental da Guerra Fria era uma mistura de Left Bank[1] com Las Vegas, algo difícil de manter agora que o Muro caiu e todas aquelas pessoas cinzentas estão invadindo a cidade para comprar alguns Nikes e experimentar a comida do McDonald's. Sem qualquer ressentimento, os filhos idiotas de velhos niilistas[2] e nacionalistas começam a agitar bandeiras nazistas. Eles podem não ser nazistas em qualquer sentido que Hitler reconheceria – exceto pelo fato de que são bandidos racistas. Pode ser que são menos motivados por alguma ideologia do que para agredir e quebrar coisas. Mas isso não faz muita diferença para os alemães turcos que foram aterrorizados ou para os estrangeiros que foram ameaçados. De um ano e meio para cá, soldados americanos negros têm sido alvos de campanhas de ódio na Alemanha. Se fossem todos os soldados americanos, poderia se tratar de um ressentimento nacionalista, mas o fato de os negros terem sido especificamente escolhidos revela algo mais sinistro.

Berlim, uma cidade liberal e progressista, é convocada a absorver uma cultura conservadora e reprimida. Berlim, uma cidade selvagem e hedonista[3], é convocada a ser um exemplo moral. Berlim, uma cidade jovem que vive apenas no presente, é convocada a se opor ao ressurgente passado nazista. Berlim, marcada por cinquenta anos de divisão, é convocada a se incorporar a unificação. Não admira que a Berlim aonde o U2 chega parece estar cedendo à pressão.

Larry, Morleigh (a dançarina contratada para mais um período na turnê), e eu decidimos dirigir pelos arredores dos dentes de cimento irregulares que é o que sobrou do Muro. Nós visitamos o estúdio de gravações de Hansa, passamos pelo miserável hotel da Alemanha Oriental onde o U2 viu agentes da KGB debaixo de cada cama, e depois seguimos para o Checkpoint Charlie, que era o posto fronteiriço armado entre o Leste e o Oeste e que agora está sendo transformado em uma atração turística, seu horror desaparecendo na história. Larry chama a atenção para a ausência das torres armadas da

---

[1] O Left Bank (ou La Rive Gauche) é um dos distritos mais importantes de Paris. Ele vem de uma Paris de outra era; a Paris dos artistas, escritores e filósofos incluindo Henri Matisse, Jean Paul Satre, Ernest Hemingway, F.Scott Fitzgerald e dúzias de outros membros da grande comunidade artística de Montparnasse. Algumas de suas ruas mais famosas são: Boulevard Saint-Germain, Boulevard Saint-Michel e a Rue de Rennes.

[2] Niilismo (do latim *nihil*, "nada") é uma doutrina filosófica e política baseada na negação da ordem social estabelecida e de todas as formas de esteticismo, assim como na defesa do utilitarismo e do racionalismo científico. Influenciado pelas idéias de Feuerbach, Darwin, Nietzsche, Henry Buckle e Herbert Spencer, o niilismo surgiu na Rússia czarista do século XIX.

[3] O hedonismo é uma teoria ou doutrina filosófico-moral que afirma que o prazer individual e imediato é o supremo bem da vida humana. O hedonismo moderno procura fundamentar-se numa concepção mais ampla de prazer entendida como felicidade para o maior número de pessoas.

Alemanha Oriental que vigiavam o local há dezoito meses e que agora foram derrubadas. Passamos perto de um prédio da polícia secreta, recentemente inaugurado onde, segundo nosso motorista, tanto nazistas quanto a Stasi[1] torturaram prisioneiros políticos. Chegamos a uma das seções do Muro que ainda estava de pé e Larry pediu para que parássemos o carro. Ele sai e tenta quebrar um pedaço usando uma pedra, mas extrai apenas o menor dos fragmentos. Ele olha em volta e encontra um grande pedaço do Muro, um cano saindo de um bloco de concreto, próximo dali. Ele o agarra, puxa para trás e, com um poderoso grito começa a bater com sua improvisada marreta contra o muro, com uma fúria geralmente reservada para sua bateria. Seria muito fácil para ele machucar suas mãos de baterista dessa maneira, mas a adrenalina da liberdade deixou Larry tão excitado quanto Keith Moon em um Holiday Inn[2]. Ele golpeia seu bloco de concreto contra o edifício de cimento de novo e mais uma vez, gritando e gargalhando, mandando grandes pedaços do Muro de Berlim pelos ares por toda a calçada.

De volta ao hotel, McGuinness acaba de chegar e a banda se reúne no bar com Kevin Godley, que dirigiu o especial de TV para o Dia de Ação de Graças no ano passado em Los Angeles. A banda pediu que Godley voasse o quanto antes para filmar um clipe para "Numb", uma escolha pouco comum para a primeira faixa do *Zooropa,* a ser lançada nas rádios. O Edge é o vocalista na música; será sua estreia fazendo o papel principal em um clipe. Uma pena para o Edge que a banda só possa passar um dia gravando o clipe, e esse dia é amanhã. O U2 explora sua imaginação para criar um conceito que pudesse ser impressionante, original e – o mais importante – que necessitasse de apenas um cenário. A ideia que eles tiveram foi em parte inspirada em um velho vídeo de Elvis Costello ("I Want to Be Loved") ambientado em uma cabine de fotos: e se nós sentássemos o Edge de frente para uma câmera, como se ele estivesse assistindo TV, e ele permanesse impassível, dublando as palavras, enquanto todo tipo de coisas engraçadas acontecessem com ele? Isso requer apenas uma tomada, nenhum estúdio, e várias boas ideias de coisas a serem feitas com o inexpressivo Edge.

Todos os membros da banda pegam pedaços de papel e fazem sua própria lista do que eles gostariam de ver acontecendo com o Edge sentado numa cadeira. A lista de Edge está repleta de sugestões como: "Lindas mulheres beijam o Edge". O guitarrista é pego de surpresa quando as ideias de seus colegas são lidas em voz alta: "Edge leva um soco no rosto", "Empurrar o nariz do Edge com um cigarro", "Quebrar um ovo na cabeça do Edge". Bono percebe a cara preocupada do seu amigo e sussurra que talvez o Edge esteja um pouco nervoso por ter que ser a estrela principal do filme. Eu não acho que é por causa disso que o Edge está nervoso.

---

[1] A Stasi (sigla de Ministerium für Staatssicherheit, "Ministério para a Segurança do Estado") era a principal organização de polícia secreta e inteligência da República Democrática Alemã (RDA). Criada em 8 de fevereiro de 1950, centrava suas operações na capital, Berlim Oriental, onde mantinha um extenso complexo em Lichtenberg e outros menores dispersos pela cidade. A Stasi é reconhecida como um dos serviços de inteligência mais efetivos do mundo.

[2] Uma referência ao que ocorreu com Keith Moon, o baterista da banda The Who. Em 23 de agosto de 1967, Keith Moon comemorava seu 21º aniversário no Holiday Inn em Flint, Michigan. Depois de um show naquela noite, o Who foi para o hotel para uma noite que iria para a história do rock and roll. A noite começou com Moon, explodindo o banheiro do quarto de hotel com dinamite, seguido pelo esvaziamento de muitos extintores de incêndio, muitos convidados se despindo, um enorme bolo com uma garota dentro dele e depois uma briga de comida com o bolo. É claro que, quando as coisas começaram a ficar fora de controle, o gerente do hotel chamou a polícia. Nesse momento, Moon decidiu deixar a festa e pulou em um Lincoln Continental e soltou o freio de mão, fazendo com que o carro perdesse o controle, atravessasse a cerca onde foi parar na piscina do hotel. Moon tentou escapar da polícia, mas escorregou e lascou o dente da frente. A polícia prendeu Moon e levou-o ao dentista e depois para a cadeia, onde passou a noite. De acordo com o vocalista do Who, Roger Daltrey, a banda recebeu uma fatura de US $ 50.000,00 pelos danos e foi subseqüentemente banida de todos os Holiday Inns.

Todo mundo está com fome, estão é decidido que o planejamento das filmagens para o dia seguinte deve ser transferido para um restaurante. Devido a alguma nostalgia insana, o lugar escolhido é o mesmo pub em Berlim Oriental, onde o U2 mastigou durante a produção do *Achtung Baby*. Ninguém parece lembrar quão miserável foi aquela experiência até nós chegarmos lá. Já é bem tarde, quase meia-noite, e os garçons distribuem os cardápios com todo o entusiasmo dos atendentes de quartos entregando toalhas a um bêbado. Eu tento pedir alguns peixes, o garçom resmunga e diz: "Não. Vitela à vienense! É mais fácil para o cozinheiro". Bem, eu não quero vitela à vienense, que tal frango? "Vitela à vienense!" ele insiste novamente, como se eu não tivesse conseguido ouvir. "É mais fácil para o cozinheiro". Independente do que alguém pedisse, eles traziam vitela à vienense. O que nem seria tão ruim se, quando finalmente chegasse uma hora depois, se assemelhasse a alguma vitela, vienense ou qualquer outra coisa. A bola de carne cozida no meu prato – e, de fato, as bolas de carne cozidas nos pratos dos meus companheiros – não pareciam nem um pouco comestíveis. Pareciam bolas de tênis esquecidas do lado de fora durante o inverno.

Nesse momento, as bebidas do avião e as bebidas do hotel têm sido complementadas por bebida atrás de bebida e são mais que suficientes nessa balbúrdia, e acaba que ninguém quer comer mais nada. Há, no entanto, mais algumas sugestões de novas torturas para serem infligidas ao Edge amanhã e que parecem ter sido reunidas como as ideias mais engraçadas desde a Inquisição. Um dos presentes decide que os garçons estão nos vendendo vodka diluida em água, e então pega a garrafa da mão do servente enfurecido e a bebe aos goles. O problema é que, de qualquer maneira, já passou do ponto onde qualquer um pode distinguir entre vodka e água. É hora de encerrar a reunião sobre o vídeo e ir para outro lugar. Alguém tem o nome e endereço de um clube de música reggae/africana. Suzanne Doyle, a sempre eficiente chefe de transportes, começa a pedir os carros a designar os assentos. Enquanto ela está ladrando ordens em uma sala cheia de bêbados, alguém chama a Suzanne de "Enfermeira Ratched"[1]. McGuinness a chama de "Big Bird"[2]. Eu acho que eles deveriam chamá-la de "Elle Duce"[3], porque ela se assegura que os trens partam na hora certa.

No caminho cruzando Berlim rumo ao clube de reggae, Regine Moylett relembra como era visitar amigos na Berlim Oriental antes da queda do Muro. Ela diz que vizinhos desagradáveis podiam imediatamente aparecer e insistir em entrar para escutar a conversa. Os vizinhos tentariam provocar algum comentário político do visitante ou apontar para a camiseta de rock de Regine e exigir saber como ela podia defender a música pop decadente. Ela duvidava que esses incovenientes fossem da polícia secreta, mas acreditava que vários alemães orientais preenchiam relatórios sobre os seus vizinhos para a Stasi. Era uma maneira de conseguir alguns favores extras ou conseguir uma boa impressão. Toda a cultura estava repleta de desconfiança e paranóia. Isso me dá uma pista sobre

---

[1] A enfermeira Ratched é uma a e a principal antagonista do romance de 1962 de Ken Kesey, *Um Estranho no Ninho*, bem como o filme de 1975 de mesmo nome. Uma tirana fria, sem coração, a enfermeira Ratched tornou-se o estereótipo da enfermeira cruel e sádica. Ela também se tornou uma metáfora popular para a influência corruptora do poder institucional e da autoridade em burocracias, como o centro de tratamento psiquiátrico em que o romance é ambientado.

[2] Big Bird é um personagem do programa infantil de televisão *Vila Sésamo*. Big Bird é um canário antropomórfico que patina, patina no gelo, dança, nada, canta, escreve poesia, desenha e até anda de monociclo. Apesar desta grande variedade de talentos, ele é propenso a frequentes mal-entendidos.

[3] Apelativo feminino de "Il Duce". Duce é uma palavra italiana que significa "líder". O termo foi usado como título por Gabriele d'Annunzio, o ditador italiano autoproclamado em 1923 e, mais significativamente, pelo líder fascista Benito Mussolini. Devido a Mussolini, o título se associou ao fascismo e já não é frequente no uso contemporâneo, a não ser, no uso geral para "líder".

algumas linhas de “The Wanderer”: “I went drifting through the capitals of tin, where men can't walk or freely talk and sons turn their fathers ,in”. [“*Eu ia a deriva, vagando pelas capitais de latão, onde os homens não podem caminhar ou falar livremente e filhos entregam seus pais”*].

Chegamos ao clube africano, chamado Ton-Ton, juntamos várias mesas e pedimos mais bebidas. Bono pergunta quem quer dançar, e uma das mulheres do Principle se oferece. Quando eles vão até a pista de dança, porém, os clientes negros do clube se afastam. Bono se assusta. Por sorte, o dj intervém e anuncia que o Ton-Ton tem alguns convidados especiais essa noite e faz um pequeno rap dando as boas-vindas ao U2. A tensão se dissipa e os africanos começam a dançar novamente.

Paul McGuinness e eu nos sentamos em um canto, solucionando os problemas do mundo, quando ele surge com o que eu considero uma extraordinária percepção. Ele diz que há dez anos, ele e a banda nunca esperavam que o U2 se tornasse a maior banda do mundo – eles achavam que eles seriam *uma* das grandes bandas, junto com o Clash, o Talking Heads, The Police e The Pretenders. “Nós esperávamos que essas bandas estivessem conosco o tempo todo”, diz o Paul. Para a surpresa do U2, todos esses grupos que lhes precederam tinham se separado, deixando eles com toda a energia acumulada e seguindo em frente com isso. Paul diz que Tina Weymouth, baixista do Talking Heads, foi a um show do U2 e disse: “Bono é tudo que eu esperava que o David [Byrne] se tornasse”.

Uma vez eu conversei com John Lydon, anteriormente Johnny Rotten, sobre a influência que o seu grupo P.I.L. teve no jovem U2. A guitarra e o baixo na faixa “Public Image”, por exemplo, poderia ter sido o protótipo de metade dos primeiros álbuns do U2.

“Eles não apreciaram muito o fato”, Lydon disse. “Eles não têm sido muito honestos sobre a origem das suas influências, não é? Uma grande parte do U2 tem a ver com o início do P.I.L. É o Edge todo, não é? Tudo bem, isso não é um insulto. Ele gostava do nosso som e o levou a outro lugar. Fez dele o seu próprio som. Bem, boa sorte pra ele. Eu apenas fico irritado quando as pessoas me dizem: ‘Oh, você não é tão bom quanto o U2’. Você não sabe de onde eles vieram?”

Não há dúvida que o U2 veio do P.I.L. E do Clash, do Jam, da Patti Smith, do Skids, do Lou Reed, do Bowie, e de cinquenta outros lugares. O que os distingue dos seus antigos rivais e influências é até onde eles chegaram.

---

30. Numb

a grande filmagem / pés na cara de edge / mais histórias da ilha esmeralda / o choque do casamento pós chernobyl / o conselho de hemingway para estrelas do rock / um brinde ao reg, a estrela do show

Quando Adam e Larry chegam para a filmagem de Numb no estúdio cinematográfico em Spandau – um grande galpão, na verdade – Edge já trabalha há cinco horas. Ele está sentado em um banquinho com uma camiseta preta sem mangas, com três garotas sensuais no chão, em volta dele, como na capa do *Electric Ladyland* [1].

"Trabalho pesado, Edge?" pergunta Larry.

Um pequeno e claustrofóbico curral foi montado em volta de Edge no centro de uma enorme área da fábrica, com telas ao redor e holofotes quentes suspensos. Um grupo de modelos alemães – rapazes e moças – ficam em volta do perímetro olhando, com suas bochechas pra dentro e existencialmente entediados. A função deles é se mover em segundo plano, fora de foco, saturando a cena com um vago ar de tédio niilista. Parecia para mim como se representassem eles mesmos. Esses garotos parecem como se tivessem sido arrancados de um seminário de graduados numa palestra de Sartre[2].

Godley, o diretor, está no meio do treinamento à uma garotinha, de cerca de cinco anos, sobre como bater no peito de Edge. "Mais forte! Bata com mais força!" ele diz a ela.

Larry dá um passo à frente: "Eu faço isso!"

"Entre na fila", vem a voz de Maurice, por detrás do cameraman.

O operador de áudio toca "Numb" e Edge começa a dublar as palavras, lendo-as de um grande quadro, logo abaixo da câmera. Ele recitou-as de um caderno quando ele fez o disco e ele nunca teve que memorizar a ladainha. Sua intensa atenção, sem piscar, enquanto ele tenta não estragar a letra ajuda na ilusão de que ele está olhando para uma tela de TV, inconsciente de todos os estímulos ao seu redor.

No momento indicado, Maurice se inclina e sopra fumaça no rosto de Edge. Então Andrea Groves, uma das cantoras do Stereo MC's, se levanta do chão atrás dele e massageia seus ombros. Duas modelos alemãs vestidas como peruas inclinam-se e enfiam suas línguas nas orelhas dele. Uma colher de sorvete é enfiada em sua boca. A garotinha bate no peito dele. Maurice chega por trás dele, passa um pedaço de corda pela sua cabeça e começa a amarrar seu rosto. Edge tem uma crise de riso e tudo pára.

---

[1] Electric Ladyland é o terceiro e último álbum de estúdio de "The Jimi Hendrix Experience", lançado em outubro de 1968.

[2] Jean-Paul Charles Aymard Sartre (Paris, 21 de junho de 1905 — Paris, 15 de abril de 1980) foi um filósofo, escritor e crítico francês, conhecido como representante do existencialismo. Para Jean-Paul Sartre, a liberdade é a condição ontológica do ser humano. O homem é, antes de tudo, livre. O tema da liberdade é o núcleo central do pensamento sartriano e como que resume toda a sua doutrina. Sua tese é: a liberdade é absoluta ou não existe.

Há uma pausa instrumental no meio da música e eles decidiram que é uma boa ideia que o Edge saia de cena durante esse intervalo. Essa decisão é menos estética do que prática; isso significa que Godley pode filmar duas sequências de dois minutos em vez de uma sequência de quatro minutos. Dada a quantidade de tempo que eles têm para completar este clipe – um dia – e o número de ações diferentes que têm que ser coordenadas (vinte e quatro) e a chance do Edge falhar na dublagem na cadenciada sequência da letra da música, isso é uma grande benção. Mas como tirar Edge da cena?

O diretor tem uma inspiração. Ele pede a um assistente para jogar um monte de almofadas no chão atrás do Edge. Então ele diz a Larry para vir, colocar sua mão na cara do Edge e empurrá-lo para trás, banquinho e tudo mais. Larry diz: ótimo! Edge diz: "Não deveríamos tentar primeiro com alguém dispensável?"

Eles fazem uma tentativa. Larry surge ferozmente, agarra o rosto do Edge com a mão e o joga cambaleando para trás, ambos os pés para o ar, como num desenho animado. Todo mundo ri e aplaude. Mas, olhando o resultado na tela de vídeo, o diretor, relutantemente, conclui que isso é *muito* engraçado – o tombo mata o sentido original de Numb.

Godley sugere que talvez o Bono é quem deva aparecer e vendar Edge com a corda.

"Bono?" diz Edge com simulada ironia. "Bono vai amarrar cordas em volta do meu pescoço? Espere um minuto ai..."

Maurice diz que a corda é só para o ensaio, na filmagem mesmo, será usado arame farpado.

Denis Sheehan está num canto gritando no walk-talkie, informando que Morleigh, a dançarina da dança do ventre, foi avisada que era para estar de prontidão para essa filmagem hoje, mas agora ninguém consegue encontrá-la. Eu guardei para mim mesmo que eu tinha visto Morleigh saindo do hotel cinco horas atrás. Ela disse que tinha sido vagamente informada de que poderia ser necessária para o vídeo de hoje, mas ficou sentada em seu quarto a manhã toda e não ouviu nada, então ela estava saindo para ver Berlim. Diferentemente de praticamente todos na turnê, Morleigh não espera pelos caprichos dos reis. Ela tem sua própria companhia de dança: ela é uma profissional. Se houver uma ligação ela chegará lá a tempo e pronta para trabalhar, mas se ninguém lembrar de chamá-la, ela cuidará de seus próprios negócios. Por sorte, não haverá necessidade de Maurice se meter em uma saia justa e substituí-la. Com seu habitual dom mágico para encontrar mulheres, Bono, que estava dando uma volta, entra um minuto depois, com Morleigh a reboque. Ele estava olhando pela janela do carro no caminho por Berlim, viu-a andando por uma rua lateral e chamou-a para entrar no carro e ir ver como andavam as coisas nas filmagens de "Numb". Denis Sheehan parece aliviado por vê-la aqui, mas igualmente exasperado pela forma desorganizada que ela acabou chegando.

As duas modelos de língua, com seus enormes seios espremidos em bustiês pretos, estão praticando o corte das tiras de ombro da camiseta sem mangas do Edge com tesouras. Cada vez que elas o fazem, um assistente corre e cola a camiseta com fita adesiva. Adam assume o trabalho de soprar fumaça no rosto de Edge. Como a queda para trás foi descartada, Larry tenta empurrar Edge para o lado, para fora do quadro de ação da câmera. Isso funciona.

Todo o balé está tomando forma agora. A coisa mais engraçada é assistir a uma dúzia de pessoas nos diferentes papeis de figurantes, se amontoando, se agachando e se inclinando para ficar fora da cena quando não estão fazendo a sua parte. Todos têm de estar ao alcance do Edge de modo que eles possam aparecer em cena e lamber, dar tapas, dar uma colherada ou empurrar, e isso requer

bastante destreza nos passos para evitar colisões uns com os outros à medida que entram e saem. O trabalho de um assistente é movimentar uma tira de papelão preto na frente do projetor que faz refletir a luz que brilha na testa de Edge, para criar o efeito de uma luz de tela de TV cintilando em seu rosto.

Finalmente eles filmam toda a primeira sequência. Começa com uma torneira pingando no ritmo da batida mecânica de "Numb". Assim que entra a guitarra a câmera faz uma panorâmica nas gotas até elas atingirem a cabeça de um Edge passivo. Ele olha fixamente sem nenhum entusiamo para a câmera e entoa: "Don't move, don't talk out of time, don't think, don't worry, everything's just fine..." [Não se mexa, não fale fora do tempo, não pense, não se preocupe, está tudo bem ...] enquanto fora da câmera um auxiliar mexe no cano e na torneira e os tiram de cena. Adam se inclina e sopra fumaça no rosto de Edge. As mãos de Andrea deslizam sobre seus ombros e o massageiam. Dedos empurram as bochechas de Edge. As duas modelos passam suas línguas pelas bochechas de Edge ("Mais língua!", grita o diretor. "Agora morda sua orelha! Mais forte! Lamba seu rosto!"), uma colher de sorvete é enfiada em sua boca, a garotinha bate em seu peito, as duas modelos cortam sua camiseta, Adam enrola a corda de varal em volta do seu rosto, Larry enfia a cara no canto direito e canta "I feel numb" [Sinto-me entorpecido], Bono enfia a cara no canto esquerdo e canta sua parte imitando uma cantora gospel negra e Larry empurra Edge para o lado enquanto Bono dá um passo para trás, para fora do caminho.

Depois de algumas passagens, o diretor anuncia que a primeira metade do clipe está pronta. Uma pausa é feita para comer, e enquanto mastigam, a banda e Godley tentam completar o que será a segunda sequência. O diretor lê a lista de opções: "Você quer as pernas de Morleigh em volta de seu pescoço ou o pé dela na sua cara?"

Bono, Adam e Larry dizem juntos: "O pé na cara!"

Edge: "Eu prefiro as pernas em volta de meu pescoço".

Godley diz que se Edge realmente quiser, eles podem fazer isso sem filme na câmera para testar.

Bono diz que seria legal se, quando o solo terminasse, Larry aparecesse e colocasse sua cara na frente do Edge, como se estivesse checando o que estava passando na TV imaginária, mas isso cria um problema: "Então, como vamos nos livrar de Larry?"

Godley repete a pergunta: "Sim, como nos livramos de Larry?"

Larry diz: "Normalmente você usa o empresário para fazer isso".

Guggi, cuja esposa é alemã, chega a tempo para o jantar. Godley aceita que eles não vão poder usar os dois extras que foram importados para essa filmagem. Ele aponta para uma grande mala de vôo. Eu a abro e encontro duas enormes pítons. Guggi chega perto e tira uma das cobras, acariciando-a. Isso leva Guggi e o U2 a um devaneio sobre sua velha cobra em Dublin, e quando ela escapou e se enrolou em volta do seu colega de apartamento.

Bono me pergunta se eu vi "Into the West" [em português, No Limite da Inocência], um novo filme escrito por Jim Sheridan sobre dois garotos que cresceram em Dublin. Eu vi. "Guggi e eu crescemos em casas atrás daqueles prédios", diz Bono. "Aquelas eram as 'Seven Towers' [Sete Torres] de

‘Running to Stand Still’. Esse filme não é um exagero. Haviam garotos brincando montados em cavalos, cavalos dentro dos elevadores”.

Larry pergunta ao Guggi como um dos garotos do bairro está e Guggi diz que ele não está nada bem, ele acabou de cumprir uma pena por assassinato e o corpo do seu irmão acabou de ser retirado do canal. Ele está tendo uma maré de azar. “Mas, é claro, ele era uma das vinte e duas crianças”. O U2 continua a narrar com grande diversão sobre uma vez que convidaram um astro do cinema conhecido que estava em Dublin, para ir com eles a um casamento, onde o ator acabou bebendo e tendo bons momentos com estes delinquentes. Dois deles se uniram e planejaram sair juntos no final de semana. A banda se perguntou sobre quantos problemas a estrela de Hollywood acabaria tento antes de perceber que estava acompanhando o tipo de vilão que você não encontra nos roteiros de filmes.

De volta ao estúdio, Edge retorna ao seu assento enquanto Morleigh e Andrea sobem em mesas de pôquer, uma de cada lado dele, e começam a esfregar seus pés descalços por todo seu rosto. Edge, com seus olhos fechados, está gostando muito disso. Larry sai disfarçadamente, tira o sapato, tira a sua meia fedorenta e coloca o pé no rosto do Edge. O diretor incentiva Morleigh a tentar colocar o seu dedinho no nariz do Edge.

Bono, assumindo certa prerrogativa de direção, anda pelo estúdio dando sugestões e vetando ideias como Cecila B. DeMille. Um homem entra com um poodle no estúdio; Bono manda ele voltar. Eu sussurro pra ele que seria engraçado se alguém tirasse a sempre presente touca do Edge – e ele tivesse outra por baixo. Os olhos de Bono se iluminam e ele se aproxima e sussurra a ideia para Godley, que acha engraçado. Eles chamam o Edge, que recusa a ideia mais rapidamente que um pato lento no primeiro dia da temporada de caça. Edge mantém a sua touca.

A coreografia continua: Ian Brown, o produtor escocês de Godley, é chamado para gentilmente acariciar a bochecha do Edge com a sua mão grande e corpulenta. Morleigh, em seu traje de dançarina do ventre, se põe abaixo da câmera e então se levanta, rebola na frente do Edge, e sai. Um dos cinegrafistas se aproxima e tira uma foto do Edge, então dois adolescentes correm e fazem o mesmo.

Com a segunda sequência já bastante avançada, eles só precisam de um final. Isso se apresenta quando Paul McGuinness surge com alguns amigos com quem tinha acabado de jantar. O U2 insiste que o vídeo termine com Paul se aproximando do Edge, encostando perto do seu ouvido e dizendo: “Eu tenho alguém que gostaria que você conhecesse”.

Para os membros da banda, essas são as oito palavras mais temidas do idioma. Isso significa que o empresário está prestes a apresentá-los à um terrível consultor de rádio, jornalista ou um parente da realeza. O U2 jura com uma hipérbole apaixonada que McGuinness guarda esses momentos para quando eles estão nas profundezas da exaustão, da depressão ou da conversa com mulheres fascinantes. “É a frase”, diz Bono, “que coloca o temor de Deus em todos nós”.

Paul tomou um pouco de vinho no jantar, então ele está agradável. Edge fica em posição, no chão, onde Larry o empurrou no final da primeira metade. Luzes, câmera e ação são acionadas e: Larry está parado na frente da TV imaginável do Edge; Adam se aproxima, dá uma olhada por cima dos ombros do Larry, e sai; Larry vai embora; Edge retoma seu lugar, colocando uma jaqueta; o pé de Morleigh acaricia a bochecha esquerda do Edge; o pé de Andrea acaricia a bochecha direita (“Mais pressão com os pés agora!”, grita Godley. “Pés fora!”); Morleigh, fora da câmera, desliza para fora da mesa de

pôquer e se esconde embaixo da câmera; um buquê de flores é jogado no Edge; Entra Morleigh e dança diante da câmera e tapa o Edge; garoto tira fotos com uma câmera com flash; garota tira foto e beija Edge no rosto; o cinegrafista tira uma foto de si mesmo com o braço em volta do Edge; Paul McGuinness entra em cena e diz as temidas palavras e Edge, tristemente se levanta e vai embora com ele.

"Numb" está gravada. São 1:15 da manhã. As filmagens levaram cerca de treze horas. Todos relaxam, tagalerando, rindo e olhando a gravação. O Bono se aproxima e puxa uma cadeira e eu pergunto como foi a viagem de Ali à Chernobyl. Acontece que esse é um assunto delicado. Ele diz que ela teve uma experiência como a que ele tem quando está em turnê; ela foi com um grupo de pessoas para um lugar estranho, viram algumas coisas de enlouquecer a cabeça, comeram e viajaram e dormiram juntos em uma pequena e espremida comunidade – e agora que ela está de volta, está tomando algum tempo para se reajustar a sua vida doméstica. A turnê do U2 tem uma semana de folga depois do show de Berlim, e Ali está dizendo a Bono para não se preocupar em correr para casa se ele tiver outras coisas para fazer.

Isso deixa Bono terrivelmente assustado. É ele quem entra e sai da família, não ela! Ocorre-lhe, com certo horror, que a única razão pela qual eles continuam funcionando tão bem é que enquanto ele muda de personalidades, Ali é constante. Ele sabe que ela tem o direito de sair e experimentar tudo o que ele tem, mas se ela o fizer, será que ambos nunca estarão em casa mentalmente ao mesmo tempo?

No interesse de manter em ordem a vida doméstica, Bono fez arranjos para que Ali e as crianças o encontrassem em Paris assim que os shows em Berlim terminassem. De lá, eles vão passar uma semana na sua casa no sul da França e ele a cortejará como um adolescente. Bono sabe muito bem que ele é capaz de ter tudo – uma vida selvagem no mundo e uma vida segura em casa – por causa da Ali. Ele, em todos os aspectos, estaria perdido sem ela.

Eu continuo dando ao Bono cópias do *Garden of Eden [Jardim do Éden]*, de Hemingway, e ele continua perdendo-as. Lhe digo que é uma obra que o fará se sentir interpretado. Ocasionalmente ele me diz, do nada: "Eu perdi aquele último exemplar do *Garden of Eden* que você me deu, mas vou conseguir outro para ler".

É um romance incrível para qualquer um que se mantém na vida fazendo algo criativo, e para qualquer um que esteja debatendo-se contra a vida de celebridade. Começa com um jovem escritor em sua lua-de-mel. Ele se casou com uma jovem rica e estão numa viajem romântica pelo Mediterrâneo. Na primeira parte do livro, o autor está vivendo completamente no mundo real – ele devota grande atenção ao sabor da comida, à sensação do sol, de nadar e andar de bicicleta, e ao prazer do sexo com a sua jovem esposa. Seu trabalho, escrever seu próximo romance, é simplesmente algo que ele gosta de fazer e o faz por algumas horas todos os dias; é um aspecto da sua vida, mas de jeito algum é o centro da sua atenção. Mas à medida que a história avança, sua devoção se dividide entre o mundo real e o mundo da sua criação – não apenas sua ficção, mas sua emergente imagem pública de um machão de fala grossa. Essa imagem não é exatamente igual à vida real do escritor – ele está cada vez menos seguro de si mesmo e ainda mais emocionalmente complexo do que esse personagem de desenho animado, mas fica lisonjeado com o elogio e gosta dessa noção de si mesmo como um caubói literário. Isso machuca os seus sentimentos quando sua esposa o traz de volta à realidade.

Durante o curso do romance, o escritor se torna cada vez mais confuso com o mundo real em que a

sua autoridade vai e vem, a coragem sexual da sua esposa começa a intimidá-lo, e ele não está seguro de onde ele está a cada dia. Ele está cada vez mais mergulhado no mundo da sua ficção, onde ele tem autoridade absoluta, e à vida da sua imagem pública, que é simples, em preto e branco, onde ganha os aplausos de estranhos. Quando *The Garden of Eden* começa, a atenção do escritor está voltada para o mundo real e seu trabalho é só uma coisa prazerosa. No final do livro ele está vivendo completamente dentro da sua própria ficção, e o mundo real é apenas o lugar onde ele vai comer e dormir.

Bono está no meio do caminho entre as duas extremidades desse livro. Ele tem um pé na sua vida caseira e sabe que ele *realmente* é Paul Hewson, marido, filho e pai – e o seu outro pé no Mundo Zoo e sabe que ele *realmente* é Bono, estrela do rock, músico e The Fly. *Achtung Baby* era sobre estar em casa ao mesmo tempo tentado pelo barulho e pelo brilho das luzes da cidade noturna. *Zooropa* é sobre estar do lado de fora, no avião, nos cabarés – e tentando lembrar quem você costumava ser. O personagem em *Achtung Baby* ainda está mais próximo do cara no início de *Garden of Eden* do que do cara no final; ele ainda experimenta e cheira o mundo real. O personagem em Zooropa está quase no fim e pegando velocidade na descida.

Uma vez eu estava fazendo compras com Bono e ele tirou um cartão de crédito para pagar um presente. Enquanto ele assinava eu perguntei que nome estava no cartão – Paul Hewson ou Bono. Aí percebi que não era nenhum dos dois, eram apenas suas iniciais. Ele disse, em um tom surpreendente distante: "Eu não quero as pessoas nas lojas me chamando de Paul. Isso sugere uma familiaridade injustificada". Eu lhe dei um olhar despretencioso. Ele deu um sorriso e anunciou: "Paul está morto!"

O cenário de *Garden of Eden* é uma ameaça real aos roqueiros de sucesso. Sem dúvida, é uma ameaça às celebridades e artistas de grande ou pequeno sucesso, e é por isso que Hemingway foi capaz de saber isso com exatidão. Diante da feia igualdade do casamento, é tentador para o aclamado artista dizer à sua esposa: "Olhe, eu trabalho duro, dou tudo a você e, apesar do que você possa pensar de mim, *todas essas milhares de pessoas me amam!*". Assim, o artista procura em seu público o afeto impulsionador do ego que sua esposa ou família está retendo ou sobrecarregando ao impor diversas condições. O amor isento de crítica do público lhe dá a coragem para continuar seguindo no seu caminho egocêntrico, mesmo que o seu casamento acabe. O problema é que, quando chega o dia em que os fãs não mais respondem, o artista é deixado amargo e sozinho.

Isso soa como *Dr. Joyce Brothers's Advice for Lonely Rock Stars and Other Big Babies!* [*Aviso do Dr. Joyce Brothers para Estrelas do Rock Solitários e Outros Grandes Bebês!*]. Bem, ser uma estrela do rock é uma coisa rara e ridícula para se ser. É difícil agarrar-se a qualquer comportamento normal quando a normalidade foi abolida da sua vida. A mesma parte do Bono que pode genuinamente rir da sua própria postura e vaidade o mantém consciente de quão importante é o seu casamento. Ele adora ser um astro do rock porque ele tem que ser um apenas algumas vezes e não sempre. Eu suspeito que o Bono jamais pense que ele tem de ser um astro do rock todo o tempo, porque se ele imaginasse que tivesse de ser assim durante o tempo todo, ele abandonaria a carreira.

Quando voltamos ao hotel, encontro todos os outros no bar revivendo as glórias do dia. Considerando que Kevin Godley ouviu pela primeira vez sobre esse vídeo conceitual – na Califórnia – menos de uma semana atrás, seu rápido término é bastante notável. Ele não tem nenhuma intenção de ir dormir esta noite – ele irá pegar um vôo de volta para Los Angeles amanhã pela manhã, e no momento que ele for para a cama na Califórnia, "Numb" vai parecer um sonho.

Adam diz que não haverá nenhum meio de negar que o par de pés femininos no rosto de Edge - um negro e outro branco - sejam de Naomi Campbell e Christy Turlington. Quando o sol começa a aparecer no lado de fora do hotel, Larry levanta um copo para o Edge, estrela das gravações. "Para o Reg!" Larry brinda, usando o apelido que ele leva dentro do círculo do U2 e que já é um famoso apelido entre eles.

"Para o Reg!" todos no recinto respondem.

Alguém pergunta para onde foi o Bono.

"Ele está lá em cima", Godley responde, "praticando furiosamente sua guitarra".

---

31. O Estádio Olímpico

decifrando o carisma do fuhrer / chamando os fantasmas feios / bono faz o passo do ganso / a arquitetura da sociopatologia / correndo para o último avião para casa / uma festa surpresa para ariel

ENTRANDO no Estádio Olímpico que Hitler construiu para dar suporte à sua loucura e mostrar sua superioridade de raça, efetivamente calou a boca de todos da organização do U2. Parecia que o mundo havia aberto um portão nas entranhas para revelar as fileiras intermináveis dos molares de concreto. Eu saúdo Bono no grande degrau de pedra, como "Kaiser Hewson", mas ele apenas olha para o estádio, que se projeta em direção a terra, ao abrigo da luz. O seu design é como um enorme teatro ateniense inflado, mas a sensação de pavor que ele impõe está mais próxima ao que o Coliseu de Roma poderia ter sido se Nero tivesse misturadores de cimento. Um estádio como esse foi construido para funcionar durante um reinado de mil anos e então servir como atração turística por mais alguns milênios.

O estádio tem mais vibrações do que uma fábrica de xilofones. Enquanto andávamos pelo terreno, todos faziam a mesma observação: "Hitler era *louco*!" Você pode sugerir que essa não é uma ideia nova, mas algumas vezes é necessário um exame minucioso para apreciar plenamente a profundidade das excentricidades de um maníaco mundialmente famoso. Andando entre as estátuas gigantes de alemães nús, com posturas de poderosos garanhões, olhando através da vasta extensão de campos bem cuidados sobressaindo pelo iminente estádio de pedra, assustados com a suástica de cimento apenas ligeiramente escurecida pelo gesso, o U2 percebeu porque Hitler, no meio da guerra com a Inglaterra, foi arrogante o suficientemente afetado para se virar e invadir a Rússia com as mãos abanando enquanto declarava guerra aos Estados Unidos com sua única gônada: *pura audácia lunática*. Sem ofensa à Neville Chamberlian[1], mas uma olhada sobre o gosto de Fuhrer para a arquitetura deveria ter sido a dica de que esse ditator era apenas um pequeno aperitivo num grande buffet. Em sua mente, Hitler não estava competindo com Churchill, Roosevelt ou Stalin; na sua cabeça ele estava competindo com César e os faraós.

Depois de termos bebido algo, Bono pergunta o que eu penso. "A escala é bem inflada", eu digo. "Isso faz você pensar que Hitler tinha problemas reais de supercompensação. Talvez ele não precisasse conquistar a Europa se ele fosse um pouco mais alto e tivesse as duas bolas".

Bono se levanta no alto dos seus um metro e setenta, olha nervosamente para seu zíper e diz: "Hum, Bill... há uma coisa sobre mim que eu queria lhe contar..."

Com um grunhido culpável de um membro da equipe, este provoca uma explosão de risadas de todo mundo. Eles orgulhosamente anunciam que encheram a tocha olímpica com explosivos para o final de "Desire".

Ian Brown, o produtor do vídeo de "Numb", caminha pelo estádio enquanto bebe. "É um estádio adorável, não é?" ele diz.

---

[1] Arthur Neville Chamberlain foi um político britânico conhecido pela sua política externa de apaziguamento, e, em particular, por ter assinado o Acordo de Munique, em 1938. Adolf Hitler, Neville Chamberlain, Édouard Daladier e Benito Mussolini foram os políticos que assinaram o Acordo de Munique. O ajuste dava à Alemanha os Sudetos (*Sudetenland*), começando em 10 de outubro, e o controle efetivo do resto da Checoslováquia, desde que Hitler prometesse que esta seria a última reivindicação territorial da Alemanha. Neville Chamberlain acreditou, ingenuamente, que Hitler cumpriria o acordo.

“Sim”, eu digo, “meio que faz você querer reconsiderar toda essa atitude anti-nazista”.

Ah, estou apenas sendo um pouco esnobe. Eu penso neste lugar como sendo algo assutador, por causa do que sabemos sobre os nazistas, mas pense como isso deve ter sido para os alemães, humilhados após a Primeira Guerra Mundial, amendontrados com a queda do kaiser, e quebrados pela Grande Depressão[1]. O que para nós é quase uma excentricidade maluca, pode ter sido majestoso pra eles. É fácil compreender que eles queriam ser parte daquilo.

“Oh sim, sim”, diz Bono. *"Eu* sinto isso. Como eu disse naquela conferência sobre a paz, ‘você não deve subestimar o sex appeal em um Hitler’. Muito disso é o que justamente está em questão.

O U2 foi avisado sobre as severas penalidades por quebrar o toque de recolher em Berlim, mas eles decidiram secretamente fazê-lo de qualquer maneira. Eles querem que esse show, acima de qualquer outro, tenha toda a força da sua tecnologia desde a primeira música, e isso significa esperar até o anoitecer para começar. Como estamos em Berlim e como esse é o solstício de verão, isso significa atrasar a entrada do U2 até às 10 horas. A banda anuncia, falsamente, que o atraso é devido a dificuldades técnicas. Então, um grande debate se forma no camarim sobre se eles querem fazer a sua entrada habitual na frente das telas da Zoo TV, ou se querem um grande holofote iluminando eles descendo os grandes degraus de pedra do estádio. Eles vão e voltam, radio transmitindo cada *sim, não, sim, não,* para aumentar o nervosismo na mesa de iluminação. Eles finalmente decidem, minutos antes de sair, não usar o holofote. Eles caminham até o topo dos degraus em total escuridão e olham para baixo, para a enorme multidão de barulhentos berlinenses – e a luz de um holofone os ilumina. Uh-oh. Eles são iluminados como deuses nórdicos. Uma aclamação surge da multidão. Eles descem as escadas de pedra para a parte de trás do palco, sumindo lentamente sob o olhar da multidão.

Parece impressionante para o mundo, mas o submundo está em pânico. O elevador que sobe o Bono para o palco está quebrado. Um membro da equipe está desesperadamente tentando fazê-lo funcionar. Um sinal é enviado para a equipe de vídeo para manter as fitas da introdução rodando. O cara do vídeo enlouquece – essas fitas de abertura não duram muito tempo! Ok, o elevador está concertado! Avise a equipe do vídeo que a banda está subindo! *Onde diabos está a banda?* Eles ainda estão parados nos degraus, admirando o grande trabalho que eles tinham feito descendo as escadas. A fita de introdução está prestes a acabar! *Coloque-os no palco agora!*

A atenção do público está fixa nas telas da Zoo TV, preenchidas com imagens gigantescas do *Triumph of the Will and Olympia*, de Leni Riefensthal. A multidão – que em sua maioria não reconhecia essas imagens, que tinham sido proibidas na Alemanha – clamam quando o garoto da bateria começa a golpear seu tambor e as belas alemãs vasculham o ar com seus braços e um garoto da Juventude Hitlerista (nesse ponto, parte da plateia pode estar sentindo a vibração de que essa é uma história tóxica) levanta um bastão. “Ode to Joy” de Beethoven (veja, houve bons alemães também) explode cada vez mais alto à medida que as imagens nazistas dão lugar a uma cascata de símbolos da Europa dos últimos cinco anos – do martelo e da foice ao sudário de Turin, ao pequeno esboço do triste astronauta que é o símbolo dessa turnê (é basicamente o bebê do *Achtung Baby* do último ano com

---

[1] A Grande Depressão foi uma grande depressão econômica que teve início em 1929, e que persistiu ao longo da década de 1930, terminando apenas com a Segunda Guerra Mundial. A Grande Depressão é considerada o pior e o mais longo período de recessão econômica do século XX. Este período de depressão econômica causou altas taxas de desemprego, quedas drásticas do produto interno bruto de diversos países, bem como quedas drásticas na produção industrial, preços de ações, e em praticamente todo o medidor de atividade econômica, em diversos países no mundo.

um capacete espacial desenhado em torno de seu rosto – ele representa o cosmonauta soviético que estava em órbita quando a União Soviética caiu, e que foi deixado flutuando lá por semanas até que o novo governo decidisse quem era responsável por trazê-lo de volta). As imagens vêm cada vez mais rápido, a música toca cada vez mais alta e forte – e então é quebrada pela guitarra de Edge cortando os primeiros acordes de Zoo Station, enquanto todas as telas de vídeo se convertem em um azul estático (com as estrelas amarelas do símbolo da União Europeia).

Como sempre, isso enlouquece a multidão, e chega ao clímax com a silhueta do Bono subindo lentamente no telão atrás do Edge. Bono sempre percorre desfilando através da fileira de telas, da esquerda para a direita do palco, e desce cantando para ocupar seu lugar junto à banda. Esta noite, acredite, ele não está apenas desfilando através das telas. Maurice grita e Joe O'Herlihy balança sua cabeça. Bono está fazendo o passo de ganso[1]. Seu braço direito continua tentando fazer a saudação nazista, como o Dr. Strangelove, e sua mão esquerda continua segurando-a e batendo nela. Um dos slogans que aparece nos telões é "Taste is the enemy of art". [Experimentar é o inimigo da arte]. Se isso for verdade, Bono é o Da Vinci hoje à noite.

A banda está tocando como nunca, abrindo com gás total. Edge está sobre os seus pés um pouco afastados um do outro, segurando sua guitarra na sua frente enquanto toca. Bono está cantando com um sotaque estranho, desde o limite da sua garganta, rugindo as palavras. Este é para eles o show mais importante da turnê. É aqui que eles têm que fazer certo. Sutileza não está nem mesmo no repertório.

Bono mais uma vez dedica "One" aos turcos. Desta vez há poucos aplausos; na verdade, o barulho da multidão parece diminuir quando ele diz isso. No momento que a banda vai para o palco B para o set acústico, já são mais de 10:30 e a temperatura está caindo rapidamente. Está congelante. Bono parece estar perdendo a sua voz. Mas o climax está por vir.

É ilegal exibir a suástica na Alemanha – é por isso que as que estão nas paredes desse edifício foram encobertas com gesso. Durante o auge de "Bullet the Blue Sky" o palco é banhado com uma luz vermelho sangue. Na turnê do ano passado, quando o Bono cantava: "See the burning crosses, see the flames higher and higher" [*Veja as cruzes em chamas, veja as chamas cada vez maiores],* grandes cruzes juntamente com rosas em chamas preenchiam os telões. Eles o fazem também agora – mas quando eles atigem o ápice, as cruzes se inclinam para a direita e se transformam em suásticas flamejantes. Não há uma única reação do público – há suspiros audíveis e há excitação, raiva, constrangimento, agitaçao. Os jovens alemães são particularmente sensíveis ao insulto de estrangeiros associando eles aos nazistas, então, há uma considerável tensão nessa pausa antes que o Bono diga, em alemão: "Isso nunca mais acontecerá novamente!"

Então há uma explosão de aplausos e gritos. O público alemão foi convidado a identificar o fascismo como o pecado dos outros, não de si mesmo. A banda estava ansiosa e agora alivada por esse momento do show. Bono pensa que falar essas cinco palavras, soletrando a mensagem do U2, é completamente contraditório ao espírito da Zoo TV – que supostamente não deveria ser moralizante, onde símbolos são usados para levantar questões e examinar contradições. Mas, ao mesmo tempo, o U2 está ciente de que certas coisas são mais importantes que teorias de arte, e a oposição ao facismo está no topo dessa lista. A banda decidiu que, se eles fossem usar a suástica – o mais potente símbolo

---

[1] O "passo de ganso" é um estilo de marcha desenvolvido originalmente no século 18 pelos prussianos e que foi adotado pelos exércitos nazistas.

de todos – eles deveriam quebrar a imagem e deixar absolutamente claro que para eles isso representa o mal. Eles queriam oferecer ao público, principalmente para aqueles de lugares onde o neo-nazismo estava crescendo, uma oportunidade para celebrar a oposição ao facismo. Eles não correriam o risco de ter algum idiota achando que eles estariam celebrando o nazismo, mas, ainda mais, eles não queriam que crianças alemãs achassem que o U2 os estava empurrando para um canto onde eles tivessem que defender qualquer coisa corrupta por uma lealdade nacional equivocada. Bono disse à plateia quando falava sobre os turcos, que lutando por justiça em face do mal, "você tem a chance de ser um herói". Isso é, finalmente, tudo o que eles vieram dizer para Berlim.

Após toda essa tensão e catarse, "Pride", completada com as falas de Martin Luther King, é uma celebração. Hitler deve estar se revirando no seu bunker. McGuinness caminha até a mesa de controle para dizer a Joe O'Herlihy que a revista *Mix* o indicou como Engenheiro de Som do Ano. "Isso vai fazer você marchar mais rapidamente", diz o empresário. Joe decide comemorar aumentando o som num volume de sacudir a casa. Está agora muito alto para conversar. McGuinness passa uma anotação para o Joe – um desenho do avião da Zoo com os rabiscos: "Após 'Love Is Blindness'", significando que, assim que a última música acabar, corra para os carros – vamos correr para o aeroporto e qualquer um quer for deixado para trás, terá que voltar caminhando para a Irlanda.

Joe, sensível ao fato de que ele está quebrando a barreira dos decibeis, passa outra anotação de volta para o Paul: "Eles irão me levar sob custódia depois do show hoje à noite. Sim. Preso".

Paul rabisca no papel e manda de volta: "Eu ainda posso votar em você se você estiver na cadeia?"

Macphisto está delirando loucamente esta noite. Apontando para os seus sapatos de plataforma, ele chora: "Da última vez que vocês me viram eu tinha um metro e setenta, mas agora, olhe para mim! Sou um gigante! Vocês sabem quem é Helmut Kohl?" Há um murmúrio negativo, uma certa vaia. "Ele está se tornando um amigo meu". Alguns aplausos. "Eu deveria ligar pra ele?". Muitos aplausos. Macphisto gesticula e observa todo o estádio ao seu redor e gargalha: "Eu amo esse lugar!" Há alguns aplausos. "Toda a pompa e marcha cerimonial…" a multidão se aquieta. "Vocês não amam isso?"

Ele disca o número do chanceler e recebe um sinal de ocupado. "Acho que eu talvez tenha ofendido o chanceler". O diabo suspira. Então ele começa a gritar: "Olá? Você pode me ouvir, Helmut Kohl? Eu não preciso das linhas telefônicas! Você sabe quem eu sou! E eu quero agradecer por você me deixar entrar de novo no país! EU ESTOU DE VOLTA! EU ESTOU DE VOOOLTA!"

No momento que o *encore* acaba, a banda é levada às pressas para os carros que esperam com uma escolta policial e disparam pelas ruas através do tráfego. Bono corre para Paris para se encontrar com Ali e está encantado por poder voltar à afeição de seu amor. Eu estou junto com Edge e McGuinness que estão indo em direção ao avião da Zoo, que está abastecido e esperando num aeroporto de Berlim Oriental. Assim que entramos no que era a zona soviética, as árvores dão lugar a um solo estéril. (Eu não quero soar como Dan Quayle; eu sei que a fotossíntese ainda funciona sob o comunismo. Eu apenas fico perplexo toda vez que considero que a Alemanha Oriental era a *jóia no meio dos países soviéticos*, o estado comunista mais bem sucedido economicamente. Ainda assim, essa paisagem parece um depósito de lixo em comparação com a Alemanha Ocidental. Sorte minha que meu pai está morto ou então teria que ouvi-lo dizer: "Eu lhe disse" sobre todas as discussões políticas que tivemos à mesa da sua casa sobre os Beatles ou a queda de Saigon).

Edge diz: "Foi um bom show. Foi difícil. Enfrentar os fantasmas daquele lugar. Você ouviu o mal na voz de Bono quando ele ligou para Kohl? *'Eu estou de volta!'* Edge balança a sua cabeça. "Sabe, quando Bono e eu fomos para aquela conferência da paz em janeiro, nos pareceu que a questão que devíamos abordar nessa turnê era a xenofobia. Eu tinha dúvidas sobre o uso da suástica, porque se não estivesse absolutamente claro por que estávamos usando isso, poderia parecer que estávamos usando essa imagem por outras razões, para abalar valores. Mas, como as coisas deram certo, tudo o que está acontecendo na Alemanha tem sido notícia internacional. Todos entenderam a questão".

Às 2:15 da manhã, no caminho de volta voando sobre a Europa, Edge e Suzanne entram na cozinha do avião da Zoo e preparam um bolo de aniversário surpresa para Paul McGuinness, que completou quarenta e dois anos à meia-noite. Suzanne lhe dá um presente e Edge lhe diz: "Nós somos aqueles que *realmente* amam você, Paul". Todos assinaram em um livro da turnê para o empresário. Edge escreveu: "Para Paul – o melhor empresário que já tive".

"Bem", Paul diz, "todos vocês estão convidados para a minha casa esta tarde para minha outra festa".

"Eu terei que levar outro presente?" Suzanne pergunta. Enquanto a adrenalina de Edge começa a voltar ao normal, um certo cansaço pode ser percebido no seu rosto e ele fica pensativo. Nós fomos para os fundos do avião para conversar. "Eu acabo de perceber", ele diz, gesticulando sobre as velas de aniversário, "no ano que vem, eu estarei no U2 metade da minha vida".

Eu pergunto sobre atrasar o início do show até depois do pôr do sol. "O pensamento era o de todas as noites, nós precisávamos sentir que estávamos caminhando sobre cilíndros em chamas nessa situação, tocando naquele lugar, de volta à Berlim. Se os olhos do mundo estavam voltados para lá ou não, sentíamos como se estivessem. Se você sente que está tocando numa situação inferior a melhor possível de se apresentar, você pode se sentir muito vulnerável".

"Vindos da Irlanda, nós somos bastante supersticiosos, e acho que todos nós em geral estávamos muito conscientes dos fantasmas rondando aquele lugar esta noite. E com a abertura de Leni Riefenstahl, você sabe que aquela batida era um chamado para alguns demônios, alguns espíritos, e é melhor você ter certeza de que é o espírito certo ou então poderia ter sido um show muito diferente".

Pergunto se teve algum momento em que Edge achou que o U2 talvez tivesse ido londe demais, trazendo o imaginário nazista ao palco.

"Durante todo *'o tempo que eu estava no palco'*. Cada segundo". Edge ri. "Sinceramente, eu estava me perguntando, que *porra* é essa? Essencialmente, é isso" - ele fica com o rosto corado – "para todas as formações da extrema-direita foi uma coisa boa, mas sabe, é uma presença muito forte que você está ridicularizando. Eu fiquei um pouco intimidado com isso hoje à noite. A única maneira de lidar com isso é por se jogar com toda força, e eu acho que é por isso que havia tanta energia".

Menciono que o solo de guitarra do Edge em "Bullet the Blue Sky" esta noite foi como navegar em águas desconhecidas – foi um solo de rock ácido.

"Bem, eu quase podia sentir aquelas suásticas surgindo", diz Edge. "Isso é o mais engraçado: Bono deixa uma frase no ar, elas aparecem de repente, e então ele me fode, porque some e me deixa ali sozinho! E eu tenho que de alguma forma transmitir com a música alguma coisa que dê sentido a isso. Algumas vezes, isso acontece, outras não. Esta noite havia muita energia ali".

“Foi um momento muito emocionante”, eu digo.

“Sim, foi pra mim”, responde Edge. “Apesar de estar muito assustado com isso! Com esse show existem muitos riscos, especialmente para o Bono, que está ali a maior parte do tempo, vivendo e morrendo baseado no que ele pode entregar de si mesmo durante esta noite. Macphisto é um exemplo. Existem algumas coisas que ele já leva planejado, mas ele tem que trabalhar com o público e trazê-lo à vida todas as noites sem um roteiro, e isso é difícil”.

Eu decido dar um golpe no exausto Edge com algo que o Bono me disse outro dia – que o U2 tem seis outras boas músicas que eles deixaram abandonadas em Dublin.

---

32. Jam

engarrafamento italiano / pearl jam introduz o salto de cabeça do palco para verona / o problema com o grunge/ novidades do front / uma proposta de casamento de alta tecnologia / a roda continua girando

NA ESTRADA À CAMINHO do show do U2 em Verona, o motorista do ônibus para numa barreira de madeira que a polícia colocou no meio da rodovia para controlar o tráfego em direção ao show do U2, põe a cabeça para fora da janela e troca gritos, xingamentos e gestos com os policiais locais, que finalmente movem a barreira e nos deixam passar. Quando chegamos à próxima barreira, toda rotina é repetida. Isso acontece em intervalos regulares em todo caminho até o show. À medida que nos dirigimos paralelamente ao tráfego congestionado na estrada principal, vimos que muitas pessoas que estavam indo para o show pararam no acostamento ou na faixa central, trancaram seus carros, e os deixaram lá, uma abordagem um tanto incomum para pessoas que estão indo a um show, numa grande rodovia em uma grande cidade. Mas, isso é a Itália, onde é mais fácil pedir por perdão do que permissão.

É a tarde de três de julho. Está muito quente em Verona. As pessoas no estádio estão usando o mínimo de roupa possível. No palco, Pearl Jam, que com seu primeiro álbum se tornou uma grande estrela nos Estados Unidos, está tentando se conectar a um grande público que nem sabe quem eles são. Eddie Vedder, o apaixonado cantor e líder da banda, não vai desistir sem lutar. Ele diz à multidão: "Esse é um lugar muito grande para uma coisa tão pequena como a música. Mal consigo esperar para voltar e tocar em um lugar menor onde possamos vê-los".

A banda então toca uma nova música chamada "Daughter", um ritmo lento com uma letra poderosa – "she holds the hand that holds her down" [ela segura a mão que lhe prende] – como muitas das músicas do Vedder, parecem ser sobre o sofrimento de crianças nas mãos de pais incompetentes ou distraídos. Isso não significa nada para a maioria do público que está conversando, rindo e bebendo, mas claramente significa muito para o Eddie. Quando termina, ele vai para a beira do palco, olhando para opúblico desinteressado e canta, discretamente, as primeiras linhas de "I Will Follow" do U2. É difícil dizer se ele está tentando zombar da fome do público pela atração principal ou tentando fazer uma conexão. De várias maneiras, Vedder parece ser um fã que encontrou um jeito de subir no palco do U2 por engano, e percebe que enquanto estiver lá em cima, se verá sentindo como é cantar as músicas deles. Atrás dele, a banda começa a tocar uma versão bem lenta de "Sympathy for the Devil" e Vedder cria uma nova letra para se encaixar na sua circunstância: "I got here through twenty-nine stadiums". [Eu cheguei aqui através de vinte e nove estádios]. Ele segura uma máscara de diabo e a plateia fica um pouco assustada. Vedder põe sua máscara demoníaca, e depois experimenta uma máscara de cabeça de mosca. Eu me pergunto se ele está zombando dos personagems de palco de Bono – o diabólico Macphisto e o The Fly.

"Eu tenho uma pergunta", Vedder diz calmamente, tirando a máscara. "Como se soletra *1-2-3-41*" e com isso o Pearl Jam começa uma versão gritante de "Rockin' in the Free World" de Neil Young. Vedder corre pela rampa até o palco B do U2 e se lança sobre a multidão. Eu não acho que Verona já tenha presenciado um salto de palco antes. A multidão nas arquibancadas ainda parece estar bastante desinteressada, mas as pessoas na pista em frente ao palco estão enloquecendo. Eu vejo Vedder sendo levantado nos braços da multidão, depois desaparecendo sob eles, depois subindo, como um nadador lutando contra uma ressaca. Finalmente ele consegue escapar de volta para o

palco, com a maioria da sua roupa rasgada em farrapos. Ele fez contato com o público da mesma forma imprudente que quase levou o Bono a ser expulso do U2 uma década atrás.

Pearl Jam, assim como o seu rival de Seattle, Nirvana, tem dominado a imaginação do rock americano no último ano e meio. O U2 tem sido cauteloso em sua reação ao grunge, o nome que a mídia deu à música que essas bandas fazem, uma espécie de rock reacionário influenciado tanto pelo punk quanto pelo heavy metal, dois pólos opostos da cultura rock dos anos setenta. Tanto o Pearl Jam quanto o Nirvana tendem a escrever sobre a raiva inarticulada de crianças que crescem se sentindo abandonadas e abusadas. O impiedoso crítico de rock Elvis Costello refere-se ao estilo como música "Mamãe, eu me molhei de novo". O Nirvana trabalha duro para ser *alternativo*, apesar dos dons melódicos parecidos com os Beatles, do compositor Kurt Cobain. O Pearl Jam é muito mais aberto em relação à sua dívida com o rock tradicional – como demonstra a rápida evocação do U2, dos Rolling Stones e Neil Young por Vedder.

O U2 tem apoiado vagamente esse novo movimento, assim, não é difícil perceber no Bono e companhia um ressentimento sutil por essas bandas de Seattle, que estão essencialmente recriando o estilo dos anos 70, ao serem saudadas pelos críticos como progressistas, enquanto o U2 – que trabalhou duro em seus dois últimos álbuns para levar o rock a um novo território – é frequentamente associado a atitudes estabelecidas de grandes estrelas contra as quais as bandas grunge deveriam se rebelar.

Em minhas conversas com eles, tanto Bono quanto Edge expressaram entusiasmo pelo pop indutrial experimental do Nine Inch Nails, enquanto mantinham um certo ceticismo polido em relação às bandas de Seattle. Bono frequentemente repete a sua observação de que crianças negras pobres não têm problemas em estar na vanguarda da tecnologia e da arte, descobrindo maneiras de fazer novas músicas com computadores e samplers, abandonando um estilo para inovar em outro, enquanto crianças brancas da classe média regurgitam os mesmos clichês musicais repetidas vezes e acham que descobriram a lâmpada.

David Grohl, baterista do Nirvana, foi a um show do U2 durante a primeira fase da Zoo TV para assistir a banda de abertura, os Pixies. Bono o convidou para uma conversa. Bono me conta imitando o Grohl mascando chiclete e diz: "Hey, cara, nada contra você, mas eu não entendo porque os Pixies *fariam* isso". Bono perguntou se Grohl não achava que era um ato de coragem dos Pixies abrir para o U2 em estádios. Mas Grohl não comprou a ideia. "Nós nunca tocaremos em lugares grandes", disse ele se referindo ao Nirvana. "Somos apenas uma banda punk. Todo esse sucesso é uma casualidade. Amanhã eu poderia estar em qualquer outro lugar".

Bono disse a ele para nunca dizer nunca: "Você não sabe o que vai querer fazer daqui a cinco ou dez anos. É tudo novidade pra nós, também tivemos que aprender isso. Por que pintar a você mesmo em um canto?"

"Não, cara", disse Grohl. "Somos apenas uma banda punk". A próxima coisa que o Bono soube a respeito do Grohl foi publicado na *NME*, dizendo que o Bono tentou convencer o Nirvana a mudar, mas que eles não fariam isso. "Definitivamente, não é o cérebro do grupo", murmurou Bono.

"Recentemente eu os vi na TV. Agora eles estão tocando em grandes lugares. E o entrevistador disse: 'Você me disse há um ano que nunca fariam isso', e o Kurt Cobain disse: 'Eu mudei de ideia'". Bono ri. "Veja, esse é o dom que Kurt tem, e que Sinead também tem. Declarar uma coisa num dia e no dia seguinte anunciar exatamente o oposto sem nenhuma autoconsciência. Eu acho que Eddie Vedder é

um pouco mais honesto do que isso. Ele consegue se lembrar do que ele disse no dia anterior. Ele é um cara muito emotivo e bastante consciente disso. Ele fala sobre como ele só quer tocar em clubes". Bono pensa um pouco sobre isso e depois acrescenta: "Mas ele não está realmente tocando em clubes, está?"

O que ele realmente quer, eu digo, é estar tão feliz e animado como quando ele tocava em clubes, quando ele largou o seu emprego num posto de gasolina para se juntar ao Pearl Jam e de repente estar cantando em bares lotados, agradando o público e também as gravadoras. É disso que ele realmente sente falta – não dos clubes, mas da felicidade.

"É uma coisa terrível", diz Bono, "conseguir algo, antes de desejá-lo. Nós temos sido afortunados. Geralmente desejamos algo logo antes de consegui-lo. Mas é também de enlouquecer a cabeça conseguir tudo o que você quer".

"Mais do que você precisa", Edge diz.

De qualquer forma, todo esse conceito da mídia de Nós versus Eles, Mainstream versus Underground[1], Moderno versus Careta são um resquício do pensamento do "conflito de gerações" da Guerra Fria. As polaridades culturais foram importantes para a geração da Segunda Guerra Mundial e para a geração de bebês pós-guerra, que na meia-idade se tornaram um espelho dos seus pais. Uma das grandes confusões para essa geração mais velha é que a próxima geração não quer jogar esse jogo. ("Ok, agora *eu irei* dizer o quanto as coisas eram melhores vinte anos atrás e *você* se rebela. Ok? Tudo certo? Hey, para onde você está indo?") Hoje em dia, essas polaridades são projetadas como ganchos de marketing. Um editor de uma revista de rock alternativo me disse recentemente que ele havia negociado espaços para o mercado automobilístico de Detroit e que agora os anúncios na Madison Avenue entrariam na sua conta bancária. Perguntei como ele fez isso e ele respondeu que foi por contratar "a mulher do marketing que descobriu a Geração X".

O *Zooropa* está sendo lançado neste fim de semana e as primeiras críticas estão eufóricas, dizendo que é o melhor da carreira do U2. Isso é uma maneira de aliviar os sentimentos doloridos que o U2 podia estar tendo por acharem que estavam indo no caminho errado do progresso musical.

"O cenário de onde eles surgiram possui muitas *regras,* na verdade", diz Bono se referindo ao Pearl Jam. "Há uma espécie de código. Como com vários clubes, que podem ser muito rígidos. Se você tentar fugir dessas regras, mesmo que você queira apenas ver do outro lado da rua ou ir na próxima esquina, você não pode. Eu acho que o Pearl Jam é transcendente no seu próprio palco, mas a atuação deles é para mim incrivelmente ultrapassada. É um sabor da contracultura dos anos 60, que se adapta perfeitamente ao estilo de vida universitário da classe média branca. Mas não quero levantar isso em específico no caso do Pearl Jam, porque para eles é uma questão de convicção, onde eles colocam a música em primeiro lugar. Quem sou eu pra comentar isso? Como um fã de rock & roll eu tenho que dizer o que penso, mas no final se a música é boa, isso não importa".

---

[1] *Mainstream* é um termo inglês que é usado para definir o gosto da maioria da população, ou também, algo que está na moda, e que é muito divulgado pelas grandes mídias. O *underground* é a cena independente musical, que não segue nenhuma fórmula ou estrutura necessariamente, não necessitando de grandes mídias para produzir seus trabalhos, e também não se estabelecem aos padrões profissionais para manter sua arte, coisa que a maioria dos artistas e bandas da cena do mainstream fazem.

Sobre o Vedder, Bono diz: "Ele não é um animal do rock & roll, ele vem de um lugar diferente, de um lugar que eu prefiro. Mas ele está em uma banda de rock & roll e tem que se proteger. Ele provavelmente não acha que tem uma máscara, e por isso ele pode não ter entendido as diversas máscaras da Zoo TV. Mas ele tem uma máscara, e tudo bem, porque o lugar mais importante para não se usar máscaras é nas músicas. É aí onde eu vivo, e acho que é onde ele vive também. Talvez eles estejam passando pelo que nós passamos nos anos 80, quando fugíamos das besteiras. Tenho certeza que irão encontrar o seu próprio jeito de fazer isso. O que eu exatamente *não gosto* sobre a nossa posição nos anos 80, é que nós estávamos fugindo, em vez de apenas estar rindo das coisas, que é mais para onde estamos agora". Bono pensa sobre isso e decide: "Ele [Eddie] é um personagem estranho. Eu gosto muito dele, na verdade".

Quando entro na sala onde Paul McGuinness recebe visitas nos bastidores, dois visitantes de aparência desgrenhada saltam do sofá e vêm em minha direção com olhos arregalados e a boca se movendo. Há luzes de TV instaladas e uma câmera portátil sobre um tripé. Eu vim para o lugar errado – eu estava procurando por um açougue. Na realidade eu estava diante de dois visitantes da Bósnia, que tinham cruzado uma zona de guerra, o Mar Adriático e o aparato de segurança do show, na esperança de entrevistar Bono para a televisão de Sarajevo. Bill Carter é um californiano, de cabelos compridos e bem aparentado, que está tentando fazer um documentário sobre como as pessoas em Sarajevo estão lidando com os ataques sérvios. Jason Aplon, sombrio e taciturno, é um amigo de Carter que dirige o escritório do Comitê Internacional de Resgate em Split, na Bósnia.

Semana passada o U2 tinha recebido um fax da estação de "Rádio Televizija Bosne I Hercegovina" que dizia: "A televisão bósnia, com base em Sarajevo, está muito interessada em fazer uma entrevista com os membros do U2. Nós entendemos que o grupo estará em Verona, Itália, em 3 de julho, e achamos que essa é a oportunidade perfeita para fazer essa entrevista. Verona é o único show na Europa que terá o maior público da ex-Iuguslávia, uma vez que é o único show onde os ingressos estão sendo vendidos para... Sarajevo, na ex-Iugoslávia, era o centro da sua cultura artística e do rock & roll. Ela ainda possui um cenário artístico que tenta sobreviver, mas ela não possui estímulos criativos devido a óbvias restrições físicas e de informação".

A carta continua dizendo que eles entendem que o U2 havia ajudado a arrecadar dinheiro para o socorro da Bósnia, e que talvez a banda concordasse com uma entrevista exclusiva para a TV da Bósnia para ser exibida "quando a eletricidade voltar". Além disso, explicou que nenhum cidadão bósnio seria capaz de passar pelos postos de controle sérvios, portanto, se o U2 concordasse, eles enviariam para Verona "nosso estrangeiro associado, Bill Carter".

O Principle respondeu mandando uma mensagem dizendo que Bono ficaria feliz em dar-lhes uma entrevista antes de subir ao palco em Verona. Carter e seu amigo Aplon viajaram por dois dias, atravessando o mar que separa a Itália da Iugoslávia em um barco lotado de refugiados e fãs do U2. Quando eles chegaram ao local, a bilheteria disse que não tinha ingressos para eles ou qualquer informação sobre eles, e a segurança tentou expulsá-los. Mas Carter foi persistente e finalmente entrou nos bastidores, onde foi bem recebido e lhe indicaram um lugar para que pudesse montar sua câmera. Agora ele está nervoso diante do encontro com Bono – um nervosismo que para mim parece inadequado para um homem que está acostumado a fugir de balas há vários meses.

Bono chega, vestido com o seu traje de couro que acabou de usar no palco, aperta a mão dos visitantes e se senta no sofá. Depois de algumas perguntas iniciais sobre a Zoo TV, Carter pergunta a Bono por que, apesar das lições da história, as pessoas continuam retornando à barbárie da guerra.

“Esse é o assunto de muitas das nossas músicas”, Bono diz um pouco sem jeito. “Eu venho da Irlanda. A Irlanda também está dividida. Novamente, eles dizem que é por causa da religião, mas você sabe que não é religião. Veja, o coração humano é muito ganancioso. Ele procura muitos pretextos para isso. A religião é conveniente para ele, a cor da pele é conveniente para ele. Eu já passei por várias fases diferentes de lidar com isso. Alguém tem que ser político algumas vezes, mas em outras, você tem que olhar para além disso, apenas para o estado do espírito humano. Acho que é onde eu estou agora mesmo. Estou examinando minha própria hipocrisia, estou examinando minha própria ganância. Eu até parei de acusar os políticos”. Ele ri. “Eu descobri que há assunto suficiente no meu coração para me manter ocupado”.

“Eu fui muito inspirado por Martin Luther King. Ele era um personagem no meio de uma situação muito perigosa – direitos civis dos afro-americanos nos anos 60. Poderia ter dado muito errado... A palavra *paz* parece basteira a maior parte das vezes, é como falar sobre flores-no-cabelo numa conversa hippie, mas ele se apegou a uma ideia muito mais forte, uma ideia muito mais concreta sobre paz e respeito, e ele não parou, simplesmente continuava lutando por isso. A ideia era que ele viveria por seu país, mas ele não queria morrer por isso e nunca mataria por isso. E ele morreu por isso. É uma coisa difícil de se lidar. Deve haver um motivo incrível… As pessoas merecem o direito de se defender contra o mal e devem decidir como fazer isso. Mas se existir qualquer outra alternativa, obviamente você tem de procurá-la. Eu sei que isso é o que vocês têm tentado, mas não conseguem continuar, e eu realmente, realmente sinto muito por ouvir sobre isso. E eu entendo qualquer reação. Mas eu só espero que mesmo no meio disso tudo, vocês não se convertam em animais atacando uns aos outros. Dignidade. Auto-respeito. Essas são coisas que as pessoas não lhes podem tirar. E humor. Humor é a evidência da liberdade”.

Carter diz a Bono que Sarajevo é a capital mundial do humor negro. A mãe de alguém pode ser assassinada na frente dele e no dia seguinte ele estará fazendo uma piada.

“Isso é quando você está ganhando num certo aspecto”, Bono diz. “Se eles não conseguem tirar isso de vocês”.

A entrevista acaba e Carter sugere que Bono poderia considerar visitar Sarajevo. A cidade tem implorado por artistas de todos os tipos para que vejam por si mesmos o que está acontecendo lá.

“Acho que eu poderia”, Bono diz. “Eu adoraria ir lá”.

“Nós poderíamos providenciar isso”, Carter responde.

Bono retorna para o camarim do U2, abalado. No palco, naquela noite, ele fala com o público sobre a Bósnia e então diz: “Alguém disse que sob pressão a coragem é uma virtude. Eu gostaria de dedicar essa música para o povo de Sarajevo”. U2 toca “One”.

Enquanto está cantando “New Year’s Day”, Bono deixa o palco principal e começa a caminhar lentamente pela rampa escura em direção ao palco B. No meio do caminho, ele se assusta ao esbarrar num grande e largo fã italiano sem camisa que subiu na rampa enquanto o segurança estava distraído em algum lugar assistindo o show de um ponto particularmente privilegiado. Bono avalia os músculos do sujeito, dá risada e, ainda cantando, pula nos braços dele. Bono aponta para a banda e o intruso alegre o carrega pela rampa de volta para o palco principal, com o Bono cantando durante

todo o caminho. Ele salta dos braços do italiano em frente à bateria do Larry, ainda cantando a música, e o visitante é conduzido pelo segurança do U2 para fora do palco.

De volta à mesa de som, Naomi Campbell e Christy Turlington estão assistindo o show ao lado dos membros do Pearl Jam, os dois trabalhadores bósnios de ajuda humanitária, e uma convidada da gravadora chamada Charlene, cujos amigos sabem que ela está a ponto de ter uma grande surpresa. Durante a pausa entre o momento em que o U2 deixa o palco e Macphisto aparece para o encore [bis], o público é entretido com os vídeos do Zoo Confessional, uma espécie de estúdio doméstico que é montado no estádio horas antes do U2 aparecer, onde pessoas da plateia podem deixar gravadas suas mensagens, piadas, gritos de guerra de futebol ou uma lista com seus pecados. Os mais divertidos são exibidos todas as noites nos telões de TV. De repente, Charlene fica chocada ao ver seu namorado falando com ela através dos enormes telões. "Olá Charlene... eu quero saber se você quer se casar comigo". Charlene treme visivelmente enquanto as suas amigas riem e batem nas suas costas. Ela permanece congelada por uns sessenta segundos e então olha em volta para ver o seu namorado parado do outro lado da plataforma. Ela corre, abraça-o, e lhe diz que sim. Eles dançam lentamente durante o encore do U2. Até mesmo quando Macphisto está tentando telefonar para o Papa.

---

33 – A Máscara da Morte Rubra

luar em verona / planejando a invasão da bósnia / pingue-pongue com supermodelos / à um pecador é concedida a absolvição / pearl jam tem sua passagem de som / dissertações sobre o valor dos homens que usam vestidos.

Há uma piscina azul brilhando com o luar de Verona enquanto rolhas voam, a carne assa e os garçons correm prá cima e prá baixo equilibrando bandejas. O U2 fica em volta da piscina enquanto seus convidados surgem por detrás de uma alta cerca. Aí vem Tom Freston, o chefe da MTV e a viva imagem do alto e sorridente empresário, tal qual um cowboy americano. Aí vem Jeff Pollack, calado, quase melancólico, um poderoso consultor de playlists de rádios dos Estados Unidos. Aí vem Pearl Jam, a mais quente banda americana, seguida por An Emotional Fish, um grupo irlandês anunciado na parte inferior do cartaz do show. Aí vêm Naomi Campbell, Christy Turlington, e várias modelos que surgem do outro lado da piscina.

E agora, o mais estranho de tudo, dois visitantes de Sarajevo. Bill Carter e Jason Aplon entram na festa meio hesitantes e se dirigem à mesa do bufê como siberianos em um supermercado. Tendo cumprido sua missão de sair da Bósnia, ter viajado para a Itália, enganando os seguranças, e entrevistado Bono, Carter e Jason foram convidados a se juntar a todas as "rebeldes" super-estrelas essa noite, antes de voltar à zona de guerra no dia seguinte. Ambos parecem estar um pouco chocados diante do luxo que estão presenciando, mas isso parece ter menos a ver com a opulência do que com o fato de que, até dois dias atrás, os dois estavam se desviando de balas...

Na espaçosa casa da piscina que tem o tamanho de dois quartos de hotel há uma longa mesa cheia de iguarias. Pearl Jam leva alguns tacos até a casa da piscina e começa a jogar bilhar. Larry se aproxima dos rapazes de Seattle e pergunta como foi o show dessa noite. "Muito melhor do que ontem", respondem, "porque hoje conseguimos uma passagem de som de pelo menos metade das músicas. Claro que a arena estava meio cheia na hora, mas ainda assim ..."

"Isso nunca deveria acontecer!", diz Larry, colocando seu chapéu de xerife. Em Roma, o Pearl Jam terá a sua passagem de som completa a portas fechadas! Larry promete! Ele irá pessoalmente certificar-se que o U2 chegue lá a tempo, termine a sua passagem de som cedo e deixe ao Pearl Jam tempo suficiente! Deixem Larry caminhar pelo paraíso e procurar alguma injustiça para concertar.

Um dos famosos convidados do U2 parece ter chegado ao hotel. Axl Rose chegou ontem com o Guns N' Roses em sua turnê mundial, fez o check-in e foi ver o show do U2. Mas há um rumor de que Axl não gostou do "ambiente" do Restaurante do Hotel e saiu. Como não é adepto da "cozinha internacional", Axl mandou um de seus lacaios buscar alguma coisa no McDonalds.

Adam tem o seu próprio harém na sala de pingue-pongue. Está vestido informalmente com sandálias e uma jaqueta preta sobre um longo vestido vermelho, uma espécie de quimono. As garotas, a festa e a beca conspiram para dar a Adam o porte de um César (um dos últimos, degenerados e lúnaticos Césares, talvez, mas um César, de qualquer modo).

"Não a uso levianamente", Adam diz quando me vê boquiaberto, e de início eu acho que ele se refere a alguma coroa de louros imaginária. Mas então ele puxa o tecido de seu muumuu (vestido). "Acho que num clima quente como esse, o único tipo de roupa que faz algum sentido é um pedaço de pano leve enrolado

em você". Então, tomando a mais ampla visão filosófica que esperamos do envolto baixista, ele anuncia: "Os homens não deveriam ser forçados a usar calças quando não está frio".

Sheila Roche, treinada por anos pelo U2 para não mostrar qualquer tipo de emoção além de um confuso interesse fingido, se junta conosco para dar ouvidos à oração de Adam. Ela pergunta se ele já usou seu vestido no palco. Adam diz: "Sim, uma vez, e foi ótimo, porque não usava cuecas! Fiquei provocando o pessoal da primeira fila e isso acrescentou uma dimensão totalmente diferente ao show".

"Você é a própria Sharon Stone do Rock", eu disse.

"Eu vou te dizer", Adam declara. "Você aprende muito sobre mulheres quando se veste com roupas de mulher! Você aprende que quando uma mulher lhe pergunta: 'Eu pareço bem?', o que ela está realmente perguntando é: 'Eu estarei muito tempo me sentindo desconfortável. Se eu sair nestas condições vou parecer tola ou valerá a pena?'"

"Sheila", eu digo, "você é uma mulher. Isso é verdade?"

"Há muita verdade nisso", diz Sheila. "O salto alto é um assassino".

"Claro", diz Adam. "Quando você convida uma mulher para jantar não é como convidar um de seus amigos. Ela tem que parar e pensar: 'Humm... jantar. Serão quatro horas que estarei desconfortável'. E se ela disser sim e depois de quatro horas você diz: 'Vamos dançar, vamos a um clube', e ela diz: 'Não, eu quero ir para casa!', é porque ela se deu conta que suas quatro horas já se passaram e a única coisa que ela consegue pensar é em chegar em casa e se livrar de suas roupas!"

"Ah", eu digo, "então é por isso que as mulheres tiram a roupa depois que você paga um jantar caro!"

Adam sorri com o sábio sorriso de Arquimedes e diz: "Deixe-me ir buscar mais vinho e eu lhe darei mais alguns dados sobre a psicologia feminina".

Ele sai com seu sarongue e eu digo para Sheila: "Eu tenho um novo nome para Adam Clayton".

"Qual?"

"Madame Clayton".

Bono e Edge se aproximam da piscina para falar com Carter Alan, um disc-jóquei da estação de rádio WBCN de Boston. Esse hotel está montado como uma fazenda de Zorro, e Alan está sentado sob um teto arqueado em uma antiga gruta de pedra à espera do U2 para gravar uma entrevista para a rádio americana. Para o disc-jóquei essa entrevista é algo muito importante; Alan é um velho amigo da banda que foi expulso do Paraíso[1], por violar as etiquetas e a confiança. Essa entrevista representa sua readmissão formal ao "Éden".

O pecado de Alan foi transformar sua proximidade com o U2 em um livro: *"Outside it´s America, U2 in the U.S"*. Para Larry Mullen isso foi traição; Alan sempre se apresentou ao U2 como um amigo, não como jornalista e Larry considerou que Alan havia lucrado com a amizade. Os outros membros do U2 pareciam

---

[1] Paraíso: leia-se círculo íntimo da banda.

menos incomodados com isso, mas eles não quebram regras em questões de política interna, então Alan saiu. E embora o livro fosse inteiramente elogioso, o conteúdo era totalmente irrelevante.

Conheço Alan há anos, e eu não me atreveria a olhar para a sua alma ou motivações, mas sei que ele sempre amou o U2 e eu suspeito que, se algum membro da banda tivesse, no início de seu projeto, pego o telefone e lhe tivesse pedido para não escrever o livro, ele o teria interrompido. Edge me disse uma certa vez que todo mundo achou que, como Alan não era um escritor, o livro que ele sempre falou nunca seria escrito, então eles ignoraram suas mensagens e indiretas. E no momento que eles se deram conta de que o livro estava sendo escrito, já era tarde demais.

Certa vez sugeri essa versão dos fatos para Larry e ele me deu um corte. Ele me disse que Alan foi claramente advertido por Paul McGuinness que o U2 não queria que ele escrevesse o livro e que ele seguiu em frente e o fez mesmo assim. Agora eu aposto meus direitos autorais que aquele telefonema de McGuinness veio depois que Alan já havia assinado o contrato, aceitado um adiantamento e começado a escrever. À essa altura ele já estava comprometido a entregar seu livro. Mas todos os envolvidos têm a sua própria versão da história. O que importa agora é que quando o U2 foi convidado para falar ao grande sindicato da rádio americana Westwood One, Bono pediu que Carter Alan fosse o entrevistador.

“Eu não acho que Carter estava sendo mal-intencionado”, diz Larry sobre o livro que causou todos os problemas. “Carter é um cara legal. Mas se ele estava recebendo informações conflitantes de que a banda não iria apoiar o seu livro, era sua responsabilidade descobrir o que estava acontecendo. Acho que ele teve uma chance e cometeu um erro. Não há dúvida de que ele sabia que a banda estava insatisfeita com a situação, mas ele pensou que poderia realmente fazer um grande livro e nós ficaríamos felizes com isso. Eu não o culpo por pensar assim, mas eu o culpo por desconsiderar a amizade com o U2. Eu realmente sinto muito por isso. E espero que no futuro possamos recuperar esse relacionamento”.

Bono e Edge se sentam na frente de Alan em uma mesa de madeira na gruta, criando uma espécie de quadro de pintura italiana: o penitente prostrando-se no santuário de Nossa Senhora das Estrelas de Rock.

“Eu não gosto de bandeiras”, Bono diz a Alan quando a fita começa a rolar. Ele ainda tem em mente Sarajevo. “Eu não gosto de nenhuma delas. Estou cansado e de saco cheio com a ideia de bandeiras. A Europa nesse momento está se desintegrando completamente por causa disso. Temos algumas pessoas hoje que vieram de Sarajevo. Eles pegaram um barco para chegar à Itália para ver esse show de rock & roll, para ver a Zoo TV. Eles estavam me dizendo que no meio da guerra na ex-Iugoslávia, eles passam três noites da semana em seus abrigos subterrâneos ouvindo rock & roll. Eles dançam e ouvem rock & roll”.

“Por quê? Porque quando o rock & roll está tocando, eles não podem ouvir as bombas explodindo acima deles. Seus nervos estão à flor da pele, eles estão ferrados, então ouvir rock & roll é como uma tábua de salvação.

“Há um outro exemplo que tem a ver com as bandeiras. O que é? O que as pessoas têm com as bandeiras? É como times de futebol. É ótimo se for um jogo, mas se você realmente acredita nessa merda, você está ferrado. Você sabe, precisamos uns dos outros. Nós não somos muito diferentes. Os seres humanos são muito parecidos”.

No meio da entrevista ocorre um apagão no hotel, desligando o gravador. Alan, que está cansado da viagem e lutando contra a intoxicação alimentar, se esforça para manter sua compostura profissional. Os ecos na gruta estão distorcendo a voz de todos, o que poderia afetar a gravação e as fitas inúteis para serem transmitidas. Teria sido mais fácil vestir uma camisa leve, pegar um pequeno chicote e se auto-flagelar do que ficar fazendo penitência pelos pecados contra o U2.

Bill Carter e Jason Aplon, nossos enviados da Bósnia, estão na festa andando em volta da piscina como o Máscara da Morte Rubra, de Edgar Alan Poe, que de modo sombrio lembra a miséria que os espera fora dos muros bem guardados. Não que eles estão se comportando como lembretes sombrios: Bill e Jason estão timidamente felizes desfrutando dessa célebre festa, como coroinhas que se sentem ligeiramente culpados comendo um cachorro-quente na Sexta-Feira Santa. Bono, no entanto, é cruel o suficiente para ambos e para a maior parte da Croácia também... Quando ele e Edge voltam ao banquete, Bono está vergonhosamente ciente de que, enquanto as modelos, os astros do rock e os magnatas da mídia estarão festejando em outros saraus amanhã, esses dois emissários estarão de volta sentindo fome e sujeitos às balas. Como pode Bono justificar essa extravagância em face de tal profunda brutalidade? Nosso herói está claramente preparando uma pequena penitência para si mesmo.

Bono se aproxima e me diz: "Bill Carter me perguntou: 'Por que as pessoas fazem isso?'. Eu não sabia o que dizer. Eu disse que o coração humano é ganancioso, ele vai usar a religião, cor ou qualquer outra desculpa para justificar a sua ganância. Culpe o coração humano".

Já passa das 2 da manhã e Bono não consegue tirar a Bósnia da cabeça. Ele se aproxima de Larry, que está tendo dificuldades para jogar na enorme e desproporcional mesa de bilhar (de caçapas pequenas) e sussurra uma ideia insana. Carter disse que ele e seus amigos se reúnem em um bunker e tocam os discos do U2 para abafar o som do bombardeio. Bono acha que a banda deveria ir à Sarajevo e tocar nesse bunker. Larry ouve, pensa, e diz que tudo bem. E então ele volta para o seu jogo de bilhar.

"Larry é o mais conservador", Bono sussurra. "Se eu o convenci há uma boa chance de convencer os outros também". O carisma evangélico de Bono está me convencendo: Digo-lhe que vou também.

Ele vai e coloca o braço sobre Adam, que está sentado como um sultão, supervisionando uma partida de pingue-pongue entre quatro supermodelos. Bono puxa uma cadeira ao lado dele, e enquanto as modelos riem, gritam e movimentam as raquetes, ele sussurra: "Larry e eu achamos que a banda deveria ir tocar em um "clube" na Bósnia. Bill diz que irá também. O que você acha?"

Adam continua assistindo à partida de pingue-pongue, absorvendo a proposta de Bono, tão casualmente como se fosse uma sugestão que eles enviam para mudar a comida mexicana pela chinesa. Ele traga seu cigarro, exala e diz: "Eu acho que é uma boa ideia. Se você acredita em uma causa deve estar disposto a se colocar em risco por essa causa".

E isso é tudo que é preciso para Adam Clayton concordar em arriscar sua vida. Ele volta sua atenção para as modelos. Como um 007.

Bono sai para fora para continuar a sua campanha de recrutamento. "Estou envolvido com um grupo", diz ele, "que envia alimentos e suprimentos para lá. E você sabe, esse cara, Bill Carter chegou até mim essa noite. Ele disse: 'Está bem, mas você está alimentando um cemitério'. Como pacifista, é difícil para mim justificar o envio de armas para alguém, mas, por Deus, se essas pessoas estão sendo massacradas você tem que, pelo menos, deixar que elas se defendam".

Bill Carter nos explicou mais cedo que a situação na Bósnia está completamente perdida desde maio, quando a Europa rejeitou os esforços dos EUA para organizar a intervenção da OTAN. “Está ocorrendo assassinatos por atacado agora”, disse Carter. “Eles sabem que ninguém virá para ajudá-los”.

Essa imagem está levando Bono à distração. “Pela primeira vez os EUA tinham razão”, Bono declara, “e a Europa fodeu tudo! Os EUA queriam entrar e os ingleses não concordavam com os franceses e os franceses não estavam de acordo com...”

“Bono”, eu interrompo. “Que bem poderia fazer uma banda de rock & roll nesse lugar?”

“A única coisa boa que uma banda de rock & roll pode fazer!”, diz ele. “Nós podemos fazer muito barulho!”

Bono direciona sua mira no Edge, que está jantando em uma mesa ao lado da piscina com Tom Freston, o chefe da MTV, e Jeff Pollack, o chefão da rádio. Ele é pego no caminho por um casal que oficializou seu noivado no show dessa noite. Bono dá um autógrafo, aperta a mão deles e depois se senta e fala com Edge ao ouvido.

Edge está com sono, esteve tomando alguns drinks, curtindo a conversa descontraída. Bono sussurra para ele. O sorriso de Edge cai e ele diz: “O que?” Bono continua sussurrando, enquanto Freston e Pollack continuam conversando e rindo. O rosto de Edge fica pálido e quase em silêncio diz: “Ok, eu apoio a ideia”. Bono levanta e se distancia e enquanto a festa e o papo continuam, os convidados ignoram a sutil mudança no comportamento de Edge, que ainda está bebendo vinho e sorrindo para as histórias, mas cujos olhos agora estão distantes.

Na próxima pausa na conversa ele olha para o relógio e diz: “Três e meia, hora de eu ir para a cama”.

Bono agora está em outra mesa, rodeando Paul McGuinness, puxando o empresário para longe de seus convidados para poder dizer-lhe que o U2 tomou a decisão de levar a banda a Sarajevo o mais breve possível, de preferência logo depois de Roma. A boca de McGuinnessse endurece e Bono se afasta.

Agora os conspiradores, cheios de boas intenções e vinho, estão trocando olhares de cumplicidade, enquanto os ignorantes se divertem. O que a princípio parecia uma luxuosa festa agora é o crepúsculo de uma recompensa para aqueles prestes a arriscar tudo numa missão de soldados para a fraternidade. “Mesmo que tudo o que conseguirmossejauma atenção extra da MTV para a Bósnia”, Bono diz, “já é alguma coisa”.

“Mesmo que todos sejamos mortos”, eu digo, sentindo realmente minha veia kamikaze, “a morte do U2 provavelmente faria muito mais para mobilizar os sentimentos pró-Bosnia na revista People do que fez todas as mortes anteriores na Servia e Croácia”.

Bono concorda, e isso é um sinal para Adam puxar o freio de emergência. “Talvez não seja necessário que morramos”, diz Adam, “para fazer isso valer a pena”.

A festa termina pouco antes do amanhecer. Enquanto Bono e eu atravessamos o gramado em direção ao hotel, ele me abraça e sussurra: “Nos saímos bem!”

Eu vejo que Adam e as modelos saíram para o pátio, fora de seus quartos. Estão dançando descalços com música reggae enquanto o primeiro raio de sol invade preguiçosamente o céu púrpura.

---

34. Quatro Cavaleiros

quatro maneiras de se aproximar da cidade eterna / uma aparição surpresa de robert plant / os cowboys da equipe de segurança do u2 / um flashback do vietnã / naomi campbell versus a equipe da cozinha / uma vista da varanda romana

HÁ poucos dias de folga entre Verona e Roma e todos os membros do U2 viajam por caminhos tão diferentes quanto os seus temperamentos. Edge voa no Zoo Plane, o avião da turnê, para uma grande reunião de família, com sua esposa, Aislinn, suas filhas, e seus pais, Garvin e Gwenda. Embora seu casamento tenha terminado, Edge e Aislinn ainda estão unidos por sua devoção aos filhos. Eles interpretam a mamãe e o papai juntos, como num episódio de Os Waltons[1]. Quando eles chegam no hotel em Roma, há apenas cerca de dez fãs do U2 esperando do lado de fora, mas assim que os policiais vêem a família Evans, eles passam a atuar em alerta máximo, soprando apitos, formando cordões e correndo ao redor do carro até conseguirem fazer com que todo o centro da cidade saiba que chegou uma celebridade. Rapidamente os turistas se juntam para pedir fotos e autógrafos e Aislinn abraça as aterrorizadas crianças. O alarde da polícia romana transformou uma entrada completamente anônima em um evento jornalístico. Eric Hausch, do pessoal da segurança do U2 sacode a cabeça negativamente e murmura: “Esses caras não são policiais, são carteiros armados”.

A família Evans é conduzida ao hotel. Os pais de Edge estão de bom humor - sempre rindo, sempre calorosos. Você tem a impressão de que se Genghis Khan invadisse o local com sua horda mongol, Gwenda lhes prepararia chá e Garvin sugeriria a melhor maneira de ferrar os cavalos.

A Itália não é tão receptiva à jornada de Larry. Ele e David Guyer, seu guarda-costas e companheiro de viagem de moto, insultam o pavimento em cada buraco e gritam com todos os maus motoristas que há em toda a extensão da península italiana. Ann, a namorada de Larry, está agarrada em sua cintura e tentando se inclinar na direção certa para não cairem. Eles vêem três carros pequenos se espremendo em uma única pista, e quase sendo atropelados por automóveis freando bem na sua frente e ziguezagueando em volta deles. Sem falar nos idiotas tentando entrar no pouco espaço que há entre as duas motos. Mais do que poucos carros imprudentes tiveram novos amassados, cortesía desses inquietos pilotos. Quando um motorista realmente os irrita, David tem um truque perigoso: ele estira a perna, acelera junto ao carro do idiota, e chuta o espelho retrovisor. Se não fizer bem essa manobra, você pode cair e morrer. Um espelho ou dois foram levados para Valhalla nesta viagem, e David ainda continua dando chutes.

Bono raptou três belas mulheres, Morleigh, Suzanne, e Eileen Long, do Principle, e deixou que elas o levassem pelo interior da Itália, parando no caminho para saborear o vinho, a comida e, curiosamente, Robert Plant, a quem eles haviam encontrado em Florença. O ex-vocalista do Led Zeppelin conhece o U2 há muito tempo, graças a Dennis Sheehan, que preparou o caminho para ambos. Anos atrás, Dennis dirigia um carro em que os membros do U2 dormiam até a casa de Plant na madrugada. A banda confusa acordou com o “martelo dos deuses” olhando para eles. Bono se refere a Plant como “o Alto, Legal”. Plant, por sua vez refere-se a Bono como "o Baixinho, Gordinho". Não há uvas tão azedas como as que são chupadas pelas lendas do rock.

---

[1] *Os Waltons* é uma premiada série de televisão dos Estados Unidos da América, criada pelo novelista *Earl Hamner, Jr.* O tema central é a vida de uma família rural americana, constituída pelo casal John e Olivia Walton, seus sete filhos e os pais de John, Zebulon "Zeb" Tyler e Esther Walton, que se esforça para viver decentemente durante as crises advindas da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial.

Adam está, naturalmente, viajando pela estrada enquanto as modelos mais bonitas do mundo o alimentam com uvas. A multidão reunida em frente ao hotel do U2 enlouquece quando Adam, Naomi e Christy saem e começam a andar ali entre eles. As pessoas gritam, comemoram, rasgam a jaqueta de Adam, enquanto os seguranças do U2 e os policiais locais tentam apartar a maré crescente de pessoas. Essa multidão está lá de pé cantando e cantando debaixo do escaldante sol de verão, desde que se espalhou a notícia de que Edge estava no hotel, queimando células cerebrais até que tudo o que resta é o que sobra de uma primitiva consciência fixada em um único objetivo: "U2! U2! U2!" Os seguranças estão tendo dificuldade em arrancar Adam de suas garras. O baixista é finalmente empurrado para a porta giratória e dentro do pequeno e ornamentado saguão, com o sorriso que você, mortal, nunca entenderá, o sorriso do jovem Hugh Hefner[1]. "Porra!" Ele ri.

Larry, Ann e David, empoeirados, exaustos e irritados, chegam pelos fundos do hotel e entram furtivamente pela garagem. Logo eles estão sentados com Adam, Naomi e Christy nas escadas do saguão, estudando a multidão lá fora. Eric Hausch entra, furioso com a polícia romana. "Esses caras são incríveis!", Eric declara. "Eles esperam até o momento de maior tensão e depois se voltam para você e te perguntam: 'Você pode me conseguir uma camiseta do U2?'"

A equipe de segurança do U2 poderia ter sido contratada por Hollywood. Eric, loiro e de olhos azuis, é o mocinho. Um ex-bombeiro, xerife do condado, e socorrista, pode descrever o horror de sair de um acidente de avião de uma maneira que vai fazer você pegar trens o resto de sua vida, mas ele se parece com o garoto popular em que todas as líderes de torcida acabam apaixonadas. Ele geralmente é designado para Bono. Se Eric é o mocinho, então, David Guyer, o designado para Larry, é o vilão. Alto, moreno, barbudo e mal-humorado, David surgiu do lado errado da lei e ainda se comporta com a ameaça silenciosa de mau que sabe que é sempre o cara mais durão do salão. Scott Nichols, que cobre o Edge, é um jovem estudante de aplicação da lei que obteve alguma experiência em segurança antes de iniciar uma carreira no trabalho policial. Scott é tão bonito quanto uma estrela de cinema, com cabelos penteados para trás estilo Elvis e um corpo sarado. As mulheres que viajam na turnê tentam de todo jeito se sentar ao lado de Scott na van. Todos os guarda-costas são americanos. Em termos de cowboy, Eric é Kevin Costner, David é o jovem Clint Eastwood e Scott é o Little Joe Cartwright (Adam geralmente evita ter seguranças).

Eles foram escolhidos a dedo por Jerry Mele, o chefe de segurança e um personagem digno de seu próprio livro. Mele cresceu em Nova York e serviu em uma unidade de elite no Vietnã, executando o mais perigoso trabalho: atravessar as linhas inimigas para levar terror aos vietcongues, dormindo de pé amarrado a uma árvore, vivendo a guerra de perto. Depois de sua primeira visita às selvas vietnamitas, ele ofereceu-se para uma segunda missão, mas no meio dessa sua segunda ida, teve uma espécie de despertar espiritual e decidiu que o que estava fazendo não era correto. Ele voltou para casa com o hábito de se drogar e beber demais, que ele superou, amarrando-se a uma cama e dizendo para sua mãe que, por mais que ele gritasse ou implorasse, ela não deveria desamarrá-lo. Este sim, é um cara durão.

"Eu já vi tanto Jerry como David terem que tirar alguém à força quando eles foram obrigados a fazer isso", diz Larry. "Não é uma visão bonita. O poder e autoridade deles vêm de saber que podem expulsar alguém, sem desejar nunca ter que provar isso".

---

[1] Hugh Hefner: fundador e editor-chefe da revista Playboy.

No entanto, Jerry está mudando a típica política dos seguranças de shows de rock, que sempre foi usar a violência, agressão e intimidação, em algo gentil e instrutivo. Ele contrata homens que compartilham essa filosofia para trabalhar com ele e lhes dá três meses de treinamento, além do trabalho em sala de aula antes de deixá-los começar.

Antes do U2 tocar em algum lugar, Jerry tem uma série de reuniões com a polícia local e equipes de segurança que se extende por horas, explicando sua filosofia. "Estive em reuniões de equipes de segurança em que eles me disseram: 'Nós já temos esse pessoal treinado'", Jerry diz com ironia. "Besteira! Uma pessoa pode começar um tumulto! Você não treina pessoas! Você pede a ajuda delas. Ao excêntrico, pedimos que volte para casa. Todas essas pequenas marcas no meu rosto são pontos. Levo um soco e digo: 'Você ainda não me nocauteou. Agora, ou você vai embora ou eu te coloco no chão, e eu prometo a você que será preso sob a acusação de agressão. Você pode pagar 50 mil em honorários advocatícios?'" Sempre dê a eles a opção de ir embora. Sempre dê uma saída a um bêbado. Eu o deixo ir embora, dizendo: 'Eu não perdi minha masculinidade, apenas o mandei embora!'"

Jerry sai antes do show começar e conversa com os jovens na fila do lado de fora do local, leva para eles café e água, explica como vão ser as coisas para que todos se divirtam, sem exceção. "Eu os faço 'perceber' que não estou lhes ordenando, eu estou lhes pedindo". Fizemos coisas nessa turnê que ninguém nunca viu. Imagine nove mil pessoas andando em um campo e nenhuma única pessoa correndo".

Bono faz uma imitação muito engraçada de Jerry puxando um cara violento para trás do palco e dando um sermão como se fosse Ward Cleaver[1] até que o cara não aguenta mais essa lição de moral e implora para que lhe dê uma surra no lugar. Mas Jerry também deu a Bono a ideia para uma das partes mais fortes do show do U2: Bono executa "Bullet the Blue Sky" na voz, atitude e roupas de um soldado americano liderando uma missão de combate no Terceiro Mundo, e depois permanece nessa mesma roupagem para interpretar "Running to Stand Still", uma música escrita sobre um dublinense que usa heroína para escapar de sua pobreza. Bono está interpretando Jerry Mele quando canta essas músicas; foi conhecendo Jerry que o fez entender que esses dois personagens poderiam ser a mesma pessoa. Todas as noites, no final dessa sequência de músicas, bastões de fumaça vermelha e amarela disparam e se agitam em torno de Bono. Ele tirou essa ideia das histórias de Jerry sobre o caos no campo de batalha durante os tiroteios na selva; uma cor significava que era seguro para os helicópteros de resgate entrar e apanhar os feridos, a outra cor significava que tinham de se manter longe. Os vietcongues descobriram o código e começaram a detonar seus próprios bastões, atraindo pilotos para a morte ou impedindo que os helicópteros de resgate aterrissassem.

Quando menciono a Jerry que Bono o está imitando no palco durante essas músicas, seus olhos se enchem de lágrimas. "Eu não sabia disso", ele diz baixinho. "Deus o abençoe por isso. Eu não tinha a menor ideia". Ele olha para o vazio. "Caramba. Isso é pesado. Nunca ninguém o havia feito...". Ele engole a saliva e diz: "Estou aqui fazendo apenas o que acho que é certo, nada mais. Meu coração me diz que não fomos colocados aqui para machucar ninguém. Mas, minha mente me diz que nos tornamos corruptos".

---

[1]**Ward Cleaver** é um personagem fictício do seriado americano de televisão *Leave It to Beaver*. Ward e sua esposa, June, são frequentemente chamados como pais suburbanos arquetípicos dos babyboomers dos anos 50. Eles têm dois filhos. Um episódio típico de *Leave It to Beaver* segue uma desventura cometida por um ou ambos os meninos, e termina com os culpados recebendo uma palestra moral de seu pai e uma refeição quente de sua mãe. A principal função dramática de Ward na série é terminar cada episódio com instruções morais para um ou os dois filhos errantes.

Jerry entrou na equipe de segurança doze anos atrás, quando ele gerenciava um serviço de limusine. Uma noite, alguém atacou uma celebridade que estava alugando um de seus carros e o guarda-costas da estrela ficou paralisado. Jerry interveio e lidou com a situação. A estrela demitiu o seu próprio segurança ali mesmo e insistiu que Jerry trabalhasse para ele. Desde então, ele tem fornecido segurança para uma série de grandes nomes, nenhum dos quais ele quer mencionar, exceto a banda de heavy metal Slayer, que pediu para Jerry usá-los como referência. O público da banda incluía skinheads, neonazistas, os piores dos piores. Em sua primeira noite com eles, Jerry disse à multidão que ele não estava ali para desafiar suas crenças ou mudá-los, ele estava lá apenas para garantir que todos se divertissem e esquecessem seus problemas por algumas horas. Assim, por esse motivo ele iria lhes entregar algumas etiquetas. Ele queria que eles etiquetassem suas armas e lhes passassem para que ele as pudesse verificar. Após o show eles poderiam pegá-las novamente. Ele recolheu 300 facas e 56 revólveres.

"Nós vamos vencer no final", diz Jerry. "Eu prometo a vocês, nós vamos vencer".

O pequeno carro de Bono e as mulheres do Principle chegam ao hotel e vêem a multidão eufórica do lado de fora. Bono pergunta quem diabos poderia estar hospedado alí para atrair tanta gente. Depois de alguns dias de vida no campo italiano, Bono se divorciou de sua personalidade de estrela de rock. Então, a multidão o reconhece em seu carro, os observando. Começa o ataque. "Oh, não!", diz ele. Ele tinha esquecido que era famoso, uma coisa perigosa a se fazer. O esquadrão de segurança do U2 vem a todo vapor do hotel e atravessa no meio dos fãs como uma falange acalorada atacando os macedônios. Eles puxam Bono do carro e o carregam da rua para o hotel como se eles fossem jogadores do Green Bay Packers e ele, Bono, uma bola de futebol.

Às 2 da manhã todo mundo já se instalou e tomou banho, e o U2 se reúne em um terraço elevado, e enquanto bebem vinho podem ver a multidão, que está finalmente se dispersando. Estão ali Edge e Aislinn, Larry e Ann, Adam e Naomi, Ned e Maurice, Christy, Chanty - uma amiga dublinense de Edge - Sheila, Eileen, Dennis e Bono.

Naomi decide conseguir alguma comida e sai para encontrar a cozinha do hotel. Oficialmente a cozinha está fechada, mas ela insinua que, se encontrar onde cozinhar, então ela mesma vai preparar algo. Talvez essa seja uma ameaça projetada para colocar à ação os chefs que estão dormindo no momento, ou pode ser que esteja mesmo sendo sincera. Não sei, não me importo. Todo mundo aqui está apenas curtindo a lua, a noite e a companhia. Depois de um tempo, porém, Adam começa a se perguntar onde se meteu sua noiva. Christy (que muitas vezes parece agir como a consciência de Naomi ou pelo menos como sua governanta social) diz que vai checar. Ela volta alguns minutos depois com a notícia de que Naomi está no meio de uma batalha aos gritos, no andar de baixo do Hotel.

Adam parece meio preocupado. "Ela está brigando com alguém que trabalha para mim?"

"Não", diz Christy. "Ela está brigando com o chef".

"Ah", Adam relaxa. "Está bem".

Naomi Campbell dificilmente se ajusta ao mundo do U2. Ela é uma das mulheres mais famosas da Grã-Bretanha e muito reconhecida em toda parte. Ela é famosa por ser impetuosa, agir como uma diva, e causar tumulto. Adam diz que uma das coisas que primeiro lhe chamou a atenção, antes de se conhecerem, foi quando ela saiu nas manchetes por dar uma cintada num paparazzo no aeroporto de Heathrow que a perseguia para uma foto após um vôo noturno. Adam se divertiu com isso. E você sabe, o

mundo da moda é tão insultante, as modelos são tão tratadas como carne, que ter uma linda boca e uma bela pele podem ser tão úteis para uma modelo quanto todos os outros atributos físicos dos quais ela depende.

Mas a organização do U2 funciona de uma forma completamente diferente. É, de longe, o grupo de operação, com o seu tamanho, mais atencioso que eu já vi no mundo do rock. A espécie de punhalada pelas costas e brigas sujas que é rotina na maioria das organizações similares é quase ausente. A maioria das pessoas que trabalha com o U2, incluindo os membros da banda, realmente não tem ideia de como isso é incomum. Os organizadores muitas vezes se abraçam ou andam de mãos dadas, ao mesmo tempo tendo sérias discussões sobre assuntos pessoais ou gerais. Mesmo as tensões e as brigas tendem a ser como os de uma família. Claro, aqueles que nunca conheceram outro grupo nem sempre veem as coisas dessa maneira. Alguém ali pode ter seus sentimentos feridos e pensar: “Cara, abaixo dessa superfície tranquila, a organização do U2 é um ninho de cobras!” Mas as únicas pessoas que podem pensar assim são as que nunca trabalharam ou viajaram com outras bandas, ou que passaram muito tempo em uma gravadora, escritório de promotores, ou revista de rock. Comparada com esses buracos de ratos, o U2 é o paraíso, uma casa a meio caminho entre o ideal hippie e os escoteiros.

É por isso que o ar de insensibilidade de Naomi irrita algumas dessas pessoas. A noiva de Adam é graciosa e cheia de estilo, mas ela ocasionalmente parece pensar que a palavra empregado é outro nome para serviçal. Um membro ressentido da equipe murmurou em uma ocasião que Naomi era a pessoa na turnê com maior probabilidade de ter uma mala de viagem caída em sua cabeça durante o vôo.

Naomi retorna para a nossa companhia, se estende suavemente sobre as costas da cadeira de Adam, e choraminga que o chef, que se recusou a cozinhar, também não se retirou para deixá-la usar o fogão. Ela está chateada e está indo para a cama. Ela dá um beijo de boa noite em Adam, dá um beijo de boa noite em Christy, acena aos demais, e em seguida caminha diretamente para a porta de vidro causando um estrondo tremendo. Todo mundo dá um pulo, mas Naomi apenas volta, ri e tenta novamente, desta vez passando pelo lado aberto e voltando para o hotel.

"Isso vai corrigi-la", diz o galante Adam.

---

35. Palavras Vindas da Frente de Batalha

cresce a tensão sobre bono e bósnia / pagando os inspetores da cidade / por que pesamos os nossos ingressos / a busca de Nancy wilson por segurança no show / chega um comunicado da zona de batalha

UMA VEZ QUE TODOS ESTÃO reunidos em Roma, a campanha que não ousam dizer o seu nome – o plano de Bono para invadir a Bósnia – chega ao Principle[1] com tensão. Também não está fazendo maravilhas para minha digestão. A primeira coisa que Bono quis saber quando chegamos a Roma era se eu ainda estava comprometido em ir com ele para Sarajevo. Eu disse que sim, mas teremos muita sorte se conseguirmos fazer isso acontecer. Tive a impressão de que ele ficou desapontado por eu não ter saído pulando e gritando: "Pode apostar! Vamos!" Ele suspeita que as pessoas estão deliberadamente hesitantes, para impedir que isso aconteça. "Bem, eu vou", disse Bono taxativamente. "Espero que Paul esteja trabalhando nisso!"

Eu não sei o quanto Paul vem trabalhando nisso. Eu sei que a sua atitude é: "Eu acho que é imprudente. Eu acho que é em vão. Eu não gosto dessa ideia em qualquer nível. É perigoso e inseguro e parece contradizer algo que eu achei que nós já tínhamos pensado bastante. Chegamos à conclusão de que o dever do artista é ilustrar as contradições e apontar o dedo para as coisas que estão erradas e terríveis sem a responsabilidade de ter que resolvê-las. O esforço do U2 em discutir qualquer questão humanitária às vezes têm sido acompanhado por um falso instinto de que o U2 é também obrigado a resolver esse problema. Ir a Sarajevo me parece cair nessa categoria. Acho que isso colocaria em risco as pessoas de lá, colocaria em perigo a turnê e colocaria em perigo a banda. Eu acho que isso é arrogância".

Eu me aproximo de Dennis Sheehan no corredor do hotel e digo: "Assim que você souber me avise se a Iugoslávia estará disponível para quinta-feira. Tenho algumas coisas que preciso mudar antes de ir - minha passagem de avião e meu testamento".

Dennis olha para mim com o rosto inexpressivo de um soldado se fazendo de bobo e diz: "Iugoslávia? Por que você está indo para a Iugoslávia, Bill?"

"Se o U2 for, eu também vou, Dennis".

A expressão de Dennis congela e ele diz: "Ah, é? Eu não tinha ouvido falar sobre isso. Pelo que me consta isso interferirá em outros planos. *Como no resto de nossas vidas!* Se as pessoas falarem sobre isso, Bono será forçado a fazê-lo, só para atender às expectativas de todos. E ele não vai conseguir fazer *nada*, exceto trazer todas aquelas pessoas à um lugar onde serão alvos fáceis. Não há nem mesmo qualquer eletricidade para tocar! Bono é um extremista e ele fez algumas coisas extremas, mas Sarajevo não é a América Central, Sarajevo não é a Etiópia. Para mim, isso não deve acontecer e não acontecerá, a menos que tanta gente fale sobre isso que Bono sinta que ele precisa fazê-lo. Então, não falem sobre isso!"

No dia seguinte, a silenciosa tensão se espalha por toda parte. Um dos cinegrafistas da Zoo TV diz que acabou de encontrar um amigo, um jornalista que geralmente cobre os problemas em Belfast, que voltou recentemente de Sarajevo, e que disse que quando estave lá ficou apavorado o tempo todo: é horrível, não vá. Essa notícia varre o hotel, juntamente com lembranças de uma das histórias que Bill Carter nos

---

[1] Principle, ou Principle Management trata-se da equipe de produção do U2, ou o escritório da produtora.

contou em Verona, de como ele estava sentado conversando com um amigo, não muito tempo atrás e de repente o amigo caiu morto atingido por uma bala de um franco-atirador.

No entanto, sob as ordens Bono, Regine Moylett está mantendo contato com Bill Carter, que agora está de volta a Sarajevo, e parece que está havendo algum progresso na tentativa de assegurar vários assentos em um avião de transporte da ONU ou da Cruz Vermelha para nos levar. Uma noção do que seria possível acontecer seria o U2 voar de manhã cedo, chegar a Sarajevo, tocar e voar para fora dali naquela mesma noite. Mas, além do fato de que se está tendo muita dificuldade em conseguir assentos nos vôos de socorros, todos os que vêm falar com o Principle a respeito da viagem, deixam claro que, uma vez que você entra na Bósnia, têm de estar preparado para a possibilidade de não sair dali. Quando o aeroporto é atacado, todos os vôos são cancelados. Ou pode haver uma grande evacuação de feridos, caso em que os saudáveis são barrados. Eu escrevo uma carta para minha esposa dar aos meus filhos no caso de ficarmos presos lá e não pudermos sair, tentando explicar o que aconteceu com o papai.

Os rumores estão se espalhando. Tom Freston, da MTV me para no corredor e pergunta se eu vou para a Bósnia. Ele diz que Bono prometeu material à MTV. “Seria um gesto surpreendente”, diz ele. Então, com um grande sorriso, acrescenta: “Depois você me diz como é, Bill! Eu voltarei para Nova York!”

Isso está se tornando como uma convenção política - todos os argumentos e intrigas estão tomando lugar nos corredores e cantos deste hotel. Regine segue Bono pelo corredor, tentando dar as últimas razões pelas quais ele não deveria ir, enquanto Bono faz o possível para ignorá-la: “Eu falei com Bill Carter. Ele disse que mil bombas caíram em Sarajevo ontem e qualquer coisa que reúna pessoas em um grande grupo é perigoso. Podemos colocar informações sobre Sarajevo nas telas da Zoo TV, podemos oferecer a Bill Carter instalações de edição em Dublin para que ele possa mostrar suas filmagens ao mundo. Há muitas, muitas coisas que a banda pode fazer que serão muito mais úteis do que ir para lá e entreter duzentas pessoas”.

Regine continua perseguindo Bono, lançando subornos e petições, enquanto ele tenta fugir. “A ONU provavelmente não vai deixar você entrar, e se você entrar, provavelmente não sairá dali por pelo menos uma semana ...”

Sua argumentação é interrompida quando a porta do elevador se abre e as pessoas lá dentro vêem Bono. Várias adolescentes gritam. Ele entra no elevador com elas, deixando Regine para trás enquanto a porta se fecha.

“Ele ainda está determinado a ir”, eu digo.

“Sim”, ela suspira. “E eu irei com ele”.

Bono fala ao telefone com uma jornalista irlandesa chamada Maggie O'Kane que cobre a guerra da Bósnia para o *The Guardian*, de Londres. Suas reportagens, muitas vezes, refletem a sua fúria com o que ela vê em Sarajevo. Bono ficou impressionado quando ela perdeu a paciência com um líder sérvio que ela estava entrevistando para a BBC; quando ele negou que os sérvios da Bósnia estavam usando o estupro como arma, ela o chamou de mentiroso na sua cara. O conselho de O'Kane a Bono é: "A melhor coisa que você pode fazer é ir até lá”.

O U2 faz uma checagem de som logo cedo, a 1 da tarde, para que o Pearl Jam tenha tempo de sobra para ajustar o seu som antes do público começar a chegar. Todo produtor de eventos que eu conheço tem histórias de horror sobre a comédia de promover shows na Itália. É assumido que os shows feitos aqui são desorganizados e que seus lucros não passam das bilheterias. Me sentei com grandes empresários de rock da Inglaterra e ouvi histórias hilárias. Você pode superar isso? São histórias de suborno, corrupção e ameaças na indústria italiana de shows. Paul McGuinness, sempre diplomático, diz que não acha tão ruim aqui, apenas lhe incomoda o fato da Itália permitir a venda de camisetas piratas e mercadorias da turnê, vendidas ao redor dos locais dos shows, de modo que o lucro do U2 naquela área desaparece neste país. O U2 veio com uma grande inovação para combater a probabilidade de ingressos falsificados ou mal contados, dando-lhes um relatório falso de quantas pessoas se encontram em qualquer local em que irão tocar, pois eles fornecem os bilhetes que os promotores têm de usar e, em seguida, eles *pesam* os canhotos coletados em cada show. O U2 sabe exatamente quantos dos seus ingressos especiais existem em uma libra, e qualquer maracutaia literalmente desequilibra as balanças.

Ainda assim, você não pode criar uma contingência para cada possível ato desleal. Eu tenho que rir quando chega às quatro horas - o tempo oficial para a abertura dos portões - e os portões permanecem fechados. Uma delegação de autoridades municipais apareceu e exigiu do promotor local de shows a prova que foram feitos os reparos de segurança determinados e que foram prometidos que seriam feitos no estádio antes de qualquer show de rock. Eles escolheram esse momento em particular para fazer uma inspeção do estádio inteiro. O pobre promotor está tendo convulsões.

O tempo limite aqui é rigoroso e imposto com mão de ferro. O U2 foi avisado de que, na última vez em que Springsteen tocou aqui, os policiais se aproximaram de sua mesa de som às 2 horas da manhã e baixaram todos os botões de volume, os desligando de repente. Assim, a cada minuto que esses inspetores locais gastam revisando e batendo nas paredes é mais tempo perdido que não pode ser recuperado no final. Grandes gotas de suor estão rolando pela testa do pobre promotor.

Os inspetores murmuram que este edifício pode estar condenado. De repente, alguém dá uma contribuição substancial para o fundo de preservação do edifício. Ou chame isso de propina. Chame isso de gesto de solidariedade entre companheiros apaixonados ou arquitetura e pontualidade musical. Enfim, o dinheiro é embolsado e a estrutura é declarada apta. Os portões são abertos com duas horas de atraso.

Exatamente quem pagou a quem não está inteiramente claro. McGuinness diz que não sabe nada sobre isso; provavelmente estou interpretando mal uma legítima troca cívica. Edge apenas ri de toda essa farsa e diz: “Fomos condenados sem sermos condenamos”. O pessoal da equipe não tem dúvidas de que se tratou de uma simples e direta chantagem, mas eles estão mais chateados com outro incidente - quando terminaram a montagem do palco sob o sol escaldante, encontraram as portas para os chuveiros trancadas. Um paisano local estava sentado em uma cadeira balançando as chaves com uma mão enquanto estendia a outra por um suborno.

A multidão está de mau humor por ter ficado de pé lá fora por tanto tempo e acabam descontando no Pearl Jam, que faz um estrondoso show (eles agradeceram a Larry excessivamente por sua passagem de som) mas é recebido com um monte de garrafas de plástico e “Fuck you”s.

“Me foder?”, Eddie Vedder diz. “Ok, você me fode e, em seguida, Bono vai sair e foder você”. Isso arranca mais algumas vaias. O engraçado é que o Pearl Jam parece ótimo. Não duvido que, em cinco anos, as mesmas pessoas que estão vaiando hoje estarão se gabando por tê-los visto nessa ocasião.

No backstage, me deparo com Cameron Crowe, uma lenda entre os críticos de rock. Cameron escrevia para a Rolling Stone já aos quinze anos, se tornou editor colaborador no seu décimo oitavo aniversário, deixou o colegio por um ano para que pudesse escrever o livro *Fast Times at Ridgemont High [br: Picardias Estudantis]*, que mais tarde se transformou em um roteiro para o filme de sucesso baseado em seu livro, que por sua vez foi usado como plataforma para ele mesmo escrever e dirigir seus próprios filmes. Seus filmes incluem o elogiado pela crítica *Say Anything [br: Digam o Que Quiserem]* e o novo *Singles [br: Vida de Solteiro]*, um filme passado em Seattle que inclui membros do Pearl Jam em papéis coadjuvantes e na trilha sonora. Além de se diferenciar da maioria de seus colegas críticos de rock por sua capacidade de se tornar um artista de sucesso por direito próprio, Crowe também é único entre a fraternidade porque (1) em um campo cheio de críticos egocêntricos ele é sempre gentil e generoso e (2) porque ele se casou com a atriz e musicista Nancy Wilson, da banda Heart. Eu não conheço nenhum crítico de música que tenha inspirado tanta inveja mesquinha quanto Cameron, uma pessoa que, do contrário, essa mesquinhez é tão ausente.

A Rolling Stone tem induzido Crowe a voltar à sua vocação de adolescente e escrever uma matéria de capa sobre o Pearl Jam. Ele me apresenta Eddie Vedder e caímos num papo sobre composições. Eddie, que tem a reputação de ser sensível e fechado, é caloroso e amigável, e tudo sai bem. Cameron é simpático e amistoso, e tudo sai bem. Eu posso fingir ser caloroso e amigável com o melhor que eles se mostram ser. Nós ficamos ali conversando de tudo um pouco até que Eddie sugere irmos até a mesa de som e ver o U2. Quando chegamos lá, Naomi e Christy estão em seus lugares, assim como Freston e Pollack. A família de Edge tem cadeiras dobráveis montadas, e sempre que nas telas da Zoo TV aparece a imagem do papai, suas filhas acenam para as telas. Talvez porque seus filhos estejam no local, Edge executa uma rara música solo, uma versão acústica de "Van Diemen's Land", do Rattle and Hum. (Como "Numb" está agora presente nas apresentações da MTV, muita gente acha que é a primeira música do U2 em que Edge faz o vocal principal. Não é, nem foi "Van Diemen's Land". Edge cantou "Seconds" no War, que sempre colocava o público em choque e o fazia vibrar quando o U2 a tocava ao vivo. As pessoas presumiam que na gravação de estúdio era Bono que cantava). Ao lado do palco, esperando Edge terminar sua versão solo, Adam está assistindo a interpretação e Bono tentando provocar o Adam.

Há uma brisa fresca e uma lua magnífica. O U2 está tocando maravilhosamente. Durante uma explosiva "New Year's Day", Bono, caminhando em direção ao palco B através de um campo de braços abertos, se vira e grita: "Eu te amo, Adam Clayton!"

Tom Freston diz: "Esse é o melhor show que eu já vi; nunca deveria acabar". Ele pergunta a Christy e Naomi se elas não concordam que esse é o melhor show que elas já viram. Sim, é. Jeff Pollack diz que pode ser o melhor show que ele já viu também. Tom pergunta a Eddie Vedder, que está inconformado com toda a tecnologia e truques de palco, se é o melhor show que ele já viu. Eddie diz que prefere Henry Rollins em um clube pequeno.

Alguns dos guardas estão perseguindo uma mulher loira no meio da multidão, tentando confiscar uma câmera filmadora. Ela é muito rápida. Ela está fazendo valer o dinheiro que ganham dando a eles uma bela corrida. Oh, oh, ela também é a esposa de Cameron Crowe. Vou dizer aos seguranças que a mulher que eles perseguiram é Nancy Wilson, do Heart, uma verdadeira estrela do rock, por direito próprio, além de ter legítimo e total acesso como parte da comitiva do Jam Pearl.

"Acho que devemos devolver a câmera dela", diz um dos seguranças.

"Mas podemos ficar com o seu filme?", diz outro.

No palco, Bono está furioso sobre o assunto Bósnia. “Pela primeira vez em cerca de vinte e cinco anos, a America acerta, quer ajudar as pessoas lá do outro lado do oceâno, na Bósnia-Herzegovina. Então o que acontece? A União Européia se reúne e ferra tudo!”

Dirigindo de volta ao hotel, Regine me mostra um fax que chegou para Bono de Bill Carter, em Sarajevo. São três páginas em espaço simples, extendendo o convite para o U2 vir para a Bósnia, e o que eles poderiam fazer caso não pudessem ir:

Ontem, centenas de bombas atingiram Sarajevo, e posso garantir que é o suficiente para você perder a sua vida, ou pior, perder a cabeça. Tendo esse tipo de guerra em mente, acho que vir a Sarajevo como um grupo seria muito perigoso. Acredite em mim, não há nada que eu gostaria mais do que fazer que isso acontecesse, que vocês estivessem aqui, mas há sérios problemas com o conceito . . .

Sarajevo é provavelmente a cidade mais perigosa da história moderna. Os ataques são aleatórios e sobre a cidade, não exclusivamente sobre os soldados. Assim, locomover-se é difícil. Como indivíduos, eu diria que sim, vamos fazer isso acontecer, mas como U2 o perigo seria muito alto para o povo de Sarajevo. Para vê-los as pessoas deixarão de se preocupar com franco-atiradores e bombas, se reunirão para sentir o poder do U2 e haverá a real possibilidade de pessoas sendo mortas. Exemplo: quatro semanas atrás, houve uma grande partida de futebol em uma vila em Sarajevo, e os sérvios atacaram e mataram 30 pessoas e feriram 125. Terceiro, se entrassem em Sarajevo, o aeroporto poderia ser bombardeado, como está acontecendo muitas vezes, e então o aeroporto seria fechado e vocês ficariam presos aqui por 3 a 7 ou 8 dias. Pessoalmente, acho que o U2 seria mais poderoso, dando a conhecer a situação ao público a que se dirigem todas as noites.

Carter continua, sugerindo que o U2 estabeleça uma conexão via satélite entre os shows da Zoo TV e Sarajevo:

A ideia é mostrar a insanidade, a surrealidade, a sobrevivência. A ideia é que o público de alguma forma se dê conta: Meu Deus, que sorte eu estar aqui curtindo esse show e não em Sarajevo. Talvez pensarão em não deixar isso acontecer no seu país, na sua cidade, na sua casa . . .

Ele explica que a noção de Bósnia é de uma nação unida de sérvios, croatas e muçulmanos:

Sarajevo é o único lugar em que seu nome não vai fazer que te matem, estuprem ou te coloquem na prisão. É uma guerra de sobrenomes. . . Por que Sarajevo está sitiada? Sarajevo representa a alma da Bósnia. Se os sérvios podem destruir o espírito e os nervos de Sarajevo, podem facilmente começar a repartir o que resta da Bósnia (o que não é muito: 70% já está ocupada pelos sérvios).

Termino de ler a carta:

(Deixe-me saber se a ideia da conexão por satélite está na direção certa.)

e devolvo a carta à Regine.

Quando chegamos ao hotel, as pessoas se reúnem em uma sala de jantar, onde um buffet foi colocado à disposição. McGuinness está explicando a Tom Freston como a sensibilidade e o conceito da Zoo TV podem ser transformados em uma rede de televisão, e a MTV seria parceira natural desse empreendimento.

Freston está interessado. Ele está desfrutando do panorama requintado em que todos nós fomos colocados. As luzes de Roma, os convidados encantadores, o vinho, o banquete. “Isso é como La Dolce Vita!”, Freston diz. O que leva McGuinness a repetir um boato de que o diretor de Dolce Vita, Federico Fellini, uma vez se perguntou por que ele não tinha sido convidado para dirigir um vídeo do U2. Pode não ser verdade, mas todos gostariam de acreditar que é.

Maurice ergue os olhos sonolentos e diz: "Não é Fellini que vem ao show amanhã à noite?"

Todo mundo para de falar e olha para ele. O que?

“Naomi disse que Fellini está vindo para o show”.

“É verdade”, Edge diz calmamente. Ele faz uma pausa enquanto todos se voltam para ele e, em seguida, acrescenta: “Morris Fellini”.

Enquanto isso, as modelos estão perguntando a Adam por que Bono anunciou que o amava no meio de “New Year’s Day”. Adam sorri e diz: “Você só vem com uma linha de baixo tão boa quanto essa três ou quatro vezes na vida”.

Bono está de mau humor. “Acabei de falar com Bill Carter”, ele me diz. “O povo de Sarajevo não nos quer lá. Ele diz que há coisas que podemos fazer para ajudar, mas ir prá lá agora não é uma delas”.

Vitória para as forças do Principle. O U2 vai tentar fazer o que Carter sugeriu: estabelecer transmissões de Sarajevo nas telas da Zoo TV, levar a Bósnia à milhares de europeus ocidentais, em vez de levar quatro irlandeses para a Bósnia. Não vai ser fácil. Esse ato público de “fazer o bem” joga com todos os velhos estereótipos do agora irônico U2 usando o palco do rock para dar sermões sociais. Isso vai desfazer uma grande parte do que o U2 passou os últimos dois anos tentando alcançar - construir um muro de superfície e glamour entre as máscaras públicas e os quatro indivíduos. O U2 não tem nenhuma ilusão sobre o que é mais importante - a sua imagem ou o mundo ignorando um massacre. Mas ainda é difícil assumir que eles vão abrir a porta para toda a velha porcaria que eles trabalharam tão duro para enterrar.

“Você sabe”, Bono diz sério, “até agora toda a imprensa tem sido grandiosa, tem sido a melhor etapa de nossa carreira. Você poderia ter a impressão de que todo mundo ama o que estamos fazendo. Mas observe bem o que acontece em seguida. Veja o que acontece quando chegarmos à Inglaterra. E espere pelo que acontecerá em Dublin. Volte para casa conosco e tenha outra perspectiva. Venha para casa conosco e veja a nossa decapitação”.

---

36. As transmissões da Bósnia

o u2 estabelece uma base de conexão via satélite / bill carter consegue alguns buracos de bala / um momento doloroso para larry mullen / a imprensa inglesa come u2 no café da manhã / salman rushdie sai do esconderijo

Em Marselha, França, em 14 de julho, Bono faz sua primeira tentativa de trazer Sarajevo ao palco da Zoo TV. Eles ainda não conseguiram conectar uma transmissão de televisão com a Bósnia, mas até agora, neste verão, o telefone de MacPhisto tem sido bom o suficiente para alcançar a todos, desde Pavarotti ("Você está emagrecendo para a década de noventa!"), até a neta de Mussolini ("Eu acho que está fazendo um trabalho maravilhoso, preenchendo os sapatos do velhote!"), então Bono tentará telefonar para Bill Carter em Sarajevo hoje à noite. Depois que Morleigh sai do palco com sua dança do ventre no final de "Mysterious Ways", Bono se dirige à multidão.

"Liberté! Egalité! Fraternité!" diz ele, sob aplausos. "Mas não em Sarajevo! Não na Bósnia-Herzegovina. Eu quero falar com um amigo que eu tenho lá". Bono se dirige ao telefone que está no palco e tecla uma longa série de números lenta e cuidadosamente. "Eu estou tentando fazer uma ligação, só um momento", ele diz à platéia. Ele levanta os dedos cruzados. Há um toque e, em seguida, se escuta a voz de um americano na linha.

"Alô".

"Alô", Bono diz, "é de Sarajevo? É meu amigo, Bill Carter?"

"Ei! Olá, Bono! Como você está?"

"Estou aqui em Marselha", Bono diz e o público aplaude, "na França, e estamos ligando para dizer que amamos vocês!"

"Ei, isso vai fazer Sarajevo se sentir bem! Muito obrigado!"

"Diga-nos o que está acontecendo hoje".

"Bem, como vocês sabem, a situação é um pouco desesperadora com o básico de água, comida e eletricidade, mas todo mundo está aguentando, tentando permanecer aqui dentro".

"Vocês não têm água?"

"Um pouco de água chegou à cidade hoje, mas ainda não temos energia e não há comida. Os idosos estão começando a morrer porque não há comida".

"Eles morrem porque não há comida. Como o povo de Sarajevo se sente em relação à Europa? Vocês sentem que nós os abandonamos?"

"Sim. Há um certo sentimento em Sarajevo de que a Europa esqueceu que Sarajevo está na Europa, e que os problemas em Sarajevo acabarão se tornando problemas da Europa".

“Bem, eu só quero lhe dizer uma coisa esta noite, Bill. Nós estamos envergonhados de ser europeus e dar as costas a você e seu povo”. A multidão aplaude. “Desejamos-lhes que fiquem bem, desejamos-lhes segurança, e ligaremos novamente. Deus os abençoe”.

Com isso o U2 inicia “One”, e Bill volta do Holiday Inn, em Sarajevo, onde ele foi para aguardar a ligação. Bill Carter está completamente empolgado por ter falado com um estádio cheio de gente. Agora ele só precisa voltar para seu apartamento na cidade sem levar um tiro. A noite não é uma boa ocasião para se andar por aí. Bill teve de correr através de um campo aberto para chegar ao hotel onde o Serviço de Notícias Reuters está sediado e pegar emprestado o telefone. Agora ele tem de voltar correndo.

Três dias depois, ele tem que se arriscar ainda mais para obter uma recompensa maior. Carter conseguiu convencer a Transmissão da União Europeia - um conjunto de satélites utilizados pelos serviços de notícias que cobrem a guerra na Bósnia – de que ele não é um lunático, que ele realmente tem os meios para fazer transmissões noturnas para estádios cheios de gente, se a TUE deixá-lo se conectar usando seu satélite por dez ou quinze minutos. Para dizer a verdade, acho que a TUE está mais convencida pelos cheques que o Principle envia para a sua sede em Genebra do que pelas súplicas de Bill. A má notícia é que Carter precisa dirigir em terreno perigoso para chegar à estação de TV de Sarajevo e se conectar ao satélite. Ele chama dois amigos da Bósnia, Darko e Vlado, para encarar o desafio com ele. (Darko e Vlado são sérvios, a propósito - o que demonstra que Sarajevo inclui sérvios que preferem se arriscar e morrer por uma Bósnia multiétnica do que aderir a “limpeza étnica”, o eufemismo dos nacionalistas sérvios para aniquilar outros grupos étnicos).

Os três dirigem como loucos através da área aberta chamada “Beco do Franco-atirador” e entram dentro da escura estação de TV com lanternas. Eles usam baterias portáteis como fonte de energia e se preparam para aparecer ao vivo no show de Bolonha. Por volta das 9:45, Carter pode ouvir em seu fone de ouvido os aplausos distantes e Bono conversando com o público italiano: “Grazie. Estamos aqui a cerca de 500 quilômetros de uma cidade muito diferente desta cidade. Nós vamos tentar chegar até o povo de Sarajevo. Estamos usando nossa merda de alta tecnologia. Nós ligamos para eles na semana passada, mas esta noite pela primeira vez tentaremos ver o meu amigo Bill em Sarajevo. Você está aí, Bill? Estamos com você na linha?”

Bill olha para a câmera e fala em um microfone de mão: “Sim, eu estou aqui. Você pode me ouvir, Bono?”

“Sim, estamos com você”. O rosto nervoso de Bill está iluminando os Vidiwalls da ZooTV. “O que está acontecendo hoje em Sarajevo?”, Bono pergunta. “Onde você está?”

“Estou na estação de TV no centro de Sarajevo. Aqui são quase dez da noite. Do lado de fora da janela, cerca de uma hora e meia atrás, explodiram duas granadas e uma criança morreu e cinco pessoas ficaram feridas. Então, a situação está ruim. O suprimento de comida acabou, não há água, não há eletricidade. As pessoas estão comendo grama. Para conseguir água é preciso andar de duas a três horas. Algumas pessoas desmaiam no caminho para conseguir a água. Elas não têm forças.

“Hoje mesmo fui ao hospital ver um amigo meu que tem um fragmento de granada aqui, na cabeça”. Bill aponta para sua têmpora. “Ele foi buscar água, em uma caminhada de cerca de duas horas, e uma granada caiu e o acertou na cabeça. Ele tem duas filhas que agora provavelmente terão que buscar sua própria água. Elas provavelmente não conseguirão. Você sabe, se eu pegasse um avião agora, eu poderia estar em

seu show antes de ele terminar. Estou a menos de uma hora de Bolonha. E ainda graças às conexões de satélite da TUE podemos conversar".

Bill ouve aplausos em seu fone de ouvido. Em seguida, ele ouve a voz de Bono novamente: "Bem, a verdade é que não temos nada que possamos dizer a você. Estamos mudos. Nós apenas queríamos que você soubesse que aqui em Bolonha, Itália, neste momento estamos pensando em vocês e oramos pelo fim de seus problemas e oramos para que a Europa leve o povo de Sarajevo mais a sério do que são levadas agora. Eles estão deixando vocês, estão os ignorando, estamos traindo vocês. É só a merda de uma música de rock & roll, mas essa música é para vocês. O que quer que isso signifique. Boa noite. Deus os abençoe. Amor para todos. Obrigado, Bill".

O U2 toca "One". Mais tarde no show, depois de executar "When Love Comes to Town" no palco B, Bono diz: "Há algo de obsceno em ter que transmitir imagens de Sarajevo para um show de rock & roll. Não se encaixa muito bem. Esta é uma canção de Bob Marley, pode dizer coisas muito melhores". E canta "Redemption Song".

Depois do show, o U2 concorda que a conexão com Sarajevo veio muito cedo, logo no início do show, e isso acabou com o estado de ânimo antes mesmo deste ter sido estabelecido. Na noite seguinte, eles esperam até o final da sequência de músicas no palco B, depois do dueto interestelar de Bono com o ectoplasma eletrônico Lou Reed em "Satellite of Love". Desta vez, Bono também tem o dado correto da distância física entre a Bolonha e a Bósnia. "Estamos a 200 milhas, 320 quilômetros de Sarajevo", diz ele para o público. "Estes são nossos vizinhos de porta". Há muitos aplausos em apoio.

"Creio que o que se passa com a TV é que você não sabe se o que está vendo é real", Bono diz para o público, explicando-se publicamente sobre a motivação inicial do conceito da Zoo TV. "Você já não pode mais notar a diferença entre os anúncios e o que está acontecendo na CNN, ou o que está chegando via satélite. Você não pode fazer à televisão algumas perguntas. Por isso enviamos uma antena parabólica para a cidade de Sarajevo. Temos um amigo lá, um cara legal chamado Bill Carter, um fã de rock & roll! Vamos ver se conseguimos colocar ele no ar. Está funcionando? Você está aí, Bill?"

O rosto abatido de Carter enche as telas do estádio de Bolonha. "Sim, eu ouço você, Bono".

"Bem, você tem cinquenta mil pessoas aqui e nós apenas queríamos dizer a vocês que talvez não apareçam notícias tanto quanto gostaríamos, talvez não estejam na TV tanto quanto gostaríamos, mas vocês estão conosco aqui e estão em nossos corações esta noite". Há aplausos.

"Obrigado. São onze horas aqui em Sarajevo. Hoje há pouca luta aqui, mas há um medo geralizado de que a cidade esteja ficando cada vez menor. O perímetro da cidade está sendo disputado e as pessoas estão tendo que vir para o centro da cidade, de modo que o fornecimento de alimentos, água e gás estão se tornando um problema. Além disso, hoje à noite, a cerca de 12 quilômetros daqui, entre dez a quinze mil pessoas, refugiadas, estão sendo atacadas pela artilharia e elas não têm para onde ir. Apenas como observação pessoal, o meu amigo, que tinha o fragmento de granada na cabeça morreu esta manhã".

Bono está olhando fixamente para a tela agora, como se ele tivesse esquecido que está em um palco em um estádio cheio de gente. Carter continua: "Mas esta noite eu tenho alguns amigos de Sarajevo comigo. Este é Darko, a quem eu perguntei hoje mais cedo qual é a parte mais difícil da guerra para ele".

Darko se aproxima e fala num mau inglês: "Primeiro, quero dizer olá a todas as pessoas em Bolonha. Agradeço a Bill, ao U2, e a todos vocês, que esta noite não nos sentimos tão sozinhos como temos nos sentido, especialmente nos últimos meses. Bem, respondendo a pergunta: o que é mais difícil para mim. Embora todos nós em Sarajevo tenhamos que conviver com a morte a cada momento, o mais complicado para mim, em nível pessoal, é estar separado de minha família, minha esposa e filhos. Eles estão vivendo e crescendo em algum lugar sem mim, sem qualquer oportunidade de contato com eles. Ainda mais chocante é o fato de meus pais morarem a apenas quatro quilômetros deste local e eu não conseguir contatá-los, exceto, talvez, usando esse tipo de conexão via satélite. Eu não consigo contatá-los já por cerca de um ano. Essas têm sido as coisas mais difíceis para mim durante esses dezoito meses. Mais uma vez, obrigado a todos em Bolonha".

Bill Carter apresenta outro convidado para o público, dizendo: "Eu tenho um outro amigo, Vlado, que está separado de sua esposa há dezessete meses. Ela vive em Bolonha e há uma boa chance de ela estar aqui esta noite".

Vlado se aproxima. "Eu tenho uma pequena mensagem para minha esposa, *mia cam*, Mirita. Minha querida Mirita, eu te amo e sinto sua falta. Estou vivo e me sinto bem. Obrigado. Obrigado, Billy. Obrigado, U2. E *grazie*, Bolonha. Ciao".

Em Bolonha, o U2 introduz "Bad" e, em Sarajevo, Carter, Vlado e Darko entram no carro e tão rápido quanto eles podem dirigem através do Beco do Franco-atirador. Balas voam ao redor deles, atingindo o carro. Eles precisam pisar fundo no acelerador e, ao mesmo tempo, apagar os faróis. Há quase tantas chances de morrer em um acidente de carro quanto de serem atingidos pelos tiros da Chetnik (organização paramilitar nacionalista sérvia). Finalmente eles conseguem sair da zona exposta e vão descansar na relativa segurança de uma rua estreita. Eles saem e contam os novos buracos de bala na carroceria do carro.

Bill ficou tão acostumado com o horror da vida em Sarajevo que ele já não repara nos personagens surreais, como o chefe da máfia local, que promete uma saída segura para fora da cidade pelo preço certo e costuma andar pela cidade montado em um cavalo, com pistolas penduradas no cinto.

Durante as próximas três semanas, o U2 faz mais dez conexões com Bill Carter e seus vizinhos em Sarajevo. Durante esse período, o U2 cruza o Reino Unido e começa a etapa final da Zooropa Tour (a parte européia de estádios da ZooTV): Glasgow, Leeds, Cardiff e quatro noites no enorme Estádio de Wembley, em Londres. Mais de 400.000 ingressos foram vendidos para esses shows no Reino Unido. Enquanto isso, Bill Carter descobre que tanto ele como Bono estão se tornando heróis para o povo de Sarajevo. As conversas nos shows estão sendo transmitidas na rádio local e fornecem aos bósnios um pequeno fio de esperança de que o mundo exterior não os abandonou completamente. As transmissões via satélite se tornam mais furiosas, com Carter chegando a um limite ligeiramente messiânico e com os bósnios que ele traz para as filmagens acusando o público do U2 de *ficar sentado ali sem fazer nada enquanto somos assassinados.* Isso torna difícil para o U2 recuperar o controle emocional de seus shows depois das conexões.

Grande parte da imprensa britânica se dirige a Glasgow para o primeiro show no Reino Unido e é golpeada pela lição dada por uma mulher bósnia nos telões, que lhes diz: "A gente gostaria de ouvir música também, mas só ouvimos os gritos dos feridos e pessoas torturadas e mulheres estupradas!"

Adam quer largar o seu baixo e sair do palco, pegar seu carro e ir a algum lugar onde ele possa enterrar a cabeça na areia e não pensar em qual será a próxima música ou quem ele terá que apertar a mão depois do show.

Larry, sentado na banqueta de sua bateria sob o telão do vídeo, ouvindo isso e olhando para o Bono em pé sozinho no palco B, pensa: "Essa é a coisa mais dolorosa que o U2 já passou". Ele, literalmente, está se contorcendo em total desconforto. Larry é o membro da banda que se sentia desconfortável quando usavam um pequeno vídeo zombando de George Bush. Para ele, as transmissões da Bósnia são pura tortura.

Também não é um dia de piquenique para o público. Não há nada como ter um genocídio estampado na sua cara para arruinar o clima de festa de uma multidão. Certamente Bono alcançou seu objetivo inicial de ilustrar sobre o palco a obscenidade de se estar mudando ociosamente de canal, de uma guerra na CNN para os vídeos de rock na MTV. O público nos shows do U2 pode estar chocado, e é provável que esteja com raiva tanto do U2 como dos sérvios, mas eles não estão dormentes. O público está tão abalado que a música dificilmente pode recuperar o seu entusiasmo.

Em agosto o U2 decide encerrar as transmissões da Bósnia após as quatro noites em Londres. Eles concluem que, por coincidência ou efeito indireto, Sarajevo, que praticamente era ignorada pela imprensa três semanas antes, agora está dominando as primeiras páginas dos jornais britânicos todos os dias. Eles vão levar Bill Carter de Sarajevo para a Irlanda para os três últimos shows da Zooropa Tour.

Como Bono havia previsto, quando a turnê chega a Londres, a imprensa é selvagem. Ela trata essa reversão do U2 para salvar o mundo como a mulher de um bêbado que insulta o marido depois dele cair para fora da carroça. Larry diz que as conexões com Sarajevo fizeram o U2 retroceder a sua imagem em cinco anos - mas quanto vale a imagem de uma banda de rock quando confrontada com o genocídio na Bósnia?

"Gosto dessa confusão", Bono diz sobre o golpe à nova persona do U2. "Quando vou ao teatro preciso saber que o ator não está tão confortável naquele palco, preciso saber que ele talvez pudesse estar na minha frente ou na minha vida. Há um script em um show do U2, mas você precisa saber que o script pode rasgar-se e você pode ficar de fora. Então, ocasionalmente, quando isso acontece e você pensa: 'Bem, isso não é bem o que me disseram que seria! Pensei que eles todos haviam se retirado e agora eles estão aqui colocando tudo isso diante de mim', esse é o nosso trabalho!"

Um longo discurso anti-U2 na revista New Musical Express de Londres disse, em parte: "A conexão com a Bósnia foi além do mau gosto. Foi um insulto. Diante da terrível descrição da situação em Sarajevo, Bono tropeça na incoerência que, provavelmente, era o resultado de uma preocupação genuína, mas que veio através de um sujo padrão banal de celebridade. O que uma banda que tem praticamente tudo compra com seus milhões? A única coisa que eles nunca tiveram: credibilidade. Pena que isso não está à venda".

Em Sarajevo, no entanto, os membros do U2 estão se tornando santos. As pessoas param Bill Carter na rua, dizendo a ele como é importante que alguém na Europa esteja protestando contra o massacre. Há uma nova piada circulando na Bósnia: "Qual é a diferença entre Sarajevo e Auschwitz? Pelo menos em Auschwitz eles tinham gás". Durante uma conexão via satélite um muçulmano disse para Bono que o U2 deu a Sarajevo uma janela para o mundo, e eles rezam para que alguma luz brilhe através dela.

Em Wembley a banda está esgotada, sem energia, mas eles estão determinados a empurrar a sua atitude irlandesa pela garganta britânica. No final do show, Bono aparece como MacPhisto e faz o seu telefonema noturno de celebridade, desta vez para o fugitivo escritor, Salman Rushdie. Por quatro anos, Rushdie escapou de uma *fatwa*, uma sentença de morte imposta a ele pelo aiatolá Khomeini por ofender o Islã com seu romance Os Versos Satânicos. O público de Wembley fica surpreso quando Rushdie não apenas atende o telefonema de Bono, mas sai de seu esconderijo e caminha até o palco. Balançando um dedo na cara de MacPhisto, Rushdie diz: "Eu não tenho medo de você! Os verdadeiros demônios não usam chifres!"

Isso foi longe demais para o Sunday Independent, que declara: "Bono fez uma piada sagrada sobre os assuntos islâmicos (dos quais ele não sabe nada) bem como da guerra na Bósnia (da qual ele parece saber menos ainda)".

Ver Rushdie no palco com o U2 golpeia os meios noticiosos como uma quase incompreensível justaposição de incompatibilidades culturais. Que diabos um intelectual fugitivo está fazendo com uma banda pop enfronhada em couro? Quem deixou a porta acadêmica aberta? Allan Bloom[1] deve estar se remexendo em seu túmulo!

Quando menciono essa reação para Rushdie, ele diz que a insinuação de que U2 estava de alguma forma explorando sua situação é ridícula. "Creio que *eu* estava, de certa maneira explorando *a sua* audiência global", Rushdie diz, "para as pessoas prestarem atenção a outro tipo de mensagem importante. Eu acho que a conexão com Sarajevo era a mesma coisa. É verdade que existe nisso um aspecto doloroso, porque essas pessoas estão vivendo uma situação muito difícil, de vida ou morte, e não se encaixou muito bem no meio de um show de rock. Uma mulher disse no telão: 'Vocês não estão fazendo nada para nós!' e só o que vão fazer a seguir é: cantar outra música. Isso é muito irregular. Mas é exatamente isso que eu achei valioso. O fato de soar tão estranho, que a coisa caiu tão mal no show, é uma maneira de dizer a esse público enorme: "Existem coisas que não podem ser acomodadas tão facilmente, e que são difíceis e dolorosas e estranhas e você não pode simplesmente homogeneizá-las com o resto do mundo".

"Eu pensei exatamente no constrangimento disso, e essa situação fora do clima, inconveniente, foi o que a tornou memorável. Nunca antes me haviam feito sentir a dor do mundo em um show de rock & roll. É muito fácil criticar a banda, e os jornalistas em geral cultivam o tipo de cinismo a partir do qual torna-se muito fácil dizer que tudo está mal feito. Mas eu não sinto isso.

"Vivemos em uma época em que as pessoas querem reinventar um monte de limites e dizer: 'Se vocês são uma banda de rock não cruze a linha da cobertura de notícias. Nós, os repórteres, é que fazemos isso! Se você é um escritor intelectual não escreva sobre a cultura popular, temos escritores de cultura popular que fazem isso!" Acho que toda a atividade criativa é de fato um processo de destruição de fronteiras. Você leva sua voz a um lugar onde não havia estado antes e o atrito que gera é o que torna isso interessante. E as faíscas são o trabalho.

---

[1] Allan David Bloom (14 de setembro de 1930 a 7 de outubro de 1992) foi um filósofo, classicista e acadêmico americano. Ele ensinou na Universidade de Cornell, a Universidade de Toronto, Tel Aviv University, Universidade de Yale, École Normale Supérieure de Paris, e a Universidade de Chicago . Bloom tornou-se famoso por suas críticas ao ensino superior americano contemporâneo e estava preocupado em preservar um estilo de vida filosófico para as gerações futuras.

“Vivemos numa época em que as pessoas que mediam o trabalho de artistas criativos para o público realmente não compreendem a mensagem que o público e os próprios artistas entendem. Assim, no meio existe essa barreira. Existem esses funcionários alfandegários, dizendo: ‘Não atravesse a faixa verde!’ e o dificultam.

“Eu não tenho reagido a um grupo de rock com tanta força há muito tempo, porque eu acho que as pessoas têm sido muito cautelosas. E aqui está um grupo de rock assumindo um risco fantástico para si mesmo. Eu gosto quando as pessoas ultrapassam o limite e te convidam a ir com elas. Nesse caso, as pessoas têm de ir e seguí-las”.

Capítulo 37. O Velho Homem

o crítico mais duro de bono / sua mãe o batizou como paul, paul ele permanecerá / quando gavin quase toma uma surra / o mito do mestre de xadrez desanimado / conselho para o noivo

Vou apresentar-lhes um severo crítico dos shows em Londres, em particular, da direção da Zoo TV e do U2 em geral: Bobby Hewson, o grisalho pai de Bono.

"Houve um incidente no show de Londres em que uma garota subiu no palco", o Sr. Hewson diz com firmeza. "Paul se deita"- ele ainda chama Bono de Paul. "Ela ficou em cima dele e houve uma simulação de sexo. Isso foi, creio eu, completamente inapropriado, desnecessário e censurável. Além do que, na mesma ocasião, ele disse *foda-se* algumas vezes. Agora, dizer *foda-se* uma vez ainda é admissível, mas quando você continua usando a palavra repedidas vezes não só é inaceitável, como também perde o impacto".

Sentado na sala de estar na casa do Sr. Hewson em Howth, Irlanda, eu sinto como se estivesse de volta ao colégio, tentando convencer os pais de um dos meus amigos a não o castigarem.

"Você sabe, Sr. Hewson", eu digo, "Bono mencionou que convidou a menina da plateia para dançar, mas ela subiu em cima dele durante 'Babyface'. Ele estava tão chocado quanto você!"

"Sim, bem" - Bob me olha com os olhos apertados – "na primeira vez foi algo inesperado, mas na segunda vez não foi".

Ele me pegou com esse argumento. Pergunto sobre sua reação a todo o espetáculo da Zoo TV.

"Você se refere a essa turnê em particular? Devo admitir que eu particularmente não gosto dessa coisa de óculos escuros e charutos. Na verdade, eu já o repreendi várias vezes por apresentar uma imagem ruim. As crianças o imitam, e agora toda vez que eu o vejo, ele tem um charuto na boca. Ele diz que é só um personagem. Jura que não inala! Parei de fumar há vinte anos e nem Norman nem Paul fumaram até agora. Eu não concordo com nada disso. Sei que meu ponto de vista é estreito e nós somos de gerações diferentes, e eu sei que as pessoas no palco têm que adotar certas personas. Talvez seja necessário. Pessoalmente, eu não acho que seja assim.

"No que diz respeito à 'coisa Zooropa', eu acho que eles se perderam..." O Sr. Hewson hesita e depois explica por que ele está sendo tão franco: "Quando ele pede minha opinião sobre alguma coisa, eu sempre lhe digo a verdade. Acho que eles têm suficientes puxa-sacos ao redor deles, alguém deveria lhes dizer a verdade". (Bono disse uma vez sobre seu pai: "Ele acha que eu tenho muitos bajuladores, porque ele é o anti-bajulação".)

O Sr. Hewson dá a sua opinião do U2 pós-Zoo: "Acho que a coisa ficou fora de controle. Alguém estava dizendo: 'O que vamos fazer para a próxima turnê? Não tem como ficar maior'. Minha opinião é que eles deveriam voltar a ser quatro rapazes com suas guitarras e esquecer todas essas coisas. Acho que algo se perdeu na transição do formato original que eles tinham. Talvez essas coisas sejam necessárias até certo ponto, mas..." Ele ri e seu rosto se suaviza. "Eu só sou - para usar uma expressão irlandesa – um linguarudo, eu não sei do que eu estou falando".

“Bem, Sr. Hewson”, sugiro, “eles sentem que a fama do U2 ficou tão grande e com tanta falta de privacidade que a única maneira de manter qualquer aparência de vida privada é por erguer um pouco dessa fachada".

“Bem, não me importo tanto com isso”, diz ele. “Isso é compreensível. Você não pode ser uma figura pública o tempo todo. Mas eles começaram e alcançaram o sucesso, como uma espécie de banda boa, de vida limpa. Nos Estados Unidos, isso foi particularmente assim. Alguém em um dos jornais americanos escreveu: ‘A maioria das bandas de rock & roll começa com bebidas e drogas e no fim acabam levando uma vida limpa. O U2 tem feito o caminho inverso!’ Não estou de acordo com isso, não concordo com essa imagem de decadência em que eles entraram. Deus, vou me meter em problemas por dizer isso".

“Mas não existe muita decadência real”, eu protesto. “É mais como: ‘Se eu vou ser uma estrela do rock, deixe-me realmente desempenhar o papel de uma estrela de rock’. Mas entendo o seu ponto de vista, um garoto de 14 anos pode não fazer essa distinção”.

“E mudando dessa maneira eles se tornaram como qualquer outra velha banda de rock & roll”, Bobby diz com firmeza. “Posso estar errado nisso, mas acho que uma das razões para o sucesso deles nos Estados Unidos - além de sua música - é que eles apresentaram uma nova imagem, uma imagem limpa, temente a Deus, cristã. Agora, eu não estou dizendo que podem ser assim o tempo todo, mas ao mesmo tempo eu acho que - Deus, levarei um tiro por falar isso - a decisão deliberada de alterar essa imagem, isso eu não concordo”. Ele sorri e levanta as mãos. “Provavelmente nunca mais serei convidado para um show de rock”.

“Eu acho que uma versão desse mesmo argumento ocorreu dentro da banda”, eu digo, “antes de eles tomarem essa nova direção”.

“Sim”. Bobby concorda. “Eu não sei quem foi o responsável. Mas imagino que foi meu jovem amigo, como sempre. Isso não me surpreenderia em relação a ele”.

“Acho que Bono e Edge estavam pressionando para que a banda mudasse”, eu digo. “Larry pode ter dito...”

“‘Por quê?’ Um homem tão sólido, Larry. Um homem muito sólido. Lembro-me de falar com Larry no saguão de um hotel em Paris. Havia uma multidão lá fora. Paul estava comigo e não podia fugir. Eu disse a Larry: ‘Você não é o bonitinho agora!’ Ele disse: ‘Por quê?’ Eu disse: ‘Você nunca tem de dar entrevistas!’ ‘Ouça, amigo’, ele me disse, ‘Eu fiz uma entrevista para a banda e foi a última entrevista que eu fiz!’ Eu disse: ‘Você é um homem sábio’. Larry é um cara muito prático. É um cara muito simpático também”. Larry me disse uma vez que ele se dá muito bem com o pai de Bono. Quando Bobby aparece em um show, ele e Larry costumam sair depois para jogar sinuca juntos.

Seria um grande erro mal interpretar a insistência de um pai de Dublin em manter seu filho famoso longe de fazer essa fama subir-lhe à cabeça. O orgulho do Sr. Hewson por seu filho é evidente pelos discos de platina do U2 na parede (embora sua própria estante de CD’s esteja cheia de música clássica), as fotos tiradas por Bono na África que decoram sua sala de jantar e uma fotografia particularmente fantástica pendurada acima de mim agora, de Bobby correndo em direção à câmera com uma expressão selvagem no rosto - ao mesmo tempo divertida, assustada, e envergonhada - com Bono e Adam rindo ao fundo. Acontece que ele foi levado ao palco em um grande show ao ar livre em Dublin. Bobby estava em pé na frente do palco quando Bono estendeu o braço para ele. Ele pensou que o filho estava tentando apenas apertar a mão dele, então ele estendeu o braço até certo ponto e, um momento depois, viu-se puxado para o palco e Bono dançando com ele para a alegria da multidão. Ele se soltou e saiu dali o mais rápido que pôde. Um fotógrafo capturou sua fuga quando ele saiu. A grande fotografia emoldurada – e o lugar de destaque que ela ocupa

na casa do Sr. Hewson - diz que, por baixo de sua rudeza, ele sente muito orgulho das realizações de seu filho.

O que não quer dizer que não haja suficiente rudeza. Ele menciona que a maioria das pessoas se referem a Paul como "Bono" e Bobby diz: "'Isso costumava me deixar louco'. Nunca o chamarei dessa maneira. Eu o chamo de Paul. Eu disse a ele em mais de uma ocasião: 'Sua mãe o batizou como Paul e Paul permanecerá!' Na verdade, eu acho que ele fica chateado se as pessoas em geral o chamam de Paul. Acho que isso é só para a família. Ele começou a ser chamado Bonovox ou por alguma coisa estúpida que Derek (Guggi) ou alguns de seus amigos o batizaram. E acho que pegou. Devo dizer que isso nunca me caiu bem".

Eu pergunto o que ele pensou quando Gavin e Guggi começaram a aparecer de maquiagem.

Bobby solta um suspiro, como se ele fosse ter que me dar uma má notícia para o meu próprio bem. "Agora, Gavin é um cara muito legal", diz ele. "Gosto muito do Gavin. Quando os conheci, eles estavam nessa Virgin seja-lá-que-diabos-eram-chamados. Eles costumavam aparecer por aqui. Lembro de uma vez que Gavin apareceu em um vestido! Eu quase lhe dei um pontapé na bunda. E em outra ocasião Guggi apareceu na porta com batom e eu lhe disse: 'Derek, sua boca está sangrando!' Devo admitir que eu desaprovava a associação com essa banda. Sou muito antiquado nesse aspecto".

Gavin me disse que no dia que ele foi na casa dos Hewson em seu vestido, Bobby atendeu a porta, olhou para ele com nojo, e disse: "Estou abrindo a porta para você agora, mas nunca mais voltarei a abrir! Ah se eu vejo meu menino vestido dessa maneira!"

Você é católico, eu digo ao Sr. Hewson, mas Bono foi criado como protestante.

"Eu era católico romano e minha esposa pertencia à Igreja Protestante da Irlanda", explica ele. "O que naquela época era incomum, e isso não foi prontamente aceito. Ambos os meninos foram criados na Igreja da Irlanda. Porque eu pensei, bem, a mãe tem de criar os filhos. Quando é que o pai os vê? Somente à noite. A responsabilidade é mais ou menos dela, ela deveria fazer isso do seu jeito".

"Então ele se confundiu - não sei como eles chamavam a si mesmos, mas eles eram algum tipo de grupo bíblico. Eu sempre fui um pouco cauteloso com essas pessoas que dizem ter todas as respostas. Nós nunca tínhamos discussões, mas costumávamos debater sobre a Bíblia por horas e horas a fio. Porque ele parecia pensar que sabia tudo sobre a Bíblia. Costumávamos ter ótimos argumentos, isso se estendia por horas. Nós ainda fazemos isso às vezes". Ele ri. "Eu era um pouco cético. Mas, então, à medida que crescia, parecia que tudo ia bem com ele, então eu não me opus a isso".

"Bono disse-me que, enquanto crescia, lhe foi permitido encontrar o seu próprio caminho."

"Espiritualmente? Bem, isso é verdade, porque a mãe dele morreu e ficamos apenas nós três - Norman, Paul, e eu. Ele era uma criança muito irritante; ele não era uma criança má, mas endiabradamente exasperante. Meu Deus, ele realmente era. Vou lhe dar um exemplo que tenho muito bem gravado na mente e seu irmão Norman pode confirmar isso. Lembro-me de uma noite que estávamos jantando e estávamos sentados ao lado do fogo. Minha esposa estava viva naquela ocasião e nós estávamos comendo algum tipo de bolo. Paul deu uma mordida e, em vez de colocá-lo no prato, o colocou debaixo de uma prateleira. 'Você tem um prato, use-o'.

“Você não vai acreditar, mas não conseguimos que ele admitisse que devia colocar o bolo no prato. Nós três - Norman também estava discutindo com ele! Eu disse: ‘Nós não vamos para a cama até resolvermos isso de uma vez por todas!’ Na verdade, minha esposa foi para a cama chorando à uma hora da manhã. Às duas horas ele finalmente disse: ‘Sim, eu estava errado’, e foi para a cama. Na manhã seguinte, ele se levantou e disse: ‘Eu só concordei porque eu queria ir para a cama’. Ele devia ter uns 12 ou 13 anos. E já vivia em um mundo diferente naquela época. Você dizia: ‘Paul, você poderia subir e pegar para mim a escova de cabelo no quarto?’ Ele ia, voltava e você dizia: ‘Onde está?’ ‘Onde está o quê?’ ‘Por que você subiu as escadas, Paul?’ ‘Para ir ao banheiro’.

“E ele ainda é o mesmo! Eu avisei a Ali, quando ela estava para se casar com ele. Até hoje eu digo: ‘Eu te avisei e você não acreditou em mim! Você estava apaixonada demais!’

“Lembro-me de que uma ocasião tivemos um bate-boca terrível. Eu lhe dei algumas pancadas, o joguei no corredor e fechei a porta. Abri a porta e ouvi uma risadinha debochada. Eu olhei e havia uma casca de banana e ele estava sentado na escada esperando por mim...” De repente Bobby ri às gargalhadas por um longo tempo. Então ele suspira e diz: “Ah, ele era irritante, ele realmente era. Mas não havia nada de mal nele. Ele estava vivendo em seu próprio mundo e nós éramos um pouco supérfluos para ele e seu mundo. E isso ainda se aplica hoje. Ele era um garoto extraordinário. Era muito difícil pegá-lo. Nós não conseguíamos fazê-lo estudar quando estava na escola, simplesmente não conseguíamos. Ele ia estudar e a próxima coisa que você escutava era uma batida de guitarra”.

Como ser pai de Bono do U2 afetou sua vida?

“Há prós e contras”, diz ele. “Às vezes pode ser um pouco chato. Particularmente por volta da época de shows quando todos os meus amigos e parentes estão à procura de ingressos. Porque ele é um milionário, as pessoas pensam que eu também sou milionário, ou pelo menos a metade de um milionário. E isso tem suas desvantagens. Se eu deixar meu carro para manutenção e eles descobrem de quem é, tenho certeza que uma quantia extra será cobrada. Meu padrão de vida, suponho, melhorou, essa é uma vantagem óbvia.

“Há desvantagens também. Eles saem em turnê, eles vivem um estilo de vida diferente, e eu não vejo os filhos dele tão frequentemente como eu vejo meus outros netos. Mas nós tivemos ótimos momentos em turnê com eles. Estivemos nos Estados Unidos, Canadá e em toda a Europa. Vejo coisas que normalmente eu não teria visto.

“Eles levam - em minha opinião, enfim - uma vida completamente artificial. Estávamos em Nova York, meu filho mais velho, Norman e sua esposa, meu cunhado e sua esposa, e todos nós íamos ver o musical *Cats*, e Paul ficou preso no hotel e não pôde sair. Ele me disse: ‘Meu Deus, eu adoraria poder ir a um espetáculo com você’. É como viver em um aquário. Não é dono de sua própria vida. Ele está restrito à onde pode ir e o que pode fazer. Você vive a vida apenas uma vez. Existem, obviamente, enormes vantagens financeiras, mas é um preço bastante alto. Ele não vê seus próprios filhos com a mesma frequência que ele veria se vivesse um tipo de vida normal. E eu acho que as crianças, especialmente as menorzinhas, precisam de ambos os pais junto a elas o tempo todo. Não apenas em visitas rápidas de vez em quando. Eu acho que é um preço alto a pagar. Logo seus filhos terão 15 anos e falando sobre sair de casa. Isso acaba passando muito rapidamente”.

O Sr. Hewson se levanta e insiste que eu tome um pouco de chá e coma alguns biscoitos. Nós entramos na cozinha. Seu apartamento é um lugar elegante e moderno, com uma vista espetacular do oceano. Bono o trouxe aqui pela primeira vez com o pretexto de que ele estava pensando em comprá-lo para si mesmo e

para Ali. Seu pai lhe disse que era bonito, mas não fazia sentido para eles se mudarem - não havia espaço para as crianças. Ah, Bono sorriu, 'então ele vai ser seu?' Agora Bobby, um funcionário público aposentado que trabalhava da central de correios, recebe correspondências de todo o mundo, endereçadas apenas para "Bono, Irlanda". Não muito tempo atrás, um amigo dele, um taxista, apareceu com uma garota americana de 17 anos, que tinha entrado em um táxi no aeroporto e disse que ela tinha vindo para à Irlanda para encontrar o U2. O motorista disse: 'Bem, você se contentaria com o pai de Bono?'

Bobby foi pego de surpresa, mas ele convidou a menina e respondeu a todas as perguntas, enquanto seu amigo taxista estava sentado ali, ficou sorrindo. Finalmente Bobby se deu conta do golpe - o motorista estava com seu taximetro correndo todo o tempo! Ele estava cobrando da garota um preço alto por esta apresentação.

Ultimamente, os jornais têm publicado algumas histórias de McGuinness e contam que Bono, em um leilão beneficente, teve uma partida com o campeão russo de xadrez Gary Kasparov. Todas as reportagens explicam que Bono era um prodígio do xadrez quando criança. Uma delas até cita Bono como dizendo: "Eu acho que tenho uma boa chance de vencê-lo". Agora, além do seu valor como outro exemplo da incapacidade de alguns jornais de detectar uma piada, há alguma base histórica para as reivindicações da habilidade de Bono como jogador de xadrez. Ele me disse que quando criança era louco pelo jogo e que, apesar da pouca idade, bateu o professor de xadrez local, para a admiração de todos. Ele sempre minimizou esse entusiasmo, porque o xadrez passa uma imagem um tanto anti rock & roll. Mais tarde, essa foi uma fonte de consenso com Bob Dylan, que havia escondido seus bispos debaixo de um cesto, pela mesma razão. Eu pedi ao Sr. Hewson para me contar sobre o dom do jovem Bono pelo xadrez.

"Eu acho que isso foi vaidade", diz ele com um sorriso tolerante. "A imprensa falou e ele ficou 'todo cheio'. Eu o ensinei a jogar xadrez, embora eu esteja enferrujado nos últimos anos. Ele ingressou em um clube de xadrez e ganhou algumas medalhas. Ele venceu o presidente do clube e acho que, a fim de manter a reputação do presidente, ele mais ou menos exagerou a proeza de Paul". Nós dois começamos a rir e o Sr. Hewson acrescenta: "Acho que essa é a verdadeira história!" (Bono salientou uma vez que o fato de ele ser uma criança em um clube cheio de adultos não impressionava o pai nem um pouco: se Paul vencesse a competição de xadrez, isso significaria que o cara que jogou contra ele não era bom.)

Quando saio digo ao Sr. Hewson que vou pegar um táxi de volta ao centro de Dublin e ele diz que é um desperdício absurdo de dinheiro, que eu posso pegar o trem da DART (Dublin Area Rapid Transit) que fica perto, bem no caminho. Eu digo: "Ah, tudo bem", e acho que ele não acredita ter sido convincente e que eu estou planejando pegar um táxi de qualquer maneira, assim ele insiste em me levar até a estação de trem. Nós saímos, entramos em seu carro, e o Sr. Hewson imediatamente anuncia que podemos poupar algum tempo dirigindo em sentido contrário por uma rua de mão única. Uma curva, em declive, uma rua de mão única onde não se podia ver se vinha um caminhão dobrando a curva até estarem logo em cima. Agora vejo onde Bono herdou suas habilidades para dirigir.

Pergunto, se o U2 acabasse amanhã, o que Bobby desejaria para o seu filho para o resto de sua vida.

"Esperaria que ele estivesse pronto para readaptar-se à vida normal", ele diz. "Que ele fosse feliz com sua esposa e filhos, porque ele tem uma esposa adorável e filhos encantadores. E que ele mantenha uma vida feliz e normal. Riqueza não traz felicidade".

"Tudo criou uma situação que lhe permite ir e vir", indico. "A casa funciona sem ele".

“Ah, com certeza!”, o Sr. Hewson ri. “A casa funciona melhor sem ele, eu acho! Você não tem ideia de como ele é. Ele não mudou. Ele ainda é o mesmo de sempre. Ele é atraente à sua maneira. É a velha história. Eu tenho um irmão que nunca foi bom em qualquer trabalho, não podia fazer nada, nem sequer andava de bicicleta. E todo mundo sentia pena dele. Uma vez, o vizinho entrou e pintou sua casa. Uma vez que você ganha a fama de ser assim, ninguém mais lhe pede para fazer qualquer coisa!

“Quando eu estava para me casar havia um velho camarada que me ligou um dia e disse: ‘Bobby, vou lhe dar duas palavras de conselho para você lembrar: a primeira vez que a esposa lhe pedir para você ir ao supermercado, não diga não. Vá ao supermercado, mas traga de volta as coisas erradas. Ela nunca mais vai te pedir para ir novamente!’ Seu segundo conselho foi: ‘Se houver um vazamento de torneira na cozinha não chame um encanador, pegue uma chave inglesa grande e inunde a cozinha. Nunca mais ela vai te pedir que faça um trabalho novamente’. E isso é verdade! Perfeitamente verdade. E Paul tem seguido essa política”.

---

38. Cork Popping

elogios de alguns presidentes famosos / esquivando-se do taoiseach / observações de sebastian clayton / o último vôo do zoo plane / o homem que nunca poderia voltar para casa / edge sobre o valor da heresia

Vi a Beatlemania e vi a febre Madonna, vi todos os Estados Unidos tentando conseguir ingressos para a turnê de 74 de Dylan e adolescentes histéricos gritando na janela de Michael Jackson. Mas eu nunca vi o tipo de atenção da mídia tão desmedida em torno de um show de rock que a Irlanda está vivendo durante esta semana em que o U2 dará seus primeiros shows no país desde 1989. Há um show em Cork na terça-feira, e dois em Dublin na sexta e no sábado. Vendo os jornais você acharia que o U2 estava em um projeto triplo com o Dia-D e o pouso na lua.

Parte da imprensa é positiva ao ponto de chegar à bajulação, parte é negativa beirando à fronteira da difamação, mas tudo isso está em toda parte. Está nas seções de Artes e Entretenimento, nas de fofoca e páginas de personalidade, além das seções de reportagem. Há caricaturas de Bono nas charges políticas, especulações sobre os últimos movimentos de McGuinness nas páginas financeiras e sermões sobre o U2 nas igrejas.

Alguma coisa mudou para o U2 na Irlanda. Agora, quando andam na rua, os turistas correm para tirar fotos, ou as crianças se aglomeram em busca de autógrafos. Costumava ser que os Dublinenses davam à banda bastante espaço, seja por respeito ou por sua recusa de admitir que eles eram importantes. Parecia haver um certo orgulho local em não prestar muita atenção ao U2, o que para o U2 era bem confortável. Mas agora é diferente. Talvez seja porque em sua segunda década, com o grande sucesso de Achtung Baby e as Zoo tours, o U2 tem emergido como um dos poucos espetáculos de super-estrelas para fazer a transição para os anos noventa sem tropeçar. Talvez seja porque eles agora voltam para casa com Naomi Campbell à direita e Salman Rushdie atrás deles.

Ou talvez seja porque a própria Dublin se tornou mais cosmopolita:

o sucesso internacional dos cineastas Jim Sheridan (Meu Pé Direito) e Neil Jordan (Traídos pelo Desejo), o escritor Roddy Doyle (The Commitments - Loucos pela Fama, The Snapper), e o dramaturgo Brian Friel (A Dança das Paixões), a ascensão de Sinead O'Connor e o retorno de Van Morrison, e a migração de músicos de rock tais como Elvis Costello, Def Leppard, Mick Scott e Jerry Lee Lewis fizeram Dublin vibrar. Essa vibração tem atraído para a cidade o tipo de pessoas que se empolga, se emociona ao ver as celebridades. É bom para uma cidade que estava para baixo e por fora apenas uma década atrás, agora estar cheia de vida e emoção, mas isso faz de Dublin um refúgio menor para os seus quatro cidadãos mais famosos.

“Dublin é como a Vila, em O Prisioneiro”, observa Sebastian, irmão de Adam. “Todos sabem o que todo mundo está fazendo e pensando. Há muito pouco questionamento por aqui. As pessoas concordam com o que todo mundo pensa. O U2 está sempre fazendo perguntas ou tentando começar algo novo. Não há uma grande quantidade de pessoas desse tipo aqui. Eles sempre afirmaram que são irlandeses e que a Irlanda é a sua casa. Eu acho que tudo ainda será baseado aqui, mas acredito que eles chegaram em um estágio em que o que fazem já não pode ser julgado inteiramente pelas pessoas daqui. Eles precisam sair e sentir e serem sentidos por outras pessoas”.

O irmão de Adam de 23 anos também está ansioso para conseguir o mesmo. Mas a banda de Sebastian (outro baixista Clayton), Moby Dick, acaba de se separar justo quando estava a ponto de conseguir assinar um contrato com a Sony. Sebastian mora na casa de Adam desde que terminou a escola há três anos. Foi ideia de Adam - tirou Sebastian do cuidado de seus pais e deu como desculpa a necessidade de um membro da família manter o olho em seu castelo quando ele estivesse fora. Agora Sebastian vai pegar uma carona com o U2 através do Pacífico, e depois aproveitar para encontrar-se com seus pais na Malásia, onde o Sr. Clayton (pai de Adam e Sebastian), um piloto de avião, está trabalhando na linha aérea local já por dois anos.

"Eu não sou a pessoa indicada para perguntar sobre como é Dublin", Sebastian sorri. "É provavelmente devido ao fato de eu ter crescido com Adam no U2, mas acho que as pessoas daqui são de mente fechada. Não na Irlanda, apenas em Dublin. Eu conheço esses caras que sempre dizem: 'Ah, o U2 é uma porcaria, realmente ruim'. Depois você os vê à meia-noite na fila para comprar o seu novo álbum no primeiro dia de lançamento! Isso acontece muito em Dublin com o U2. Adam pode estar falando com alguém em um pub e eles dizem: 'Adoro o álbum!' Daí, depois que o Adam vai embora, eles dizem: 'Ah, idiota estúpido! Eu odeio essa banda'. Mas então eles vão e compram todos os discos. É estranho.

"Eu não ficaria surpreso se houvesse pessoas neste momento do outro lado da cidade, dizendo: 'Oh, você sabia que o Sebastian e um escritor norte-americano estão lá no bar do Conrad batendo um papo?' É assustador, inventam algo para presumir. Por isso estou ansioso para ir para a Malásia".

No Zoo Plane, voando para o concerto em Cork, eu leio o *Irish Times* de hoje, que inclui um suplemento especial de 24 páginas chamado "Zoo Times", cheio de artigos sobre U2, sua história, finanças, sócios, e seus próximos shows. Há uma saudação da presidenta da Irlanda, Mary Robinson ("A contribuição do U2 para o cenário musical internacional tem sido de grande importância e trouxe grande honra para eles e para a Irlanda".) e uma do presidente dos EUA, Clinton: "Quero parabenizar o U2 pela conclusão bem sucedida de sua recente turnê europeia. Tive a oportunidade de conversar e conhecer os membros da banda durante a minha campanha e os encontrei apaixonados por suas crenças, dinâmicos e extremamente esforçados. Aplaudo suas muitas realizações e aguardamos com expectativa novas contribuições para uma já ilustre carreira. O trabalho duro do U2 é um exemplo brilhante de determinação e desejo-lhes nada além de muito sucesso no futuro".

O mais perspicaz de todos os tributos e artigos desta seção é um escrito por David Bowie, que mostra como *Achtung Baby* e *Zooropa* pegaram o fio da sua própria trilogia de Berlim.

"Ao longo do século XX", escreve Bowie, "Berlim ressurgiu várias vezes como cadáver e como artéria da Europa. Veio a década de noventa e o Muro e os seus heróis e anti-heróis desabaram. Artefatos da Alemanha Ocidental e os escombros da Alemanha Oriental estão espalhados na estrada através do final do milênio". Bowie continua mais um pouco e depois diz a respeito do U2: "Eles podem ser todos os trevos irlandeses para alguns ou marcos alemães para outros, mas eu sinto que eles são uma das poucas bandas de rock que ainda tentam fazer alusão a um mundo que continuará além do próximo grande muro - o ano de 2000".

Você acharia que tal suplemento cuidaria da necessidade do público por notícias do U2, mas folheando as outras seções do jornal, encontro um longo discurso anti-U2 escrito pelo colunista George Byrne, daí aparece um editorial elogiando o U2, depois uma página de 3 seções sobre os lucros da Zoo tour, depois *outra* detonação de George Byrne na seção de entretenimento, um artigo sobre como a cidade de Cork está se preparando para a vinda do U2, e um item em "O que está acontecendo?" mencionando que, no

caso de alguém ainda não ter notado, haverá um show do U2. Não é questão de você mudar a estação de rádio para poder ficar longe de tudo isso. Tudo que você ouve no rádio é U2. Não sei se aguento ouvir mais alguma coisa sobre o U2. Não sei se consigo mais escrever este livro sobre o U2. Meu Deus, olha quem está sentado ao meu redor - é o U2! Deve ser assim que Negativland[1] se sente.

Quando aterrissamos em Cork, o aeroporto se parece com a Cidade do México mais uma vez: há VIPs alinhados na pista para dar apertos de mão no U2, filhos de VIPs com câmeras, prontos para correr até a banda assim que eles colocarem os pés na pista e uma comitiva policial colocada para abrir caminho através do tráfego para chegar no estádio onde vão se apresentar.

Tudo isso já está sendo demais para Larry, o membro menos público da banda. Ele diz que não é mais confortável para ele ir a um restaurante em Dublin; ele se sente como se a imprensa estivesse observando todos eles a cada minuto, só esperando por um deles cometer um erro. "Tem sido assim para Bono há muito tempo", diz Larry quando chegamos ao lugar do show. "E há uma parte de Bono que gosta disso. Eu não. Sempre fui capaz de ignorá-lo antes, mas agora não posso. Adoro Dublin, tenho uma bela casa. Mas isso é demais. Pode realmente alterar a maneira como você vê o mundo. Porque essa não é a vida real".

Com sua habitual disciplina, Larry está tentando convencer a si mesmo a se mudar para Nova York por um tempo, estudar música, aprender sobre as tendências de rap e hip-hop e tocar com outros músicos. "Isso não vai ficar mais fácil para nós", ele explica. "Quero dizer, seria fácil continuar fazendo a mesma coisa, mas para o U2 seguir desbravando novos caminhos vai exigir trabalho duro e sacrifícios. Eu estou com medo de ir para Nova York. Minha namorada, Ann, não viria comigo, ela tem sua própria vida. Então, isso me assusta. Mas eu sinto agora que eu deveria fazê-lo. Não sei. Neste ponto da turnê, estou me sentindo muito estranho. Não posso tomar quaisquer grandes decisões neste estado. Mas é isso que estou pensando agora".

"É bom que a turnê esteja terminando na Austrália e no Japão, porque, se estivesse terminando na Irlanda seria simplesmente demais. Tudo o que quero fazer agora é sair daqui".

Enquanto isso, o primeiro-ministro irlandês Albert Reynolds e sua comitiva de elegantes dignitários estão fazendo a ronda de cumprimentos enquanto Bono permanece escondido em seu camarim, evitando a sessão de fotos. Ele é sempre cauteloso para não ser captado em uma imagem de campanha. Alguns anos atrás, quando o notório ex-primeiro-ministro Charlie Haughey estava concorrendo nas eleições, o U2 se encontrava em alguma cerimônia quando Bono o viu chegando. Então Bono reuniu Adam, Edge, Larry e disse: "Olha, ele vai tentar tirar uma foto comigo para os jornais, então se certifiquem de ficarmos juntos todo o tempo". Eles disseram: "Certo, nós ficaremos". Todos voltaram a socializar-se e com suficiente clareza, Bono viu Charlie vindo em sua direção com um grande sorriso e uma mão estendida. Ele olhou para a esquerda, Adam tinha ido para o bar. Olhou à sua direita, Larry tinha ido ao banheiro. Olhou para trás, Edge tinha ido ao buffet. Ele foi pego. Ok, ele pensou, eu não posso escapar de aparecer numa foto com ele, mas vou me certificar de que, aconteça o que acontecer, eu não vou sorrir, vou parecer carrancudo e infeliz. Charlie veio rindo, sorrindo, e Bono manteve um rosto como o de alguém com aquela prisão de ventre. Por maior que fosse a inclinação para sorrir educadamente ou retribuir o sorriso, sua expressão permaneceu sombria. Então, Charlie se aproximou de seu ouvido e com um largo sorriso

---

[1] Negativland é um grupo americano de música experimental originário da zona da Baía de São Francisco no final da década de 1970. O Negativland lançou diversos álbuns que vão desde a colagem sonora a aproximações mais musicais ou registros de transmissões via rádio, a maioria deles através da sua própria editora, a Seeland Records. No final da década de 1980 e início da de 1990 produziram vários discos para a editora SST Records, dos quais se destacam *Escape from Noise*, *Helter Stupid*, e o EP *U2*. O Negativland foi processado pela editora da banda U2, a Island Records, e pela SST Records, por utilizarem *samples* sonoros da banda U2, o que lhe trouxe algum prejuízo e notoriedade.

sussurrou uma série de obscenidades surpreendentes para um homem tão velho e tão público. Bono arregalou os olhos e riu, em estado de choque - flashes foram disparados de todos os lados. Jornal do dia seguinte: "Dois grandes amigos se divertem". Isso foi tão bom como um cheque em branco para uma campanha política.

Bono aprendeu a lição. Ele é discreto. Talvez seja uma bênção para os políticos, de qualquer maneira. Eles ficam visivelmente chocados quando MacPhisto aparece no palco e começa a lançar preservativos para os católicos, em violação às regras estritas da Associação Atlética Gaélica (GGA)[1], que controla o estádio. "Rock &roll!", grita MacPhisto. "Eles chamam isso de música do diabo! É a minha música! Você não sente isso queimando? A civilização está cambaleando! Quem pode te resgatar da beira do abismo? A GAA, ela o fará! Não haverá venda de preservativos aqui esta noite! Os jovens não serão entregues aos portões do inferno em uma jaqueta de látex! Anticepcionais? Sexo seguro? AIDS? Não é problema deles! Não há homossexuais aqui esta noite! Nenhum pinto à vista! Apenas abstêmios, castrados, e felizes casais estão aqui esta noite!"

Outro tipo de energia está sendo produzida por Bill Carter, correspondente do U2 em Sarajevo, que chegou na Irlanda há dois dias para editar suas filmagens da Bósnia, financiadas pelo U2. Depois de seis meses de filmagens, correndo entre balas e vendo seus amigos sendo baleados na sua frente, Bill está se contorcendo como um homem que acabou de deixar um aparelho de rádio cair em sua banheira. Ele está feliz, aliviado, e ele está tão elétrico, tão cheio de adrenalina que eu tenho que ir deitar depois de falar com ele por cinco minutos. Ned O'Hanlon disse que ele sempre pensava que, quando Bill falava através das conexões via satélite, a conexão estava falhando. Agora ele se deu conta de que era o Bill mesmo, simplesmente. Carter diz que ainda não consegue dormir por mais do que curtos períodos. Ele foi ver os recursos de edição em Windmill Lane ontem, colocou seu filme e, quando o som das balas saiu dos auto-falantes, ele mergulhou para debaixo de uma mesa.

Todos batem em rápida retirada para o aeroporto de Cork após o show, e com um certo sentimentalismo por ser o último vôo do Zoo Plane[2]. Vou sentir falta deste velho e maltratado pássaro. A partir de agora terei que carregar minha própria bagagem. Suzanne chega e pergunta quem está carregando seus passaportes. Apenas cerca da metade das pessoas os tinham, o que acaba por ser uma verdadeira vergonha. Isso frusta os planos da banda que é se dirigir à Paris para jantar posteriormente. Em vez disso, todos são despejados de volta, para Dublin.

A maior parte da comitiva se reúne no Lillie's Bordello, uma danceteria projetada para parecer o mais próximo da ideia que a igreja católica tem de um bordel - paredes vermelhas e algumas fotos de mulheres nuas. Somos levados à uma Biblioteca, a sala VIP de Lillie's, em que Bono jura de pés juntos que é uma das salas mais históricas de Dublin. Ele afirma, ao som de Prince cantando "Get Off", que há afrescos nas paredes por trás dessas estantes desde os dias em que este era o Club Jamais, onde Yeats, Joyce e Beckett[3]

---

[1]A Associação Atlética Gaélica (GAA), (irlandês: *Cumann Lúthchleas Gael*) é uma organização focada na promoção dos jogos gaélicos (Jogos tradicionais irlandeses) Hurling, Camogie, Handebol e Futebol Gaélico. Atualmente, tem mais de 1 milhão de membros no mundo todo, ativos superiores a 2,6 bilhões de Euros e em 2010 declarou uma receita de 78,5 milhões de Euros.

[2]A tour no Pacifico será feita em vôos das linhas aéreas.

[3] WB Yeats, James Joyce e Samuel Beckett: Esses três mestres da literatura irlandesa criaram obras de inovação surpreendente e mérito literário sem paralelo. A compreensão das obras desses grandes nomes, todas associadas em certa medida ao Renascimento Literário Irlandês, é fundamental não apenas para uma apreciação mais rica da literatura irlandesa, mas para uma melhor compreensão da literatura moderna em todas as suas manifestações.

costumavam jantar. Olho ao redor da sala tentando imaginar esses gigantes aqui. Uma vez James Joyce se sentou nessa cadeira contra a parede, e agora é Lisa Stansfield que se senta ali.

Depois de três da manhã alguns de nós estamos prontos para voltar ao hotel e cair na cama. Bono tem uma casa grande e bonita que ele não visita há muito tempo, e ela está esperando por ele (mesmo que Ali e as crianças, ainda no sul da França, não estejam). Entro num carro com Bill Carter, Sharon Blankson (uma amiga de infância de Bono, que agora faz publicidade com Regine), Eileen Long, do *Principle*, e a agente de viagens Theresa Alexander. Bono decide pegar uma carona de volta para o hotel conosco, e dali - ele promete - voltará para casa.

À medida que avançamos devagar através de Dublin, parando a cada interseção para esperar o sinal do semáforo mudar, Bono anuncia que Dublin tem o maior número de semáforos do mundo, porque o funcionário municipal encarregado de adquirí-los cometeu um erro e adicionou um dígito extra ao pedido. A cidade acabou com dez vezes mais semáforos do que precisava, e não poderiam simplesmente jogá-los no lixo. Todos os outros passageiros resmungam e dizem a Bono que ele é cheio de contos, mas o motorista que nos leva se voluntaria e confirma que ele ouviu a mesma história.

“Olhe!”, Bono diz, apontando para um homem cavando um buraco na calçada em frente à luz vermelha onde nosso carro está esperando. “Não só existem quatro semáforos separados aqui, mas esse homem está instalando um quinto!”

O assustador é que ele está certo. Bill Carter contempla feliz a mudança do sinal e diz com um suspiro: “Eu realmente gosto de Dublin”.

“Você acabou de sair de Sarajevo, Bill”, eu digo. “Worcester brilharia como Paris para você”.

Bono anuncia que, antes de voltarmos para o hotel, que todos nós deveríamos ir tomar o café da manhã. Ele afirma conhecer um lugar chamado Anhattan (O M caiu faz anos), onde eles nos servirão, apesar de ainda ser três e meia da manhã de uma quarta-feira na Irlanda. Ele direciona o motorista por ruas estreitas e em grandes distâncias até que chegamos a um escuro, fechado e vazio restaurante. Bono diz: “Não se preocupem, eles talvez abram”. Mas não importa quanto tempo ou alto ele bate, não há nenhum sinal de vida lá dentro. Ele volta para o carro e, finalmente, encontramos um pequeno restaurante que está aberto. Nos sentamos entre fotografias emolduradas de Jim Kerr e Wendy James. A garçonete se aproxima e Bono diz: “Eu não vou pedir até que você coloque uma foto minha ali!”

Ela só revira os olhos como se dissesse: “Que idiota”. Castigado, Bono faz seu pedido e ela sai. Eileen ri e diz: “Você esqueceu, você está de volta à Irlanda. Eles não se importam com você”.

Peço licença para ir ao banheiro e descubro o pôster do U2 – acima do mictório.

Às quatro e meia, o motorista nos deixa em nosso hotel, todos damos boa noite a Bono e subimos as escadas. Quando chegamos à porta, ouvimos o carro parar e a voz do Bono chamando: “Vocês todos, não vão tomar um drink?”

Nós nos viramos e olhamos para trás. Bono parece um garoto ansioso para ficar do lado de fora brincando um pouco mais. “Claro”, eu digo, e ele salta para fora do carro e sobe os degraus do hotel. Bono, Carter e eu vamos para meu quarto, onde eu abro o frigobar e Bono cai na cama e sintoniza a CNN. A maioria das notícias é sobre Michael Jackson, que está correndo ao redor do mundo, fugindo de acusações

de abuso sexual a um menor de idade em sua casa. Esta história vem fermentando há meses. Lembro-me de falar sobre isso com Paul McGuinness na festa do Grammy de 1992 em Davis, mais de um ano e meio atrás. O grande escândalo daquela noite foi o boato de que um pai na Califórnia tinha uma foto de Michael em uma posição comprometedora com o jovem filho do homem. A Sony Music, sussurraram as fofocas do Grammy, estava enlouquecendo com medo de que viriam à tona. O boato permaneceu como um rumor por um ano inteiro e depois explodiu nas manchetes como nada tão concreto como uma fotografia, apenas alegações infundadas. Se Jackson é culpado ou a vítima inocente de um esquema de extorsão é algo que ninguém sabe - mas todos têm uma opinião a respeito.

Bono se sente muito mal por Jackson e tem a esperança que nenhuma das acusações seja verdadeira. (Eu me sinto muito mal pelos meus filhos que, como milhões de outras crianças, acham que Michael é o maior homem desde Peter Pan e não entendem porque pessoas más estão tentando machucá-lo.) Bono acha que, se você deixar de lado as suas letras e fingir que está cantando em outro idioma, ouvir Michael Jackson é um dos prazeres mais sublimes da música pop.

Bono esvazia uma das garrafinhas do frigobar e diz: "Bem, não faz sentido ir para casa agora, é quase de manhã". Ele liga para a recepção e pede para seu chofer ir embora.

O próximo item das notícias é Sarajevo. Bill Carter fica horrorizado que os repórteres estejam dizendo que a situação está agora sob controle – que a ONU tem as coisas nas mãos. Carter diz que toda vez que a atenção do mundo se concentra no que os sérvios estão fazendo, eles recuam um pouco. A mídia diz que a tempestade passou, a mídia vai embora e os sérvios voltam ao massacre.

Carter faz pressão para Bono ir com ele à Sarajevo na próxima semana. Depois de mais uma rodada, Bono começa a concordar com a ideia. Quando Bill vai ao banheiro, sugiro a Bono que ele deveria pensar com calma: no estado tão agitado que Bill Carter está agora, se alguém lhe desse uma banana de dinamite, ele a colocaria em um balde e tentaria fazer voar para a lua.

Bono liga para a recepção para pedir um quarto. Não há nenhum. Os funcionários do U2 e os clientes lotaram o hotel. Então Bono começa a ligar para os quartos do pessoal da equipe, à procura de uma cama vazia. Ele finalmente encontra uma, de um roadie que não estará de volta até o meio da manhã. É essa mesma que ele vai ocupar!

Por volta das cinco e meia o frigobar já não tem mais nada além da pequena bandeja de gelo. Bono, Carter e eu estamos juntos, abandonados sob um poste de luz e fazendo planos para continuar no Extremo Oriente após a Zoo TV terminar no Japão na semana antes do Natal. Eu digo para irmos a Hong Kong. Bono diz que não, Tailândia. Ele nunca experimentou LSD, eu nunca experimentei LSD, 'devemos ir até as selvas da Tailândia e experimentar LSD pela primeira vez'. Em nossa atual condição mental, esse parece ser um plano de férias de alto nível.

Então Carter diz: "Não... SUMATRA".

Bono e eu olhamos para ele tão impressionados como se ele tivesse acabado de descobrir o fogo. Carter diz que ele foi para a Sumatra uma vez e foi ótimo, foi fantástico: "Todas as noites antes de irmos dormir, tínhamos que queimar as sanguessugas de nossas pernas com tochas".

Bono e eu nos olhamos: "Hong Kong!"

Finalmente, a festa termina. Estou recolhendo garrafas e esvaziando cinzeiros, quando o jornal da manhã desliza por baixo da porta. Está cheio de fotos do show de Cork e de artigos sobre o U2 e a reação ao escândalo dos preservativos que Bono espalhou sobre o público. Caramba, eu penso, minha cabeça diz que ainda estamos no pós-show e aqui já estão as notícias do show. Eu deveria dormir um pouco. Então, eu deito na cama, fecho os olhos e submerjo diretamente para o sono REM (Movimento Rápido dos Olhas), quando ouço uma batida na porta. Abro os olhos com muita dificuldade. O relógio diz que eu estive fora por algumas horas. Abro a porta e lá está Bono, ainda vestido com a roupa da noite anterior e empurrando um aspirador de pó. "Quer ir tomar o café da manhã?", ele diz.

Descemos até o restaurante do hotel. Bono olha para os jornais da manhã. "Eu pareço gordo nessas fotos", diz ele. "Eu estou?"

"Não, você não está", eu digo. Suzanne, Morleigh e Edge chegam e se juntam a nós. Há problemas com o vídeo de "Numb" no Japão, diz Edge. Aparentemente, os pés descalços sobre o rosto é obsceno por lá.

"Você pode tirar o seu pinto e mijar na rua no Japão", Bono diz, enquanto analisa suas salsichas. "Mas pés descalços…woooo!"

Parece que os pés também podem causar problemas em alguns países árabes. Mas não é tão problemático quanto trazer Salman Rushdie ao palco em Londres. Fotos desse momento foram divulgadas em todo o mundo e estações de rádio em vários países islâmicos cancelaram os planos de transmitir o show de Dublin. Em notícias relacionadas, Edge tem o prazer de observar um item no artigo informando que o "The Joshua Trío", um grupo de Dublin que vive de parodiar o U2, anunciou uma suspensão de sua *fátua*[1] contra o biógrafo do U2, Eamon Dunphy, durante os shows irlandeses da banda.

"Rushdie disse algo grandioso sobre ser considerado um herege", diz Edge. "Ele disse para olhar para os três maiores julgamentos por heresia na história: Sócrates, Jesus e Galileu. O primeiro deu ao mundo ocidental a sua filosofia, o segundo sua religião, e o terceiro sua ciência. O Ocidente deveria valorizar os hereges!"

Edge lembra a Bono que há uma reunião da banda em algumas horas no Clarence Hotel, um local de referência que o U2 comprou e está em processo de restauração.

"Ah, bem, então", diz Bono. "Acho que não faz sentido eu ir para *minha* casa".

---

[1]Alusão à fatwa. Fátua (em árabe: فتوى, lit. '*fatwā*') é um pronunciamento legal no Islão emitido por um especialista em lei religiosa, sobre um assunto específico. Normalmente, uma fátua é emitida a pedido de um indivíduo ou juiz de modo a esclarecer uma questão onde a fiqh, a jurisprudência islâmica, é pouco clara.

39. Under My Skin

o passeio a pé entra no seu terceiro dia / como edge perdeu o segredo do universo / bono grava um dueto com sinatra / a controvérsia do velho tolo / fumantes de segunda mão / um passeio nos pubs com gavin / michael jackson perde o rosto

Você sabe, só porque eu tenho que pendurar o casaco de Bono ao longo de cada destilaria, bar, salão de bilhar e pub em Dublin, não significa que também tenho que arrastar todos vocês junto comigo para todos os lados. Então, vamos pular vinte e quatro horas, até a quinta-feira da semana dos shows em Dublin. Na verdade, você não perdeu nada. Bono ainda continua inventando desculpas para não voltar para casa, ele ainda está com as mesmas roupas que vestia desde que saiu do palco em Cork na terça-feira. Nós dois ainda estamos acordados e envolvidos em uma das maiores caminhadas de bate-papo desde que Johnson e Boswell jogaram tanta conversa fora[1].

"Você conhece a história de como Edge perdeu o segredo do Universo?", Bono pergunta. Oh céus, uma lenda Hiberniana! [2] "Não, Bono, me conte".

"Tudo começou quando Edge obteve um pote de cogumelos alucinógenos", Bono começa, tão sábio quanto o Tio Remus[3]. A lenda, em resumo, é assim: sendo muito científico, Edge decidiu que, se ele fosse provar qualquer cogumelo alucinógeno, ele poderia muito bem comer o pote todo. Aparentemente, aqueles eram cogumelos potentes. Os olhos de Edge giraram e seu chapéu voou de sua cabeça. Ele achou que era melhor não se arriscar com qualquer membro impressionável do fã clube do U2 vendo-o nesse estado, então ele subiu as escadas e foi para sua cama. Ele ficou ali por um tempo e então imaginou ouvir sua esposa o chamando. Ele foi até a porta. Ninguém estava lá. Ele voltou para a cama. E então, em meio a caleidoscópios de dimensões giratórias, como um velho gibi do Dr. Strange, Edge recebeu o Segredo do Universo.

"Uau!", ele pensou. "O Segredo do Universo! Não sou idiota, é melhor eu gravar isso numa fita!" Veja, Edge se dá conta que ele não é o primeiro viajante no plano astral a receber o S.D.U., mas que os outros no seu estado alterado, supunham que iriam se lembrar disso depois. É aqui que deram a mancada! Edge não ia correr esse risco. Ele deslizou até sua mochila e encontrou seu Walkman. Ele ligou e começou a rir histericamente diante da luzinha vermelha. Finalmente, o cientista dentro dele tomou o controle, recuperou a compostura, e falou o segredo do Universo no gravador.

Com seu dever cumprido, ele largou o Walkman e decolou do planeta Terra.

---

[1] Referencia à amizade flutuante, estreita e complexa de Samuel Johnson e James Boswell, desde o dia em que se conheceram em 1763 até o dia em que Boswell publicou sua monumental *Life of Johnson*. Johnson e Boswell se conheceram em 1763 e mantiveram sua amizade até a morte de Johnson em 1784; em certo sentido, Boswell "continuou" essa amizade mesmo após a morte de Johnson, escrevendo sobre suas primeiras excursões às Hébridas (1785) e terminando sua biografia monumental de Johnson em 1791. Essa história é apresentada no livro *Johnson e Boswell – Biografia de Uma Amizade*, do autor John Radner.

[2] Hibernia é o nome latino clássico da ilha da Irlanda. O nome Hibernia foi retirado dos contos geográficos gregos. Durante sua exploração no noroeste da Europa, Pytheas de Massilia chamou a ilha de Iérnē. Em seu livro Geographia, Claudius Ptolemaeus chamou a ilha de Iouerníā. O historiador romano Tácito, em seu livro Agrícola, usa o nome Hibernia. Pensa-se que o significado original do nome seja "terra abundante".

[3] Tio Remus é o personagem fictício e narrador de uma coleção de contos populares americanos compilados e adaptados por Joel Chandler Harris e publicados em forma de livro em 1881. O tio Remus é um homem de liberdade, um velho gentil, que serve como um dispositivo de contar histórias, transmitindo histórias populares.

No dia seguinte, Edge se levantou, foi até a cozinha pegar algo para comer e, quando abriu a geladeira, mais uma luz se acendeu. “Ei!”, Edge disse. “Aprendi o Segredo do Universo e eu tenho gravado em fita!” Ele subiu as escadas correndo e encontrou o seu gravador, voltou a fita, colocou no *play* e ouviu a si mesmo dizer: “Gn@rjB®8a'Bxr!Kt~rcg+Bingfr'azzp!”

Completa baboseira. Balbuceios mal gravados também, pois ele parecia estar segurando o Walkman de cabeça para baixo quando fez a gravação.

No início da tarde, Bono vai para o STS, um pequeno estúdio de gravação na área do Temple Bar, em Dublin, uma espécie de bairro de estudantes / hippies, onde o U2 faz muitas de suas demos. O STS se encontra subindo um lance estreito de escadas, sobre uma loja de discos. No primeiro andar estão a cozinha e a sala de jantar, no segundo andar está o estúdio de gravação. As janelas têm vista para telhados de barro e chaminés de tijolos.

Bono entra na pequena cabine do engenheiro de som, onde ele é apresentado ao produtor musical Phil Ramone e ao executivo da EMI Records, Don Rubin. Eles vieram dos Estados Unidos para esta reunião com uma gravação de Frank Sinatra cantando “I’ve Got You Under My Skin”. Bono está aqui para gravar um overdub, outro vocal ao lado de Frank, criando um dueto para o grande álbum de retorno de Sinatra. Ramone enviou a Bono uma fita cassete da versão de Frank para que ele se familiarizasse com o arranjo. O produtor, prestativamente, tinha gravado na fita um cantor americano fazendo uma imitação de Bono na parte que seria dele, para dar ao nosso herói uma dica de como ele poderia abordar a música.

Bono, no entanto, conseguiu (para variar) perder a fita antes de ouvi-la. Quando chegou, ele a meteu no porta-luvas de seu carro, e logo em seguida emprestou o carro para George Regis, um dos advogados americanos do U2, para fazer uma viagem de pesca ao oeste da Irlanda. George voltou ontem à noite - nós o encontramos no Tosca, o restaurante de Norman Hewson, onde ele disse a Bono o quanto gostou da fita de Sinatra. Ah, Bono disse, então ela estava aí!

Assim, Bono aparece hoje despreparado, mas determinado. Ele está pronto para cantar com Frank. Ramone é uma espécie de hippie da velha escola de Nova York. Nos anos setenta, ele produziu Paul Simon, Billy Joel e Barbra Streisand. Enquanto coloca a fita e toca para Bono a voz principal que lhe servirá de guia vocal, ele garante: “É só como sugestão, não há script aqui”. Ramone fez com que o cantor fizesse uma sessão vocal num tom de voz alto, para ficar diferente do tom sempre descendente do Chefe. Bono diz que tudo bem, ele não tem nenhum problema em voar acima do espaço aéreo de Frank.

O projeto de Sinatra é um pouco de um artifício. O Velho Olhos Azuis não faz um novo álbum nos últimos nove anos. Ele não tem interesse nisso. Ele diz que não há músicas novas que ele queira cantar (o que dá profundidade à tragédia por Bono ter sido incapaz de fazê-lo considerar *“Two Shots of Happy”* - pelo menos é para Bono), apesar de que isso possa significar que não há músicas novas que ele queira ter para aprender. Sinatra continua fazendo turnês regularmente. Algumas noites ele improvisa, de forma fantástica, compensando em fraseado, atuação e originalidade o que perdeu no alcance da voz. Em uma boa noite, ele prova por que é considerado o maior cantor popular de sua época. Durante esses shows, até os momentos mais bregas são divertidos e sua famosa grosseria (apresentando o diretor da orquestra como seu filho, Frank Jr., e, em seguida, tão logo cessam os aplausos, dizendo: “Sua mãe me fez dar-lhe o emprego, ninguém mais o contrataria”.) é perdoável. Além disso, é ótimo ver velhas senhoras de cabelos azuis gritando como fanáticas histéricas e berrando: “Oh, Frankie, você ainda tem o dom!” Em uma noite ruim de Sinatra ele apenas está presente. Ele passeia pelas músicas distraidamente e lê suas letras de um teleprompter[1]. Há muito que dizer da atitude de Sinatra que dá motivos para que ele não faça mais álbuns. Se as pessoas querem comprar um disco de Frank Sinatra, existem ainda dezenas nas prateleiras.

E ele certamente não fará - em seus setenta anos - algo tão bom quanto as introspectivas obras-primas que ele gravou quando tinha trinta anos. Por que dissolver o legado?

Bem, para fazer muito dinheiro, só para dizer um motivo. A EMI - dona do Capitol, o selo em que Sinatra fez o seu melhor trabalho nos anos 50 - entrou em cena depois que Sinatra deixou sua longa associação com a Reprise Records e sugeriu esta maneira fácil de voltar a gravar. Tudo o que Frank tinha que fazer era entrar em um estúdio e cantar as músicas que ele cantava todas as noites no palco. Ramone pegaria as fitas e gravaria depois outras pessoas famosas cantando junto com ele. Um ótimo gancho de marketing! Uma maneira de alcançar a todos os fãs que gostariam de possuir um CD de Frank Sinatra, mas não sabem qual deles comprar. (Um tipo semelhante de estratégia de marketing parece estar sendo planejado para a gravação de um disco de Johnny Cash, para o qual todas as estrelas de rock atualmente estão sendo convidadas a escrever uma música. Em um único período de 24 horas no mês passado, Bono, Elvis Costello, e Mark Knopfler me disseram: "Adivinha o que estou escrevendo? Uma música para Johnny Cash".) Bono disse aos produtores de Sinatra desde o início que não queria ser só uma "estrelinha" a mais. E outras celebridades convidadas - Carly Simon, Barbra Steisand, Kenny G - não são o que há de melhor. Madonna aparentemente desistiu quando soube que o dela não seria o único dueto do álbum.

Quando levaram Sinatra ao estúdio para fazer seus du-bi-dus, ele teve a mesma reação que tiveram muitos críticos de música sobre esta idéia: "O que é isso? Por que eu deveria gravar músicas que eu já gravei antes?" Ramone e Rubin imploraram e o bajulavam e Sinatra fez uma tentativa, mas a primeira noite acabou mal. O cantor saiu mais cedo com muito mal humor, deixando Ramone num estado de ânimo ainda pior. O convenceram de ir novamente e prometeram não pedir-lhe para cantar qualquer canção mais que duas vezes. Sinatra, sob sua pose de durão, inseguro sobre a diminuição das suas costeletas e sobre o interesse de seu público, acabou entregando um ótimo trabalho. Ramone toca para nós uma versão mal-assombrada de "One for My Baby (And One More for the Road)". Bono ressalta que quando Sinatra gravou pela primeira vez esta música na década de 1950, ele estava olhando para a estrada à frente. Agora ele está olhando para a estrada que percorreu.

"Tenho 33 anos", Bono diz a Ramone, "e estou começando a ter uma ideia do que é esse caminho. Frank já sabe".

Bono se senta em um pequeno sofá na sala de controle, pega um microfone e diz: "Vamos fazer um mapa". Durante a hora seguinte, ele canta a canção de cinco maneiras diferentes. Em uma delas ele faz tudo em falsete, em outra ele murmura de forma meio louca, como na versão do U2 de 1990 de "Night and Day", de Cole Porter. Na terceira vez, ele canta todas as suas linhas com um atraso, de modo que elas fazem eco às de Sinatra. Na quarta vez, quando o arranjo instrumental surge, Bono desencadeia um alto e ressonante solo, soando como eu imagino que Margaret Dumont faria se ela engolisse uma trombeta. Don Rubin quase pula da cadeira, surpreendido.

Aposto que Bono está pensamento em Miles Davis. Depois de três dias vestindo suas T-shirt de Miles, suspeito que seu estilo jazzista tem se infiltrado sob sua pele. Miles disse uma vez à Bono que o estilo de voz de Sinatra havia influenciado o estilo de Davis com sua trombeta. Essa pode ser a maneira em que Bono está se reconectando com essa influência, de retribuir o favor. (Quando Miles estava morrendo, aliás, às vezes ele pedia para ouvir Unforgettable Fire. Esse é o tipo de tributo que compensa qualquer quantidade de insultos.)

---

[1] Teleprompter ou, em português, teleponto é um equipamento acoplado às câmaras de vídeo que exibe o texto a ser lido pelo apresentador.

Ramone gosta da primeira parte do solo estilo trompete de Bono, mas acha que ele perde o fio no final. O produtor pede ao cantor para repensar a conclusão e Bono lhe diz para voltar a fita e ouvirem isso: Bono se transforma em Gavin Friday, balbuciando um 'lalala' ao estilo brechtiano[1] como se fosse um soldado nostalgico balançando uma caneca de cerveja em Casablanca. É tão exagerado que se torna perigoso; seria fácil para um ouvinte não familiarizado com Bono, pensar que ele estava apenas zombando, uivando como um bêbado em Vegas em pleno show de Dean Martin.

Ramone e Rubin acabam rindo. Eles parecem tão encantados e impressionados que eu me pergunto se eles estão sendo sinceros. Ramone é um grande urso beatnik[2] de barba grisalha. Rubin é leve e meticuloso, impecavelmente vestido para o verão em calças claras, suéter claro, meias claras e sapatos claros. (Ele explicou o que usou para produzir Bobby Darin com uma gravidade histórica perdida com Bono.) Se esses dois saírem e trabalharem em um mix final, que inclua algumas das excentricidades de Bono, essa será uma estranha e interessante faixa - algo como um pequeno texto secreto de música pop com a voz de Bono servindo de contraste que comenta e acentúa a voz de Sinatra. Mas os dois velhos produtores poderiam estar simplesmente cedendo ao astro do rock para que eles pudessem voltar para casa e improvisar juntos um dueto convencional.

Ramone sugere que Bono vá almoçar enquanto ele monta uma mixagem grosseira. Bono sai para se encontrar com McGuinness em um restaurante a poucos quarteirões de distância. Andar por Dublin com Bono nesses dias é como caminhar pelo Reino Mágico com Mickey Mouse. Onde quer que ele vá, as pessoas tiram fotos, seguem-no nas ruas, pegam rapidamente suas câmeras, e pedem autógrafos. Ele geralmente diz que sim.

Durante o almoço, Bono e Paul me perguntam sobre as competições de poesia em Nova York. Um entretenimento cada vez mais popular no East Village e consiste em os poetas se levantarem frente a audiências dos clubes e recitar seus versos, enquanto voluntários na plateia os julgam em uma escala de um a dez, uma espécie de Pentâmetro Olímpico.

"Você ouve algumas coisas boas e um monte de coisas ruins", eu digo. "O desagradável é que muitos deles estão desesperados para provar que só porque são poetas não significa que eles são mariquinhas. Eles tentam agir como punks, tentam se vestir assim. É como os violinistas clássicos que pensam que pintar seu cabelo de verde os farão se conectar com os jovens. É difícil ouvir as palavras ditas por pessoas que estão tão ansiosas para convencê-lo que eles são muito machos".

"Assim como Henry Rollins", diz Paul.

"Ah, não", eu digo. "Henry Rollins é bom". E imediatamente me pergunto se eu não acabo de meter os pés pelas mãos. Rollins tem um monólogo em um de seus álbuns falados em que ele zomba dos fãs do U2, destroça a banda, e declama: "Eles nunca poderiam me enganar". Nós sempre tínhamos que nos ver uma ou outra vez em algum canal de televisão, subindo e descendo o P.A. em Redrocks! Aquele cara do traseiro redondo agitando uma bandeira branca!

---

[1] Brechtiano: relativo à ou próprio da técnica dramática que faz uso de exposição dialética e clara, linguagem inteligível e concentração de todos os meios teatrais, visando transmitir uma visão cívica, anárquica, proletária ou revolucionária, ou obrigar a uma reflexão, lançando mão, ademais, de projeções, de canções cujas letras acompanham as ações, de narração lenta dos episódios e de iluminação intensa.

[2] Os Beatniks foram um movimento sociocultural nos anos 50 e princípios dos anos 60 que subscreveram um estilo de vida antimaterialista, na sequência da 2.ª Guerra Mundial, com os homens usando cavanhaques e boinas, revirando os seus próprios cigarros e tocando bongos.

Uma bandeira branca que diz: *"Apontem suas miras para cá! Me matem! O único com uma bandeira"*. Aquele cara é pop. E Edge fazendo aquela maldita apresentação de peregrino, como que dizendo: *"Sou tão piedoso e discreto com os meus milhões. Eu só vou tocar este único acorde Enoesco"*. Eles estiveram ordenhando essa mesma linha de baixo e a mesma mudança na guitarra nos últimos cinco álbuns e o mundo beija a bunda deles e é o maior monte de merda que eu já ouvi!

O ar se torna pesado sobre a nossa mesa de almoço por um momento e, em seguida, Bono diz casualmente: "Henry Rollins, ele não é vegetariano?"

Caminhando de volta para o estúdio, Bono e Paul encontram Bill Graham, o inteligente crítico de rock irlandês que os apresentou ao mundo quando o U2 era uma banda de adolescentes e McGuinness um aspirante a negociante. Se essa fosse a América, Graham estaria tentando obter uma taxa por seu trabalho como caçador de talentos, mas como é Dublin, ele apenas sorri e sugere um par de músicos locais a Bono e Paul para eles ouvirem.

Quando Bono retorna à cabine de controle, Ramone toca a composição que ele montou - e é ótima. Ele usou a primeira metade do solo estilo trompete e terminou com as "la-las" estilo Octoberfest. Ele fez escolhas inteligentes durante todo o tempo com relação às mixagens. Esses velhos caras estão muito bem! Como Phil tem se mostrado tão legal quanto a isso, Bono decide acertá-lo com essa:

"Já que Frank está cantando: *'Don't you know, little fool, you never can win'* ['Você não sabe, tolinho, você nunca pode vencer']", Bono diz com um sorriso enorme, tentando disfarçar a intenção: "Como seria se na segunda vez eu dissesse: *'Don't you know, old fool, you never can win?'* ['Você não sabe, velho tolo, você nunca pode vencer?']"

Ramone e Rubin olham para ele.

"Algo assim", Bono diz, mostrando um grande sorriso e emotivo como um ministro metodista: *"Don't you know, old foooool"*

Ramone e Rubin olham para ele.

"Como pai e filho", Bono diz. "Mas não tanto como brigar pelo mesmo carro e sim como brigar pela mesma garota".

Ramone e Rubin olham um para o outro. Eles olham para Bono. Finalmente, Ramone diz: "Ok, vamos tentar. E se o velho não gostar, que tipo de botas que você gosta mais? De borracha ou cimento?"

Há uma longa e embaraçosa pausa e então, Bono sorri e diz: "Eu quero o tipo de botas que Nancy usa!" Todo mundo ri. (As botas de Nancy Sinatra, vocês leitores mais jovens podem não saber, foram feitas para caminhar.)

Bono tenta cantar o verso do Velho Tolo e todo mundo fica incomodado. Parece desagradável. Então, ele tenta: *"Don't you know, Blue Eyes, you never can win"*. ["Você não sabe, Olhos Azuis, você nunca pode ganhar"]. Esta recebe uma recepção muito melhor dos produtores.

Na seguinte tomada Bono canta a música inteira, sem ouvir o vocal de Sinatra. No primeiro verso ele canta "Olhos Azuis", na segunda vez ele irrompe em um sorriso tão largo que poderia absorver o microfone, e canta: *"Don't ye know y'auld fool, ye never can win!"* ["Não sabes, velho tolo, nunca pode

ganhar!"] como uma feliz vovózinha irlandesa provocando seu amado marido. Quando Ramone toca a fita de novo todos explodem de rir. Bono está muito contente. Ele está orgulhoso pela forma como a música está ficando.

Pela hora do jantar Bono termina. Ramone segue trabalhando por um tempo ainda. Bono convida Don Rubin e sua esposa - que saíram para ver Dublin - a se juntar a ele para jantar. No restaurante, a garçonete traz à mesa um pequeno telefone movido a bateria e diz a Bono que ele tem uma chamada. É Gavin. Bono pede para ele vir enquanto fuma um de seus charutos.

"Bono", eu digo, "como você, Larry e Edge nunca fumaram até os trinta anos, e agora, todos começaram a fumar? Isso é loucura".

"Eu não fumo", diz Bono, totalmente sincero. Eu saliento que há um charuto aceso pendurado na sua boca. "Bem", diz ele, se retratando, "Eu não inalo".

Ele diz que começou como uma simulação e então acabou gostando. Todos os membros do U2 provavelmente gostavam de fumar quando eram adolescentes, mas então, Bono, Larry e Edge entraram em seu período espiritual asceta e negaram a si mesmos. Edge começou a fumar mais quando seu casamento acabou. A namorada de Larry, Ann, é totalmente contra o cigarro, mas há suspeitas de que Larry tem sorrateiramente fumado pelas suas costas, quando ela não está vendo.

"Quando as pessoas estão olhando para você o tempo todo", Bono diz, "fumar um cigarro pode lhe dar algo para fazer. Caso contrário, você apenas ..." Ele sorri conscientemente, se distrai com o garfo, mexe no cabelo. Eu nunca teria pensado nisso, mas olho em volta do restaurante e, se dúvida alguma, por trás de menus, colunas e copos levantados, há olhos observando, estudando, espiando, encarando, e olhando sorrateiramente para Bono. É uma constante vibração ocular que se move de pessoa para pessoa, como vaga-lumes cintilando através de uma pradaria. A fama pode ser a coisa mais estranha que acontece com você. Bono exala uma corrente de fumaça. Ocorreu-me quem mais fumava esses pequenos charutos. Elvis.

Gavin chega, é apresentado aos Rubins, e todos desfrutam de um belo jantar. Depois do jantar, Bono e Gavin decidem ir aos pubs. Ao sair, Bono é parado pela garçonete, que pergunta se ela pode pegar o seu telefone de volta. Bono o perdeu. Que embaraçoso. Não está no bolso, não está na mesa, não está embaixo da mesa. Gavin revira os olhos. Bono começa a levantar as toalhas da mesa, cutucar por debaixo das cadeiras. Ele vasculha o bar de ponta a ponta como o Inspector Clousseau[1], finalmente emergindo, agitando o telefone sobre a sua cabeça, vindo do banheiro dos homens. Ele tinha saído durante o jantar para fazer xixi e o deixou no banheiro. A garçonete diz obrigado.

Na calçada, depois de dizer boa noite aos Rubins, Gavin solta sua piadinha. "Perdeu o telefone! Sempre foi assim. Eu sempre disse a todos que nunca emprestassem nada valioso a Bono. Emprestei meu disco de Z.iggy Stardust e me impressionou bastante o fato de que havia me devolvido. Eu olhei dentro da capa e lá estava no seu lugar um disco de Os Melhores dos Clássicos! É certo que você o tinha dado a alguma garota que estava tentando impressionar".

Bono começa a objetar. E então, ele murmura: "Na verdade, isso está totalmente correto".

---

[1] Jacques Clouseau é o policial francês fictício dos filmes da série A Pantera Cor-de-Rosa.

Bono, Gavin e eu visitamos vários pubs nas próximas horas. Às vezes há músicos tocando, geralmente músicos de bandas folclóricas sentados em banquinhos. Bono e Gavin opinam que Dublin favorece esse tipo de intérpretes para benefício próprio. Nós entramos em um lugar onde uma jovem mulher está cantando músicas tradicionais e a multidão está aplaudindo entusiasticamente. Bono observa precisamente que se ela subisse num palco e fizesse a mesma coisa em Londres, ela seria colocada para fora a garrafadas. O que significa que se ela realmente quisesse ser uma musicista, seria forçada a melhorar o mais rápido possível para poder sobreviver. Conseguiria uma guitarra elétrica, desenvolveria uma atitude e descobriria como impressionar aquele público. Dublin não é tão exigente, e o resultado é que a maioria dos músicos que alcançam sucesso entre os irlandeses não conseguem agradar os ouvintes em outros lugares. "Esse é o lado ruim de Dublin", Bono diz ao sairmos. "É muito fácil fazer sucesso aqui".

Quanto mais tarde fica, mais bêbados há nos pubs, e quanto mais bêbados mais agressivos se tornam cada vez que Bono entra em um. Depois de ter sido posto para fora de um bar, Bono vê uma placa indicando um Café no segundo andar e diz a Gavin: "Vamos tentar aqui".

Subimos as escadas e seguimos em direção ao pequeno saguão, onde um casal americano de meia-idade está assistindo TV. Uma mulher atrás do balcão diz: "Pare, por favor, esta sala é só para convidados". Gavin e Bono ativam seu charme como Hope e Crosby cortejando Dorothy Lamour e ela cede. Eles se sentam em um pequeno balcão próximo da televisão e até a convencem a servir algumas bebidas. Os turistas nunca tiram os olhos da televisão.

Sobre o balcão está o jornal de hoje, com manchetes sobre o crescente escândalo de Michael Jackson. Jackson permanece fora dos EUA, indo de um país para outro fugindo das acusações de abuso sexual infantil. Ontem, policiais de Los Angeles entraram em sua casa com uma ordem judicial para apreensão de fitas de vídeo e fotos de uma "sala secreta". Outras crianças estão aparecendo alegando que foram acariciados ou abusados por Michael. O próprio cantor cancelou um show na Tailândia, alegando desidratação.

O U2 já teve um encontro com Michael, e eles nunca o esqueceram. Em 1988, *The Joshua Tree* havia vendido 14 milhões de cópias e ganhou o Grammy de álbum do ano - batendo o álbum *Bad*, de Jackson. Isso pode ter assustado Jackson, que fez um elaborado número de dança no show antes do prêmio ser anunciado. (Adam tinha saído um momento para ir ao banheiro e teve que convencer o segurança na porta para deixá-lo entrar de volta, porque tinham acabado de chamar o nome de sua banda e ele deveria estar lá em cima no pódio.) Depois disso, Jackson ficou curioso sobre o U2. Ele os convidou para um de seus espetáculos no Madison Square Garden e para encontrá-lo em seu camarim. Eles foram, mas quando eles foram apresentados a Michael ficaram surpresos ao descobrir que tinha um cameraman presente para filmar a conversa. Isso foi muito estranho para o U2. Assim, deram meia volta e saíram.

Quando voltaram à Dublin eles receberam uma mensagem: Michael queria enviar uma equipe para segui-los e filmá-los trabalhando, tocando, provavelmente comendo e dormindo também - para que ele pudesse estudá-los. Isso assustou ainda mais os nossos heróis.

Olhando para as manchetes dos tablóides agora, Bono se lembra da primeira indicação que Jackson deu de que estava interessado no U2: mais de uma década atrás, uma ampliação da capa do álbum do U2 War foi colocada em exibição no Hollywood Tower Records. Os rumores chegaram à banda dizendo que Michael Jackson havia perguntado à loja se ele poderia ficar com a imagem quando o Tower não mais fosse usá-la. (A capa de War é uma foto de um menino, na verdade, do irmão mais novo de Guggi.) Bono realmente espera que as acusações contra Jackson não sejam verdadeiras. "Se este é um homem inocente que está sendo destruído pela mídia, é como *As Bruxas de Salem*", diz ele. Bono tem medo de que Jackson

se mate. Lhe digo que é algo muito sério para especular. Não podemos começar a adivinhar o que se passa em sua mente - ninguém sabe o que faria qualquer pessoa cometer suicídio.

“Ele é alguém que dedicou toda a sua vida tentando conquistar o amor do público”, diz Bono. “Ele mudou o rosto para ganhar o amor do público. Eu acho que algo assim poderia fazer com que quisesse se matar”. Bono toma um drink e diz baixinho: “Se você é do tipo que fica de joelhos, eu sugiro que faça uma oração por Michael esta noite”.

Quando eu finalmente volto para o meu hotel, na hora do café da manhã, pego o jornal do novo dia. Diz que há rumores se espalhando de que Jackson é suicida. Ainda acredito que ninguém pode imaginar o que se passa na cabeça de Michael Jackson, mas eu admito que Bono está em uma posição onde pode ter uma ideia mais clara sobre isso do que o resto de nós.

---

40. Homens de Riqueza & Bom Gosto

os três níveis de ligação / salman rushdie, crítico de rock / mick jagger mede a dimensão da concorrência / declaração pública de adam & naomi / bill carter aprende relações públicas

No Backstage do estádio RDS o U2 montou uma tenda branca digna do maior paxá da Pérsia. Há um espaçoso e arejado camarim para a banda, uma sala de guarda-roupas e maquiagem, onde eles podem ser embelezados e uma ampla sala de estar para seus convidados mais ilustres. Isso não deve ser confundido com a suite sob as arquibancadas, onde várias dezenas de convidados meramente homenageados estão tomando a Guinness de McGuinness e sugando pequenas almôndegas das extremidades dos palitos. Esta cabine também não deve ser de alguma forma confundida com o grande refeitório do outro lado do campo, onde pelo menos duzentos convidados mais comuns estão comendo em pratos de papel e bebendo em latas. Esse terceiro nível é para todas aquelas pessoas em Dublin que não têm nenhum real motivo para estar no backstage, mas que ficariam magoados se não fossem convidadas. A sala está cheia de antigos professores da banda, primos de segundo grau, antigos empregados, amigos de amigos, parentes de parentes – basicamente, todos que os conhecem em Dublin. No segundo nível estão as pessoas influentes, e seu anfitrião oficial é Paul McGuinness. Essas incluem renomados como Bob Geldof, Jim Kerr e Patsy Kensit, bem como Tom Freston, o Presidente Executivo da MTV, que acaba de chegar de Nova York para o show com um pequeno esquadrão de pesos-pesados da mídia americana, incluindo a presidente da MTV Judy McGrath, John Sykes, o mandachuva da EMI, Terry McDonell, editor da revista Esquire, e Jane e Jann Wenner, editores da *Rolling Stone* e o homem em cujo jato particular acabou de cruzar o oceano junto com todos eles.

Agora você deve estar se perguntando: se esses VIPs estão no segundo nível, quem se qualifica para o primeiro? Bem, os pais de Adam Clayton acabam de chegar, espiam as coisas por um minuto e vão embora. Wim Wenders se senta por um pouco no canto, parecendo tão desolado que você pensaria que Ted Turner acabara de colorir *Asas do Desejo*. Mas, no momento, há realmente apenas dois convidados cujas perucas são tão grandes que eles precisam de privacidade especial conferida somente por esta tenda de sheik. Um deles é Mick Jagger. O outro é Salman Rushdie.

E eu, procurando uma maneira de recomeçar a conversa depois de uma pausa semelhante ao Saara, acho que encontrei apenas uma opção: "Mick, Salman, o que vocês, companheiros, acham de nós três caírmos fora daqui e irmos jogar boliche?"

"Yeah!" Jagger diz. "Foda-se! Seja como aquelas pessoas que perdem o show, ficam na parte de trás, comem toda a comida, e depois dizem: 'ÓTIMO show, cara, você estava FANTÁSTICO'."

Por trás das paredes de cortinas, a coordenadora do guarda-roupas Helen Campbell caminha pelo corredor suspenso e se depara com um jovem que nunca havia visto antes, sentado em uma cadeira dobrável, bebendo uma cerveja, bem na parte de fora da sala da banda. Helen se assusta. Ela pergunta quem ele é. "Eu sou irmão do Larry", diz ele despreocupadamente.

"Ah", diz Helen. Ela volta confusa para o corredor. Do lado de fora ela pergunta à publicitária Sharon Blankson se ela sabia que o irmão de Larry estava aqui. "Larry não tem um irmão", diz Sharon. Oh-oh. Sharon diz a Helen para chamar os seguranças e corre de volta para a tenda onde o intruso ainda está bebendo sua cerveja, indiferente, como um burro chapado.

“Você tem que sair!”, diz Sharon, se preparando para uma luta. O Falso Mullen encolhe os ombros e se levanta. Um dos seguranças aparece e diz: “Deixe a garrafa e saia pelo mesmo caminho que entrou!” O intruso deixa a cerveja, levanta o fundo da tenda, e desliza de bruços. Sharon, abalada, vai para a sala ao lado e conta ao U2 o que aconteceu. Larry acha hilário. Sua atitude é: isso me fez ganhar uma bebida!

De volta à sala segura, Salman Rushdie me explica que todo amante de música deve decidir se é um seguidor dos Beatles ou dos Stones, assim como todo amante da literatura deve decidir se é um fã de Tolstoi ou de Dostoiévski. O U2, ele avalia, é a mais rara das bandas de rock, porque eles incorporam esses dois pólos em conflito. “Eu mesmo”, diz Salman, inclinando sua famosa sobrancelha pontiaguda, “sempre fui um homem Dostoyévski-Stones”.

Do lado de fora, algum aficionado da equipe da Zoo TV colocou “Sympathy for the Devil” no sistema de áudio local, como se quisesse nos lembrar que Mick estava escrevendo versos satânicos quando Rushdie ainda estava lendo Dante.

Salman diz que acha que o único lugar em que o U2 ainda não foi tão longe como eles poderiam é nas letras de Bono: “Ainda não se igualam aos Beatles. Bono é tão brilhante, tão cheio de ideias que ele certamente tem potencial para fazê-lo, mas liricamente ele não escreveu uma ‘Eleanor Rigby’ ou uma ‘I Am the Walrus’.”

Eu não sei a respeito disso. Eu ficaria com “You say love is a temple, love the higher law / you ask me to enter and then you make me crawl” [“Você diz que amor é um templo, o amor é a lei maior / você me pede para entrar e então me faz rastejar”] acima de “Yellow matter custard dripping from a dead dog's eye” ["Creme de matéria amarelada pingando dos olhos de um cão morto"]. Mas fazer o que? Rushdie é mais velho que eu. Ele estava cavando “Walrus” em seu dormitório enquanto eu ainda cantava no ônibus escolar.

Quando é hora de sair para assistir ao show, Rushdie dá de ombros e vai em direção aos enormes seguranças postados do lado de fora da tenda e diz: “Não posso ir lá fora, eles têm medo de que me levem no meio da multidão”. Acho que ele vai assistir de algum lugar nas asas. Uma coisa a respeito de Salman:

não lhe peça mais detalhes.

Lá fora na mesa de som, os pais de Adam e os pais do Edge estão de bate-papo como qualquer mãe e pai que vão ver as crianças se apresentarem no show de variedades da escola. Bobby Hewson também está lá, parecendo que está marcando a pontuação em um placar. Uma das mães sussurra para a outra: “Estou surpresa de ver Mick Jagger aqui com Jerry Hall - pensei que eles tivessem se separado”. Em seguida, ela coloca a mão sobre um sorriso nervoso e diz: “Eu já deveria saber que não se pode acreditar nos jornais”.

Aqueles na Irlanda que acreditam no que os jornais dizem têm lido ultimamente muitos rumores de que Adam e Naomi estão a ponto de se separar. O U2 tem uma maneira pública de refutar isso. Todas as noites, durante “Tryin' to Throw Your Arms Around the World” Bono traz ao palco uma jovem da plateia. Hoje à noite a mulher que ele arranca da multidão é Naomi, o que leva os fãs à loucura. Naomi desliza pela rampa entre os palcos, pega a câmera de Bono e caminha como se estivesse desfilando em uma passarela de um desfile de moda. Enquanto o cantor grita “Naomi, baby!”, ela continua descendo a rampa, até o palco principal, passando pelo Edge, e indo até Adam, com cujo nobre rosto ela enche as telas de TV. Bono é deixado interpretando o papel de o mal trajado rejeitado, chorando: “E eu?”

Quando a música termina a multidão dá a Adam e Naomi um grande aplauso, enquanto Bono, o mestre de cerimônias, exclama: "Naomi Campbell! Adam Clayton! O que posso dizer?" Em seguida, ele cantarola a marcha nupcial.

Eu estou de pé ao lado de Jagger durante grande parte do show. Ele parece remotamente interessado a maior parte do tempo. Ele nem pisca quando Bono faz várias citações dos Stones no show, incluindo um momento em que ele canta várias linhas de "Fool to Cry". Mas quando o U2 vai até o palco B e arranca "Angel of Harlem" Mick repentinamente começa realmente a se soltar, dançando como se ali fosse o Madison Square Garden e Charlie tivesse acabado de tocar o chocalho para "Honky Tonk Woman". Você pode ficar ali com Jagger durante toda a noite e quase achar que ele é um cara normal, mas quando de repente ele começa a dançar bem ao seu lado e se transforma em MICK JAGGER, o garoto do colegio que ele leva dentro de si sai em toda sua expressão, "Santo Deus!"

Depois do show eu volto cedo para a tenda. Bono ainda está no palco cantando "I Cant Help Falling in Love with You", mas Adam já está em seu roupão de banho, com uma bebida na mão, e batendo um papo com Jagger. Adam pede licença para se vestir e eu pergunto a Mick se é possível para ele assistir ao show sem analisá-lo.

"Não", diz ele. "Não, eu não posso. Estou assistindo e dizendo para mim mesmo: 'Essa parte eu vi em 1984' e 'Ah, isso é bom' e 'Ah, sim... eu me lembro quando eles fizeram assim e assim', 'Ah, essa parte é bem legal'". Ele diz que houve momentos em que ele deixou de analisar e entrou na música, como quando a banda foi para o palco B. Seu cérebro alterna indo de um lado para o outro. Ele diz que um grande número de pessoas envolvidas nesta turnê trabalhou na última turnê dos Stones, Steel Wheels, e ele detectou algumas ideias que os Stones consideraram e rejeitaram, porque eram muito caras!

McGuinness aparece e diz oi para Jagger. Eles discutem como ambos investigaram usar uma única tela de vídeo grande que cobriria o inteiro palco em um estádio de futebol. Jagger diz que o mais longe que os Stones chegaram foi ter diagramas desenhados. "Parecia ótimo, mas era muito caro!"

"Sim", McGuinness diz, "chegamos à mesma conclusão". Então, como se estivesse compartilhando um segredo de Estado, McGuinness sussurra: "Dezessete milhões de dólares!" Jagger concorda com um movimento da cabeça.

McGuinness diz a Jagger que insistiu que o U2 voasse com ele para Turim para ver a última turnê dos Rolling Stones. "Percebemos que vocês haviam elevado o nível de shows em estádios para sempre. Se o U2 iria tocar em estádios de futebol teríamos que tentar nos igualar a vocês".

Jagger ri e diz: "Sim, é como Guerra nas Estrelas, não é? Continua intensificando!"

McGuinness olha para cima e vê Rushdie. "Você sabia", pergunta Paul, "que o show desta noite foi transmitido em todo o mundo pela rádio para 300 milhões de pessoas? Seria para 310 milhões, mas vários países islâmicos cancelaram depois que o trouxemos ao palco".

"Ah". Salman encolhe os ombros. "Desculpe".

Até agora, uma série de pessoas bonitas e os seus mais-chegados apareceram na tenda do U2 para saborear, mastigar e confabular. Bill Carter vagueia, para lá e para cá do lado de fora como se ele não tivesse certeza

de que ele deveria estar aqui. Eu passei algum tempo em Windmill Lane, esta semana, observando Bill editar suas filmagens de Sarajevo. É uma coisa muito triste.

Em um ponto do documentário de Bill, duas meninas de Sarajevo falam sobre uma mulher louca que perambula pela cidade, ignorando os tiros. Dizem que ela está assim desde que os Chetniks sérvios (fanáticos nacionalistas), invadiram sua cozinha, tomaram seu bebê de seus braços, e a seguraram a força no chão, enquanto assavam o bebê no forno. Ele chorou cada vez mais alto, as meninas disseram, e depois parou de chorar. Isso foi o máximo de desumanidade que eu podia suportar. Claro, temos defesas emocionais; dizemos a nós mesmos que talvez seja apenas uma história inventada pelas meninas para tentar obter ajuda do Ocidente contra os sérvios. Não acredito que seja invenção, mas às vezes eu tenho de dizer isso a mim mesmo para conseguir dormir. Os Chetniks são os verdadeiros monstros da guerra da Bósnia. Eles se centralizaram em torno de veteranos da Segunda Guerra Mundial, que esperaram cinquenta anos para recuperar a sua Sérvia da época da realeza. Quase faz você desejar que o comunismo tivesse durado pelo menos mais uma década, até que todos esses velhos vilões e seus ódios étnicos estivessem mortos.

Eu finalmente pergunto a Bill Carter que diabos ele estava fazendo em Sarajevo. Não posso engolir a sua história de que um tranquilo garoto da Califórnia, que havia trabalhado na indústria do cinema tenha vagado pela Europa, se conectado a uma caravana de altruístas hippies, tenha ido para a Bósnia e ficado lá por seis meses. É ótimo ser um humanitário, mas eu disse a Bill que ele tinha que ter alguma outra motivação. Pela primeira vez desde que o conheci em Verona, Bill Carter ficou quieto. Então ele nos conta que na Califórnia, ele e sua namorada tinham embalado todos os seus pertences, colocado numa Van e estavam se preparando para ir para o México. No momento que estavam prestes a partir, ele recebeu um telefonema sobre um possível trabalho em Los Angeles. Então, ele foi de avião e, enquanto estava fora, sua namorada Corrina pegou a Van e se envolveu em um acidente. E ela morreu.

Então, quando Bill saiu da Califórnia vagando por toda a América e Europa, sentiu que sua vida também tinha acabado. Tudo havia desvanecido num instante. Ele não se importaria se tivesse de morrer também. Então, ele se viu em Sarajevo, e ali ele encontrou um lugar onde ele se encaixava. Encontrou um lugar tão cheio de dor como era a sua dor e uma dor maior do que sua própria.

Bill quer ser um cineasta. Essa festa é uma boa oportunidade para começar a fazer contatos. “Há muita gente importante aqui”, ele diz, olhando em volta da tenda. “Eu deveria tentar conhecer algumas delas. Tentar me socializar, conversar”.

“Sim, Bill”, eu digo. “Ali está Neil Jordan. Ele escreveu e dirigiu *Traídos pelo Desejo*. Ele é tão bom quanto pode ser. Vá, Bill”.

Bill fica parado. Lhe dou um tapinha nas costas. Ele fica lá. Dou-lhe um empurrão, ele salta para trás. Bill não sai do lugar.

Eu pergunto a ele qual é o problema.

“Como posso simplesmente começar a falar com ele? O que eu digo?”

“Você precisa de uma lição sobre como se enturmar, amigo”, digo a ele. Fazendo como o Grilo Falante, eu coloco minha mão sobre o ombro de Carter e explico suavemente: “Vá até ele e diga: ‘Sr. Jordan, preciso de seu conselho. Estou terminando este filme que Bono está produzindo e estou recebendo todo tipo de

ofertas de muitos grandes produtores de cinema e não sei como lidar com isso. Como devo decidir quem deve ser o meu agente?" Agora, isso provavelmente será suficiente para fazê-lo prosseguir com a conversa. O pior que pode acontecer é ele dar um corte na conversa: 'Eu estou com William Morris' ou 'CAA é o melhor'. Se isso acontecer, você diz: 'mas um cara pequeno como eu não poderia se perder em um lugar tão grande? Seria melhor ir à uma agência pequena onde serei uma grande prioridade?' Acredite em mim, isso o levará a falar".

"Tudo bem", diz Bill, e então ele continua lá parado, congelado como um Galgo esperando por um coelho desprevenido. Eu me sinto como Ratso Rizzo tentando explicar a vida para o Cowboy da Meia-Noite [1].

"Bill", eu digo. "Acabo de cavar um grande túnel para que você possa entrar e enturmar-se. Agora você vai atravessá-lo?" Coloquei minha mão nas costas dele e lhe dei um empurrão até Jordan. Vejo ele caminhar até o diretor e eles começam a conversar. Jordan diz algo breve, Bill diz algo longo, e então Jordan sai apressadamente em direção a outro grupo. Finalmente, outros figurões vêm ao encontro de Jordan e ele os apresenta para Bill. O editor da Esquire diz à Carter que sua revista fará uma reportagem sobre suas aventuras em Sarajevo. Jordan convida Bill para Nova Orleans, onde ele vai filmar 'Entrevista com o Vampiro' com Tom Cruise e Phoenix River. Liam Neeson e Natasha Richardson estão entrando na órbita de Bill agora. (Ela está em Dublin fazendo um filme chamado *As Viúvas Alegres*. A maioria do elenco apareceu, embora ninguém tenha visto Mia Farrow, que ligou para pedir ingressos. Aparentemente, Woody Allen se registrou no Hotel Shelbourne para ficar em contato com seus filhos. Dada a briga pública em que os dois estiveram envolvidos ultimamente, Mia pode estar escondida em seu quarto com um rifle.)

Quando ele consegue agarrar um momento para disfarçar, Bill me dá uma piscadela e um sinal alto. O pessoal da MTV fala com ele sobre ser o convidado de um especial. Jann Wenner se aproxima, me puxa para o lado e diz: "Ei, me fale sobre esse cara, Bill Carter".

"Ele é tipo Sean Flynn, Jann", eu digo.

"Ah, um viciado no perigo". Wenner sai para se apresentar a Bill e lhe fala sobre um possível artigo na Rolling Stone. Enquanto isso, Jordan diz à Bill que, quando ele escrever para esses vários contatos de Hollywood, que ele está recomendando, certificar-se de colocar a sua carta em um envelope com o logo do U2.

McGuinness vem até mim segurando uma bebida e fica examinando o quadro. "O que Bill Carter está fazendo?", ele pergunta.

"Está se preparando para desconectar o botão de *stop*", eu respondo.

---

[1] Joe Buck (o cowboy da meia noite) é um simplório jovem texano, que decide abandonar seu passado conturbado e se muda para Nova Iorque, onde tentará ganhar a vida como garoto de programa para mulheres ricas. Mas sua excessiva ingenuidade o impedirá de ganhar dinheiro se prostituindo. Em uma de suas caminhadas, encontra Rizzo, um aleijado que sobrevive de pequenos golpes e furtos e com quem terá um laço de amizade.